

Kathryn
Hughes

Tudo aquilo
que eu
não disse

Duas garotas.
Uma carta.





Kathryn
Hughes

*Tudo aquilo
que eu
não disse*

Duas garotas.
Uma carta.




astral
cultural

O ano de 1939 marca não somente o início da Segunda Guerra Mundial, como também o ano em que um jovem casal viveu um romance voraz e conturbado. Chrissie, uma garota gentil e afável, um dia resolve infringir as regras de seus pais. Esses instantes de liberdade fazem com que experimente o verdadeiro amor nos braços de Billy, um pretendente que não é bem-visto pela família da moça.

Anos depois, em 1973, Tina Craig não consegue ver outra saída a não ser abandonar sua casa e Rick Craig, seu marido alcoólatra. Porém, o destino muda os planos de Tina, fazendo com que precise reconsiderar seus próprios valores.

Trinta e quatro anos separam as histórias de Chrissie e Tina, mas um elo tão forte quanto o amor cruzará o destino das duas e nada mais será o mesmo.

Tudo aquilo que eu não disse traz uma intensa reflexão sobre o poder das palavras e ações através do tempo. Tantas coisas podem mudar a partir de uma simples atitude, um futuro pode ser marcado e definido quando não tomamos as rédeas de nossas ações.

Kathryn
Hughes

*Tudo aquilo
que eu
não disse*

Tradução
Marcia Blasques



Copyright © 2013, Kathryn Hughes.
Título original: The Letter
Publicado originalmente em inglês por HEADLINE PUBLISHING GROUP em 2015
Tradução para Língua Portuguesa © 2018, Marcia Blasques.
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo
Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega
Revisão Juliana de A. Rodrigues
Capa Agência MOV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

H888t
Hughes, Kathryn
Tudo aquilo que eu não disse / Kathryn Hughes :
traduzido por Marcia Blasques. -- Bauru, SP :
Astral Cultural, 2018.
352 p.
ISBN: 978-85-8246-700-8
Título original: The Letter
1. Literatura inglesa I. Título II. Blasques, Marcia
18-0150
CDD 823
CDU 82-3 (410)

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DA EDITORA ALTO ASTRAL

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879
SÃO PAULO
Rua Tenerife, 31 - Conj. 21 e 22
CEP 04548-904
Telefone/Fax: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Para Rob, Cameron e Ellen.

Prólogo

Dias atuais

Ela tinha prazer nas pequenas coisas. O zumbido suave de uma imensa mamangava peluda ocupada em voar de uma flor para outra, alheia ao fato de realizar uma tarefa da qual toda a raça humana dependia; o cheiro inebriante e a abundância gloriosa de cores das ervilhas-de-cheiro que cultivava na horta, apesar do fato de que aquele espaço poderia ser ocupado por espécies comestíveis. E contemplar o marido massageando as costas doloridas sem reclamar, enquanto escavava a base das roseiras para colocar fertilizante, ainda que houvesse mil outras coisas que ele preferisse fazer.

Ao se ajoelhar para arrancar algumas ervas daninhas, ela sentiu a mão de sua neta — tão minúscula, morna e confiante — deslizar sobre a sua.

Essa era outra coisinha, a que lhe dava mais prazer entre todas, que sempre trazia um sorriso ao seu rosto e fazia seu coração dar um salto.

— O que está fazendo, vovó?

Ela se virou e contemplou a neta amada. As bochechas da garotinha estavam rosadas pelo sol da tarde, e o nariz estava sujo de terra. Ela pegou um lenço e limpou a menina gentilmente.

— Estou só arrancando essas ervas daninhas.

— Por quê?

Ela pensou na resposta por um segundo.

— Bem, elas não deviam estar aqui.

— Ah. E onde elas deviam estar, então?

— São apenas ervas daninhas, meu amor, não devem estar em lugar nenhum.

A neta projetou o lábio inferior e franziu a testa.

— Isso não está certo. Tudo precisa ter algum lugar.

Ela sorriu e deu um beijo suave no alto da cabeça da criança, enquanto olhava o marido de relance. Embora o cabelo, antigamente escuro, agora estivesse quase cinza e o rosto tivesse rugas mais marcadas, os anos não tinham cobrado muito dele, e ela agradecia todos os dias por tê-lo conhecido. Seus caminhos tinham se cruzado contra todas as probabilidades, e agora eles pertenciam um ao outro.

Ela se virou para a neta.

— Você está certa. Vamos colocá-las de volta.

Enquanto abria um pequeno buraco na terra, ela se maravilhou com o tanto que podia aprender com as crianças, quanto a sabedoria delas era subestimada ou mesmo desprezada.

— Vovó?

Ela foi arrancada de seus devaneios.

— Sim, amor?

— Como você e o vovô se conheceram?

Ela se levantou e deu a mão para a neta. Afastou uma mecha de cabelo do rostinho da criança.

— Bem, vamos ver por onde começo. É uma *longa* história...

*Primeira
parte*

01

Março de 1973

Desta vez ia morrer, disso tinha certeza. Ela sabia que só tinha mais alguns segundos, e rezou em silêncio para que o fim chegasse rápido. Podia sentir o sangue quente e pegajoso escorrer em sua nuca. Ouvira o barulho repugnante de seu crânio rachando quando o marido bateu com sua cabeça contra a parede. Havia algo em sua boca que parecia um pedaço de cascalho; sabia que era um dente e tentou desesperadamente cuspi-lo. As mãos dele apertavam sua garganta com tanta força que era impossível respirar ou fazer qualquer tipo de ruído. Seus pulmões gritavam por oxigênio, e a pressão no fundo de seus globos oculares era tão intensa que ela tinha certeza que eles saltariam das órbitas. Sua cabeça começou a girar, e, felizmente, ela começou a perder os sentidos.

Ouviu o som da campainha da escola — há muito esquecido — e, de repente, tinha cinco anos novamente. As conversas das outras crianças eram quase abafadas pelo soar incessante. Quando ela gritou para que parassem, percebeu que recuperara a voz.

Ficou olhando o teto do quarto por um segundo e então apertou os olhos para ver o alarme do relógio que acabara de tirá-la de seu sono. Um suor frio correu por sua espinha e ela puxou as cobertas, cobrindo-se até a altura do queixo, em um esforço para manter o calor por mais alguns segundos. Seu coração ainda batia acelerado pelo pesadelo, e ela soltou a respiração lentamente pela boca. O ar quente de seus pulmões era visível no quarto frio. Com um esforço enorme, saiu da cama e se encolheu quando os pés descalços encontraram a frieza rude do chão de madeira. Olhou Rick de relance — felizmente ele ainda dormia, roncando por conta da garrafa de uísque que tomara na noite anterior. Conferiu se os cigarros dele ainda estavam na mesa de cabeceira, onde ela os colocara cuidadosamente. Se havia uma coisa que deixava Rick de mau humor era não encontrar seus cigarros de manhã.

Esgueirou-se em silêncio até o banheiro e fechou a porta com cuidado. Provavelmente seria necessária uma explosão como a de Hiroshima para acordar o marido, mas Tina não queria correr o risco. Encheu uma bacia de água para se lavar, a água tão gelada quanto sempre. Às vezes, era preciso escolher entre comprar comida ou pagar as contas. Rick perdera o emprego na empresa de ônibus, então havia pouco dinheiro para o aquecimento. Mas o suficiente para beber, fumar e apostar, ela observou mentalmente.

Tina desceu as escadas, encheu a chaleira e colocou-a no fogão. O entregador já passara, e ela, distraída, pegou os jornais da caixa de correio: *The Sun* para ela, e *The Sporting Life*, para Rick. A manchete chamou sua

atenção. Era dia do *Grand National*. Seus ombros penderam, e ela estremeceu só de pensar em todo o dinheiro que Rick desperdiçaria na corrida. Não havia dúvida que ele estaria bêbado demais até a hora do almoço para aventurar-se até a banca de apostas, e a tarefa sobraria para Tina. As apostas eram feitas ao lado da loja beneficente onde ela era voluntária aos sábados, e o corretor de apostas, Graham, tornara-se um amigo próximo com o passar dos anos. Apesar de trabalhar a semana toda como taquígrafa em uma corretora de seguros, Tina sempre esperava pelo dia em que ia para a loja beneficente. Rick lhe dissera que era ridículo que passasse o dia como voluntária separando roupas de gente morta quando podia trabalhar em uma loja de verdade e contribuir ainda mais com o orçamento doméstico. Para Tina, aquilo era uma desculpa para passar o dia longe do caminho dele, e ela gostava de bater papo com os clientes e ter conversas normais, nas quais não precisava pensar duas vezes antes de dizer qualquer palavra.

Ligou o rádio e abaixou um pouco o volume. Tony Blackburn sempre conseguia fazê-la sorrir com suas piadas ruins. Ele estava anunciando a nova canção de Donny Osmond, “*The Twelfth of Never*”, quando a chaleira começou a apitar. Desligou o fogo antes que o barulho se tornasse muito estridente e colocou duas colheres de sopa cheias de folhas de ervas na velha chaleira degastada. Sentou-se na mesa da cozinha enquanto esperava que o chá ficasse pronto e abriu o jornal. Segurou a respiração quando ouviu a descarga do banheiro no andar de cima. Ouviu o piso ranger enquanto Rick voltava para a cama e soltou a respiração, aliviada. Então paralisou quando ele gritou:

— Tina! Onde estão meus cigarros?

Jesus. Ele parece uma chaminé.

Ela se levantou em um pulo no mesmo instante e subiu as escadas,

saltando os degraus de dois em dois.

— Na sua mesinha de cabeceira, onde deixei na noite passada — ela respondeu, aproximando-se dele sem fôlego.

Passou a mão por sobre o móvel, no escuro, mas não conseguiu sentir o maço. Engoliu em seco o pânico que começava a tomar conta dela.

— Vou abrir um pouco as cortinas. Não consigo ver nada.

— Pelo amor de Deus, mulher! É pedir demais que um homem possa dar um trago quando acorda? Estou quase engasgado.

O hálito matinal azedo dele fedia a uísque passado.

Por fim ela encontrou os cigarros no chão, entre a cama e a mesa de cabeceira.

— Aqui estão. Você deve ter derrubado enquanto dormia.

Rick a encarou por um instante antes de estender a mão e arrancar o maço dela. Tina se encolheu e cobriu o rosto com as mãos, instintivamente. Ele agarrou o pulso dela, e seus olhares se cruzaram um segundo antes que Tina fechasse os olhos para conter as lágrimas.

Ela podia se lembrar da primeira vez em que Rick a bateu, como se tivesse ocorrido no dia anterior. A simples lembrança fazia seu rosto arder e latejar. No entanto, não era só a dor física, mas a certeza repentina e cruel de que as coisas jamais seriam as mesmas novamente. O fato de que aquilo acontecera na noite de núpcias tornava tudo ainda mais difícil de assimilar.

Até aquele momento, o dia havia sido perfeito. Rick parecia tão lindo no terno marrom novo, camisa creme e gravata de seda. O cravo branco na lapela confirmava que ele era o noivo, e Tina achava impossível amar alguém mais do que o amava. Todos lhe disseram que ela estava estonteante. O cabelo preto comprido preso em um coque solto, entrelaçado com flores minúsculas. Os olhos azuis claros brilhavam por

sob os cílios postiços grossos, e sua pele irradiava uma beleza natural que não precisava da ajuda de maquiagem.

A festa após a cerimônia foi um encontro animado em um hotel barato nas redondezas, onde o casal e seus convidados dançaram a noite toda.

Enquanto se preparavam para ir para a cama naquela noite, no quarto de hotel, Tina percebeu que Rick estava mais quieto que de costume.

— Está tudo bem, meu amor? — ela perguntou. Colocou os braços ao redor do pescoço dele. — Foi um dia maravilhoso, não é? Não posso acreditar que por fim sou a sra. Craig. — Afastou-se dele de repente. — Ei! Tenho que praticar minha nova assinatura. — Ela pegou uma caneta e um papel da mesa de cabeceira e escreveu *sra. Tina Craig*, com um floreio.

Rick continuava sem dizer nada; apenas olhava fixo para ela. Acendeu um cigarro e serviu-se de uma taça de champanhe barato. Tomou tudo de um gole só e aproximou-se de Tina, que estava sentada na cama.

— Levante-se — ele ordenou.

Tina ficou intrigada com o tom de voz do marido, mas fez o que ele mandou.

Rick ergueu a mão e acertou-a com força no rosto dela.

— Nunca mais me faça de idiota novamente — dizendo isso, saiu furioso do quarto.

Ele passou a noite enfiado no bar do hotel, cercado de copos vazios, e só depois de vários dias disse para Tina exatamente qual fora a transgressão dela. Pelo jeito, ele não gostara de como ela dançara com um dos colegas de trabalho dele. Ela teria olhado para o rapaz de um jeito provocante e flertara com ele na frente dos outros convidados. Tina nem mesmo se lembrava do moço, muito menos do incidente, mas aquele foi o início da fixação paranoica de Rick, que o fazia acreditar que ela iria atrás de cada

homem que conhecia. Com frequência, Tina se perguntava se devia tê-lo deixado naquele mesmo dia. Mas, no fundo, era uma romântica, e queria dar ao casamento recém-nascido todas as oportunidades de dar certo. Tinha certeza de que o incidente era um caso isolado, e Rick apaziguou qualquer dúvida quando a presenteou com um buquê de flores, como modo de se desculpar. Tal era o remorso e o pesar dele, que Tina não hesitou em perdoá-lo imediatamente. Foi só alguns dias mais tarde que notou um cartão entre as flores. Sorriu para si mesma e pegou-o. *Em memória da nossa querida babá*, ela leu. O malandro roubara as flores de uma tumba no cemitério!

Agora, quatro anos depois, eles ficaram se encarando por um segundo antes de Rick soltar o braço dela.

— Obrigado, amor. — Ele sorriu. — Agora, seja uma boa menina e me traga um chá.

Tina suspirou aliviada e esfregou o punho avermelhado. Desde o incidente na noite de casamento, ela jurara que não seria mais uma vítima. De nenhum modo seria uma dessas esposas espancadas que arranjavam mil desculpas para o comportamento repugnante dos maridos. Muitas vezes ameaçara ir embora, mas sempre desistia no último minuto. Rick ficava tão arrependido e submisso, e, é claro, prometia nunca mais erguer a mão para ela. Ultimamente, no entanto, ele bebia cada vez mais e seus rompantes eram mais frequentes. Por fim, chegara o momento em que Tina não podia suportar mais.

O problema era que não tinha para onde ir. Não tinha família e, embora tivesse dois amigos próximos, jamais chegaria ao ponto de pedir que eles a acolhessem. Era seu salário que pagava o aluguel, mas Rick jamais partiria por vontade própria. Então, ela começou a fazer uma reserva para sua fuga. Precisava de dinheiro o bastante para o depósito e um mês de aluguel

em outra casa, e então estaria livre. Claro que era mais fácil falar do que fazer. Dificilmente sobrava algum dinheiro que pudesse economizar, mas, independentemente do tempo que levasse, Tina estava determinada a partir. O velho pote de café que mantinha escondido no fundo do armário da cozinha estava cada vez mais cheio, e agora ela já tinha um pouco mais de 50 libras. Mas como o aluguel da quitinete mais simples custava pelo menos oito libras por semana, mais um depósito de pelo menos 30, ainda precisava economizar muito dinheiro antes de se separar. Enquanto isso, fazia o melhor que podia, ficando longe do caminho de Rick o máximo de tempo possível, e tentando não fazer nada para irritá-lo.

Ela levou o chá para Rick no andar de cima, juntamente com *The Sporting Life* enfiado sob o braço.

— Aqui está — ela disse, tentando parecer tranquila.

Não houve resposta. Ele caíra no sono novamente, apoiado no travesseiro, com a boca aberta e um cigarro pendurado de modo precário no lábio inferior seco e rachado. Tina pegou a bituca e apagou.

— Pelo amor de Deus, Rick! Você vai matar nós dois — ela murmurou.

Deixou a caneca de lado e ficou pensando no que devia fazer. Devia acordá-lo e correr o risco de enfrentar sua ira? Ou devia simplesmente deixar o chá na mesa de cabeceira? Quando ele acordasse, certamente o chá estaria frio, o que o deixaria ainda mais irritado, mas com sorte ela já estaria na loja, fora de perigo. A decisão saiu de suas mãos quando ele se mexeu e forçou os olhos a abrirem.

— Seu chá está aqui — ela falou. — Vou para a loja agora. Você vai ficar bem?

Rick se apoiou nos cotovelos.

— Minha boca está tão seca quanto a de um camelo — ele fungou. — Obrigado pelo chá, amor.

Deu um tapinha na colcha, indicando a ela que se sentasse.

— Venha aqui.

Assim era a vida com Rick. Ele era um valentão mal-humorado e cruel em um minuto, e um garoto de coro de igreja angelical no outro.

— Desculpe por antes. Sabe, por causa dos cigarros. Eu não machucaria você, Tina, sabe disso.

Ela mal conseguia acreditar no que estava ouvindo, mas nunca era uma boa ideia contradizê-lo, então, ela apenas assentiu.

— Olhe — ele prosseguiu. — Você pode me fazer um favor?

Tina soltou um suspiro leve e inaudível, erguendo os olhos para o teto. *Aqui vamos nós.*

— Você faria uma aposta para mim?

Ela não conseguiu continuar mordendo a língua.

— Acha que é uma boa ideia, Rick? Sabe como estão as coisas. Só com o meu salário não sobra muito dinheiro para coisas como apostas.

— *Só com o meu salário* — Rick a imitou. — Você nunca perde a chance de jogar isso na minha cara, não é, sua vaca inocente? — Tina se sobressaltou por um instante com a reação rancorosa dele, mas ele não tinha terminado ainda. — É o *Grand National*, pelo amor de Deus! Todo mundo aposta hoje!

Ele estendeu o braço para alcançar a calça que estava largada no chão, no lugar em que a deixara na noite anterior, e pegou um maço de notas.

— Aqui estão. 50 pilas. — Ele arrancou a tampa do maço de cigarros e escreveu o nome de um cavalo no verso. — Cinquenta libras no vencedor.

Entregou o dinheiro e o pedaço de papel para ela. Tina estava aturdida.

— Onde conseguiu isso? — Ergueu o maço de notas.

— Na verdade, não é da sua conta, mas já que perguntou, ganhei nas corridas. Aí está, você que diz que é jogar dinheiro fora.

Mentiroso.

A cabeça de Tina girava, e sua nuca começou a corar.

— Isso é mais de uma semana de salário para mim, Rick.

— Eu sei. Não sou esperto? — ele respondeu, presunçoso.

Ela juntou as mãos, como se estivesse rezando, e levou-as aos lábios. Tentou permanecer calma enquanto soprava o ar suavemente através dos dedos.

— Mas esse dinheiro poderia pagar nossa conta de luz ou a do supermercado pelo mês inteiro.

— Por Deus, Tina! Você é tão chata.

Ela se abanou com as notas, as mãos trêmulas. Sabia que não seria fisicamente capaz de entregar tanto dinheiro nas mãos de um corretor de apostas.

— Você não pode ir lá apostar? — ela suplicou.

— Você trabalha ao lado da maldita banca de apostas. Não estou pedindo tanto.

Tina podia sentir as lágrimas começando a arder, mas já tomara uma decisão. Pegaria o dinheiro e falaria com Graham para ver o que fazer. Certa vez já ficara com o dinheiro que Rick lhe dera, em vez de apostar. O cavalo, como sempre, perdeu, e ele não ficou sabendo de nada. Mesmo assim, Tina sentiu como se tivesse envelhecido dez anos durante aquela corrida, e desta vez era diferente. Os riscos eram muito maiores.

Cinquenta libras, pelo amor de Deus.

De maneira repentina e inexplicável, ela sentiu um aperto de pânico. Sentiu um calor que subia dos dedos dos pés até a nuca, e começou a ter falta de ar. Saiu do quarto resmungando desculpas sobre ter deixado a torradeira no fogo, e correu escada abaixo até a cozinha. Subiu em um banco e alcançou o fundo do armário, sentindo com a mão o pote de café

com sua reserva para a fuga. Seus dedos encontraram o formato familiar, ela pegou o pote e apertou-o de encontro ao peito. Suas mãos tremiam enquanto tentava desenroscar a tampa. As palmas suadas não davam o aperto necessário, e ela teve que usar um pano de prato. Por fim, a tampa se soltou, e Tina espiou lá dentro. Não havia nada além de algumas moedas. Ela sacudiu o pote e olhou novamente, como se seus olhos a tivessem enganado na primeira vez.

— Desgraçado! — ela gritou. — Desgraçado, desgraçado, desgraçado! Começou a chorar, os ombros sacudidos por grandes soluços.

— Achou que ia me fazer de tonto, não é?

Ela virou com um pulo, dando de cara com Rick encostado no batente da porta, outro cigarro pendurado entre os lábios e usando apenas uma camiseta manchada de chá e uma cueca encardida.

— Você pegou! Como pôde? Trabalhei muitas horas extras para economizar esse dinheiro. Levei meses.

Ela se agachou no chão e começou a balançar o corpo para frente para trás, ainda agarrada ao pote quase vazio. Rick se aproximou e a puxou de um jeito rude, para deixá-la em pé.

— Controle-se. O que espera quando esconde dinheiro do seu próprio marido? E para que estava economizando?

Para escapar de você, seu inútil, manipulador e bêbado.

— Era para ser... surpresa, sabe, umas pequenas férias para nós. Achei que uma folga seria boa para nós dois.

Rick pensou por um segundo, e soltou o braço de Tina. Franziu o cenho, ainda em dúvida.

— Uma bela ideia. Sabe o quê? Quando esse cavalo ganhar, vamos ter belas férias, talvez até fora do país.

Tina assentiu, sentindo-se miserável, e secou os olhos.

— Vá se limpar. Vai chegar tarde ao trabalho. Vou voltar para a cama. Estou um trapo.

Ele deu um beijo no alto da cabeça dela e voltou para o andar de cima.

Tina ficou parada, sozinha, no meio da cozinha. Nunca se sentira tão acabada ou desesperada na vida, mas estava determinada a não fazer aquela aposta. Aquelas 50 libras eram dela, e de jeito nenhum ia desperdiçar em um cavalo de corrida, fosse *Grand National* ou não. Pegou o dinheiro, guardou-o na carteira, e, então, deu uma olhada superficial no nome que Rick escrevera no maço de cigarros.

Red Rum.

É melhor você não ganhar, maldito.

Tina chegou na loja e remexeu na bolsa em busca das chaves. Apesar do letreiro dizendo para as pessoas não deixarem sacolas de roupas usadas na porta, alguém fizera exatamente isso. Tina não conseguia conceber que alguém realmente roubaria roupas doadas para caridade, mas isso já ocorrera várias vezes. Mesmo naqueles momentos de depressão econômica, com greves e cortes de luz, ainda era surpreendente o quão baixo as pessoas conseguiam chegar. Ela pendurou a sacola no ombro, destrancou a porta e entrou. Depois de dois anos trabalhando ali, o cheiro do lugar ainda a fazia franzir o nariz. Roupas de segunda mão tinham um odor único, e era o mesmo em todas as lojas, sejam elas beneficentes ou brechós. Bolinhas de naftalina misturada com suor velho e biscoitos.

Tina colocou água para ferver na chaleira pela segunda vez naquela manhã e abriu a sacola. Pegou um paletó velho e segurou-o no ar para dar uma olhada. Era muito velho, mas incrivelmente bem-feito e de uma qualidade que jamais vira antes. Tinha uma cor esverdeada incomum, com uma risca dourada bem discreta, e era todo feito de lã.

A sineta da porta soou, fazendo-a interromper o exame.

— Belo paletó, hmmm... que cor adorável. Não é de estranhar que quisessem se livrar disso!

Era Graham, da banca de apostas ao lado.

— Bom dia. Estou surpresa que tenha tempo para conversas fiadas hoje — Tina provocou.

— Sim, é o dia mais ocupado do ano para mim, mas não estou reclamando — ele respondeu, esfregando as mãos. — Nigel está abrindo, então tenho alguns minutos.

Tina lhe deu um abraço caloroso.

— Bem, é ótimo vê-lo.

— Como você está hoje?

Era uma pergunta carregada de significados. Graham conhecia perfeitamente bem as circunstâncias da situação doméstica dela. Fizera comentários sobre seus hematomas e lábios partidos em mais de uma ocasião. Ele era sempre tão gentil, e Tina sentiu que suas pernas começavam a tremer. Graham a segurou pelo braço e a guiou até uma cadeira.

— O que ele fez desta vez? — Graham perguntou, erguendo o queixo dela e escrutinando seu rosto.

— Tem horas que eu o odeio, Graham. De verdade.

Ele a puxou para seus braços e acariciou seu cabelo.

— Você merece muito mais, Tina. Tem só vinte e oito anos. Devia estar em um casamento amoroso, talvez com um casal de filhos...

Ela se afastou, os olhos manchados de rímel buscando os dele.

— Isso não ajuda em nada.

— Sinto muito. — Graham a abraçou novamente. — Conte-me o que aconteceu.

— Você não tem tempo para isso, especialmente hoje.

Mas Tina sabia que Graham sempre teria tempo para ela. Amava-a, sem esperança de ser correspondido, desde o dia em que se conheceram. Tina também o amava, mas só como um amigo querido e uma figura paterna. Graham era 20 anos mais velho do que ela e, além disso, já tinha uma esposa, e simplesmente não estava em sua natureza roubar o marido de outra mulher.

— Ele quer que eu faça uma aposta. — Ela fungou. Graham pegou um lenço recém engomado e entregou para ela.

— Nenhuma novidade — ele disse. — Ele é um dos meus melhores clientes. E hoje é dia do *Grand National*.

— Foi o que ele disse. Mas dessa vez é diferente, Graham. Ele quer apostar 50 libras!

Até Graham se surpreendeu com a quantia.

— Onde diabos ele conseguiu tanto dinheiro?

— Ele me roubou — Tina disse, com um soluço.

Graham pareceu confuso, e tinha motivo para isso.

— De você? — perguntou. — Não entendo.

— Eu estava economizando, Graham. Guardando para minha fug... — Ela parou de falar abruptamente. Não queria falar sobre isso com Graham agora. Ele lhe oferecera dinheiro no passado, mas ela recusara. Ainda tinha um pouco de orgulho e autoestima.

— Não importa para que eu estava guardando. O fato é que esse dinheiro é meu, e ele quer que eu coloque tudo em um cavalo no *Grand National*. — Ela foi levantando a voz, ainda sem acreditar em tudo aquilo.

Graham não sabia muito bem como responder, mas o corretor de apostas falou primeiro.

— Em qual cavalo?

Tina o encarou, sem acreditar.

— Importa? Não vou fazer isso.

— Desculpe, Tina. Eu só fiquei curioso. — Ele hesitou. — E se o cavalo ganhar?

— Não vai.

— Qual é o nome? — Graham insistiu.

Tina suspirou e remexeu em sua bolsa, em busca do maço de cigarros. Entregou o papel para Graham, que leu o nome e suspirou suavemente.

— Red Rum! — Ele assentiu devagar. — Esse cavalo tem chance, Tina, tenho que ser honesto. É a primeira vez dele no *Grand National*, mas pode começar como favorito. Embora também tenha um cavalo australiano bem durão, o Crisp. Creio que também estará entre os primeiros. — Graham colocou o braço ao redor dos ombros de Tina. — Ele tem chance, Tina, mas não há garantias no *Grand National*.

Ela se recostou contra ele, agradecendo o conforto de seus braços.

— Não vou fazer isso, Graham — Tina garantiu baixinho.

Havia uma determinação tão fria em sua voz, que Graham percebeu que seria inútil argumentar.

— A escolha é sua, Tina. Estarei ao seu lado independentemente do que aconteça.

Ela sorriu e lhe deu um beijo no rosto.

— Você é um bom amigo, Graham. Obrigada.

Graham afastou o olhar, levemente embaraçado.

— De qualquer modo — ele disse, animado —, nunca se sabe, você pode encontrar uma nota de 50 no bolso daquele paletó velho.

Tina fez pouco caso.

— Notas de 50 existem de verdade? Nunca vi uma.

Graham deu uma gargalhada.

— É melhor eu voltar — ele falou. — Nigel deve estar se perguntando

onde me meti.

— É claro. Não vou prendê-lo mais. Que horas é a corrida?

— Três e quinze.

Tina olhou o relógio de pulso. Só faltavam seis horas.

— Me avise se mudar de ideia sobre a aposta.

— Não vou mudar, mas obrigada.

Quando Graham se foi, Tina voltou sua atenção para a sacola de roupas que deixaram do lado de fora da loja. Pegou novamente o paletó e, lembrando das palavras de Graham, enfiou a mão no bolso interno. Sentiu-se um pouco ridícula, mas então sua mão tocou em algo que parecia um papel, e seu coração deu um salto. Pegou-o e olhou-o. Não era uma nota de 50, mas um envelope velho e amarelado.

02

Tina alisou o envelope cor de creme, encarando-o com curiosidade. Pressionou-o contra o rosto e sentiu o cheiro mofado. Estava endereçado para a senhorita C. Skinner, no número 33 da Wood Gardens, em Manchester. No canto, havia um selo que não lhe era familiar, pois não tinha o rosto da rainha Elizabeth II, como era de se esperar, mas de um homem que Tina presumiu ser o rei George VI. Ela virou o envelope e notou que ainda estava fechado. Olhando novamente o selo, ficou surpresa em ver que não havia carimbo dos correios. Por alguma razão, aquela carta nunca fora postada. Abri-la parecia ser uma intromissão horrível, como se estivesse se metendo na vida de alguém. Mesmo assim, não conseguia simplesmente jogá-la fora. A sineta na porta da loja tocou novamente, fazendo Tina dar um salto, e sentiu que seu rosto corava de maneira inexplicável, enquanto guardava o envelope na bolsa e cumprimentava a

primeira cliente do dia.

— Bom dia, sra. Greensides.

— Bom dia, Tina querida. Só vim dar a olhada de sempre. Algo novo?

Tina observou a sacola de roupas que fora deixada na porta e empurrou-a para o outro lado do balcão com o pé.

— Talvez mais tarde. Tenho que separar algumas coisas.

Antes de colocar as roupas nas prateleiras, queria dar uma boa olhada na sacola em busca de qualquer pista que indicasse de onde aquilo tinha vindo. O fluxo contínuo de clientes durante toda a manhã conseguiu afastar a mente de Tina da corrida, mas, às três da tarde, ela ligou a TV portátil preto e branco que guardava na sala dos fundos. Os cavalos seguiam para a linha de largada, e Tina procurou aquele que selaria seu destino. Foi fácil identificá-lo, graças ao focinho peludo, e o jockey tinha um diamante imenso na frente da camisa que, segundo o comentarista, era amarelo. Os cavalos se alinharam atrás da linha, agitando-se em seus lugares, ansiosos para começar a correr. Por fim, às três e quinze da tarde, a bandeira foi abaixada, e o comentarista exclamou:

— Partiram!

Tina mal conseguia assistir enquanto os cavalos se aproximavam do primeiro obstáculo. Até agora, Red Rum sequer fora mencionado pelo comentarista. Houve uma queda no primeiro salto, e ela tentou desesperadamente descobrir se era ele, mas não, Red Rum passou em segurança. Outra queda no segundo obstáculo, mas Red Rum continuava a salvo, embora estivesse bem atrás. Tina podia imaginar Rick em casa, naquele momento, gritando para a televisão, incentivando o cavalo a correr, cavalgando no braço da poltrona como se fosse o próprio jockey, uma lata de cerveja em uma mão, o cigarro na outra. Provavelmente, sequer estava vestido. Quando os corredores se aproximaram do *Bencher's*

Brook pela primeira vez, ela cobriu os olhos com as mãos. Não entendia de corridas de cavalos, mas sabia que esse obstáculo era conhecido pela dificuldade e já causara muitas vítimas ao longo dos anos. Julian Wilson era o comentarista agora.

— Os cavalos chegam ao *Bencher's*, Grey Sombrero salta, seguido por Crisp, Black Secret em terceiro, Endless Folly em quarto. O quinto é Sunny Lad, o sexto é Autumn Rouge. O sétimo é Beggar's Way, e ele cai. Beggar's Way cai no *Bencher's Brook*.

Tina soltou um suspiro profundo. Não percebera que estava segurando a respiração, e sentia-se um pouco tonta. Red Rum sequer foi mencionado, e ela ousou relaxar um pouquinho. Rick não escolheria o vencedor nem se a corrida tivesse um cavalo só.

A porta da loja se abriu, e Tina amaldiçoou em silêncio enquanto seguia para atender o recém-chegado. Para sua imensa frustração, era a velha sra. Boothman. A senhora idosa amava ficar conversando e, em qualquer outro dia, Tina estaria mais do que feliz em atendê-la. A sra. Boothman tinha uma vida solitária desde que ficara viúva, e seus dois filhos não se davam muito ao trabalho de visitá-la. Uma xícara de chá e um bate-papo com Tina eram o ponto alto de sua semana.

— Olá, sra. Boothman — Tina a cumprimentou. — Estou um pouco ocupada lá nos fundos agora. Não vou demorar. Dê uma boa olhada em tudo enquanto isso.

A sra. Boothman pareceu perplexa, e Tina sabia o motivo. Ela não queria olhar nada. Em todo o tempo que visitava a loja, jamais comprara uma única peça.

— Sem problema, querida. Vou ficar sentada aqui até que você termine. A mulher puxou um banquinho e largou a bolsa no balcão.

— Esse barulho no fundo é a TV?

— Hmmm, sim — Tina respondeu, sentindo-se culpada. — Eu estava vendo o *Grand National*.

A sra. Boothman pareceu surpresa.

— Não sabia que você se interessava pelas corridas de cavalos.

— Eu não, é só que...

— Você apostou? — A sra. Boothman a interrompeu.

— Não! Deus, não! — Tina exclamou. Não sabia muito bem como chegara na posição de ter que dar desculpas para a sra. Boothman.

— Eu nunca apostei na vida — a sra. Boothman prosseguiu.

— Meu Jack sempre dizia que isso é para os tolos. Por que desperdiçar seu dinheiro suado em uma coisa assim?

— Eu não apostei, sra. Boothman — Tina replicou pacientemente. — Estou interessada, só isso.

Ela ficou parada na porta, entre a loja e a sala dos fundos, para que ainda pudesse ouvir a televisão. Peter O'Sullivan assumira os comentários.

— Crisp está na frente de Red Rum, mas Red Rum está ganhando terreno.

Red Rum estava em segundo! Como diabos aquilo acontecera? Tina sentiu como se lhe faltasse o ar.

— Você está bem, Tina? De repente ficou um pouco pálida.

— E... estou bem.

— Escuta só, você não imagina o que aconteceu — sussurrou a sra. Boothman com um tom de voz conspiratório. — Sabe a que vive no número nove? Aquela rameirazinha, qual o nome dela?

— Trudy — Tina respondeu ausente, esforçando-se para escutar a televisão.

— Essa mesma. Foi pega roubando na Woolies, foi sim. — A sra.

Boothman cruzou os braços sob o busto proeminente e franziu os lábios, esperando a reação de Tina.

— Ah, sério?

— É tudo o que pode dizer?! — exclamou a sra. Boothman. A mulher não pareceu satisfeita que aquela fofoca tão succulenta fosse recebida com tão pouco caso.

Tina ignorou a indignação da senhora e se concentrou em Peter O’Sullivan.

— Crisp ainda está na frente, com dois obstáculos para saltar, neste *Grand National* de 1973. Ele é mais bem cotado do que Red Rum, que vem logo atrás, e parece que a corrida será decidida entre os dois. Crisp supera o penúltimo obstáculo e se afasta de Red Rum, que salta muito depois.

Tina segurou o batente da porta e inspirou profundamente.

— Tem certeza que está bem, Tina?

A voz de Peter O’Sullivan continuava implacável ao fundo.

— Estamos nos aproximando do último obstáculo no Grand National, e Crisp continua em grande estilo. Salta bem. Red Rum está uns trinta metros atrás quando pula. Crisp segue em frente, aproximando-se dos duzentos metros finais da corrida.

Tina tinha certeza de ter tomado a decisão correta ao não apostar. Red Rum parecia esgotado, muito longe para conseguir uma vitória. Ela se animou um pouco.

— Estou bem. Vamos tomar uma xícara de chá, ok?

Isso lhe deu justificativa para voltar para os fundos da loja, onde podia ver a TV. Colocou a chaleira no fogo, pegou duas xícaras e pires, e ficou paralisada diante da tela. O tom de voz de Peter O’Sullivan mudara.

— Crisp começa a perder concentração. Passou tempo demais como líder, e Red Rum ganha terreno. Estão a duzentos metros do fim, duzentos

metros para Crisp, e Red Rum ganha terreno.

As xícaras começaram a tremer nos pires enquanto Tina encarava a TV com descrença e horror.

— Não! Não! — Sua voz era um sussurro rouco. — Por Deus, não!

— Crisp está muito cansado, e Red Rum galopa atrás dele. Red Rum parece ter mais força no final. Ele vai vencer o *Grand National*. Na linha de chegada, Red Rum passa um pouco à frente de Crisp. Red Rum é o vencedor! — gritou Peter O’Sullivan.

Tina sentiu o sangue sumir de seu rosto, e suas entranhas se liquefaziam enquanto ela caía de joelhos, as xícaras estilhaçando-se em milhares de pedaços. Segurando a cabeça latejante entre as mãos, ela tremia como um vira-latas encurralado. As lágrimas ardiam em seu rosto quando a sra. Boothman entrou nos fundos da loja sem ser convidada.

— O que está acontecendo? Você apostou, não foi?! — ela exclamou. — O que eu disse para você? Nada bom vem do jogo. Meu Jack sempre...

— Por favor, sra. Boothman. Eu só preciso ficar sozinha.

Acompanhou a anciã dos fundos da loja até a rua. A sra. Boothman mal conseguiu dizer algumas palavras quando Tina fechou a porta, trancou-a e colocou a placa de “Fechado”. Então pressionou a testa contra o vidro da porta, agradecendo o frescor. Sentia-se como se estivesse prestes a vomitar, e até conseguia sentir a bile subindo pela garganta e enchendo sua boca. Engoliu em seco e esfregou o rosto. Tomada pelo desespero, voltou para a sala dos fundos e apagou todas as luzes. Precisava pensar no que faria a seguir. Rick esperava que ela voltasse para casa com Deus sabe quanto dinheiro. Ela não sabia nem mesmo o preço inicial, não achava que fosse necessário saber, e agora acontecia isso. Rick não deixaria aquilo passar em vão.

Tina não sabia quanto tempo estava sentada ali no escuro quando se

sobressaltou ao ouvir uma batida na porta da loja. Seus olhos se arregalaram de medo ao pensar que podia ser Rick.

— Estamos fechados — falou com voz entrecortada.

— Tina? É Graham. Deixe-me entrar.

Era tudo o que eu precisava, ela pensou. A simpatia e a gentileza de Graham acabariam, sem dúvida, por levá-la além do seu limite.

Tina obrigou-se a levantar e destrancou a porta.

— Sinto não ter vindo antes. Hoje foi uma loucura.

— Está tudo bem, Graham.

Ele encarou o rosto manchado de lágrimas dela.

— Pelo jeito você assistiu à corrida.

— Ele vai me matar — ela respondeu. — Quero dizer, ele vai me matar de verdade.

Graham colocou a mão no bolso traseiro e tirou um maço de notas.

— O que é isso? — Tina perguntou.

— Quatrocentas e cinquenta libras. Aqui estão. — Ele colocou o dinheiro na mão dela.

— Não entendo.

— Psiu. — Graham colocou o dedo sobre os lábios dela. — Eu fiz a aposta para você.

— Você? — Ela não conseguia acreditar. — Mas você é o corretor, Graham. Você não pode fazer apostas. — Não havia como enganá-la.

— Eu sei. Por isso mandei Nigel até Ladbroke's.

Tina podia sentir que seu queixo começava a tremer.

— Fez isso por mim?

— Tive um pressentimento com esse cavalo. Não podia arriscar. Havia dinheiro demais nele, começou como favorito por 9 a 1.

— Mas faltou tão pouco, Graham. Ele quase perdeu.

Graham deu de ombros.

— Olhe, você tem 450 libras para dar para ao seu senhor *e* ainda está com suas 50 libras, então todos estão felizes.

— Se ele tivesse perdido você nunca me contaria isso, não é?

Graham negou com a cabeça.

— Mas ele não perdeu. Não vamos nos alongar naquilo que poderia ter sido.

— Honestamente não sei o que dizer, Graham. Acho que você salvou minha vida, de verdade.

— Ora, ora, não seja tão dramática.

Tina segurou o rosto de Graham entre as mãos e, puxando-o em sua direção, lhe deu um beijo firme nos lábios.

— Obrigada — disse.

Graham corou.

— De nada. — Então, com um tom de voz mais sério. — Eu faria qualquer coisa por você, Tina. Lembre-se disso.

— Não esquecerei, Graham — Tina respondeu, enquanto guardava o dinheiro na bolsa. — É melhor eu ir agora. Ele está me esperando. Pelo menos estará de bom humor.

03

Quando Tina colocou a chave na fechadura da porta, sua cabeça latejava, sua boca estava seca e suas mãos tremiam tanto que mal podia virar a chave. Ao entrar no saguão escuro, pode ouvir a televisão. Dickie Davies estava encerrando *World of Sport*, e Rick, sem dúvida, devia estar largado no sofá, provavelmente dormindo, certamente bêbado. Ela espiou a sala, mas o cômodo estava vazio.

— Rick, cheguei.

— Aqui em cima — ele respondeu.

Tina remexeu na bolsa e pegou o maço de notas enquanto subia as escadas.

— No banheiro — Rick a chamou.

Tina abriu a porta do banheiro e ficou boquiaberta. O marido havia preparado um adorável banho de espuma, com muita água quente. Até

acendera umas velas. Gotas de água condensada escorriam pelas janelas, e Tina teve que se esforçar para enxergar através de todo aquele vapor.

Rick se inclinou sobre a banheira e passou a mão sobre as bolhas.

— Liguei a calefação — ele explicou.

— A calefação? Mas isso custa...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela, para fazê-la se calar.

— Você tem algo para mim?

Tina lhe entregou o dinheiro.

— Se não se importa, fiquei com as 50 libras. — Sua voz aparentava mais audácia do que realmente sentia.

Rick ignorou o tom de voz dela e pressionou as notas no nariz. Inspirou profundamente e inalou o cheiro de tinta antes de guardar o dinheiro no bolso de trás.

— Tudo vai ser diferente, Tina. Eu prometo. Olhe para mim.

Tina tinha que admitir que ele se limpara bem. Estava vestido — o que era longe de ser a conclusão normal de um sábado à tarde —, barbeado e exalava desodorante *Old Spice*. Ela não tinha certeza, mas parecia até que ele tinha lavado o cabelo. Claro que ainda havia um cheiro suave de álcool em seu hálito, mas ele parecia bastante sóbrio.

— Passei dos limites essa manhã, Tina. Sei disso. Pode me perdoar? Sinto muitíssimo.

Ele a puxou para perto e enterrou o rosto no cabelo dela. Tina ficou parada, o corpo rígido. Já tiveram momentos assim tantas vezes antes. Ele era um idiota completo, ela ficava chateada, ele ficava cheio de remorso e pedia perdão. Ela o afastou.

— Você precisa de ajuda, Rick. Com a bebida, quero dizer.

— Estou bem, Tina. Posso parar quando quiser. Olhe... eu parei agora, está bem?

Tina suspirou e apontou para a banheira.

— Isso é para mim?

— É claro. Venha, deixe-me ajudá-la.

Rick deslizou o casaco dela pelos ombros e deixou-o cair no chão. Lentamente, desabotoou sua blusa e deixou-a cair também, enquanto começou a beijá-la no pescoço. Tina fechou os olhos quando ele a empurrou gentilmente contra a parede, sua boca encontrando a dela. Ele a beijou com força.

— A água está esfriando — ela disse, afastando-se dele.

Rick tentou esconder seu desapontamento.

— Ok, meu amor, desculpe. Olhe, tome um longo banho e eu farei o jantar. — Tina o olhou desconfiada. — O que foi? Posso fazer o jantar, você sabe disso. Prometo, Tina, eu mudei. Ganhar esse dinheiro é o novo começo que precisamos. — Ele pareceu tão sincero que, se já não tivesse ouvido tudo aquilo antes, Tina poderia ter caído naquela conversa. Mas Rick era mestre na arte de manipular as mulheres, uma habilidade que aprendera na mais tenra idade, e Tina sabia exatamente de quem era a culpa.

Richard Craig era um bebê da guerra, o filho único de George e Molly Craig. Enquanto o pai estava fora, lutando pela pátria, a mãe o levou para morar no campo com a irmã dela, onde o menino estaria seguro. O pequeno Rick era adorado pela mãe e pela tia sem filhos, e teve uma infância idílica. Cada um de seus caprichos era atendido pelas duas mulheres, então, foi um choque para o garoto de três anos quando um dia lhe negaram um trenzinho de madeira que vira na loja de brinquedos.

— É muito dinheiro, querido — a mãe argumentou.

— Eu quero — Rick exigiu.

— Talvez você possa ganhar no aniversário.

— Quero agora. — Rick cruzou os braços sobre o peito.

A tia intercedeu.

— Seu aniversário será daqui a poucos meses. Não é muito tempo para esperar.

Rick não respondeu, mas fulminou as duas mulheres com o olhar. Então inspirou profundamente e segurou a respiração.

— O que está fazendo? — A mãe quis saber.

Rick a ignorou e fechou os olhos. As duas mulheres viram horrorizadas seu rosto avermelhar e a boca ficar lentamente azul. Então, ele desmaiou.

— Faça alguma coisa! — a mãe gritou.

Sua tia pegou o trem de madeira e o brandiu para o vendedor, que estava assustado.

— Vamos levar isso.

Quando Rick voltou a si, alguns momentos mais tarde, a primeira coisa na qual seus olhos focaram foi o trenzinho de madeira. Sorriu para si mesmo. Soube que a partir daquele momento tinha a mãe e a tia em suas mãos. Quando tinha cinco anos, a guerra acabou, e seu pai voltou para casa. Rick começou a frequentar o colégio e, como era de se esperar, não gostou nem um pouco. Tinha problemas com disciplina e foi expulso. Quando, por fim, deixou a escola de uma vez por todas, aos quinze anos, fez um curso de condutor de ônibus, antes mesmo de tirar a carteira de motorista. Moreno e de boa aparência, nunca teve problemas em atrair a atenção feminina, e mantinha uma relação amistosa com todos os passageiros, em especial com as mulheres. Seus únicos outros interesses eram os cavalos e os cães. Ele acompanhava o pai na banca de apostas todo sábado pela manhã e, depois, tomavam algumas cervejas no pub. As noites de quinta sempre eram passadas nas pistas de corridas de cães da Belle Vue.

A rotina monótona acabou no dia em que Tina entrou no ônibus. Os olhos dele encontraram os dela, e os dois se encararam por um segundo a mais do que o necessário. Várias vezes Rick lhe disse que, naquele momento, soube que estava destinado a tê-la e que nunca a deixaria partir.

Tina sentiu-se um pouco melhor depois do banho. O dia a esgotara física e emocionalmente. Suas pálpebras estavam pesadas de cansaço, e seus membros pareciam feitos de chumbo. Podia ouvir a frigideira na cozinha, o óleo borbulhando furiosamente. Não era exatamente uma refeição gourmet, mas pelo menos Rick estava tentando. Quando ela entrou na cozinha, ele estava fritando alguns ovos.

— Sente-se, meu amor — ele falou, puxando uma cadeira. — Não vai demorar. Abri uma lata de pêssegos de sobremesa. Podemos comer com um pouco de leite condensado.

— Que delícia. Obrigada.

— Como foi seu dia na loja? Conseguiu ver a corrida?

— Hmmm, vi umas partes, sim.

— Foi incrível, não foi? Achei que seria derrotado, mas ele conseguiu se recuperar bem no final. Aposto que Graham ficou zangado. Adoro quando o corretor de apostas se dá mal.

— Ele já ganhou muito dinheiro com você ao longo dos anos.

— Tina, não comece...

— Não comecei.

— Olhe, demos a sorte grande hoje. Quatrocentas e cinquenta libras. Eu só ganhava 300 por ano quando trabalhava no ônibus. Sabe, temos que comemorar. Você cuida disso aqui e eu vou rapidinho no Manny comprar uma garrafa de champanhe.

— Champanhe? Onde acha que estamos, Rick? Duvido que Manny tenha esse tipo de coisa. Não deve ter muita demanda pelas redondezas.

Rick se balançou sobre os calcanhares e passou os dedos pelo cabelo.

— Bem, aquele outro troço, então, *Pomagne* ou *Babycham*, ou como quer que aquilo chame.

— Rick, não precisa. Eu não bebo e você parou, lembra?

Ele hesitou por um instante.

— Bem, quando eu disse que parei, não quis dizer totalmente. Ainda posso tomar um drinque em uma ocasião especial, e não acho que haja outra mais especial do que essa.

— Você é alcóolatra, Rick. Não pode tomar um drinque de vez em quando.

— Por um acaso agora você é especialista no assunto?

— Na verdade, sim. Viver com você me deixou especialista nos efeitos do alcoolismo.

— Não continue dizendo essa palavra. Quem é você para me diagnosticar como alcóo... bem, você sabe, como um desses. — Ele vestiu o casaco. — Estarei de volta em cinco minutos.

Tina balançou a cabeça. Ele jamais mudaria. Não podia sequer dizer a palavra, muito menos buscar ajuda profissional. E, se ela permitisse, acabaria arrastando-a para o fundo com ele.

A infância de Tina prometia um futuro muito mais promissor, o que tornava sua situação atual ainda mais desoladora. Filha única, destacava-se na escola, passando nos exames de admissão e conseguindo um ensino secundário de prestígio. Seus resultados estavam entre os melhores que a escola já produzira, e tanto ela quanto a diretora achavam que a educação universitária estava em seu futuro. Tina desejava estudar inglês, e depois seguir carreira no jornalismo.

O destino, no entanto, tinha outras ideias. Seu pai, Jack Maynard, morreu repentinamente aos quarenta e cinco anos e, apesar dos protestos

tanto do colégio quanto da mãe, Tina não hesitou. Abandonou a escola imediatamente e encontrou um emprego em uma pequena corretora de seguros para ajudar no sustento da família. Suas tarefas eram secundárias, e o salário era de acordo, mas ela frequentava a escola à noite, onde aprendeu datilografia e taquigrafia. Sua obstinação e força moral valeram a pena, e Tina começou a crescer na empresa. Com o tempo, tornou-se a melhor taquígrafa da companhia. O trabalho, no entanto, era entediante, e as horas arrastavam-se. O momento mais feliz do dia de Tina era a volta de ônibus para casa. O motorista do 192 era incrivelmente bonito e sempre a cumprimentava com um sorriso e uma piscadela. Certo dia, ele juntou coragem e a convidou para uma bebida, e daquele dia em diante, tornaram-se inseparáveis. Tina podia ter abandonado o sonho de ter uma carreira no jornalismo, mas Richard Craig mais do que compensava isso.

Eles foram para a sala de estar, onde Rick acendera parte do aquecedor elétrico. Sem aquecimento central, a casa era sempre um gelo. Rick já estava no terceiro copo de espumante barato e começava a enrolar as palavras. Esse era o problema dele. Nunca ficava completamente sóbrio, então não precisava muito para que ficasse novamente incoerente. Tina ainda estava no primeiro copo. Nem mesmo gostava do gosto do espumante, e a bebida lhe dava dor de cabeça.

Rick estava esparramado no sofá, assistindo a *The Generation Game*.

— Já viu prêmios mais ridículos? O que, em nome de Cristo, é um conjunto para fondue?

— É uma panelinha que aquece um creme de queijo, e você mergulha pedaços de pão nele.

— Parece horrível.

— Supõe-se que seja o máximo da sofisticação.

Rick deu umas palmadinhas no sofá ao seu lado.

— Desligue a TV e venha sentar aqui, querida.

Tina deixou o copo de lado e se aproximou dele sem muita certeza.

— Sobrou um pouco dessa bebida? — ele perguntou.

— Um pouco, mas você não acha que já...

— Tomei o bastante? Não, não tomei. Estou bem, Tina. Por favor, não seja resmungona. Você vai estragar tudo. Venha aqui.

Ele a tomou entre seus braços e tentou beijá-la. Tina contraiu os lábios instintivamente e ficou tensa.

— Qual o problema agora? — Rick exigiu saber.

— Nada. — Ela se afastou dele com gentileza. — Vou pegar a bebida para você.

Ele a agarrou pelos dois pulsos e a segurou com firmeza.

— Isso pode esperar.

Ele empurrou-a contra o sofá e pressionou o corpo sobre o dela. Forçou a língua dentro da boca de Tina e ela quase vomitou. Ela suplicou que ele parasse, mas não era páreo para a força dele, e não pôde impedi-lo de arrancar sua calça e abrir suas pernas.

— Rick, espere — ela argumentou, tentando ganhar algum tempo. — Vamos lá em cima, é mais confortável.

Ele lhe deu um bofetão.

— Você deve achar que eu nasci ontem. Agora cale a boca e aproveite, sua vaca frígida.

Tina virou a cabeça para o lado e fechou os olhos. Não era a primeira vez que seu marido a forçava, mas ela jurou que seria a última. Já deixara aquilo ir longe demais. Precisava ir embora. Sua vida dependia daquilo.

O domingo era o pior dia da semana para Tina, e ela sempre procurava alguma desculpa para sair de casa. Rick passara a noite no sofá, bêbado demais para cambalear pelas escadas — e ela ficou grata por isso.

Estava sentada na cozinha, aquecendo as mãos em uma caneca de chá e examinando a bagunça. O lugar fedia a comida gordurosa, e a frigideira estava suja na tigela de água fria em que Rick a deixara. Ele apareceu na porta, o cabelo em pé de um jeito bagunçado, e os olhos ainda semicerrados de sono. Ainda estava com as roupas do dia anterior.

— Onde está meu cigarro? — Sua voz estava áspera, e ele deu um arroteo desagradável, batendo no peito ao fazer isso.

Tina fez cara feia.

— Bom dia. Estou bem, obrigada. Como vai você?

— O quê? — Ele fez uma pausa. — Ah, olhe, isso é pelo que aconteceu ontem à noite?

Tina jogou o maço de cigarro pela mesa.

— Aqui está.

Ele pegou uma cadeira e sentou-se com ela na mesa.

— Alguma chance de tomar um chá?

Tina assentiu.

— A chaleira está ali.

Rick deu uma longa tragada em seu cigarro.

— Você está certa. Sou um imbecil, e você merece coisa melhor. Agora, *por favor*, faça um chá para mim.

— Finalmente a ficha caiu.

— Mas não foi tudo minha culpa — Rick prosseguiu de modo defensivo. — Quero dizer, você também errou.

Tina abaixou sua caneca e negou com a cabeça.

— Como é que foi minha culpa? Eu disse para você não comprar bebida noite passada depois que me prometeu que não beberia novamente, mas não, você sabe o que faz. Disse que um ou dois tragos não fariam mal, que era uma ocasião especial, blá-blá-blá...

Rick soprou uma nuvem de fumaça no rosto dela.

— Também lembro que você me disse para não fazer aquela aposta ontem. Quem sabe o que faz?

— Aquele dinheiro era meu — Tina disse com calma.

— O que é seu é meu. Somos uma parceria.

— Ok, então me dê metade do que você ganhou.

Rick deu uma risadinha de desdém.

— Aquilo é meu. Você não aprova jogos de azar, lembra?

Era impossível argumentar com ele, e Tina não tinha energia para continuar com aquilo. Quando ela falou novamente, soou mais corajosa do que se sentia.

— Vou deixar você.

Rick fez cara de quem tinha levado um soco no estômago. Segurou a mão dela.

— Por Deus, Tina. Sei que estava um pouco, hmmm, entusiasmado noite passada, mas isso não é motivo para ser drástica. Eu te amo, você sabe disso.

Ela podia sentir o desespero dele. Já vira tudo aquilo antes. Nesse estágio, ele faria e diria qualquer coisa para acalmá-la. O ciclo era tão familiar.

— Você não entende, não é? Tenho medo de você, Rick. Medo do que vai fazer comigo. Estou cansada de chegar no trabalho e ter que mentir sobre meus hematomas, cansada de andar pela casa na ponta dos pés, cansada de viver nesta pocilga gelada e de ter que fazer todas as horas extras do mundo para pagar as contas.

— Mas...

Tina ergueu a mão.

— Ainda não terminei. Você tem ideia de como é viver com medo? E

por que eu deveria suportar isso? Sou eu quem sustenta a casa. Você não ajuda com um centavo; só consome nossas finanças, só consome minhas emoções.

— Mas que coisa mais simpática! Fiz o jantar para você ontem.

— Um prato de ovos com batata? — Tina zombou. — Se é isso o que você considera ajudar em casa, está mais enganado do que eu pensava.

Agora a respiração de Rick estava acelerada, e seus punhos estavam cerrados, mas Tina continuou desabafando. Nunca se colocara desta maneira diante dele, e, de repente, sentiu-se fortalecida.

— Você precisa de um tipo de ajuda que não posso dar.

Sem aviso, ele se levantou, estendeu o braço sobre a mesa e agarrou o cabelo dela.

— Você tem outra pessoa? Quem é? Mato ele e depois você.

Tina encarou-o desafiadora.

— Não há ninguém, Rick. Não consegue aceitar que vou deixá-lo por *sua* causa? Não é culpa de ninguém, só sua.

Rick soltou o cabelo dela.

— Por que você me obriga a fazer isso com você? — ele disse baixinho.

— Por favor, Tina, não vá. Preciso de você.

Tina pegou o casaco e uma maleta pequena.

— Já fez as malas? Sua puta. Há quanto tempo vem planejando isso?

— Ah, não sei. Desde o dia que você me bateu com tanta força que precisei levar pontos na sobrancelha.

— Não foi minha culpa, minha aliança acertou você...

— Desde o dia em que você me deu um soco e abriu meu lábio, desde o dia em que você apagou o cigarro no meu braço, desde o dia em que você me estuprou pela primeira vez, desde o dia em que roubou meu dinheiro para poder apostar. Desde o maldito dia do nosso casamento. Devo

continuar?

Enquanto dizia tudo aquilo em voz alta pela primeira vez, Tina sentiu uma força interior há muito enterrada e, com ela, a convicção para sair de casa da qual dependiam sua sanidade e sua sobrevivência.

Já estava no saguão de entrada, e enquanto abria a porta, levantou a cabeça e saiu sem olhar novamente para trás.

— Tina, volte. Sinto muito. — Os joelhos de Rick falharam e ele caiu no chão.

Tina teve que se conter para não sair correndo enquanto descia a rua. Sentia-se como se pudesse correr para sempre. E precisaria fazer isso quando Rick descobrisse que ela revirara seu bolso traseiro enquanto ele dormia e pegara todo o dinheiro do prêmio.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Tina bateu na porta do sobrado elegante e esperou nervosa por uma resposta. Uma loira atraente, toda maquiada e recoberta de joias douradas atendeu.

— Posso ajudá-la?

— Você deve ser Sheila. Sou Tina.

Estendeu a mão, mas Sheila ignorou o gesto.

— Ah... Graham está?

— Ele conhece você?

— Sim, sou uma amiga. Trabalho na loja ao lado da dele, aos sábados.

— Quem é, Sheila? — Graham falou de algum lugar dentro da casa.

Sheila abriu um pouco mais a porta e fez sinal para que Tina entrasse.

— Ela diz que é sua amiga.

— Tina! — Graham exclamou, chegando no saguão de entrada. — O que aconteceu, querida?

Ver o rosto preocupado e carinhoso de Graham fez a voz de Tina tremer.

— Eu o deixei, Graham.

— Ah, Deus. Entre aqui. — Ele a segurou entre seus braços e a abraçou com força.

Sheila observava desconcertada, e Graham se voltou para ela.

— Sheila, coloque água para ferver, sim?

Tina se recompôs.

— Está tudo bem, Sheila. Não vou ficar. Só queria que Graham soubesse o que está acontecendo. Ele tem sido um bom amigo e, se não fosse pelo que ele fez ontem, eu não teria sido capaz de deixar meu marido.

— Então, você pegou o dinheiro dele? — Graham perguntou, incrédulo.

Tina conseguiu dar um sorriso.

— Cada centavo. Encontrei uma quitinete para alugar. Já tinha visto há algumas semanas, mas não podia pagar. De qualquer modo, ainda está disponível, então vou para lá. Não é tão ruim, na verdade. Os móveis são antigos e as paredes são tão finas que posso ouvir os pensamentos do meu vizinho, mas pelo menos é um canto só meu.

— Ele vai procurar você, sabe disso — Graham disse, com seriedade.

— Eu sei. Ele sabe onde trabalho. Também pode aparecer na loja, mas não me importo. Ele não vai encostar um dedo em mim em público. É esperto demais para isso.

— Mas ele pode seguir você.

— Por favor, Graham. Acha que não sei de tudo isso? Por que acha que levei tanto tempo para dar esse passo?

— Desculpe. Precisa de ajuda com a mudança?

— Parti só com uma mala pequena, então não há muito o que mudar, na verdade. Mas obrigada mesmo assim. Olhe, é melhor eu ir embora. Tenho algumas coisas para fazer.

— Se tem certeza disso... passarei na loja no sábado que vem. Cuide-se, Tina.

Quando finalmente se acomodou naquela noite com uma caneca de chocolate quente, Tina começou a relaxar um pouco. Estava exausta, então permitiu que sua cabeça se recostasse no sofá e fechou os olhos. Sentia-se estranhamente vazia enquanto refletia sobre seu desastroso casamento de quatro anos. Não sabia o que o futuro lhe reservava, e isso a enchia de medo e excitação. Remexeu na bolsa em busca de um lenço e, quando não conseguiu achá-lo, jogou o conteúdo da bolsa no chão. Em cima de toda a tralha que tinha guardada, estava a carta que encontrara no bolso do paletó velho. Sentindo-se incrivelmente intrometida, pegou o envelope lacrado e abriu-o, tentando não danificar nada. A caligrafia era bem-feita, mas estranhamente infantil, como se o autor não tivesse o costume de usar uma caneta. Tina dobrou as pernas sob o corpo e começou a ler.

Gillbent Road, 180

Manchester

4 de setembro de 1939

Minha querida Christina,

Não sou muito bom nesse tipo de coisa, como você sabe, mas neste momento meu coração está partido, e isso me incentiva a seguir em frente. O jeito como a tratei ontem foi imperdoável, mas, por favor, saiba que foi apenas a comoção e não reflexo dos meus sentimentos por você. Esses últimos meses foram os mais felizes da minha vida. Sei que nunca disse isso para você antes, mas eu a amo, Chrissie. Se você permitir, quero passar cada dia que nos resta juntos provando isso. Seu pai me diz que você não quer mais me ver, e não a culpo, mas agora não somos apenas nós dois - há um bebê que deve ser levado em conta. Quero ser um bom pai e um bom marido. Sim. Chrissie, esse é meu jeito desastrado de pedi-la em casamento. Por favor, diga que será minha esposa, para que possamos criar nosso filho juntos. A guerra pode nos separar fisicamente, mas nosso laço emocional será inquebrável.

Preciso que me perdoe, Chrissie. Amo você.

Para sempre seu,

Billy

Ela terminou de ler e estremeceu involuntariamente. Embora nunca usasse seu nome inteiro, também se chamava Christina, e sentiu um laço instantâneo com aquela Chrissie. Era tudo tão triste. Por que Billy não colocou aquela carta no correio? O que aconteceu com Chrissie e seu bebê? Talvez pudesse tentar descobrir onde estavam aquelas pessoas e entregar a carta à destinatária de direito. No mínimo seria uma distração bem-vinda de todos os seus outros problemas.

04

Primavera de 1939

Billy Stirling sempre soube que era um homem bonito, sua mãe nunca cansava de lhe dizer isso. Não era surpresa para ninguém que, aos vinte e um anos, jamais ficasse sem atenção feminina. O cabelo negro, um pouco mais comprido do que devia, era penteado para trás com *Brylcreem*. O rosto, bem barbeado, revelava uma tez escura quase morena e, por mais incrível que fosse, dada a quantidade de cigarros que fumava, os dentes eram perfeitos e de uma brancura radiante. Quando ria, o sorriso iluminava o rosto e as bochechas revelavam duas covinhas que lhe davam uma aparência de colegial travesso. A cicatriz profunda sobre a sobrancelha esquerda só acrescentava exotismo ao seu aspecto e sempre provocava exclamações de simpatia entre as garotas para quem ele

contava a história de como a conseguira. Billy não lembrava de nada daquele incidente, mas sua mãe lhe contara várias vezes.

Alice Stirling amava o filho com intensidade feroz e era extremamente protetora. Seu marido, Henry, achava que ela mimava o menino, e tinha até um pouco de ciúmes do tanto de amor e atenção que ela dedicava ao garoto. Quando o primogênito deles, Edward, morreu de tuberculose ainda na infância, Alice ficara inconsolável e se culpara. Nada do que Henry dissesse ou fizesse a convencia do contrário. Se ao menos ele parecesse convencido do que dizia, ela talvez tivesse acreditado. Tudo o que Henry sabia era que voltara no final da Grande Guerra e seu filho estava morto. Nem chegara a segurá-lo nos braços.

Edward tinha só cinco meses quando morreu. Seu corpinho era frágil demais para suportar a tosse incessante, acompanhada de sangue, as febres e os suores noturnos tão típicos da doença. Ainda que a tuberculose estivesse associada às más condições de higiene, Alice cuidara do filho o melhor que pôde. Ela sabia que eram pobres. A comida era escassa desde o início do racionamento, em janeiro de 1918, mas o mesmo acontecia com a maioria das famílias durante a guerra, e seus bebês não haviam morrido. O apartamento que alugavam era um pardieiro de um cômodo, mas Alice fazia o possível para mantê-lo limpo. Era sem ventilação e frio, e a umidade tomava conta de tudo. Edward fora um bebê doente desde o nascimento e o cheiro do leite que regurgitava constantemente podia ser sentido no ar. Na hora de dormir, Alice o envolvia nos cobertores e o levava para a cama, onde o apertava de encontro ao próprio corpo a noite toda, acordando de tempos em tempos para ver se a criança ainda respirava. Apesar de todos os seus esforços, Edward morreu, e Alice foi consumida pela culpa, que lentamente minou sua crença em si mesma como mãe. Depois que voltou das trincheiras, Henry fechou-se em si

mesmo, e para Alice foi cada vez mais difícil aproximar-se do marido. Eles raramente falavam um com o outro, e essa existência miserável parecia definir o tom do casamento deles. Embora duvidasse de si como mãe, Alice desejava outro bebê. Havia um vazio nela que só poderia ser preenchido ao gerar uma nova vida. Contudo, a possibilidade de engravidar era nula, dada a distância que crescia entre ela e Henry.

Um dia, não muito depois da morte do pequeno Edward, Alice escutou duas mulheres fofocando na loja da esquina. Aguçou o ouvido e se aproximou de maneira dissimulada, para poder ouvir o que estavam dizendo. Quando escutou o suficiente, deixou a loja com o coração acelerado e correu para casa. Para seu alívio, Henry não estava ali. Trocou de roupa rapidamente, vestindo seus trajes de domingo, com chapéu e luvas. O chapéu cheirava a mofo, mas teria que servir. Ela o escovou rapidamente e arrumou-o com cuidado na cabeça. Então examinou-se no pequeno espelho quadrado sobre a pia da cozinha, que também servia como pia de banheiro, e acrescentou um pouco de batom rosado. Sabia que seria melhor usar sapatos baixos por causa da longa caminhada, mas saltos altos aparentariam muito mais elegância com o traje. Com uma olhada final no espelho, seu rosto era o retrato da determinação, Alice fechou a porta da frente e saiu caminhando com passos rápidos e decididos.

A fachada cinzenta do orfanato estava recoberta com décadas de sujeira, e ervas daninhas cresciam em abundância nas calhas. A pintura negra da porta da frente há muito perdera o brilho, e agora estava craquelada e descascando. O lugar como um todo parecia austero e pouco acolhedor. Mesmo assim, Alice deixou de lado a apreensão e subiu os degraus que levavam ao átrio de entrada. Afastou com a mão uma teia de aranha que se enroscou no chapéu. A imensa aldrava de bronze era dura, e Alice lutou por um tempo antes de conseguir forçar o anel de ferro e produzir uma

batida satisfatória. Depois do que pareceu uma eternidade, a porta pesada se abriu, e uma mulher com uniforme engomado de enfermeira olhou Alice de cima a baixo.

— Sim? Posso ajudá-la?

Foi nesse momento que Alice percebeu que não ensaiara o que ia dizer.

— Oi... hmmm... eu... meu nome é Alice Stirling — disse, vacilando. — Posso entrar?

A enfermeira cruzou os braços sobre o peito e a encarou.

— Você tem hora marcada?

— Não. Temo que não. Isso é um problema?

A enfermeira negou com a cabeça e suspirou, mas abriu a porta e fez sinal para que Alice entrasse.

— Espere aqui. Vou chamar a diretora.

Alice observou-a enquanto ela desaparecia pelo corredor. O cheiro de desinfetante e repolho cozido impregnavam o ar, uma combinação que a deixou nauseada. Sua boca estava seca, e o suor formava gotas em sua nuca. Começava a lamentar ter colocado aquele chapéu.

— Como posso ajudá-la?

Ela deu meia volta. A diretora tinha um rosto gentil e expressivo que não combinava com a voz, e Alice ficou momentaneamente abalada.

— Meu nome é Alice Stirling, e estou aqui por causa do bebê.

— Qual bebê? Temos muitos aqui.

— É claro — Alice se desculpou. — Sinto muito. Não sei o nome dele.

— Você terá que ser mais específica.

Um bebê começou a chorar ao longe, e Alice repentinamente sentiu a garganta apertar e os olhos se encherem de lágrimas. Secou-os com a mão enluvada.

— Você está bem? — A diretora perguntou e, de algum modo, seu tom

de voz se suavizou.

— Na verdade, não. Sabe, eu perdi meu bebê.

— E acha que ele pode estar aqui?

Alice ficou confusa por um segundo.

— Ah, não. É claro que não. Ele morreu.

Os olhos da diretora se arregalaram com a resposta contundente de Alice. Então, a mulher a pegou pelo braço, conduziu-a até seu escritório e fechou a porta.

— Agora por que não me conta o que está acontecendo?

Alice sentiu um desejo irresistível de desabafar.

— Meu bebê, meu belo filho Edward, morreu aos cinco meses de idade. Dizem que foi tuberculose. Não havia nada que eu pudesse fazer, mas sei que Henry...

— Henry? — A diretora a interrompeu.

— Meu marido — Alice explicou. — Sei que ele me culpa. Ele diz que não, é claro, mas não consegui manter Edward vivo até o pai voltar da guerra. Que tipo de mãe eu sou? Ele nunca conseguiu ver o filho. Agora ele mal fala. Bebe muito e nunca me demonstra afeição. Ele acha que o luto dele é pior do que o meu, porque pelo menos eu passei cinco meses preciosos com Edward.

A diretora lhe deu um lenço.

— Calma, calma. Não se culpe. Muitos bebês morrem de tuberculose. É muito comum, sabe. Tenho certeza que você fez o que pôde.

Alice assoou o nariz com força.

— Mas não foi o bastante, não é mesmo? — Alice não sabia quanto tempo mais poderia suportar essa angústia.

A diretora deu uma olhada no relógio da parede.

— Estamos perto da hora do lanche e preciso supervisionar tudo.

Gostaria de comer conosco?

— A senhora é muito gentil. Eu gostaria, obrigada.

— Então você pode me contar o que a traz aqui. Você mencionou um bebê...

Alice seguiu a diretora até o refeitório, onde as crianças já estavam sentadas em compridas mesas de madeira. O lanche era simples: apenas grossas fatias de pão com manteiga e um chá aguado.

Ela soube que era ele no instante em que o viu. A cicatriz visível sobre a sobrancelha esquerda confirmou. Alice foi até o menino, que estava sentado em um cadeirão, batendo com a colher. Assim que ela se aproximou, ele parou, deu um sorriso desdentado e estendeu os braços, pedindo colo. Ela o pegou e inspirou o cheiro de leite. Ele usava uma pequena pulseira de papel, onde estava anotado seu nome e data de nascimento. *William Edwards, 20 de março de 1918.*

— Está tudo bem — Alice sussurrou em seu ouvido. — Mamãe está aqui agora.

Mais tarde, no escritório da diretora, ela soube a história completa de como o pequeno Billy acabara no orfanato. Como Alice, a mãe de Billy, Frances Edwards, deu à luz durante a guerra, mas, tragicamente, o pai da criança, Albert, morrera em combate um mês antes do final das hostilidades.

No Dia do Armistício, em 11 de novembro de 1918, enquanto os sinos tocavam pelo país todo para celebrar, Frances pegou seu precioso bebê no colo e o apertou com força enquanto saltava da ponte da ferrovia. Ela morreu instantaneamente, mas, como um milagre, Billy sobreviveu apenas com um corte profundo em cima da sobrancelha esquerda. Aparentemente, o corpo da mãe amortecera a queda da criança. Apesar de vários apelos, nenhum parente apareceu para buscá-lo, então ele fora deixado no orfanato

pelas autoridades.

Alice secou uma lágrima do canto do olho.

— Então, o que vai acontecer com ele agora?

A diretora deu de ombros.

— Vamos cuidar dele aqui. Ele será bem tratado.

— Eu ficarei com ele — Alice declarou. — Ele é um bebê sem mãe, e eu sou uma mãe sem um bebê. Por favor, diretora.

A diretora pareceu em dúvida.

— Não temos uma política formal de adoção, mas teremos que fazer algumas análises e assinar alguns papéis. — Ela olhou para a expressão suplicante de Alice. — Verei o que posso fazer.

Alice lhe deu um sorriso ligeiro.

— Obrigada. Vou conversar com meu marido.

Billy deixou o orfanato uma semana mais tarde com suas únicas duas posses: o anel de casamento da mãe falecida, e uma papoula de Flandres, que Albert secara e enviara para Frances das trincheiras. Junto havia uma carta:

12 de outubro de 1918.

Minha querida Frances,

Eu gostaria que você pudesse ver essas papoulas no campo. São ainda mais impressionantes quando se movem ao vento. Salvei essa do barro de Flandres. Cuide do nosso filho. Não vejo a hora de conhecê-lo.

Com todo meu amor e carinho eterno.

Albert

Ele morreu em combate dois dias depois.

Agora, na primavera de 1939, aos vinte e um anos, Billy adorava sua mãe

adotiva. Seu relacionamento com o pai, no entanto, era um pouco complicado, para dizer o mínimo. O rapaz achava que a melhor forma de lidar com ele era manter distância. O que não era muito difícil, já que Henry Stirling passava grande parte do tempo no pub ou simplesmente vagando pelas ruas. Ele nunca aceitara Billy como seu filho de verdade, e o tanto de amor e atenção que Alice dedicava ao filho só servia para agravar o ressentimento.

Uma noite, Billy e seu melhor amigo, Clark, estavam apoiados no balcão do pub local.

— Sinto muito por você — Clark declarou.

Billy deu uma longa tragada em seu cigarro e olhou para o amigo.

— E isso por quê?

— Bem, você nunca provou a emoção da caçada, não é? Quero dizer, as garotas simplesmente caem aos seus pés. Tudo o que você tem que fazer é entrar em um aposento e os olhos de todas as garotas do lugar se voltam para você. Onde está o desafio disso?

Billy deu de ombros e estalou os dedos para chamar a atenção do barman.

— Mais duas doses de rum quando tiver um tempo, por favor, amigo.

E então se voltou para Clark.

— É isso o que você pensa de verdade? Nunca lhe ocorreu que as garotas obcecadas pela aparência de um cara são completamente fúteis? Não há substância alguma nisso, e ainda que possam ser divertidas para uma noite, depois disso elas me aborrecem. Quero um relacionamento sério, estável, como qualquer cara normal.

Passou um copo para Clark.

— Saúde!

Clark não pareceu convencido.

— Não tenho nenhuma chance com você por perto, tenho? — reclamou.

E era verdade. As garotas se aglomeravam ao redor dos dois no salão de baile, mas era com Billy que queriam conversar, com Billy que queriam rodopiar na pista, e era Billy quem elas queriam que o acompanhassem até em casa no fim da noite.

— Você é meu melhor amigo, Clark. Somos amigos desde crianças, com os joelhos arrebatados e os rostos sujos. Está sugerindo que paremos de sair juntos para que você tenha uma chance com as garotas?

Clark suspirou.

— Não, é claro que não estou dizendo isso. Só sinto que nunca vou conhecer ninguém.

Billy lhe deu um tapinha nas costas.

— Pare com isso, Clark, pare de sentir pena de você mesmo. Nenhuma garota quer um cara afundado em autopiedade.

Billy observou o amigo na atmosfera esfumaçada do pub. Ainda que fosse verdade que o cabelo ruivo claro e as sardas de Clark não fossem exatamente um ímã para as garotas, seus olhos azuis penetrantes pareciam mirar diretamente a alma da pessoa enquanto brilhavam em um rosto que era essencialmente muito atraente. Sua pouca estatura talvez fosse um inconveniente para mulheres de salto alto, e seu sotaque persistente do Black Country não combinava com o jeito de falar de Manchester e fazia com que ele parecesse um pouco obtuso quando, na verdade, não era nada daquilo. Mas seria difícil para uma jovem encontrar um rapaz mais íntegro, honesto e decente do que Clark.

— Desculpe, Billy — Clark falou. — Quer outro?

Billy olhou seu relógio.

— É melhor não. Minha mãe já deve ter feito o chá. Nos vemos amanhã no Bucaneiro?

O salão de baile Bucaneiro era o favorito dos dois nas noites de sexta. Grupos de garotas davam risadinhas nervosas na beira da pista, olhando ao redor dissimuladamente, esperando um convite para dançar. Havia uma banda com três músicos, e as luzes eram fracas o bastante para criar uma atmosfera romântica se necessário. Aquilo era bem diferente dos bailes no salão da igreja local, nos quais o vigário insistia em atuar como supervisor e separava os casais que, em sua opinião, dançavam agarrados demais. Uma vez, Billy foi literalmente colocado na rua por deixar que sua mão descansasse baixo demais nas costas de sua parceira. Não era preciso dizer que Clark achou o episódio hilário.

Mas não haviam tais restrições no Bucaneiro, e, depois da conversa que tiveram na noite anterior, Billy estava determinado a encontrar uma garota adorável para Clark, alguém que ele pudesse levar para casa para conhecer sua mãe, casar-se e ter filhos. Ou, se isso não desse certo, pelo menos alguém disposta a dançar com ele. A banda estava em boa forma, e era difícil conversar com a música. Billy colocou as mãos ao redor da boca e falou diretamente no ouvido de Clark.

— Viu alguém que queira convidar para dançar?

Clark esfregou o ouvido.

— Não sou surdo!

— Que tal aquelas duas ali? — Billy apontou para duas garotas que olhavam na direção deles a noite toda. Uma era alta, bastante espalhafatosa e usava maquiagem demais. Ela jogou os longos cabelos negros para trás, provocante, ao notar que Billy a observava. Sua amiga estava claramente desconfortável, e olhava para o chão. De repente Billy se endireitou e cutucou Clark.

— Maldição, elas estão vindo para cá.

Os dois ficaram olhando a garota mais alta ziguezagueando pelo salão

de baile na direção deles, enquanto a amiga apressava o passo logo atrás, tentando não derrubar a bebida pelo caminho.

— Olá, garotas — Billy cumprimentou.

— Boa noite — assentiu Clark.

— Percebemos que vocês estavam nos olhando — a garota mais alta falou, jogando o cabelo para trás novamente. — Meu nome é Sylvia, mas vocês podem me chamar de Syl. E esta é minha amiga, Chrissie.

— Como vão vocês? Meu nome é Billy, e este é Clark.

Clark assentiu mais uma vez, e secou o suor da palma da mão na calça antes de apertar a mão das duas moças.

Chrissie deu um sorriso doce, os olhos azuis brilhando de diversão. Ainda que fosse muito mais reticente do que a amiga, era de longe a mais atraente das duas. Seu cabelo loiro estava cacheado com cuidado, a pele era resplandecente e ela usava apenas um pouco de batom rosa nos lábios. Billy mal conseguia tirar os olhos dela, mas Syl tinha outros planos. Puxou-o pela gravata, obrigando-o a deixar a bebida de lado.

— Venha, vamos descobrir de que material você é feito.

Billy tentou protestar, mas não adiantou. Syl já o segurara com firmeza pelo braço e saiu puxando-o até a pista de dança. Ele olhou para trás e viu Chrissie e Clark acomodando-se em uma mesa. Sentiu uma pontada inesperada de ciúmes.

Syl era uma ótima dançarina, mas a modéstia não era um de seus atributos.

— Ei, formamos um casal deslumbrante, não acha?

Quando se juntaram aos amigos na mesa, Clark e Chrissie estavam tão entretidos em uma conversa que mal notaram. A banda tinha diminuído o ritmo da música, e os casais começavam a se dirigir para a pista, para dançar colados. Billy sabia que esta era a parte da noite que Clark sempre

temia — mas não nesta noite, aparentemente. Sem dizer nada, ele estendeu a mão para Chrissie, que aceitou de maneira tímida e se levantou. Billy não podia fazer nada além de observar, enquanto Clark a conduzia até a pista e colocava a mão em sua cintura. Começaram a balançar ao ritmo da música, enquanto Billy e Syl os olhavam.

— Ah... eles formam um casal adorável, não é?

Billy não conseguiu responder. Tinha a sensação horrível de ter acabado de perder algo muito precioso. Algo que nunca tivera, mas que, mesmo assim, devia pertencer a ele. Clark estreitou Chrissie em seus braços e se virou para olhar o amigo. Levantou os dois polegares por trás das costas dela e sorriu. Billy forçou um sorriso de resposta e ergueu o copo para cumprimentá-los. Não podia explicar, mas sentia como se seu coração tivesse sido arrancado e substituído por um pedaço de chumbo. De repente, percebeu que Chrissie estava destinada a ser o amor de sua vida. Infelizmente, ela estava agora nos braços de seu melhor amigo.

Primavera de 1939

Chrissie apoiou a bicicleta contra uma parede e xingou baixinho. A corrente saíra do lugar, suas meias brancas estavam encharcadas de graxa e teria que caminhar o resto do trajeto. Felizmente, o dia de primavera parecia mais com verão, e ela quase terminara sua ronda, então podia ter sido pior. Como filha de um médico e de uma parteira, estava acostumada a ajudar, e hoje estava fazendo as entregas diárias de medicamento dos pacientes do pai.

Chrissie trabalhava no consultório em Wood Gardens, em Manchester, onde seus deveres iam desde escrever receitas até polir os ornamentos de mogno dos armários de remédios. O dr. Skinner era um médico respeitado, e Chrissie o admirava quase tanto quanto o temia. Ele era partidário de

uma disciplina estrita com a esposa, a filha e até com os pacientes. Não tinha tempo para pessoas que fingiam estar doentes, e aos infratores reincidentes receitava uma bebida que continha apenas uma mescla de lactose e outra substância para dar sabor. A mistura cheirava mal o bastante para convencer o paciente que aquilo o curaria do mal imaginário, e ainda tinha a vantagem de permitir ao doutor cobrar três xelins e seis *pennies* a garrafa. Mais de uma mãe se arrependera de levar o filho para ver o dr. Skinner por causa de uma dor de garganta. No dia seguinte, o desafortunado menino ou menina estaria estendido na mesa da cozinha, e depois de dar-lhe um pouco de clorofórmio para cheirar, o médico removia as amídalas.

Tal era a veneração que o médico despertava que ninguém questionava seus métodos, e ele construía uma reputação na comunidade de ser capaz de curar qualquer coisa. Todas as pessoas abastadas das redondezas procuravam o dr. Skinner. Esses pacientes tinham permissão de usar a porta da frente e de esperar na agradável sala de jantar da família. Chrissie até lhes servia chá enquanto aguardavam. Não havia sistema de marcação de consultas, mas todos aceitavam que os pacientes que entravam pela porta da frente tinham preferência sobre os que entravam pelos fundos. Eram pessoas de menos posses, que lutavam para pagar a consulta do médico e eram consideradas um incômodo para ele. Infelizmente, parecia que aqueles tipos adoeciam com mais regularidade que as pessoas de bem de Manchester que tinham recursos para pagar à vista.

Com frequência, Chrissie sentia-se envergonhada com a atitude dura do pai, e em mais de uma ocasião deixou pacientes saírem sem pagar. Tornara-se especialista em esconder essas dívidas quando assumiu a contabilidade do consultório. O dr. Skinner podia ser um médico talentoso, mas o mesmo não podia ser dito de seus talentos com os números.

Ela decidiu deixar a bicicleta onde estava e pegou a sacola de papel pardo da cesta dianteira. Ainda tinha quatro garrafas de medicamento que precisavam ser entregues. Chrissie fizera as misturas pessoalmente e aplicara com cuidado o lacre de cera e o rótulo branco detalhando o nome do paciente. Ficou aliviada em ver que duas garrafas eram para a mesma pessoa, o que significava apenas mais três casas para visitar e terminaria o trabalho.

Hoje era importante chegar em casa no horário, pois, nesta noite, iria desafiar as regras restritas de seus pais e ir ao salão de baile Bucaneiro com sua amiga Sylvia. As duas se conheciam desde a época da escola, quando Sylvia a colocara sob sua proteção, e permaneceram amigas desde então. Eram completamente opostas em quase todos os aspectos, mas, de algum modo, a amizade delas superava todos os obstáculos, sendo que um deles era a desaprovação dos pais de Chrissie. Eles acreditavam que Sylvia era uma má influência para sua filha, e faziam o possível para desencorajar a proximidade entre as duas garotas. Esta noite, no entanto, o doutor e a sra. Skinner iam sair, e Chrissie aproveitara a oportunidade para organizar uma visita clandestina ao Bucaneiro. Desde que estivesse em casa antes da meia-noite, os pais não saberiam de nada.

Assim que terminou as entregas, Chrissie resgatou a bicicleta e a empurrou pelo resto do caminho até sua casa. Aguardando no portão do jardim estava Leo, o sempre fiel airedale terrier.

Aquele cão era realmente a criatura mais leal, corajosa e inteligente que Chrissie já conhecera. Sempre que ela saía para as entregas, ele aguardava pacientemente seu retorno no portão, saudando-a com animação incontida. Seu corpo se mexia de um lado para o outro, no ritmo do rabo, e seus lábios se curvavam para cima, dando a impressão de um sorriso. Se o dr. Skinner estivesse fora, visitando algum paciente, e fosse exigido seu

retorno imediato para o consultório, Leo era mandado pela vizinhança com um bilhete na coleira para encontrar o médico.

— Oi, Leo — Chrissie coçou as orelhas dele.

Ela abriu o portão barulhento para que ele passasse, mas o cão preferiu saltar por cima da mureta e correu pelo caminho que levava até a porta da frente. Ela podia ouvir os pais conversando na cozinha, e seu coração se apertou um pouco. Ainda era hora do chá, mas ela precisava começar a se arrumar para o baile. Queria fazer cachos nos cabelos, o que levaria pelo menos uma hora e isso não poderia ser feito com os pais ainda em casa.

Chrissie entrou na cozinha, tentando parecer despreocupada.

— Que horas vocês vão sair?

— Boa tarde para você também, Chrissie — a sra. Skinner respondeu.

— Tudo certo com as entregas?

— O quê? Ah, sim, tudo bem, só a corrente da minha bicicleta que saiu de novo. — Ela apontou para as meias sujas de graxa.

— Seu pai pode colocá-la de volta amanhã, não pode, Samuel?

O dr. Skinner apagou seu cigarro e acendeu outro.

— Já é hora de você aprender a cuidar melhor dessa bicicleta. Se não é a correia, é problema nos malditos freios.

— Papai, não é minha culpa...

A sra. Skinner pressionou o dedo nos lábios e fulminou Chrissie com o olhar. A garota parou de falar abruptamente. A mãe se virou para o marido:

— Ora, ora, Samuel, não seja rabugento. Por que não vai tomar um banho? Eu levo um uísque para você.

— Boa ideia. Acho que farei isso. Estou tão cansado que tenho vontade de dar o cano no jantar dançante desta noite.

Chrissie sentiu uma onda súbita de pânico ao ouvir isso, e segurou a

respiração. Sylvia viria buscá-la em algumas horas. Mabel Skinner acompanhou o marido para fora da cozinha e o seguiu escada acima.

— Você se sentirá muito melhor depois de um banho. E, de qualquer forma, já comprei um vestido novo, não foi? Seria uma vergonha desperdiçá-lo.

Chrissie soltou um suspiro de alívio e chamou a mãe.

— Mamãe, o que tem para o jantar?

A resposta abafada da mãe veio flutuando pelas escadas.

— Prepare um pão com geleia para você, tudo bem? Seu pai e eu vamos comer no baile.

Encantador, Chrissie pensou enquanto cortava uma fatia de pão e passava manteiga e dava um pedaço para o sempre paciente Leo, que babava ao seu lado.

Por fim seus pais saíram, mas não sem antes lhe dar uma lista de instruções.

— Não esqueça de atualizar os registros dos pacientes de hoje no consultório. Faça uma lista de todos que ainda devem dinheiro pelos remédios, e leve Leo para uma última caminhada perto das dez da noite.

Chrissie estava praticamente empurrando os dois para fora da porta quanto terminaram de falar.

— Não esquecerei. Divirtam-se.

— Comporte-se — o dr. Skinner a advertiu enquanto pegava o braço da esposa e a conduzia para fora. — Nós voltaremos lá pela meia-noite, espero.

Chrissie observou-os até perdê-los de vista. Então, fechou a porta rapidamente e subiu as escadas pulando os degraus de dois em dois. Quando a campainha tocou, tinha tomado banho, feito o cabelo e colocado o único vestido decente que tinha. Abriu a porta da frente só o bastante

para que Sylvia entrasse.

— Você não foi seguida, foi? — ela perguntou, em um tom de voz baixo.

Sylvia revirou os olhos.

— Nós vamos apenas para um baile, não nos alistar no Serviço Secreto. Agora, deixe-me dar uma boa olhada em você.

Ela examinou a amiga da cabeça aos pés, avaliando sua aparência.

— Não está mal. Mas você podia passar um pouco mais de blush e de batom.

— Ah, não tenho certeza. Não quero parecer uma palhaça.

— Olhe para o meu rosto — Sylvia mandou. — *Eu* pareço uma palhaça?

Chrissie observou o rosto bem maquiado da amiga. Suas sobrancelhas estavam perfeitamente arqueadas e escurecidas com Kohl, sua pele era clara e sem falhas, o que tornava seus lábios vermelho-vivo o centro das atenções. Era uma aparência que Chrissie nunca desejara ter.

— É claro que não, Syl, mas você é muito mais sofisticada do que eu. Você é alta, elegante, confiante...

Sylvia ergueu uma mão.

— E você é bonita e doce, como uma boneca de cabelos dourados.

Chrissie não tinha certeza se aquilo era um grande elogio, mas agradeceu mesmo assim.

— Talvez eu possa passar um pouco de batom.

— Boa menina — Sylvia falou, abrindo a bolsa.

— Ah, não. Não o seu. É muito... você sabe... bem, não é meu estilo. Vou correr lá em cima e ver o que minha mãe tem.

Chrissie voltou alguns instantes mais tarde, os lábios brilhantes com um batom rosa claro que pareceu ter a aprovação de Sylvia.

— Muito melhor! — ela exclamou. — Agora vamos, temos muito o que

dançar.

Sylvia abriu a porta e atravessou o pequeno caminho até o portão em passos rápidos. Chrissie correu atrás dela.

O salão de baile estava apenas meio cheio quando as garotas chegaram, e as pessoas ainda não tinham começado a dançar. Mesmo assim, a banda continuava a tocar, e Sylvia sugeriu que tomassem uma bebida. Passados apenas alguns minutos, ela deu um cutucão doloroso nas costelas de Chrissie.

— Ai, o que foi isso?

— Quieta. Olhe aqueles dois que acabaram de entrar.

Chrissie virou a cabeça para ver dois jovens se aproximando do bar.

— O mais alto é absolutamente lindo, não acha? Ele é meu.

Chrissie tinha que concordar. O rapaz tinha uma aparência bem exótica, e ela sabia que ele não olharia nenhuma vez, muito menos duas, para alguém como ela.

— Ótimo — ela concordou. — De qualquer modo, prefiro a aparência do amigo dele. Tem um rosto gentil, mas parece tão nervoso e inseguro quanto eu!

— Devo convidá-los a se juntarem a nós?

Chrissie ficou horrorizada.

— Não temos que esperar que eles nos convidem? Quero dizer, isso seria um pouco atrevido.

— Tudo bem — Sylvia concordou. — Darei meia hora para eles e então vou até lá.

Ela cruzou as pernas compridas e puxou a blusa um pouco quando os dois passaram. Chrissie balançou a cabeça e olhou fixamente para sua bebida. Sua amiga era realmente incorrigível.

O salão começou a encher, e Sylvia percebeu que os dois jovens não

tinham saído do local, perto do bar. De repente, o mais alto apontou na direção delas. Sylvia não perdeu um segundo quando interceptou seu olhar.

— Vamos, Chrissie — Sylvia falou. — Chegou a hora. — Saiu ziguezagueando pelo salão, com Chrissie em seu rastro.

Os jovens se apresentaram como Billy e Clark, e Sylvia imediatamente arrastou Billy para a pista.

— Vamos nos sentar? — Clark perguntou enquanto oferecia uma cadeira para Chrissie. — Posso lhe oferecer outra bebida?

— Não, obrigada. Ainda tenho essa — Chrissie respondeu.

— Sua amiga é uma ótima dançarina — Clark falou.

— O seu também.

— Está falando de Billy? Sim, ele tem muita prática. Não acho que alguma garota já tenha se recusado a dançar com ele.

Chrissie notou a melancolia nos olhos de Clark.

— Não falemos mais de Billy. Vamos falar de você.

— De mim? — Clark pareceu atônito. — Bem, o que quer saber?

Chrissie percebeu que, na verdade, ele estava muito mais nervoso do que ela, e isso a relaxou um pouco. Deu de ombros.

— Bem, de onde você é? Não é das redondezas, pelo seu sotaque.

— Você está certa. Nasci em Birmingham, mas viemos morar em Manchester quando eu tinha sete anos. Conheci Billy na escola, e somos amigos desde então. Todos me provocavam porque eu falava diferente deles, mas Billy me defendeu, e como ele era o cara mais popular na escola, todos o ouviram. Meus dias de colégio teriam sido horríveis sem ele. Em troca, de vez em quando, eu fazia a lição de casa dele. Não que ele fosse burro ou algo assim, entende? Era que ele estava sempre tão ocupado com os esportes e tudo mais e nunca tinha muito tempo para os estudos. Além disso, a mãe dele o mima demais. Mas aquele cara consegue superar

qualquer um.

Chrissie voltou sua atenção para Billy e Syl na pista de dança. Billy parecia distraído e continuava olhando para a mesa deles. Quando viu que Chrissie o observava, deu um sorriso fugaz, e ela sentiu que ruborizava. Virou a cabeça, envergonhada.

— Parece que ele encontrou seu par com Syl.

— Ah, ele vai ficar bem. Ela é bonita, não é? Billy sempre fica com as mais bonitas.

Chrissie encarou os olhos azuis de Clark e esperou que ele percebesse o que acabara de dizer. Ele pareceu mortificado.

— Ah, desculpe. Eu não quis dizer... você é muito bonita, de um jeito muito menos óbvio — ele gaguejou. — Quero dizer, você não precisa de toda aquela maquiagem, você é naturalmente bonita e...

Chrissie levantou a mão e sorriu.

— Chega! Eu perdoo você.

Ela deu uma espiada em seu relógio de pulso.

— Não estou prendendo você, estou? — Clark perguntou.

— Nem um pouco. É só que tenho que estar em casa à meia-noite, o que significa que tenho que sair daqui onze e meia.

— Tem bastante tempo — Clark comentou, relaxando um pouco. — Gostaria de um cigarro?

— Não, obrigada. Não fumo, mas vá em frente.

— Tem certeza?

Clark abriu o maço de Capstan e pegou um cigarro.

— Fale-me de você.

— Não tenho muito o que contar, na verdade. Trabalho para meu pai, o dr. Skinner, no consultório. Minha mãe é a parteira local, então, de vez em quando, eu a ajudo também, mas fico um pouco enjoada com essas coisas.

Já vi partos suficientes para perder para sempre a vontade de fazer sexo.

Assim que as palavras saíram, Chrissie desejou que o chão a engolissem. Podia sentir seu rosto ganhar um tom escarlate. Não conseguia imaginar o que diabos a possuía para dizer uma coisa daquelas. Clark engasgou com a bebida e o líquido âmbar escorreu pelo queixo.

— Sinto muito, não quis dizer... — Chrissie se desculpou.

Clark começou a gargalhar, e Chrissie se juntou a ele até que ambos ficaram sem fôlego. Quando Billy e Sylvia voltaram para a mesa, os dois já estavam completamente absortos na conversa novamente.

A banda diminuía o ritmo da música e, sem dizer uma palavra, Clark se levantou e estendeu a mão para ela. Chrissie aceitou-a e deixou-se levar por Clark até a pista de dança. Estavam tímidos e desajeitados no princípio, mas assim que se acostumaram a sentir os corpos um do outro, começaram a desfrutar melhor da experiência. Clark não era muito mais alto do que Chrissie, então era fácil para ela olhar nos olhos dele. Ele sorriu de volta e a estreitou contra seu corpo, permitindo que ela sentisse o cheiro de sua pele, um odor fresco, cítrico, só levemente camuflado pelo tabaco.

De repente, ela se perguntou se, por um acaso, ele tentaria beijá-la, e isso fez uma onda de pânico atravessá-la. Respirou profundamente e se obrigou a ficar calma. Ela tinha dezenove anos, pelo amor de Deus.

Agora, os braços dela estavam ao redor do pescoço de Clark, e ela o puxou para mais perto para dar uma espiada de soslaio no relógio atrás da cabeça dele. Ele curvou o pescoço e seus braços apertaram sua cintura. Ela ficou atônita em ver que já eram quase onze e meia. Precisava se mexer, mas estava relutante em quebrar o encanto. Ela amaldiçoou o pai em silêncio.

Quando por fim a música parou, eles foram se separando, lentamente.

— Sinto muito, mas já preciso ir.

— Eu entendo. Quer que a acompanhe até sua casa?

Chrissie olhou Billy e Sylvia de relance. A amiga estava acariciando gentilmente o rosto do rapaz, passando os dedos pela cicatriz dele. Ele parecia claramente desconfortável.

— Isso seria adorável, obrigada. Só tenho que ver se a Syl se importa.

Era claro que Syl não se importava. Estava fascinada por Billy e ficou feliz em ver que Clark e Chrissie iam embora. Assim eles teriam mais tempo a sós.

Clark foi até Billy.

— Não consigo acreditar. Ela é encantadora — ele comentou, entusiasmado. — Ofereci acompanhá-la até sua casa. Você não se importa, não é? De todo modo, parece que está bem ocupado por aqui.

— Não, cara. Vá em frente. Boa sorte!

Chrissie se juntou a Clark e Billy.

— Já está pronto para ir? — ela perguntou.

— Sim, estou — Clark respondeu, segurando a mão dela.

— Adeus, Billy. Foi um prazer conhecê-lo. — Ela estendeu a outra mão para Billy, e ele a apertou. Os olhos deles se encontraram por um segundo e Chrissie ficou confusa com aquilo que viu. Era uma mistura incrível de tristeza e desejo. Os olhos de Billy eram de um castanho tão escuro que mal dava para ver as pupilas.

— Adeus, Chrissie. Você cuida de Clark agora. — Ele deu uma piscadinha ao dizer isso, e ela corou mais uma vez, agarrando o braço de Clark para se equilibrar, pois aquilo tudo lhe dera vertigens.

— Ah... eu cuidarei. Até mais, então — conseguiu dizer.

Billy segurou seu olhar e sua mão por um segundo a mais, até que Sylvia o puxou.

— Vamos, temos tempo para outra dança.

Clark e Chrissie foram para a saída de mãos dadas. Clark abriu a porta para ela e Chrissie lutou contra o desejo de olhar para trás. Clark era adorável, e ela se sentia totalmente relaxada em sua companhia. Então por que sentia que estava saindo com o homem errado?

Embora aquela noite de abril estivesse um tanto fria, quando Chrissie e Clark chegaram na casa dela, a caminhada rápida os aquecera, e Chrissie estava levemente sem fôlego. Clark olhou o relógio.

— Meia-noite e cinco. Acho que estamos bem.

Chrissie estava aliviada. A casa estava escura, então era óbvio que seus pais ainda não tinham chegado. Agora chegava o momento embaraçoso.

— Sinto não poder convidá-lo para entrar. Meus pais logo estarão de volta, e...

Clark colocou o dedo sobre os lábios dela.

— Não tem problema, mas eu realmente gostaria de vê-la novamente.

Ela hesitou enquanto pensava em Billy e na aflição que percebera em seus olhos. Imaginou ele e Sylvia dançando sob as luzes fracas da pista de baile. Ele nunca se interessaria por uma garota inocente e ingênua como ela. De repente, ficou ciente da expressão de expectativa de Clark. Assentiu.

— Eu também gostaria.

— Sério? — Clark pareceu atônito.

Chrissie deu uma risada.

— Sim, sério. Estou livre no domingo. Talvez pudéssemos sair para caminhar.

— Perfeito — Clark respondeu. — Passo por aqui à uma da tarde.

Chrissie sentiu um pânico momentâneo.

— Ah, não. Eu o encontro no parque, perto do coreto. Levarei alguns

sanduíches e algo para beber, se você quiser.

— Estarei esperando por esse momento. — Ele deu um beijo suave nas costas da mão dela. Então, sem mais palavras, deu meia volta e foi embora.

Enquanto abria o portão da frente, Chrissie ficou paralisada de completo terror. Sentado na porta, tremendo e choramingando, estava Leo. Ela sabia que o deixara dentro de casa, então isso só podia significar uma coisa: seus pais já tinham voltado.

06

Chrissie procurou a chave na bolsa. Em sua pressa frenética, teve que remexer duas vezes no conteúdo antes de perceber que, na verdade, a chave estava no bolso do casaco o tempo todo. Leo dava volta ao redor de suas pernas, exigindo um pouco de atenção.

— Pare com isso, Leo. Preciso entrar em casa.

Ela segurou a respiração quando entrou no saguão. Tudo estava em silêncio e escuro. Aquilo era muito estranho. Talvez seus pais não estivessem em casa, no final das contas. Talvez tivesse esquecido a porta dos fundos abertas e Leo escapara por lá. Tateou o caminho até a cozinha e acendeu a luz, encolhendo-se com a luminosidade repentina. Leo a seguiu, e agora bebia água com vontade. A porta dos fundos estava trancada, e havia duas canecas de café sujas na mesa.

O coração de Chrissie afundou quando ouviu o ranger da escada. O

pânico se transformou em puro terror quando se virou e deu de cara com o pai parado na porta. Ele estava transtornado de raiva, o rosto vermelho e a respiração pesada, obviamente com dificuldade de encontrar as palavras que pudessem canalizar sua ira de modo adequado. Chrissie ficou parada, tremendo, e Leo encolhido atrás dela. O dr. Skinner deu um passo à frente, levantou a mão e a esbofeteou com força. Ela recuou, tropeçou em Leo e caiu no chão, batendo a cabeça no piso de pedra. Ainda sem pronunciar uma palavra, o dr. Skinner deu meia volta abruptamente e voltou para cima zangado.

Chrissie podia sentir o gosto de sangue na boca, e sentiu que estava prestes a vomitar. Sentou-se, mas isso fez o aposento rodar, então ela se recostou no chão novamente e começou a chorar. Leo lambeu seu rosto, enrolou-se ao seu lado, e os dois passaram o resto da noite em um sono agitado no chão duro e implacável.

No sábado, na hora do almoço, Billy e Clark se encontraram no pub para tomar uma cerveja.

— Não vejo a hora, Billy — Clark comentou, passando um copo para o amigo.

— Então, onde você vai encontrá-la? — Billy perguntou. Sabia que devia estar feliz por Clark, que esperara tanto tempo por um encontro, mas tinha ciúmes e estava com dificuldades para disfarçar.

— No parque, perto do coreto. Ela vai fazer um piquenique.

— Que bom. Você a beijou?

Clark foi surpreendido com a pergunta repentina.

— Ah, não. Só um beijo na mão.

Billy ficou aliviado.

— Talvez amanhã, hein?

— Não tenho pressa, Billy. Não quero estragar as coisas. Acho que ela

pode ser a definitiva.

— Você só a viu uma vez.

— Eu sei, é ridículo. Mas ela é tão carinhosa e amigável, e...

— Como um labrador?

Clark quase engasgou com a cerveja.

— Caralho, Billy. — Deu uma gargalhada. — Você sabe o que quero dizer.

Esse era o problema. Billy sabia, pois sentia exatamente a mesma coisa.

No dia seguinte, Clark esperou ansiosamente ao lado do coreto. Já era uma e dez da tarde, e nem sinal de Chrissie. Ainda não havia motivo para pânico, ele ponderou consigo mesmo ao olhar o relógio de pulso mais uma vez.

O dia de primavera estava atipicamente quente, e ele lamentava usar terno e gravata. Sentia um nó no estômago, e parecia que precisava usar o banheiro mais uma vez. Havia alguns banheiros públicos à vista, mas não ousava ir, pois Chrissie poderia chegar em sua ausência e presumir que ele não aparecera. Alternava o peso do corpo entre os pés, puxando os punhos da camisa e arrumando a gravata, nervoso.

Olhava fixo para os portões do parque, desejando que Chrissie aparecesse ali. Imaginava-a com o rosto jovem e radiante, carregando uma cesta marrom de vime de piquenique e uma toalha xadrez, desfazendo-se em desculpas pelo atraso. Ele a beijaria educadamente no rosto, e insistiria que não, que ela não estava atrasada, e lhe diria o quão bonita estava. Ela estaria levemente sem fôlego pela caminhada rápida, e eles sentariam juntos na toalha, onde ficariam com os dedos entrelaçados como se já se conhecessem a vida toda.

Lá pela uma e meia da tarde, Clark teve certeza absoluta que Chrissie não apareceria. Como pudera ser tão estúpido para acreditar que seria

diferente? Garotas como Chrissie sempre estiveram fora do seu alcance e nada mudara.

Ele se largou na grama e arrancou um narciso do chão com brutalidade. A flor já tinha duas pétalas começando a estragar e logo apodreceria completamente, tornando-se uma figura desagradável, em vez da manifestação deslumbrante de esperança e felicidade que já fora.

Sozinha em seu quarto, Chrissie espiou seu reflexo no espelho da penteadeira. O corte no lábio agora tinha uma crosta de sangue, mas ainda estava inchado, e sua cabeça latejava.

Sentia uma pontada no coração cada vez que olhava para o relógio e se perguntava quanto tempo Clark esperaria por ela ao lado do coreto antes de desistir. Ela fervia de raiva silenciosa. Seu pai não tinha o direito de mantê-la prisioneira dessa forma. Já passara todo o sábado trancada no quarto, com pouco para comer ou beber. Agora era domingo, e ainda não havia esperança de sair dali.

Na manhã de sábado, ela enfrentara um interrogatório dos pais sobre a escapulida na noite anterior.

— Eu só fui com Syl no salão de bailes — ela protestou.

— Qual salão? — Seu pai exigiu saber, como se isso fizesse alguma diferença.

— O Bucaneiro.

— Aquele antro de iniquidade? — Ele se voltou para a esposa. — Eu disse para você, Mabel. Esta garota está fora de controle.

Chrissie não conseguiu se conter e deu uma gargalhada.

— Samuel, não exagere — Mabel o admoestou. E virou-se para a filha. — Você devia ter pedido se queria sair. É a mentira que achamos intolerável, entende?

— Eu sabia que vocês não concordariam.

— Quem era o rapaz com quem você estava? — Samuel Skinner perguntou de repente. Ele devia estar olhando pela janela. Ainda bem que eles não tinham se beijado, Chrissie pensou. O pai teria ficado indignado.

— O nome dele é Clark — ela falou com um tom desafiador. — É um rapaz decente, muito educado, e garantiu que eu chegasse em casa em segurança.

— O que aconteceu com Sylvia? — Mabel perguntou.

— Eu a deixei no salão de bailes com o amigo de Clark, Billy.

— Essa garota é má influência... Ela sempre foi — Samuel murmurou.

Chrissie começou a defender a amiga, mas abriu demais a boca, e seu lábio começou a sangrar novamente. Ela o limpou com um lenço. Seu pai evitou seu olhar e teve a decência de parecer um pouco envergonhado.

— Olhe, sinto muito por ter batido em você — ele admitiu. — Estávamos preocupados, só isso. Podemos ver como deixar você sair um pouco mais, se quiser, mas você ultrapassou os limites na noite passada e, por isso, precisa ser castigada.

Se um bofetão no rosto e uma noite no chão da cozinha não são castigo suficiente, Chrissie pensou com amargura.

— Você passará o resto do dia no quarto — Mabel decidiu. A mãe olhava fixo para o chão, para não ter que encarar o olhar de ressentimento no rosto da filha.

— O resto do final de semana — Samuel insistiu.

Mabel olhou o marido de relance antes de continuar.

— Você passará o resto do *final de semana* em seu quarto.

Chrissie pensou no encontro com Clark e começou a protestar. Seu pai levantou a mão, pedindo silêncio, e Chrissie se encolheu de medo.

— Chega! Vá para seu quarto de uma vez por todas.

Chrissie se levantou, sentindo-se miserável, e começou a subir as

escadas.

Mabel falou por detrás dela:

— Mais tarde levarei algo para você comer.

— Não esqueça de levar o Leo para passear — Chrissie replicou. — E as garrafas de remédio devolvidas precisam ser lavadas antes de segunda. Ah, e os instrumentos do consultório precisam ser desinfetados. — Ela sentiu que isso era uma pequena vitória, e um sorriso cansado apareceu em seus lábios quando fechou a porta do quarto.

Sentia-se terrivelmente mal por falhar com Clark, mas rezava para que ele não fosse atrás dela em casa. Isso causaria tamanha ira em seu pai que ela temia jamais ver o mundo além das quatro paredes do quarto novamente. Não tinha como contatá-lo, nem mesmo sabia seu sobrenome, muito menos onde vivia. Estava tão desesperada para explicar o que ocorrera, que a impotência e a culpa que sentia a deixaram sem fôlego. Clark acharia que levava um cano, e não merecia isso. Parecia ser uma pessoa tão gentil e amável, mas atrapalhado pela insegurança e falta de autoestima. Chrissie se lembrava da expressão no rosto do rapaz quando concordou em vê-lo novamente. Um olhar de total descrença, seguido de euforia quando percebeu que ela queria se encontrar com ele. Agora ele ficaria totalmente destruído.

Quando Billy entrou no pub naquela noite, para uma saideira, o barman imediatamente fez sinal com a cabeça na direção do canto da sala. Ali, amontoado na cadeira, cercado por copos vazios e cinzeiros prestes a transbordar, estava Clark.

— Está lá desde que nós abrimos — o barman contou. — Na verdade, ele estava batendo na porta. Fez uma tremenda algazarra.

Billy foi até o amigo e puxou um banco. A gravata de Clark estava torta, e as mangas da camisa estavam arregaçadas. Suas pálpebras pendiam

sobre os olhos injetados de sangue, e ele encarava o copo de cerveja sem realmente ver.

— Tudo bem, amigo? — Billy perguntou. — Devo entender que as coisas não deram certo com Chrissie?

— Não foram nada bem.

O coração de Billy acelerou.

— O que quer dizer?

— Ela não apareceu.

Clark não podia evitar a amargura em sua voz. Acendeu outro cigarro e tossiu com violência.

— Olhe para seu estado — Billy comentou. — Não acha que já é o suficiente?

— Hã? Suficiente do quê? Cigarros, álcool ou ainda mais desapontamento?

— Vamos lá, recomponha-se e conte-me o que aconteceu.

Clark recostou em sua cadeira e esfregou o rosto.

— Como eu disse, ela não apareceu. Me deixou plantado lá, como um idiota. Eu gostava dela de verdade, Billy. Por que ela fez isso comigo?

— Tenho certeza que deve ter havido um bom motivo — Billy respondeu, esperando estar errado. — Ela pareceu simpática na outra noite. Não deve ter simplesmente mudado de ideia, certo?

— Estou cansado de garotas. Dão trabalho demais para valer a pena.

Na segunda pela manhã, Billy estava parado do lado de fora da clínica em Wood Gardens. Clark lhe contara o sobrenome de Chrissie e que ela era filha de um médico, então não era necessário ter os poderes de dedução de Sherlock Holmes para descobrir onde ela morava. Não tinha certeza do motivo de estar ali, muito menos o que iria dizer, mas sentia-se compelido a vê-la novamente. Ela despertara algo nele que era difícil explicar. Talvez

fosse porque parecia mais interessada em Clark do que nele, uma situação que nunca ocorrera antes. Durante todo o tempo em que estivera se arrastando com a bela, mas pavorosa, Sylvia, não parara de pensar em Chrissie. De tempos em tempos olhava de canto de olhos para onde ela e Clark estavam sentados e sentia uma pontada de ciúme.

Billy sabia que Clark sempre se sentira inferior a ele por causa de sua popularidade na escola, mas, na verdade, era Billy quem admirava Clark. Enquanto Billy trabalhava na padaria do bairro, em um emprego que não era exatamente estimulante ou bem pago, Clark fora empregado pela Sociedade Cooperativa de Manchester para receber o dinheiro pelos bens vendidos a crédito. Certa vez, ele mostrara a Billy o imenso livro-caixa encadernado em couro, explicando que todos os pagamentos precisavam ser registrados nele e, depois, era feito o balanço. Billy balançara a cabeça maravilhado e desejou ter se concentrado mais na escola. Seu trabalho na padaria era feito em turnos, e com frequência tinha que trabalhar a noite toda e depois dormir durante o dia. Por outro lado, recebia uma boa quantidade de pasteis de creme grátis.

De repente, Billy ouviu um latido, e um grande cachorro de pelos encaracolados preto e marrom claro apareceu no corredor do lado da casa, seguido por Chrissie empurrando uma bicicleta. Billy observou por detrás de um arbusto enquanto ela lutava para virar a bicicleta de cabeça para baixo, xingando em voz alta quando a bicicleta caiu no chão.

Ele hesitou um pouco antes de sair de seu esconderijo e abrir o portão do jardim.

— Precisa de ajuda? — perguntou.

O cão correu para recebê-lo como se fosse um amigo há muito perdido. Chrissie levantou os olhos e ergueu as sobrancelhas. Billy notou que ela o reconheceu imediatamente.

— Obrigada, isso é muito gentil.

Ele se aproximou e apoiou a bicicleta no assento e no guidão. Percebeu imediatamente o corte no lábio e um hematoma amarelado na bochecha dela.

— A corrente saiu. Meu pai devia ter arrumado, mas esqueceu — Chrissie explicou.

— Gostaria que eu fizesse isso?

— Se não se importa, seria de grande ajuda.

Billy tirou o casaco e enrolou as mangas da camisa. Em uma questão de segundos, tinha colocado a corrente no lugar e a bicicleta já estava em pé.

— Tudo pronto — ele falou, esfregando as mãos uma na outra, em um esforço para limpar a graxa.

Enquanto trabalhava, Billy percebeu que Chrissie olhava nervosa ao redor. Agora ela parecia ansiosa para sair dali.

— Está tudo bem, Chrissie? — ele perguntou, gentilmente.

— Por favor, venha comigo — ela pediu.

Chrissie saiu empurrando a bicicleta, e Billy abriu o portão para ela. Caminharam em silêncio por alguns minutos, até que chegaram ao parque que dava nome a Wood Gardens. Chrissie apoiou a bicicleta em uma grade, e os dois encontraram um banco onde se sentaram lado a lado.

Billy ficou olhando fixamente para frente ao perguntar:

— O que aconteceu com seu rosto?

E ouviu horrorizado o relato de Chrissie.

— Seu pai fez isso com você?

— Na verdade, não foi nada. Foi minha culpa. Eu não devia ter escapulado daquele jeito. Meus pais são muito rígidos, sabe. Eles se preocupam comigo.

Billy ficou se remoendo por dentro com a ideia do dr. Skinner levantar a

mão para Chrissie e depois mantê-la trancada todo o final de semana. Voltou-se para ela e, gentilmente, segurou seu rosto entre as mãos, deixando que seu polegar roçasse o lábio partido dela. Foi um gesto ousado para um quase estranho, mas ele não planejara aquilo. Chrissie pareceu surpresa, porém pareceu mais do que satisfeita em deixar Billy olhá-la nos olhos.

Depois de um tempo, ela falou.

— Como está Clark?

A pergunta rompeu completamente o laço entre eles, e Billy deixou as mãos caírem e afastou o olhar.

— Sinto muito — Chrissie prosseguiu. — Mas eu me sinto muito mal por tê-lo deixado esperando ontem.

— Você teve um bom motivo — Billy disse. — Uma prisioneira em sua própria casa...

— Você o viu? Sinto que devo explicações, mas não tenho ideia de como contatá-lo.

— Eu o vi, sim — Billy admitiu. — Ele estava bem arrasado, para ser honesto, mas espero que supere isso.

— Em especial quando eu lhe contar o que aconteceu — Chrissie acrescentou.

— Você precisa contar para ele? — Billy implorou.

— Por que não contaria?

Billy sabia que se comportava de forma inaceitável, até mesmo maliciosa, mas não conseguia se conter. Tinha vergonha de admitir, mas queria aquela garota mesmo que custasse a felicidade do amigo.

— Chrissie, olhe. Quando eu a conheci, na sexta, não consegui tirar os olhos de você. Era com você que eu queria conversar, dançar, mas aquela maldita Sylvia praticamente me sequestrou, e então você e Clark pareciam

estar se dando tão bem... Eu fiquei arrasado quando ele disse que ia acompanhá-la até sua casa.

Chrissie pareceu aflita.

— Eu me senti do mesmo jeito, mas nunca sonhei que alguém tão... tão... bem, você sabe... tão *bonito* algum dia olharia para mim.

Billy segurou a mão dela e apertou-a de leve.

— Você é linda, Chrissie. Tem boas maneiras, graça e elegância. Sylvia não chega aos seus pés.

Ela corou e lhe deu um sorriso tímido.

— O que aconteceu entre você e Sylvia?

— Nada — Billy deu de ombros. — Eu a acompanhei até a casa dela, por educação, mas disse que não poderia vê-la novamente porque havia outra pessoa em minha vida.

— E há? — Chrissie perguntou, nervosa.

Ele deu uma piscadinha.

— Ainda não.

Chrissie ficou em pé em um salto, com um olhar de alarme no rosto.

— Eu preciso ir embora.

— Posso vê-la novamente? — Billy perguntou.

— Eu gostaria muito, mas e quanto a Clark?

Billy ficou envergonhado em admitir que se esquecera completamente do amigo.

— Vou conversar com ele — Billy lhe assegurou.

Billy pensara na possibilidade de esconder de Clark seu romance incipiente com Chrissie, mas percebeu que isso seria impossível e, de qualquer forma, seria a solução mais covarde. Ele podia ser miserável, hipócrita e indecente, mas não um covarde. A conversa que tiveram poderia ter sido melhor.

— O que quer dizer com “conversei com Chrissie”? — Clark perguntou, incrédulo.

— Sinto muito, Clark, realmente sinto, mas Chrissie e eu tivemos uma ligação imediata. Nós dois sentimos o mesmo e...

Billy não conseguiu terminar a sentença quando Clark o agarrou pelo pescoço.

— Você não suporta me ver feliz, não é? Qual é seu problema? Você sabia que eu estava animado em encontrá-la, sabia a quanto tempo espero por uma garota como Chrissie, ou por qualquer garota que valha a pena, mas teve que estragar tudo. Você é inacreditável, Billy! — Os olhos de Clark ardiam com fúria e a saliva se acumulava nos cantos de sua boca enquanto ele empurrava Billy com força contra a parede.

— Meu camarada, se acalme... — Billy estava completamente chocado com o rompante pouco usual do amigo.

— Não sou seu camarada. Nunca mais quero ver você. Nunca.

Clark saiu com raiva, deixando Billy tentando recuperar o fôlego. Então era isso. Uma amizade entre homens destruída por causa de uma garota. Isso já ocorrera inúmeras vezes, em lugares ao redor de todo o globo, mas a ideia não consolava Billy. Agora estava determinado a fazer Chrissie feliz a qualquer custo. Infelizmente, dois homens — nenhum dos quais Billy conhecia — conspirariam contra ele. Um era o pai dela, o dr. Skinner, e o outro estava ocupado obrigando a Europa a ficar de joelhos para expandir seu império.

07

O verão de 1939 foi o mais feliz da vida de Billy Stirling. Mesmo com a ameaça constante da guerra pairando sob a nação, ele estava em estado permanente de euforia. Seu relacionamento com Chrissie amadurecera em algo real e tangível, apesar da desaprovação do pai dela. Como já era de se esperar, Samuel Skinner sentia uma antipatia profunda por Billy e mal o tolerava. Aos seus olhos, Billy não era ninguém perto de sua filha. Era um órfão irritante em um emprego sem futuro, idolatrado por uma mãe ingênua e praticamente ignorado pelo pai alcóolatra. O dr. Skinner se lembrava bem daquela família. Alice Stirling era hipocondríaca e, depois da morte de seu primeiro filho, levava Billy, o adotado, até seu consultório com regularidade tediosa. Agora, sua filha estava envolvida com Billy Stirling, e isso causava uma irritação sem fim ao médico.

Pelo menos, Chrissie tivera o bom senso de conversar com o pai sobre

Billy e não fazer nada pelas costas. O dr. Skinner presumira que o relacionamento seria superficial e de vida curta, mas seu julgamento se provara equivocado. Sua única esperança era que Billy fosse convocado para o Serviço Nacional em um futuro não muito distante, e que isso marcasse o fim do assunto.

O primeiro encontro entre os dois não foi bom. O dr. Skinner não via Billy desde a infância, mas reconheceu o nome e soube de quem se tratava no primeiro instante. A cicatriz sobre a sobrancelha ainda era tão visível quanto antes.

— Boa noite, dr. Skinner — Billy falou, estendendo a mão.

O doutor o ignorou e se virou para Chrissie.

— Quero você em casa às dez.

Mabel Skinner apareceu na porta da cozinha, ainda com o uniforme de parteira.

— Você deve ser Billy — ela o cumprimentou. — Estou muito feliz em conhecê-lo.

Samuel fulminou a esposa com o olhar enquanto ela e Billy apertavam as mãos. Mabel precisara de todos os seus poderes de persuasão para convencer o marido de que deviam permitir que Chrissie tivesse um pouco mais de liberdade.

— Obrigado, sra. Skinner. Cuidarei bem da sua filha.

— Vamos, Billy, precisamos ir — Chrissie o apressou.

Mabel desapareceu na cozinha e Chrissie e Billy seguiram até o portão, enquanto Samuel Skinner observava da porta.

De repente, Billy segurou o braço de Chrissie.

— Espere aqui por um segundo, sim?

Ele voltou correndo e pegou o dr. Skinner fechando a porta. Deslizou um pé para dentro e aproximou seu rosto do doutor.

— Se alguma vez encostar mais um dedo em sua filha, juro que eu o mato com minhas próprias mãos.

Em geral, o dr. Skinner não era de ficar sem palavras, mas ficou só olhando, incrédulo, enquanto Billy se afastava e colocava um braço protetor ao redor da cintura de Chrissie.

Billy nunca tivera um relacionamento romântico significativo antes, e adorou os sentimentos que aquilo despertava. Sabia que estava se apaixonando, e nem mesmo o perverso dr. Skinner poderia mitigar seu ardor. Mas estava apavorado com a possibilidade de a guerra ser declarada em breve e dele ser enviado para algum campo de batalha remoto para participar de um conflito que mal compreendia. Billy era só um bebê no final da Grande Guerra, mas sabia que ela tirara a vida do seu pai e, indiretamente, a de sua mãe. Tudo aquilo parecia tão sem sentido, e agora outra guerra ameaçava destruir seu relacionamento com Chrissie.

Os dois caminhavam lado a lado ao longo de um córrego tranquilo. O dia estava claro e ensolarado, o céu azul-celeste, e os pássaros — escrevedeiras-amarelas, cotovias e tordos — pareciam competir para ver quem cantava mais alto e mais bonito. O cheiro do alho selvagem tomava o ar, e o agrião crescia em abundância na água. Chrissie usava seu vestido de verão favorito: azul-claro, com pequenos poás amarelos e um cinto branco que marcava sua cintura. Billy tirara o paletó e o levava por sobre o ombro com uma mão, e com a outra uma cesta de piquenique. Leo seguia na frente, perseguindo cada coelho a vista, mas sem pegar nenhum.

— Onde você gostaria de parar? — Billy perguntou.

Chrissie avaliou a margem do córrego.

— Bem ali, sob aquele carvalho. Deve estar agradável e fresco.

Juntos, eles abriram a toalha de piquenique sobre a relva comprida e se sentaram. Chrissie abriu a cesta e tirou de dentro alguns ovos cozidos,

sanduíches de patê de carne, tomates maduros e um bolo caseiro de frutas. Leo sentou-se entre eles e fez cara de fofo. Não tirava os olhos dos sanduíches e, depois de um tempo, um fio de baba escorreu de sua boca e caiu na toalha.

— Pelo amor de Deus, Leo! — Chrissie exclamou. — Saia daqui.

O cão enfiou o rabo entre as pernas e se afastou.

— Está tão tranquilo aqui, não é? — Chrissie comentou. — Não acredito que vá haver outra guerra.

Billy olhou para as máscaras de gás que todas as pessoas deviam levar.

— Não sei, Chrissie — respondeu, solene. — Mas se inquietar com isso não fará diferença. É melhor aproveitarmos o tempo que temos juntos.

Chrissie pareceu alarmada.

— Você fala como se a guerra já tivesse sido declarada!

Billy segurou as mãos dela e olhou fixamente seus olhos claros.

— Espero que não cheguemos a isso, mas precisamos ser realistas. No mínimo terei que cumprir meu treinamento militar.

Ele pegou um cacho de cabelo dela e o colocou atrás da orelha. Os olhos de Chrissie se encheram de lágrimas, e ela abaixou a cabeça. Billy se levantou em um salto.

— Venha! Vamos brincar um pouco na beirada da água.

— O quê? A água deve estar congelando. — Ela deu uma gargalhada.

Billy já estava tirando os sapatos e as meias e dobrando as barras da calça. Léo se animou e saiu correndo também. Chrissie tirou os sapatos e as meias soquetes e, de mãos dadas, os dois se aproximaram da beira da água.

Billy foi o primeiro a molhar o dedão do pé.

— Cristo! A água está congelando!

Chrissie gargalhou.

— Eu disse para você.

— Tenho certeza que não era tão gelada assim quando éramos crianças.

Chrissie se sentou na beira do córrego.

— Você já veio aqui antes?

Billy estava com água até os tornozelos, e seus pés doíam com o frio. Ficou olhando o horizonte.

— Sim, Clark e eu. Costumávamos vir aqui depois da escola. De vez em quando no lugar da escola... — ele admitiu. — Chamávamos de Córrego Pedregoso. Não tenho certeza se esse é o nome real ou se fomos nós que inventamos. Costumávamos pescar vairões com pedaços de algodão amarrados em uma rolha. Os assanhadinhos engoliam o algodão e nós conseguíamos pescá-los. — Ele sorriu com a lembrança. — Esquilos também — prosseguiu. — A Comissão do Patrimônio Florestal costumava pagar dois *pennies* e meio por cada cauda de esquilo que nós levávamos. Ratos das árvores, nós os chamávamos. Passávamos horas com nossas catapultas caseiras tentando prender um, mas nunca conseguíamos. — Ele se virou para Chrissie com um olhar de tristeza em seu rosto.

— Você sente falta dele, não é? — Chrissie perguntou.

Billy caminhou pela água e se juntou a ela na margem.

— Mais do que você imagina. Passei na casa dele de novo semana passada, mas a mãe dele disse que ele tinha saído. Sei que não era verdade. Eu o vi entrar em casa.

Ele a ajudou a ficar em pé.

— Vamos. Vamos almoçar.

Chrissie pegou um punhado de agrião do riacho e sacudiu o excesso de água. Billy franziu o cenho.

— Para dar vida ao patê de carne — ela explicou.

Enquanto estavam sentados lado a lado à sombra do carvalho, os

sanduíches e o bolo de frutas pesando no estômago, Billy fechou os olhos. Estava feliz de verdade com Chrissie, apesar do pai dela. Era uma garota doce e adorável que seria uma esposa perfeita. Era bonita, inteligente e tinha uma alma tão gentil, que era difícil para ela dizer uma palavra má contra qualquer um. Não era de estranhar que Clark tivesse se ligado tanto a ela, e depois tivesse ficado tão arrasado pelo engano deles.

Ele ergueu o corpo e olhou fixamente para o rosto dela. Ela parecia estar adormecida, e ele ficou admirando seus cílios compridos e espessos, os lábios rosados e cheios e as bochechas coradas pelo sol e salpicadas de sardas. Billy pegou uma folha de grama e passou gentilmente pelo rosto dela. Chrissie estremeceu e passou as mãos no rosto.

— Ah, o que foi isso? Tinha alguma coisa em mim. — Ela se sentou e viu o sorriso maroto dele. — Foi você! — Ela riu e recostou-se na toalha, com a mão atrás da cabeça.

Billy se inclinou e beijou-a gentilmente nos lábios. Ela abriu os olhos, segurou o rosto dele entre as mãos e o puxou para perto. Ele a beijou mais uma vez, agora com mais desejo e intensidade. Chrissie correspondeu, e Billy rolou o corpo por sobre o dela. Tentou abrir as pernas dela com as suas, mas foi interrompido por um som baixo perto de seu ouvido. Ergueu os olhos e deu de cara com Leo rosnando baixinho, ainda que não estivesse mostrando os dentes. Chrissie deu uma risadinha enquanto Billy voltava a se deitar de costas.

— Saia daqui, cachorro — ele falou, acenando para Leo. — Esse bicho sabe como acabar com um momento de paixão.

Fez carinho na cabeça de Leo, e o cachorro abanou o rabo, animado.

— Maldição, ele acha que isso é um convite para se juntar a nós!

Chrissie amava Billy com todo seu coração, disso tinha certeza. A situação com seu pai era penosa, para dizer o mínimo, mas ela esperava que, com o

tempo, ele mudasse de opinião e acabasse o aceitando. Mas o rapaz era seu primeiro namorado, e ela ficava nervosa com o lado físico de seu relacionamento. Mas não tinha com o que se preocupar. Billy era um cavalheiro perfeito e nunca a forçava a ir além do que se sentisse confortável. Naquele dia no rio, no entanto, se não fosse Leo... Chrissie ficava excitada com a ideia, e sentia-se envergonhada. Afinal de contas, não fora criada para se comportar de uma maneira melhor do que aquela? Seu pai ficaria irado se soubesse a extensão do relacionamento físico deles.

Conforme as semanas passavam, os dias ficavam mais compridos e mais quentes, e Billy e Chrissie passavam muitas horas no Córrego Pedregoso.

O murmúrio da água correndo sobre os cascalhos era relaxante, a visão do gado pastando alegremente na relva era agradável e, mais importante, podiam encontrar conforto juntos, longe do olhar desaprovador do pai de Chrissie. Aquele era um lugar especial, um paraíso de tranquilidade nos subúrbios de Manchester, um mundo afastado daquela cidade imensa e em rápida expansão, com suas crescentes chaminés expelindo fumaça e barulhentos veículos movidos a motor.

Naquele dia em particular, o céu tinha um ar ameaçador. Embora estivesse um calor sufocante, o céu era uma miríade de cores, em geral cinza, negro e púrpura, a paisagem do sonho de um artista. A tempestade estava no ar.

Quando Billy e Chrissie se aproximaram de seu lugar favorito sob o carvalho, ambos pararam ao mesmo tempo. A silhueta era inconfundível. Ali, agachado na beira do córrego, de costas para eles, estava Clark.

— O que fazemos? — Chrissie sussurrou.

— Não tenho certeza — Billy respondeu. — Ele ainda não nos viu.

— Vá lá e fale com ele — Chrissie incentivou Billy. — Eu espero aqui.

Billy hesitou só por um segundo antes de aproximar-se em silêncio de Clark. Seu coração batia com tanta força que parecia prestes a sair do peito.

— Tudo bem, amigo?

Clark deu um salto e se virou. Endireitou-se e olhou para Billy, precisando de alguns segundos para reconhecê-lo. O cabelo de Billy estava mais curto, e seu rosto mais bronzeado.

— Jesus, você me assustou — ele disse.

— O que você tem aí?

Clark segurava um jarro com um pedaço de corda desfiada.

— Esgana-gatos!

Por um instante, seus olhos azuis brilharam de animação, mas então se apagaram novamente. Ele passou a mão molhada pelo cabelo, tirando-o do rosto. As sardas estavam mais pronunciadas do que o normal e, por um segundo, Billy o viu novamente com onze anos. Sentiu a garganta apertar, o que transformou sua frase seguinte em um resmungo estrangulado.

— Nós nos divertíamos, não é, Clark?

Clark bufou e deixou o jarro cheio de peixes sobre uma pedra grande. Saiu da água e sentou-se pesadamente na margem. Billy se aproximou e, vacilante, sentou-se ao seu lado.

— Não fique confortável demais — Clark avisou.

— Olhe, Clark. Não podemos ser amigos de novo?

— *Não podemos ser amigos de novo?* — Clark o imitou. — Não estamos mais no parquinho da escola, Billy.

— Por que você veio aqui? — Billy perguntou.

Clark pensou por um momento.

— Para refletir. — Colocou a mão dentro do casaco e tirou um envelope pardo. — Olhe — falou, empurrando-o nas mãos de Billy.

Billy abriu o envelope e examinou o conteúdo.

— Você foi convocado?

— Treinamento militar — Clark explicou.

Billy sabia que era apenas questão de tempo. Desde que o Parlamento aprovara o Ato, em abril, os homens entre vinte e vinte e um anos eram obrigados a cumprir seis meses de treinamento militar.

Ele não sabia o que dizer.

— Clark, olhe... — Devolveu o envelope.

— Como está Chrissie? — Clark perguntou, olhando Billy diretamente nos olhos.

Billy foi pego de surpresa com a menção súbita do nome dela e pegou uma folha de relva.

— Ela está bem, obrigado. Na verdade, ela está comigo agora. Bem ali.

Clark olhou na direção do dedo de Billy e Chrissie saiu timidamente de trás de uma árvore. Billy fez um sinal com a cabeça para que ela se juntasse a eles. Era a primeira vez que ela via Clark desde a noite no salão de baile.

— Clark — ela disse. — Que bom vê-lo novamente.

Clark se levantou e assentiu. Ficou quieto, incomodado.

— É melhor eu ir. Parece que vai chover.

Bem neste momento, uma imensa gota de chuva caiu sobre o envelope, formando uma mancha marrom escura. Clark colocou o casaco e puxou o colarinho para cima.

— Vejo vocês por aí. — Começou a subir a margem do córrego, apressando o passo a cada nova gota de chuva que caía.

Chrissie olhou para Billy; ele estava com uma expressão desesperada. Billy chamou o amigo.

— Clark, espere!

Clark parou, deu meia volta e esperou. Billy se aproximou correndo dele. Parou a um metro de distância de Clark, e os dois se encararam. Billy foi o primeiro a falar:

— Boa sorte, amigo.

Estendeu a mão, e Clark a olhou por um momento. Então, bem lentamente, tirou a mão do bolso e apertou a de Billy. Apertou-a com firmeza, olhando Billy diretamente nos olhos, e deu um sorriso leve. Nenhuma outra palavra foi trocada, mas os dois sabiam que a desavença estava enterrada.

Clark se virou e não olhou mais para trás enquanto seguia para casa sob a chuva. Billy voltou correndo para Chrissie, que se abrigava sob a árvore.

— Está tudo bem? — ela perguntou, ansiosa.

Billy olhou o jarro de Clark. Os dois peixes nadavam em círculos, batendo no vidro em uma tentativa desesperada de conseguir a liberdade. Ele pegou o jarro e virou-o no córrego. Em um piscar de olhos, os peixes saíram se contorcendo para lados opostos. Billy olhou para Chrissie e sorriu.

— Está tudo bem agora.

Apesar do abrigo sob o carvalho, as gotas de chuva escorriam pelas folhas e caíam na toalha sob a qual Billy e Chrissie se sentaram. Os relâmpagos iluminavam o céu, e os trovões retumbavam como o estômago de um elefante faminto.

— Não tenho certeza se esse é o lugar mais seguro para nos abrigarmos — Chrissie comentou.

Billy olhou ao redor.

— Não é a árvore mais alta, então acho que ficaremos bem.

Ele olhou o rosto ansioso de Chrissie. O cabelo dela estava ensopado, os cachos pendendo em seu rosto. Ele a ajudou a ficar em pé.

— Venha. Está mais seco perto do tronco.

Recostaram-se no tronco da árvore imensa, esperando que a tempestade passasse. As vacas no campo estavam agora todas amontoadas perto da cerca, e o córrego estava muito mais caudaloso e rápido, tentado assimilar aquela afluência súbita de água.

— Nossos sapatos! — Chrissie exclamou, quando uma ondulação da água no lugar em que tinham sido deixados os submergiu. — Vamos ter que voltar para casa descalços!

Billy saiu correndo, pegou os sapatos e esvaziou a água deles. Ficou em céu aberto durante alguns segundos e ergueu o rosto. A água corria pelo seu pescoço e, involuntariamente, ele estremeceu. Lembrou-se de um incidente em sua infância, quando Clark e ele foram pegos em uma tempestade nesse mesmo lugar. A margem ficou escorregadia, e Billy caiu e rasgou o short em uma pedra. Ele sabia que estaria bem encrencado com sua mãe e estava com medo de voltar para casa. Quando Clark sugeriu que trocassem os shorts, Billy nunca se sentiu mais grato. Mais uma vez seu amigo o tirava de uma encrenca. Meses mais tarde, Billy ficou sabendo da reprimenda que Clark levava de sua mãe, quando ela viu o estado do short do menino.

— Billy, volte aqui — Chrissie o chamou. — Você está ensopado.

A voz dela o trouxe de volta ao presente, e ele se juntou a ela sob a árvore.

— Desculpe. Estava longe daqui.

— Você não parece bem — Chrissie falou. — Qual é o problema?

— Eu estava pensando em Clark. Não consigo acreditar que ele vai embora. Ainda o vejo como um garoto de vez em quando, e agora ele vai partir para combater. Não sei como ele vai se sair.

— Billy, ele não vai lutar. Só foi convocado para o treinamento militar.

Não estamos em guerra, lembre-se.

— Eu sei, você está certa, mas ele ficará fora seis meses e, até lá, podemos estar.

Chrissie cobriu a boca dele com sua mão.

— Não diga isso. Não vai haver guerra. Eu não quero perder você agora.

Billy encarou os olhos azuis de Chrissie, cheios de lágrimas. Segurou-a entre os braços e a estreitou com força.

— Sua camisa está ensopada — Chrissie falou. — Espere, deixe-me tirá-la.

Sem tirar os olhos do rosto dele, ela desabotoou a camisa de Billy bem devagar e a deixou cair no chão. Ele estava com a respiração mais pesada agora, e beijou-a com intensidade. Ela abriu a boca quando a língua dele entrou entre seus lábios, e Billy pressionou o corpo dela contra o tronco da árvore. A aspereza da casca fez com que ela arquejasse alto. Billy fechou os olhos e pensou em Clark. Era Clark quem devia estar aqui, agora, com Chrissie apoiada no tronco da árvore. Tudo o que Billy fizera na vida foi se aproveitar do amigo. Na escola, ele passava toda sua lição de casa para que Clark a fizesse, e ele fazia tudo, grato pelo fato de Billy se dignar a ser seu amigo quando ninguém mais se importava. Naquele instante, Billy odiou a si mesmo, e sua mente se nublou. Pressionou o corpo com mais força contra Chrissie, e ela soltou um gritinho abafado. Ele levantou os braços dela sobre a cabeça e segurou-os pelos punhos contra a árvore. Com a outra mão, ergueu a saia dela. Chrissie segurou a respiração, mas não se afastou, então ele soltou os braços dela e desabotoou sua calça. Enterrou o rosto no pescoço dela, sua respiração saindo em explosões curtas e ardentes.

Não foi assim que Chrissie planejara perder a virgindade, mas pelo menos estava grata pelo fato de não ser possível engravidar em pé.

Setembro de 1939

Chrissie estava acordada a umas duas horas, incapaz de dormir. Estava sentada na mesa da cozinha, onde serviu-se da terceira xícara de chá. Molhou outro biscoito de gengibre e o chupou abatida. Isso deveria curar a sensação de náusea, mas devia ser história de gente antiga, já que ainda se sentia acabada. Ouviu a portinha da caixa de correio se abrir e fechar quando o entregador de jornais jogou o *Daily Telegraph*, trazendo mais notícias indesejadas em sua vida. Relutante, ela se levantou e pegou o jornal. A manchete exclamava: ÚLTIMO AVISO DA GRÃ-BRETANHA. No dia anterior, Adolf Hitler invadira a Polônia, e a guerra agora parecia inevitável. Abrigos antiaéreos estavam sendo construídos e milhares de crianças foram evacuadas.

Chrissie apertou a barriga com as duas mãos e suspirou. Abrigava um segredo que traria mais transtornos e irritação àquela casa do que qualquer declaração de guerra. Surpreendeu-se com o toque insistente da campainha da porta e olhou para o relógio na parede. Quem diabos estaria ali às seis e meia da manhã? Quem quer que fosse, agora também batia na porta.

— Tudo bem, estou indo — Chrissie falou irritada.

Abriu a porta para o sr. Cutler, um vizinho e um dos pacientes deles.

— Onde está a sua mãe? — Ele quis saber. — Maud está em trabalho de parto, gritando como uma louca. — Ele forçou a entrada no saguão. — Onde ela está? — chamou pela escada. — Sra. Skinner?

— Ela está dormindo, ou pelo menos estava, até você começar a martelar a porta.

Mabel Skinner apareceu no andar de cima, tentando amarrar o cinto do roupão apressadamente.

— Sr. Cutler! — ela exclamou. — O que foi?

— Maud vai ter o bebê. Por favor, venha rápido.

Chrissie e sua mãe trocaram olhares preocupados. O bebê de Maud Cutler não era previsto para antes de quatro semanas.

— Chrissie! — Mabel exclamou. — Vá se vestir e apronte minha maleta. Tenho que levar Maud para o hospital.

O sr. Cutler pareceu alarmado.

— Você não pode fazer o parto em casa, sra. Skinner? Você sabe que ela quer dar à luz na nossa cama.

— Não, sr. Cutler, não posso — Mabel explicou. — O bebê não deveria nascer antes de um mês. Pode haver complicações. Tendo em conta a idade de Maud, acho melhor ir a um hospital. Agora, vá para casa e me espere lá.

Chrissie ficou parada no lugar.

Em poucos meses, era ela quem estaria nessa posição, gritando de dor,

as pernas arqueadas sobre estribos, sofrendo com os olhares de desaprovação das parteiras, com a ira do pai e o desapontamento de sua mãe. Começou a ter dificuldades para respirar e tentou dizer a si mesma que tudo ficaria bem. Billy estaria com ela, e enquanto ela o tivesse, eles poderiam enfrentar qualquer coisa.

Ela segurou o batente da porta para se recompor. A voz da mãe a fez dar um salto.

— Chrissie! Mexa-se!

O dia seguinte, domingo, 3 de setembro, foi gloriosamente ensolarado. Parecia impensável que a guerra pudesse ser declarada em um dia tão lindo. Os Skinner estavam sentados ao redor da mesa da cozinha com o rádio no centro, cada um segurando uma caneca de chá, perdidos em seus próprios pensamentos. Chrissie pensava no bebê que crescia dentro de si, porque já não conseguia pensar em mais nada. Mabel pensava no bebê Cutler, nascido no dia anterior, tão prematuro, tão pequeno, e desejava que ele sobrevivesse. O dr. Skinner já pensava em como comemorar o fato de que Billy Stirling logo estaria fora da vida de sua filha de uma vez por todas. A convocação dele certamente chegaria nas próximas semanas.

O silêncio foi interrompido por uma batida na porta dos fundos. O dr. Skinner se levantou e abriu-a com cautela. Era a última pessoa que queria ver agora.

— O que você quer? — exigiu saber.

— Quero ouvir o rádio com Chrissie. Ela está?

Chrissie ouviu a voz de Billy e se levantou de um salto.

— Entre, Billy, sente-se conosco.

Ele a beijou no rosto e sentou-se. Segurou a mão de Chrissie e encarou o dr. Skinner nos olhos. O médico afastou o olhar e começou a mexer em um dos botões do rádio.

Às onze e quinze da manhã, o Primeiro Ministro, Neville Chamberlain, dirigiu-se à nação, lutando para conter a angústia em sua voz:

“Nesta manhã, o embaixador britânico em Berlim entregou ao governo alemão uma comunicação formal declarando que, a menos que nos informassem nesta manhã, até 11h, que estavam preparados para retirarem imediatamente suas tropas da Polônia, um estado de guerra existiria entre nós. Tenho agora que dizer que não recebemos garantia alguma e, por conseguinte, nosso país está em guerra com a Alemanha”.

Chrissie estivera segurando a respiração, mas deixou escapar um soluço alto. Billy envolveu-a com os braços e ela se virou para abraçá-lo. O dr. Skinner acendeu calmamente um cigarro e soprou a fumaça.

— Bem, então é isso — ele declarou. — É melhor empacotar suas coisas, Billy.

— Samuel! — Mabel gritou. — Pare com isso. Não vê que Chrissie está chateada?

Billy se levantou.

— Está tudo bem, sra. Skinner. Venha, Chrissie. Vamos dar uma volta.

Enquanto seguiam pelo caminho até o portão, Chrissie ergueu os olhos para o céu.

— Acha que estaremos em segurança?

Billy deu uma risada.

— Não acho que a Luftwaffe chegará aqui tão rápido.

As ruas estavam quase vazias, exceto por algumas mães que seguravam com força os bebês no colo. Estavam indo para a igreja, para que os filhos fossem batizados imediatamente. O pânico no ar era tangível, e Chrissie agarrou o braço de Billy.

— Sinto muito pelo meu pai.

— Você se desculpa por ele desde o dia em que nos conhecemos. Ele

nunca vai nos aceitar como casal, então é melhor nos acostumarmos com isso. De qualquer modo, ele está certo. Eu terei que partir.

Chrissie parou de andar e cobriu o rosto com as mãos.

Billy colocou os braços ao redor dos ombros dela e a puxou para perto.

— Não sei o que dizer, Chrissie. É terrível, eu sei, mas não há nada que eu possa fazer.

Eles chegaram ao parque, e Chrissie se largou em um banco.

— É pior do que você pensa — ela disse. Suas mãos tremiam em seu colo. — Posso fumar um cigarro, por favor?

Os olhos de Billy se arregalaram, surpresos, enquanto ele lhe passava o maço de Woodbine. Ela pegou um cigarro, mas não conseguia segurá-lo com as mãos trêmulas.

— Pode acender para mim?

— É claro. — Ele acendeu o cigarro com destreza e deu um longo trago antes de entregá-lo para Chrissie.

Ela o colocou entre os lábios e sugou.

— Você não está fazendo direito. Aspire com os pulmões.

Chrissie inspirou fundo e sentiu a fumaça encher seu peito. Engasgou no mesmo instante, e tossiu violentamente enquanto a fumaça voltava pelo nariz, fazendo seus olhos lacrimejarem.

— Obrigada — conseguiu dizer, devolvendo o cigarro para Billy. — Sinto-me melhor agora.

Billy deu uma gargalhada e beijou-a na testa com suavidade.

— Vamos passar por isso, você vai ver.

Chrissie ficou em silêncio, olhando as crianças que corriam pelo parque. Perguntava-se se elas compreendiam o que ocorrera naquela manhã. Provavelmente a guerra seria como a aventura mais excitante do mundo para elas. Logo seriam evacuadas, no entanto, separadas de suas famílias

por meses, até anos. Estremeceu só de pensar.

Billy se recostou no banco, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, o rosto levantado para o sol, os olhos fechados. Ela apoiou a cabeça no peito dele. Podia ouvir seu coração batendo gentilmente, e desfrutou o calor que vinha dele, o cheiro da camisa recém-lavada e a sensação dos músculos firmes de seu estômago. Ela não sabia se suportaria ficar longe dele.

— Billy? — sussurrou depois de um tempo.

— O que foi? — ele respondeu, sem abrir os olhos.

— Estou grávida.

Ele ficou paralisado por um segundo, e Chrissie sentiu a mudança em seu batimento cardíaco. Ele a afastou de leve, para poder olhar seu rosto.

— O quê? Como? Quero dizer, não pode ser. Não é possível.

Ela viu o sangue abandonar lentamente o rosto dele, enquanto Billy esperava uma explicação.

— Bem, obviamente é possível — ela respondeu, um tanto indignada.
— Porque estou.

— Mas a única vez que fizemos amor foi sob o carvalho, durante a tempestade. — Ele se levantou e colocou as mãos nos quadris. — Como você deixou isso acontecer?

Chrissie se encolheu como se tivesse sido esbofeteada.

— Eu? Acho que você vai descobrir que são necessárias duas pessoas para fazer um bebê.

— Um bebê? — Billy repetiu. — Não consigo acreditar nisso. Há quanto tempo você sabe?

— Estou com dois meses.

— E não falou nada até agora? Tem certeza?

— Sou filha de um médico e de uma parteira. É claro que tenho certeza.

— Isso é um desastre — Billy proclamou. — Como você pôde ser tão,

tão...

— Tão o quê, Billy?

Ele caiu sentado no banco, a cabeça entre as mãos.

— Já contou para seus pais?

Chrissie bufou.

— O que você acha?

— Pode me dar um minuto? Não posso... olhe, preciso ficar sozinho para assimilar isso. Sinto muito. Isso foi um choque.

Ele se levantou do banco e saiu andando sem olhar para trás. Chrissie o observou enquanto ele saiu correndo e desapareceu dobrando uma esquina. Ela nunca se sentira tão abandonada e sozinha em toda sua vida. O medo tomou conta dela, até que, abruptamente, se transformou em raiva. Como Billy podia fazer *aquilo* com ela? Olhou ao redor, esperando que alguém viesse ajudá-la, mas estavam todos ocupados com suas próprias vidas. Era como se fosse invisível. Apertou a barriga e caiu de joelhos. Seu corpo todo estremeceu enquanto chorava, descontroladamente.

Alice Stirling ergueu os olhos de sua costura quando o filho irrompeu porta adentro. Seus dedos estavam machucados de tanto empurrar a agulha pelo tecido grosso para blecaute, mas estava quase terminando as cortinas para sua casa. Billy tinha um aspecto horrível, o cabelo emaranhado e a testa encharcada de suor.

— Billy! — Alice exclamou. — Ah, venha aqui, sente-se. São notícias terríveis, não é mesmo? — Ela levou o filho até seu lugar na mesa da cozinha e massageou seus ombros largos. — Foi um choque terrível. Sei que algumas pessoas já esperavam por isso, mas mesmo assim...

Billy se virou para olhar a mãe, perplexo.

— Como você sabe?

— O que quer dizer? Como eu sei? Ouvi no rádio. Fui até o vizinho e

Reg me deixou ouvir com ele.

— Ah, a guerra, sim, é horrível. Mas, como você disse, estávamos esperando. Era só questão de tempo. — Ele olhou ao redor da cozinha. — Onde está o papai?

Alice bufou.

— Não sei. Saiu cedo hoje.

Billy abraçou a mãe com força. Ela merecia muito mais.

Havia carne assada no forno e, apesar de sua perturbação, Billy sentiu-se reconfortado pelos deliciosos aromas. Era só um corte de carne barato, mas assim que Alice Stirling terminasse de prepará-lo, teria o sabor e a textura do melhor contrafilé. Ao imaginar a gordura deliciosa fervendo no forno, sua boca se encheu de água. Sua mãe era uma cozinheira maravilhosa. Suas batatas assadas eram lendárias, as melhores do mundo, doces e macias no meio, crocantes e douradas por fora. Ela também fizera torta de maçã, sua favorita, que estava de lado, apenas esperando para ser assada.

— Você fez creme também? — Billy perguntou.

— Quando eu já servi torta de maçã sem creme?

Então, Billy encarou sua mãe e seus olhos se encheram de lágrimas. O que teria sido dele se ela não tivesse ido naquele orfanato, há tantos anos, tirando-o daquele cadeirão e criando um laço instantâneo entre eles? Ele sabia que a guerra os separaria, e seu coração doía ao pensar no sofrimento que sua mãe teria que enfrentar. Agora, ela estava na pia, esfregando vigorosamente as batatas.

— Amo você, mamãe.

Alice parou de esfregar e segurou a beira da pia, tentando se recompor. Secou as mãos no avental e voltou-se para o filho.

— Amo você também, Billy. Nunca se esqueça disso. — Então

atravessou a cozinha e o beijou na testa. Ela não mencionou a lágrima que escapou dos olhos dele e correu por seu rosto.

— Agora, será que você pode colocar a mesa?

— É claro que sim. Para quantas pessoas?

Alice suspirou e voltou a cuidar das batatas.

— Para três. Um dia desses, seu pai pode se lembrar onde vive e nos dar a graça de sua presença no almoço. É melhor ficarmos preparados. Ah, e coloque as taças de vinho também.

— Vinho?

— Sim — Alice continuou. — E alguns guardanapos também. Tivemos notícias ruins hoje, e um almoço de domingo apropriado vai nos animar. Há uma garrafa de vinho tinto no fundo daquele armário. Não consigo me lembrar de onde ele veio, mas tenho certeza que estará bom.

— Deve estar bem escondido, se o papai não o encontrou!

— Ora, ora, Billy. Mostre um pouco de respeito pelo seu pai.

— Claro. Desculpe, mãe.

Como ela podia ser tão leal ao inútil do seu pai era algo que ele não entendia.

Depois que terminaram de comer, Billy afastou o prato e recostou-se na cadeira.

— Mãe, tenho uma notícia para contar.

Alice se levantou para tirar a mesa.

— Tem? Que notícia?

Ele segurou a mão dela, áspera e cheia de calos dos anos de trabalho doméstico. Ele se surpreendeu por não ter notado antes.

— Sente-se, por favor. Deixe as travessas por enquanto.

Alice puxou uma cadeira e um olhar preocupado nublou seu semblante.

— O que foi, meu amor?

— Chrissie está grávida.

Ela levou as mãos à boca.

— Ah, Deus, Billy, como pode ser tão burro?

Billy se levantou e caminhou pelo aposento.

— A senhora está certa. Sou um idiota. O que vou fazer?

Alice se levantou e o abraçou com força.

— Está tudo bem. Vamos pensar em algo. — Olhou ansiosa para a porta.

— Mas é melhor não contar para seu pai por enquanto.

Billy assentiu, concordando.

— Pobre Chrissie. Foi um choque tão grande quando ela me contou... Sai correndo e a deixei sozinha. Ela deve estar descontrolada. Não acredito que me comportei de um modo tão egoísta.

A mãe dele estava horrorizada.

— Billy! Você precisa conversar com ela. Ela deve estar muito perturbada. Ah, Deus, que confusão, que dia!

— A senhora está certa. Preciso vê-la novamente. Meu comportamento foi terrível. — Ele pegou o casaco do encosto da cadeira e beijou a mãe no rosto. — Vejo a senhora mais tarde.

Billy percorreu os dois quilômetros até a casa de Chrissie correndo, o almoço dominical pesando no estômago. Quando chegou, estava sem fôlego e a camisa molhada de suor grudava em sua pele. Encaminhou-se para o fundo da clínica, mas mudou de ideia e, em vez disso, usou a porta da frente. Levou o dedo à campainha e o segurou lá. De repente, sentia uma hostilidade incrível pelo o dr. Skinner, e não se importava em irritá-lo. Podia ouvir Leo latindo animado, e rezou em silêncio para que Chrissie atendesse a porta. Em vez disso, foi o tom de voz grave do pai dela que ele ouviu se aproximar. O dr. Skinner abriu a porta e olhou de sua posição mais elevada, dada pelo degrau da entrada.

— Dr. Skinner, Chrissie está, por favor?

— Não.

Aquilo pegou Billy de surpresa.

— Ah. Bem, você sabe onde ela está?

— Não.

— Sabe quanto tempo ela demora, então?

— Não.

Billy odiava aquele homem.

— Pode lhe dar um recado? Não, na verdade, pensando bem, não se incomode. Eu vou esperar.

Sem outra palavra, o dr. Skinner fechou a porta e passou a corrente da trava.

Chrissie se sentou no alto da escada e sorriu para si mesma. Tinha certeza que ele viria, mas ele se comportara de maneira monstruosa, e ela precisava de algum tempo para colocar as emoções em ordem.

Achava que não faria nenhum mal para ele refletir sobre seu comportamento abominável. Ela o deixaria esperar por meia hora e então iria falar com ele.

Billy sentou-se no chão, fumando um cigarro atrás do outro enquanto contemplava seu futuro. Por onde quer que olhasse, não era muito promissor.

Sua namorada estava grávida fora do casamento, o pai dela o odiava com todas as forças, e a guerra acabara de ser declarada, e ele teria que lutar, quisesse ou não. Sobressaltou-se ao ouvir passos perto dele. Samuel Skinner se agachou ao seu lado e falou ameaçadoramente em seu ouvido.

— Ela está em casa, mas não quer ver você.

Billy se virou.

— O quê? Não acredito em você.

— Como queira, mas estou dizendo, você está perdendo seu tempo. É óbvio que vocês dois tiveram algum tipo de briga. Ela não vai me contar o que foi, mas sugiro que vá para casa e a esqueça.

Billy se levantou e encarou seu pior inimigo.

— Você gostaria disso, não é? Mas, infelizmente, você não conhece todos os fatos. — Pegou seu casaco. — Diga a Chrissie que voltarei amanhã.

O dr. Skinner deu meia volta e entrou em casa. Chamou das escadas.

— Chrissie, ele foi embora. Disse que estava cansado de esperar. Não acha que vale a pena se incomodar tanto por você e, de qualquer forma, logo vai embora. Ele disse para não esperar por ele e seguir com sua vida. Sabe, não tenho certeza se veremos esse jovem novamente.

Chrissie ficou em choque, imóvel no alto da escada, segurando-se no balaústre. Não podia acreditar. Ela só queria deixá-lo esperando um pouquinho, e agora ele a deixara. Isso não podia estar acontecendo. Ela correu para o banheiro e vomitou no vaso sanitário, mas, desta vez, a náusea não tinha nenhuma relação com o bebê que crescia dentro dela.

09

Quando Billy voltou para casa, sua mãe já recolhera todas as travessas e estava sentada ao lado da lareira, tricotando. Seu pai também retornara e estava dormindo na poltrona diante dela. Alice Stirling colocou o dedo sobre os lábios quando Billy entrou na cozinha.

— Falou com ela? — a mãe sussurrou.

Billy fez sinal para que a mãe o seguisse até a sala de estar.

— Não acenda a luz. Ainda não coloquei as cortinas de blecaute. Sei que ainda não está totalmente escuro, mas não quero correr riscos.

Ficaram em pé, um diante do outro, no escuro, enquanto Billy contava seu encontro com o dr. Skinner.

— Aquele homem é tão perverso. Não entendo como escolheu uma profissão tão humanitária. Acha que é verdade o que ele disse sobre Chrissie não querer ver você?

— Não tenho certeza, mamãe. Pode ser. Eu também fui bem perverso.

— Ela vai mudar de ideia, tem que mudar. Está carregando seu bebê. Só lhe dê um pouco mais de tempo. Os hormônios dela estão descontrolados, não esqueça. Ela sabe que você foi vê-la e ficará grata por isso. Ela conversará com você quando estiver pronta. Enquanto isso, por que não lhe escreve uma carta?

— Uma carta? Ah, não sei.

— Pense nisso, Billy. É muito mais fácil dizer o que quer dizer quando está escrevendo. Pode se desculpar com ela e lhe mostrar seus sentimentos sem se preocupar em falar a coisa errada. Você pode colocá-la no correio. Seria um belo toque, mostra que você se esforçou. Hmmm? O que acha?

— Ok. Farei isso amanhã. Estou cansado demais para pensar nisso agora. Foi um dia horrível.

— Um dia do qual lembraremos pelo resto de nossas vidas, espero. Agora, vamos, por que não me ajuda a colocar o restante dessas cortinas?

— Claro. Preciso fazer alguma coisa.

Quando terminaram de colocar as cortinas, a escuridão caíra lá fora e as ruas estavam estranhamente quietas.

Billy afastou um pouco a cortina e esquadrinhou as sombras. Já era proibido acender qualquer luz.

— Não dá para ver nada lá fora.

Sua mãe se aproximou por trás e espiou para fora.

— Eu sei. Todas as luzes das ruas foram apagadas. Aparentemente, se alguém precisar sair depois que escurecer, tem que usar uma lanterna coberta com papel pardo. Os motoristas não podem acender os faróis.

— E tudo isso pela nossa segurança? — Billy balançou a cabeça.

— Você tem que confiar nos nossos dirigentes, Billy. Eles sabem o que estão fazendo.

— Vamos esperar que sim. — Ele se afastou e beijou sua mãe no rosto.
— Acho que vou me deitar, mãe, se a senhora não se importa.

— É claro. Boa noite, filho. Durma bem. Tudo parecerá diferente pela manhã.

Chrissie sentou-se no chão do banheiro, encarando o vaso sanitário, os braços enrolados no assento. Não podia imaginar nada menos digno. Seu namorado não queria mais nada com ela, e agora ela teria que enfrentar a vergonha e a humilhação por conta própria. Só de pensar em contar aos pais fez com que vomitasse de novo. O fundo de seu nariz e da garganta estavam irritados pela bile, e os músculos da barriga doíam. Podia ouvir os pais lá embaixo, na cozinha, falando em voz baixa. Era impossível saber o que diziam, mas Chrissie podia imaginar. O dr. Skinner estaria radiante pelo fato de Billy tê-la deixado e por ter estado certo sobre ele. Ficou paralisada quando ouviu passos na escada. Aguçou o ouvido e ficou aliviada por soarem suaves e cuidadosos, mais como os passos da mãe do que do pai. Ouviram-se batidas hesitantes na porta do banheiro.

— Chrissie? — Mabel sussurrou. — Quanto tempo mais vai ficar aí? Já está trancada há horas.

Esperou uma resposta e, quando nenhuma veio, tentou novamente.

— Chrissie, meu amor, não pode ficar aí a noite toda. Deixe-me entrar e vamos conversar.

Chrissie continuou em silêncio.

— Tudo bem, então — Mabel insistiu. — Vou ficar sentada aqui até que esteja pronta para sair. Seu pai não está feliz, diga-se de passagem. Ele teve que usar o banheiro do quintal.

Aquele comentário trouxe um sorrisinho aos lábios de Chrissie. Seu pai odiava ter que ir lá fora usar o banheiro. Ela tentou se levantar, mas descobriu que as pernas estavam travadas naquela posição, e estava tão

rígida que mal podia se mexer. Lentamente, levantou-se com esforço e, trêmula, ficou em pé como um potro recém-nascido em seus primeiros passos. Seus dedos tremiam enquanto destrancava a porta do banheiro, deslizando a corrente devagar. Abriu a porta e deu de cara com a expressão sobressaltada da mãe.

— Meu Deus! O que aconteceu com você? Está com uma aparência horrível.

A boca de Chrissie estava seca demais para falar, então ela simplesmente passou pela mãe e se jogou na cama. Mabel a seguiu até o quarto, onde Chrissie estava deitada de bruços, a cabeça enterrada nos travesseiros. A mãe se sentou na beira da cama e esfregou as costas de Chrissie.

— Vamos lá — ela a encorajou. — Não é tão ruim. Não é como se Billy fosse o único. Quero dizer, ele é um belo rapaz, mas sempre soubemos que você merecia algo muito melhor.

Chrissie se sentou e encarou a mãe. Seu rosto estava brilhante de suor e lágrimas, e seus olhos estavam inchados e avermelhados.

— Eu o amo, mãe — ela falou, simplesmente.

Mabel hesitou.

— Sei que acha que sim, mas você realmente sabe o que é o amor? Ele foi seu primeiro namorado, no final das contas.

— Pare de falar nele no passado — Chrissie a interrompeu. — Ele não está morto.

Ela sentiu que a bile estava subindo e engoliu em seco. Começou a tremer e deitou-se na cama novamente. Mabel ficou olhando a filha com intensidade, e então a cor desapareceu de seu rosto e ela também começou a tremer. Apesar da consternação, suas palavras foram perfeitamente enunciadas.

— Sua vadia!

— Não dá para enganar você, não é, mamãe?

— É tudo o que pode dizer? De quanto tempo está? Presumo que Billy seja o pai. Meu Deus, foi por isso que ele deixou você?

Chrissie sentou-se novamente. A reação da mãe a fez assumir um tom desafiador.

— Qual pergunta quer que eu responda primeiro?

Mabel se levantou e começou a andar pelo quarto.

— Não posso acreditar nisso, sua garotinha estúpida. Seu pai estava certo o tempo todo sobre ele. — A voz dela se erguia a cada palavra. — Ah, Deus, seu pai. — Ela correu fechar a porta do quarto e se apoiou nela, inspirando imensas quantidades de ar. Chrissie achou que ela fosse simplesmente desmaiar, mas tudo o que a mãe disse foi:

— Preciso pensar.

No dia seguinte, enquanto o povo da Grã-Bretanha tentava se acostumar com o fato de que agora estavam em guerra, Billy se sentou e começou a carta para Chrissie.

— Que dia é hoje, mãe? — perguntou.

— Dia quatro — a mãe respondeu da cozinha.

Ele escreveu cuidadosamente o endereço no alto da página e acrescentou a data embaixo. Agora vinha a parte difícil. Em circunstâncias distintas, teria pedido a ajuda de Clark para esse tipo de tarefa; na verdade, seu amigo acabaria escrevendo a carta para ele, sem dúvida. Billy deixou os pensamentos sobre Clark de lado e tentou se concentrar. Sem ideia de como terminaria, começou com “Minha querida Christina”. Sentia que usar o nome completo dela daria mais sinceridade à carta. Depois daquilo, as palavras fluíram surpreendentemente bem, e ele ficou feliz com o resultado. Escreveu o endereço de Chrissie com cuidado no envelope e

colocou um selo. Depois, guardando a carta no bolso do paletó, gritou para a mãe.

— Vou colocar isso no correio.

Pensou em deixar embaixo da porta dela, mas ainda não estava pronto para outro encontro com o dr. Skinner. Não, ele levaria até a caixa de correio e, mais tarde, se aproximaria para ver Chrissie, depois que ela tivesse tempo para digerir as palavras dele. Sentia-se radiante enquanto descia a rua e, de repente, tinha a sensação que Chrissie e ele ficariam bem, no final das contas. Sentiu-se mais animado enquanto batia de leve com a mão no envelope que estava no bolso. Sim, fora um completo idiota, mas esta carta faria tudo ficar bem novamente.

10

1973

Tina leu a carta de Billy três vezes antes de dobrá-la e deixá-la na mesinha de centro. Pegou sua caneca de chocolate quente e tomou um gole. Estava gelada. O dia cheio de emoções a deixara exausta, mas os lençóis cinzentos da cama de solteiro, úmidos e pegajosos, não eram muito convidativos. A carta de Billy tirara seus pensamentos de Rick por um tempo, mas agora ela sentia-se enjoada quando pensava na enormidade do que fizera. Estava completamente por conta própria, mas, em vez de se sentir livre, sentia-se isolada. Bem no fundo, sabia que deixar o marido abusivo era a coisa certa a se fazer, mas tinha medo do que a aguardava dali para frente.

Recostou-se no sofá pequeno e usado, e fechou os olhos enquanto

tentava tirar Rick de sua mente. Imaginou Billy escrevendo a carta para Chrissie, trinta e quatro anos atrás. A guerra fora declarada no dia anterior, então devia haver uma certa incerteza no ar, mas por que ele não a colocou no correio? Talvez tenha mudado de ideia e foi falar com ela pessoalmente. Talvez tenha sido morto no caminho até o correio. Tina estremeceu e repreendeu a si mesma por ser tão dramática.

Era quase meia-noite quando ela se arrastou até a cama, e começou a se revirar no colchão desconhecido e cheio de protuberâncias, em uma tentativa para se acomodar. Neste momento, teria dado qualquer coisa para estar encolhida em sua cama, mesmo com Rick roncando ao seu lado, pois havia algo de confortável na presença dele enquanto dormiam. Sentia-se desesperadamente sozinha e com medo.

Ela não estava acostumada a dormir sozinha, e qualquer som, por menor que fosse, parecia ser imenso. Ela podia ouvir passos no corredor do prédio, que pareciam parar bem do lado de fora de sua porta. A geladeira no canto emitia um zumbido alto e a torneira da pia pingava ritmicamente. Ficou deitada ali, de olhos arregalados, quase sem ousar respirar, enquanto se obrigava a ficar calma. Pensou na canção que sua mãe cantava para ela todas as noites quando a colocava na cama.

Durma, criança, durma tranquila

A noite toda

Os anjos da guarda mandados por Deus

Te protegerão a noite toda

A antiga canção de ninar sempre fora um conforto, convencendo-a que não havia monstros no armário, mas não estava funcionando agora. Ela tinha vergonha em admitir, até para si mesma, que se Rick batesse na

porta, ela o seguiria no mesmo instante, de volta à familiaridade de sua cama. *Como um cordeiro para o matadouro.*

Na manhã seguinte, o ânimo de Tina melhorou um pouco. Era engraçado como tudo parecia muito melhor na luz do dia. Ela lavou-se, vestiu-se, e pegou o ônibus para o trabalho. Como sempre, foi a primeira a chegar no escritório, então, colocou água para ferver e arrumou as canecas.

— Bom dia, Tina — Linda, uma de suas colegas de trabalho, a cumprimentou. — Você teve um bom final de semana?

Tina ficou olhando enquanto a amiga pendurava o casaco.

— Já tive melhores.

Linda se aproximou e observou o rosto da amiga.

— Rick?

Tina se afastou e se ocupou com o chá.

— Eu o deixei.

Linda colocou as mãos nos ombros de Tina e os apertou.

— Bem, já não era sem tempo. Para onde você foi?

Tina lhe contou os acontecimentos do dia anterior, e como acabara naquela quitinete velha.

— Devia ter ido para minha casa! — Linda exclamou. — O que eu disse para você? Sempre haverá uma cama para você em casa.

Tina a abraçou.

— Eu sei, e sou grata, mas é algo que tenho que fazer sozinha.

Linda balançou a cabeça.

— Você é tão orgulhosa e tão teimosa. Já teve notícias dele?

Tina olhou nervosa para a porta, como se esperasse que Rick irrompesse por ela. Deu um salto quando a porta se abriu, mas era apenas Anne chegando para o trabalho.

— Olhem isso — ela disse, arrastando um saco de roupas. — Achei nos

degraus lá fora.

Tina e Linda se aproximaram para dar uma olhada.

— Tem um bilhete — Linda comentou. Arrancou o pedaço de papel e entregou para Tina. — É para você.

Você levou meu coração e todo o meu dinheiro. Bem que poderia ter tirado essa roupa das minhas costas também.

— De quem é? — Anne perguntou.

Tina correu para a porta e olhou para os dois lados da rua. Ali, caminhando lentamente, vestido apenas com uma velha cueca cinza, estava Rick. Ela podia ouvi-lo assobiando enquanto arrancava folhas de um canteiro um pouco mais adiante.

Ela balançou a cabeça. *Meu Deus, era só o que faltava.*

Uma semana se passou, e depois outra, e Tina não teve mais contato com Rick. Apesar de tudo, estava preocupada com ele. A passagem do tempo certamente aplacava as lembranças. No sábado, ela estava na loja beneficente colocando preço em algumas roupas. Ergueu os olhos quando a sineta tocou, e ficou atônita em ver sua sogra entrar na loja. Molly Craig parecia mais velha do que a idade que tinha, apesar da maquiagem pesada e do cabelo loiro bem penteado.

— Molly — Tina a cumprimentou. — Que bom vê-la. — Por dentro, envergonhou-se da mentira. Não havia amor entre as duas mulheres.

— Poupe-me, Tina — Molly replicou. — Sabe por que estou aqui.

— Sei? Está procurando uma roupa diferente?

— Não seja sarcástica. O que está acontecendo entre você e Rick? Eu passei por lá e ele está em um estado lamentável. Diz que você o abandonou e que não sabe o motivo.

— Ele sabe muito bem o motivo.

— Bem, talvez você queira me esclarecer, então.

Molly puxou um banco e remexeu em sua bolsa em busca de cigarros, suas unhas compridas e vermelhas tornando a tarefa um pouco mais desajeitada do que deveria ser.

Tina suspirou.

— Fique à vontade. Quer uma xícara de chá?

— Tem algo mais forte?

Tina ergueu as sobrancelhas.

— Café?

Molly ignorou a oferta da nora.

— Olhe, não sei o que aconteceu entre vocês, mas acho que você devia ao menos dar uma olhada nele. Estive lá esta manhã, e o lugar está uma pocilga. Há garrafas de leite de uma semana na escada, uma pilha de jornais atrás da porta, e um cheiro fétido no lugar todo. Honestamente, achei que ele tinha morrido. Todas as cortinas estavam fechadas, e ele levou mais de dez minutos para atender a porta. Quando por fim apareceu no saguão e me deixou entrar, fiquei chocada. Ele parece ter noventa anos e estava só de cuecas. É um homem destruído, Tina. Certamente o que estava errado entre vocês pode ser consertado.

Tina por fim conseguiu entrar na conversa.

— Ele contou para você que bate em mim?

Molly teve a decência de parecer surpresa por um instante, e então se recobrou.

— Que homem não esbofeteia a esposa de vez em quando? Você deve ter feito algo muito errado para deixá-lo irritado. Ele sempre foi pavio curto, você sabe disso tão bem quanto qualquer um. Já devia saber como lidar com ele.

— Você é inacreditável, Molly, sabe disso? Você é parte do problema. Você o mimou a vida inteira. Foi você quem criou esse monstro.

— Um monstro? Meu pequeno Rick? Não exagere. — Molly deu uma longa tragada em seu cigarro e estreitou os olhos. — Por favor, Tina. Me dói dizer isso, mas você sabe que é a pessoa mais importante do mundo para ele.

— Bem, ele disfarçou isso direitinho.

Molly suavizou o tom de voz.

— Sei que ele pode ser um pouco difícil, mas ele ama você, Tina. Ele ama de verdade.

Tina sentiu que começava a fraquejar, e se repreendeu mentalmente por isso.

— Sei que sim, Molly, e há uma parte de mim que sempre o amará. Mas não posso voltar, não agora que consegui romper com tudo. — Ela sabia que tinha que permanecer forte.

— Por favor, Tina, só passe lá para dar uma olhada nele.

Tina conhecia Molly Craig tempo suficiente para saber que a mulher não iria embora da loja até conseguir o que queria.

— Tudo bem, posso dar uma passada lá quando voltar para casa, esta tarde. Preciso pegar mais algumas coisas mesmo.

Molly suspirou de alívio.

— Obrigada. — Deu um tapinha na mão de Tina, em um gesto falso de solidariedade, e Tina instintivamente tirou a mão. — Vou dizer para ele que você passará lá mais tarde. — Desceu do banco e saiu da loja, missão cumprida.

Tina estava bem ciente de que acabara de ser manipulada, mas disse a si mesma que só iria pegar mais algumas coisas. Deixaria claro para Rick que não voltaria e que não havia futuro para eles como casal.

Mais tarde, naquele dia, Tina estava parada, nervosa, diante de seu porão, enquanto reunia coragem para entrar. Percebeu que os canteiros estavam sem mato e que o pequeno caminho de grama fora cuidadosamente cortado. Até a banheira de pássaros de pedra estava cheia de água, e os dois gnomos de jardim estavam reluzentes. Seguiu até a porta e começou a bater com os nós dos dedos, mas então percebeu que a campainha, que há anos estava pendurada com um arame, fora parafusada no lugar. Molly Craig claramente exagerara o estado deplorável do filho. Hesitando, apertou o botão negro reluzente. Ainda que estivesse esperando, sobressaltou-se com o tom alto.

Sem dar tempo para que ela pudesse se recompor, Rick abriu a porta. Tina o olhou boquiaberta, enquanto assimilava sua aparência. Ele usava uma calça jeans da moda, boca de sino, que destacava sua cintura fina, e uma camisa xadrez que Tina nunca tinha visto. Seu cabelo crescera tanto que agora enrolava em volta do rosto. Estava barbeado e cheirava a cítrico.

— Olá, Rick.

— Tina. Que bom vê-la. Por favor, entre.

— É bom vê-lo também. Obrigada.

Eles agiam como se fossem praticamente estranhos e não marido e mulher.

O carpete do corredor ainda tinha as marcas do aspirador de pó, e Tina sentiu o cheiro da panela no fogão.

— *Coq au vin* — Rick explicou. — Mas sem o *vin*. É vinho, em francês.

— Eu sei — Tina respondeu. — Espero que não tenha tido todo esse trabalho por minha causa. — Ela deu uma olhada no chão brilhante da cozinha e nos móveis de fórmica reluzentes.

— Bem, quando minha mãe disse que você ia passar aqui, decidi me arrumar um pouco. Não importa se você não pode ficar para o jantar. Pode

levar um pouco e esquentar amanhã.

Tina colocou a bolsa sobre a mesa da cozinha.

— Bem, o cheiro está bom, e de repente fiquei com bastante fome.

Rick deu um suspiro de alívio e puxou uma cadeira.

— Posso preparar uma bebida para você... uma bebida sem álcool, quero dizer. Eu parei de beber totalmente.

— Ah, vou aceitar um suco de laranja, então, por favor.

— Acho que tomarei o mesmo.

Rick abriu a garrafa e serviu as bebidas.

— Então, como você está? — ele perguntou.

— Não estou mal, obrigada. E você?

— Mais ou menos o mesmo.

Um silêncio incômodo caiu entre eles, enquanto tomavam um gole de suas bebidas.

— Há quanto tempo você não bebe? — Tina perguntou depois de algum tempo. Esperava ter conseguido manter o tom de voz despreocupado.

— Desde que você partiu, então umas duas semanas, ainda que pareça mais tempo. — Ele sorriu, e Tina viu um relance do homem pelo qual se apaixonara.

— Isso é ótimo, Rick. Fico muito feliz por você.

Ele se levantou.

— Posso servir o guisado?

— Sim, por favor. Precisa de ajuda?

— Não. Continue sentada.

O frango estava tenro e saboroso, e o prato não estava comprometido pela ausência do vinho. Depois que terminaram de comer, Rick tirou os pratos enquanto Tina ficou sentada, esperando por ele na sala. Ele voltou, ainda segurando o pano de prato.

— Tudo pronto. Gostaria de uma xícara de chá?

Ela olhou o relógio na lareira. A hora estava certa, o que indicava que Rick tinha lembrado de dar corda.

— Não, obrigada. É melhor eu ir embora.

Rick pareceu desapontado, mas não protestou.

— Bem, obrigado por vir, Tina. Foi ótimo revê-la, de verdade.

— Foi ótimo ver você também, Rick. — E ela ficou surpresa por perceber que falava sério.

Foi só quando chegou na quitinete que percebeu que esquecera de pegar mais algumas roupas. Não havia problema, voltaria lá no dia seguinte. Desta vez, ela o pegaria de surpresa, e então saberia se ele realmente mudara.

Domingo era o dia de folga de Tina e, naquele dia, além de buscar mais roupas em sua antiga casa, ela tinha algo especial para fazer. Iria até a casa de Chrissie Skinner, entregar a carta que por direito deveria ter chegado a ela tantos anos antes. É claro que não esperava que fosse uma tarefa simples. As chances de Chrissie ainda viver no número 33 da Wood Gardens tantos anos depois eram poucas, para dizer o mínimo, mas ainda era um ponto de partida. Ela tinha pego emprestado o surrado guia de ruas de Graham, e encontrara o endereço. Ficava a um curto trajeto de ônibus de distância, e ela sentiu uma enorme emoção quando subiu a bordo. Estava lendo a carta mais uma vez, quando o cobrador do ônibus se aproximou dela, brandindo a máquina de tíquetes.

— Para onde, querida?

Ela reconheceu a voz e ergueu os olhos.

— Stan, como vai você? — Stan era um antigo companheiro de trabalho de Rick.

— Pelos diabos! Tina Craig. Você em geral não usa minha rota. Como

vai?

Ela hesitou.

— Hmmm, nada mal, nada mal.

— Seu velho estava no terminal outro dia desses. Procurando trabalho de novo.

Tina ficou atônita com a notícia.

— Rick?

— Sim. Ele não contou para você?

— Bem, não. Estamos separados.

— Ah, sinto ouvir isso. Ele não mencionou nada para os rapazes.

— Bem, acaba de acontecer. É um pouco, você sabe, recente.

— Entendo. Dê minhas lembranças para ele, se o encontrar.

— Farei isso. Vou para Wood Gardens, por favor.

Stan apertou alguns botões, girou a manivela, e o aparelho cuspiu o bilhete de Tina.

— Vejo você por aí, querida. Cuide-se.

Wood Gardens estava no lado oposto de Manchester, comparado onde Tina vivia, e ela não estava familiarizada com a região. A rua formava um quadrado, e no meio havia um parque rodeado de grades de metal. Tina abriu um portão enferrujado e entrou. Os jardins estavam bem malcuidados, e havia um banco de parque coberto de grafites. Não parecia haver casas antigas ao redor, apenas uma fila de casas geminadas de aparência moderna que não devia ter sido construída na década de 1930. Quando começava a pensar que tinha perdido a viagem, percebeu uma velha senhora que avançava pelo caminho arrastando os pés, usando uma bengala para afastar os obstáculos que estavam em seu caminho. Arfando e bufando, a senhora se sentou ao lado de Tina no banco.

— Bom dia — ela disse.

— Bom dia.

— Nunca vi você por aqui. Acaba de se mudar? — A velha senhora fez um sinal com a cabeça na direção dos sobrados.

— Ah, não. Eu só vim procurar uma pessoa. Ela morava aqui há muitos anos. No número 33.

— Bem, eu vivi por aqui minha vida inteira. Passei muitas horas felizes nestes jardins, e ainda venho todos os dias. Gosto de sentar aqui e refletir, sabe. Se fecho os olhos e me concentro, ainda posso ouvir o som das crianças brincando. Gosto disso. Tenho uma boa memória para nomes também. Mas não consigo me lembrar do que aconteceu ontem, veja só!

— A velha senhora riu da própria piada, revelando uma fileira de dentes amarelados. — Agora, quem você está procurando?

— Chrissie Skinner. Ela costumava morar na...

A senhora ergueu a mão.

— Eu sei onde ela morava. — Esfregou os olhos com a manga da blusa de lã. — Conheci bem essa família. O pai de Chrissie era o médico local, e a mãe era a parteira. Chrissie costumava ajudá-la. As duas fizeram o parto do meu bebê.

Tina ficou surpresa ao ouvir aquilo.

— Ah, meu Deus! Bem, então você sabe o que aconteceu com Chrissie? Tenho algo para ela.

— Por que não tomamos uma xícara de chá? Há uma pequena cafeteria na esquina, onde nós duas podemos conversar com tranquilidade.

— Eu adoraria. — Ela estendeu a mão para a velha senhora. — Tina Craig. Prazer em conhecê-la.

A velha ficou em pé com dificuldade e apertou a mão de Tina.

— Maud Cutler — falou.

Sentada na cafeteria, com uma caneca de chá forte entre as mãos, Maud

Cutler começou a falar.

— Tenho oitenta anos agora, mas parece que foi ontem. Foi no dia anterior ao início da guerra, e eu entrei em trabalho de parto do nosso pequeno Tommy. Ele não era esperado antes de um mês, então eu fiquei preocupada. Meu marido, Jamie, correu até o consultório para buscar a sra. Skinner. Ele estava totalmente em pânico, estava sim. Era de manhã, muito cedo, e ele estava preocupado em acordar o doutor. Aquele homem tinha um temperamento terrível. Chrissie atendeu a porta e, mesmo em pânico, Jamie percebeu que ela estava com uma aparência terrível. Em geral, ela era uma coisinha linda, mas naquela manhã parecia pálida e cansada. De toda forma, como o bebê era muito prematuro, tivemos que ir para o hospital, e Chrissie acompanhou sua mãe. Pobre Jamie, estava tão assustado, com medo de me perder e de perder o bebê. Eu tinha quarenta e seis anos na época, ele só tinha trinta. Estava convencido de que tanto Tommy quanto eu morreríamos.

Maud fez uma pausa para tomar um gole de chá, e Tina fez o mesmo.

— De toda forma, quando Tommy nasceu, a sra. Skinner o levou para ressuscitá-lo. Ele estava azul, veja só, não respirava. Jamie foi com ela e o bebê, e Chrissie ficou comigo. A enfermeira teve que buscar uma comadre, para que ela vomitasse. Eu não consegui entender, porque ela já vira vários partos, mas então adivinhei e é claro que estava certa. Ela também estava grávida. Claro que isso era uma notícia terrível em 1939 para qualquer uma que não estivesse casada, mas, para alguém que tinha um pai como Samuel Skinner, era desastroso. Ela tinha pavor do pai. E ele odiava o namorado dela com todas as forças. Pobre Chrissie, estava literalmente tremendo por causa dos nervos, e eu acabei cuidando dela em vez dela cuidar de mim. Ela não tinha contado ao pai sobre o bebê.

— O que acha que aconteceu com Chrissie e o bebê? — Tina perguntou.

— Uma tragédia. A pobre Mabel Skinner morreu durante os blecautes. Foi atropelada por um carro que andava com os faróis apagados. Ela nem chegou a vê-lo. Não era permitido acender as luzes, sabe?

— Isso é horrível. E Chrissie?

— O pai a mandou embora. Acho que perdeu o juízo quando a esposa morreu. Mandou Chrissie para a Irlanda com sua cunhada. Não podia conviver com a vergonha. Para um homem na posição dele, era uma desgraça. Ninguém a viu novamente.

— Você conheceu o namorado dela?

— Billy? Não, na verdade, não. Ele era uns dois anos mais velho do que ela, então, acho que deve ter ido para a guerra. Mas por que está interessada em tudo isso?

Tina mostrou a carta para Maud. A anciã a leu com as mãos trêmulas.

— Ela deve ter contado para ele, então. Parece que ele não recebeu a notícia muito bem. Como você encontrou isso?

— Achei no bolso de um paletó que foi deixado na porta da minha loja beneficente. Nunca foi postado, e achei que Chrissie devia recebê-la.

— Sinto não poder ajudar mais — Maud se desculpou.

— Em absoluto. A senhora foi de grande ajuda, e já tomei muito do seu tempo.

— Gostei da sua companhia, Tina. Foi um prazer falar com você.

Tina quase não se atreveu a fazer a próxima pergunta.

— E seu bebê? O pequeno Tommy?

— Ele deve a vida a Mabel Skinner. Foi a habilidade dela como parteira e os cuidados que lhe dispensou depois que ele nasceu que permitiram que ele sobrevivesse. Todo ano, no aniversário da morte dela, nós colocamos flores em seu túmulo. Ela está enterrada no cemitério de St. Vincent. Era uma mulher maravilhosa. Espero que encontre a filha dela.

Um nó inesperado se formou na garganta de Tina.

— Obrigada, Maud. Também espero.

11

Sentada em sua mesa na manhã seguinte, Tina anotou tudo o que já sabia sobre Chrissie e Billy. Ela sabia que Billy vivia no número 180 da Gillbent Road, em Manchester, mas não sabia seu sobrenome. Também sabia onde Chrissie vivera, os nomes dos seus pais e que a sua mãe fora morta no blecaute. Se fosse visitar o túmulo de Mabel Skinner, poderia descobrir sua data de nascimento. Maud Cluter dissera que Chrissie fora mandada para a Irlanda, para viver com a cunhada do dr. Skinner — que devia ser irmã de Mabel. Tina sentiu uma onda inesperada de animação com a ideia de bancar a detetive. Era uma distração bem-vinda de seus outros problemas.

— Bom dia, Tina. O que está fazendo?

O cumprimento de Linda a fez dar um pulo na cadeira e virar rapidamente, guardando as anotações que fizera na bolsa. Não tinha

certeza do motivo, mas queria manter a carta de Chrissie para si.

— Nada. Só fazendo uma lista de compras. Como você está? Teve um bom final de semana?

Linda sentou-se na escrivaninha diante de Tina, e empurrou a máquina de escrever para poder apoiar a cabeça na mesa.

— Estou acabada. Noite passada fomos na casa de Bob e Caroline, e ele abriu um barril de cerveja Party 7. Não voltamos para casa antes das duas da madrugada.

— Em um domingo? Bem você só pode culpar a si mesma, então. Olhe, lá vem o sr. Jennings.

Linda endireitou-se, relutante, e puxou a máquina de escrever quando o sr. Jennings parou em sua mesa.

— Bom dia, Linda. Sua aparência está horrível.

— Obrigada, sr. J.

Ele colocou uma pilha de papéis na mesa dela.

— Preciso que datilografe isso até às dez da manhã.

Linda olhou seu relógio.

— Dez? Ah, sr. Jennings, por favor, terei só uma hora.

— Bem, é melhor você começar logo, então.

Ele se afastou, e Linda fez uma careta pelas costas dele. Tina deu uma gargalhada.

— Dê algumas para mim. Eu ajudo você.

— Tem certeza? Quero dizer, você tem todas as suas coisas para fazer também.

— Dê aqui antes que eu mude de ideia, e pare de reclamar.

A fama de Tina como datilógrafa era lendária no escritório. Seus dedos voavam sobre as teclas e a sineta indicando que terminara outra linha soava a todo instante. Podia até mesmo conversar enquanto trabalhava.

— Passei para ver Rick no sábado. — Ela olhou para Linda, mas suas mãos não deixaram o teclado.

Linda parou de brincar com a fita da máquina e levantou os olhos.

— Posso dizer algo?

— Posso impedir você?

— Espero que não esteja pensando em voltar.

— É claro que não. Molly apareceu na loja e pediu que eu desse uma olhada nele, foi só isso. Disse que ele estava em petição de miséria, mas quando cheguei lá, o lugar estava imaculado e ele até tinha feito o jantar.

— Ele sabia que você ia até lá então?

Relutante, Tina admitiu que ele sabia.

— Sim, Molly disse para ele, mesmo assim, ele parecia fantástico, e parou de beber.

— Hmmm, me pergunto por quanto tempo desta vez.

— Pare, Linda. Ele realmente está tentando, sabia?

— Ah, eu sei. Só tome cuidado, é tudo o que estou dizendo.

— Pensei em passar lá ontem, mas acabei me enrolando entre uma coisa e outra. Mas vou passar lá esta noite. Preciso pegar mais algumas roupas. Ele não sabe que vou, então poderei ver se sábado foi uma exceção.

— Prepare-se para ficar desapontada, Tina.

A sineta da máquina de escrever soou novamente, e Tina voltou o carro com um giro desafiante de pulso.

Enquanto se aproximava de sua antiga casa, Tina enfiou a mão na bolsa e pegou o pó compacto. Colocou um pouco de pó no nariz, e depois ajeitou o cabelo com os dedos.

Rick atendeu a porta e a abriu só uma fresta.

— Oi, Rick. Sinto aparecer sem avisar, mas esqueci de pegar mais algumas roupas no sábado. Você se importa se eu as pegar?

— Tina. É claro, sem problema. Entre.

Ele olhou por sobre o ombro enquanto abria a porta.

— Tenho companhia, na verdade. Só uma amiga.

— Ah, sinto muito. Se for inconveniente, posso voltar outra hora. — Ela se virou para ir embora antes que ele pudesse ver seu rosto corado.

— Não seja boba, você já está aqui. Essa ainda é sua casa, Tina.

— Bem...

Uma voz estridente soou na sala de estar.

— Quem é, Rick?

— Ah, é a Tina. Ela veio buscar mais algumas roupas.

Ele se virou para Tina.

— Aquela é Julie. — Ele hesitou antes de prosseguir. — Como eu disse, uma amiga.

Tina fez um gesto de pouco caso com a mão.

— Você não tem que se explicar para mim.

— Eu sei, mas não quero que pense que pulei na cama da primeira garota que apareceu.

Tina ficou petrificada só de pensar naquilo. Não podia imaginar Rick com outra mulher, e a pontada inesperada de ciúmes fez seu pescoço e rosto corar ainda mais.

— Eu só vou lá em cima pegar minhas coisas. — Na pressa, ela tropeçou no primeiro degrau e derrubou a bolsa. O conteúdo se espalhou pelo chão.

Rick se ajoelhou.

— Deixe-me ajudar você.

— Não, posso fazer isso. Volte para Judy.

— Julie — ele a corrigiu com um sorrisinho. Ele estava gostando de seu desconforto ou a paranoia tomara conta dela completamente?

Quando Tina entrou no quarto, percebeu que a cama estava bem-feita e que nada parecia fora de lugar. Nenhuma cueca no chão, nenhum cinzeiro transbordando, nenhuma caneca com restos de chá frio. Ela foi até a cama, retirou o edredom com suavidade e pegou seu antigo travesseiro. Cheirou-o profundamente, como um animal selvagem tentando localizar o cheiro do inimigo. O cheiro era familiar, até mesmo confortante, e lágrimas começaram a cair. Ela pegou um lenço da manga e limpou o rímel que já ameaçava escorrer. Recompôs-se com alguns suspiros profundos, pegou mais algumas roupas do guarda-roupa e desceu rapidamente. Pode ouvir vozes na sala de estar, então assomou a cabeça pela porta. Rick e Julie estavam sentados juntos no sofá. O braço dele estava em volta dos ombros dela, e ela tinha a enorme cabeça de cabelos loiros apoiada no peito dele. Tina mal conseguia respirar.

— Já estou indo, Rick — conseguiu dizer.

Ele se levantou de um salto, empurrando Julie para longe ao fazer isso.

— Vou acompanhar você. — Ele a seguiu até o saguão de entrada. — Encontrou tudo o que precisava?

Tudo o que eu preciso está bem aqui. Foram só um ou dois segundos até recobrar o juízo. Rick era um valentão bêbado que a menosprezara, a roubara, a estuprara e a espancara. Tina estava determinada a permanecer forte.

Ele se inclinou e a beijou no rosto.

— Vejo você por aí, então.

Ela se virou e foi embora sem dizer outra palavra, pois não confiava no que poderia dizer.

Tempos depois, o gosto metálico na boca foi a primeira coisa a alertá-la. Depois deixou de apreciar o gosto do café e começou a sentir náuseas pela manhã. Quando sua menstruação não veio, seus piores temores se

confirmaram. Tina sempre quisera um bebê, e essa notícia deveria tê-la entusiasmado, mas pensar que fora concebido naquela atmosfera de ódio e brutalidade lhe dava vontade de chorar. Podia imaginar agora como Chrissie se sentira quando descobriu que estava grávida, e sentiu uma enorme empatia por ela. Embora Billy e Chrissie claramente estivessem apaixonados um pelo outro, o bebê deles não fora planejado, e Tina se perguntava se Rick reagiria do mesmo modo que Billy. A ideia a encheu de pânico, o que era estranho, porque ela sabia que preferia criar um bebê sozinha do que voltar com Rick. Qual seria a reação dele não devia ser algo que importasse a ela.

O bebê devia nascer perto do Natal, e quando Tina estava com cinco meses de gestação, soube que tinha que contar a Rick que ele seria pai. Só tinham se encontrado casualmente nos últimos meses, mas a relação deles tinha melhorado. Mais importante, nenhuma gota de álcool passara pelos lábios dele. Rick estava trabalhando novamente na empresa de ônibus, e ganhando um salário decente.

Tina contemplou sua casa. Embora a quitinete tivesse lhe dado um certo nível de paz e isolamento, ela estava desesperadamente solitária. Sentia falta de Rick e da vida breve, mas feliz, que ambos compartilharam antes que o alcoolismo dele estragasse tudo. Aquele não era o lugar dela, com aquela decoração sem graça e mofada, cheirando a bolor, no qual o auge da semana era colar cupons de desconto nas livretas. De tempos em tempos, ela se permitia imaginar uma vida com Rick mais uma vez. Ele realmente tinha mudado para melhor? Ela devia a si mesma e ao bebê descobrir. Já estava decidida. Era hora de falar para ele sobre a gravidez.

Ele estava na cozinha, passando suas camisas de trabalho, quando ela chegou naquela noite. Estava vestido com o uniforme de motorista, e Tina imediatamente foi transportada para os alegres primeiros dias do romance

deles. Rick iniciou uma conversa amigável enquanto ela colocava a chaleira para esquentar.

— Preciso estar no trabalho às seis da tarde. Estou com o turno da noite.

— Ah, certo. Está tudo bem. — Ela lutou para esconder seu desapontamento. — Bem, tenho notícias para você.

Ele cuspiu na base do ferro de passar e pressionou-o no colarinho da gravata que estava passando.

— Que notícias? — Pegou a camisa e a arrumou em um cabide.

— Rick, você pode, por favor, se sentar por um instante?

— Ok, claro. Era minha última camisa mesmo. — Ele pegou uma cadeira e se sentou de frente para Tina na mesa. — O que foi?

De repente, a boca de Tina se secou por completo. Começou a brincar com o colar no pescoço.

— Bem, é melhor eu acabar com isso, suponho.

— Eu gostaria que sim — Rick falou, olhando o relógio.

— Talvez seja melhor eu voltar outra hora.

Ele estendeu o braço pela mesa e segurou a mão dela.

— Sinto muito, Tina. Vamos, o que foi?

Ela se levantou e cruzou a cozinha para olhar pela janela. O jardim dos fundos estava com a grama cortada e sem mato. O pequeno caminho de pedra serpenteava até a pilha de adubo no fundo. A macieira começava a dar frutos, e embora os canteiros de flores já tivessem visto dias melhores, o jardim era um paraíso de tranquilidade naquela rua deprimente. A parede de tijolos cercava o gramado, garantindo que fosse um ambiente seguro para uma criança brincar, e Tina pensou que podia haver espaço até para um pequeno escorregador. Tinha que sair daquela quitinete.

Ela se virou e encarou Rick.

— Estou grávida.

Houve um silêncio longo e pesado, durante o qual nenhum dos dois se mexeu, até que Rick cobriu o rosto com as mãos. Tina notou que ele tremia enquanto se levantava e foi até a pia jogar água fria no rosto.

— Eu não posso acreditar, Tina — ele por fim, conseguiu dizer. — Sinto como se tivesse levado um soco nos dentes. Eu me esforcei tanto nos últimos meses. Não toquei em uma gota de álcool, encontrei um emprego decente, mantive a casa em ordem, e não a pressionei para voltar nenhuma vez. Toda vez que eu a via, tudo o que eu queria era ficar de joelhos e pedir que voltasse para mim, e durante todo esse tempo você estava saindo com outra pessoa. Por que não me disse? Foi porque achou que eu começaria a beber novamente se soubesse que não havia esperança de você voltar para mim?

Tina franziu o cenho enquanto tentava entender o que ele estava dizendo.

— Rick, estou grávida de cinco meses. O bebê é seu.

Lentamente, as feições de Rick se suavizaram, seus olhos se desanuviam e sua boca se abriu em um sorriso largo e incrédulo.

— O quê? Ah, meu Deus, Tina. Tem certeza?

Ele a levantou nos braços, rodopiou com ela pela cozinha e depois a colocou no chão ao se lembrar de sua atual condição.

— Sinto muito. Não consigo acreditar. — Ele apontou para a barriga dela. — Posso sentir?

Ela sorriu e assentiu. Ele colocou a mão gentilmente sobre ela e pressionou um pouco.

— Não consigo sentir nada.

— Bem, ainda está um pouco cedo.

Ele puxou uma cadeira e a fez se sentar.

— Para quando é?

— Para o Natal.

— Isso é incrível. Não consigo acreditar — ele disse mais uma vez. Sentou-se diante dela na mesa e segurou suas mãos entre as dele. — O que acontece agora?

Ela balançou a cabeça e abaixou os olhos.

— Não pode ser como antes — ela sussurrou.

— Não será — ele implorou. — Sou uma pessoa diferente agora. — Apertou as mãos dela com mais força. — Vocês são minha prioridade agora, você e o bebê. Prometo que tudo vai ficar bem. Amo você, Tina.

Ela retirou as mãos e as colocou em volta do rosto do marido.

— Eu também amo você, Rick.

E era verdade. Apesar de tudo, ela nunca deixara de amá-lo.

12

Quando Tina acordou na manhã seguinte, precisou de alguns instantes para perceber onde estava. Apoiou-se sobre o cotovelo e pestanejou na escuridão. Então, tudo veio de repente. Estava em casa. Rick continuou adormecido na cama quando ela se levantou e desceu as escadas. Estava vestindo uma das camisas de Rick, que era grande demais para ela. Enquanto olhava pela janela, sentiu uma agitação nas profundidades da sua barriga. Não sabia se era o bebê ou a excitação de estar finalmente de volta em casa. Não ouviu Rick se aproximar até que ele a abraçou por trás.

— Deus, você me assustou. — Ela se virou para encará-lo e sorriu. Ele se inclinou e a beijou com ternura nos lábios.

— Dormiu bem? — ele perguntou, enquanto deslizava as mãos para a nuca de Tina, por baixo de seus cabelos compridos, e a beijava com mais intensidade.

Ela respondeu hesitante, mas não se afastou. Eles tinham passado a noite juntos apenas deitados um nos braços do outro, e Rick ficara satisfeito com aquilo, mas agora parecia que ele queria algo a mais. Bem quando ela começou a relaxar um pouco e desfrutar o toque sensível do marido pela primeira vez em anos, Rick se afastou e pegou a chaleira.

— Quer um chá?

— Ah, sim, por favor. — Ela apertou a camisa com força ao redor do corpo, cruzou os braços sobre o peito para mantê-la fechada e sentou-se à mesa.

Rick sorriu.

— Não seja assim, Tina. Nós dois temos que trabalhar. Quer ajuda para trazer suas coisas de volta esta noite? Eu me voluntariei para fazer um turno extra, então não vou sair do trabalho antes das seis, mas depois disso sou todo seu.

Tina tentou conciliar esse novo Rick, que era voluntário para turnos extras, com aquele preguiçoso de antes.

— Não, está tudo bem. Eu só tenho uma mala pequena. Posso fazer isso sozinha.

A verdade era que ela não queria que Rick visse a quitinete na qual estava vivendo.

Tina contou a novidade para Linda no escritório. Como temia, sua amiga não concordou com sua decisão.

— Vai fazer o quê?

Tina continuou a datilografar. Não queria ter que olhar para o rosto de Linda.

— Ele mudou, Linda. Mudou de verdade.

— Ele vai destruir você, Tina. Uma vez alcóolatra, sempre alcóolatra.

— Você não está sendo justa. As pessoas podem mudar. Além disso, tem

outra coisa.

— O quê? — Linda quis saber.

— Estou grávida.

Linda se recostou na cadeira, as mãos cruzadas atrás da cabeça.

— Jesus. Ele vai destruir vocês dois, então.

— Linda, como pode ser tão cruel? Quero que você fique feliz por mim.

Linda começou a remexer em alguns papéis na escrivaninha.

— Cuidado, aí vem o sr. J.

As duas garotas ficaram em silêncio enquanto ele passava ao lado, observando para ver se estavam trabalhando duro.

— Olhe — Linda disse quando ele saiu de perto. — Vamos sair para tomar algo, bem cedo, assim que sairmos daqui. Então poderemos conversar direito.

— Você não vai me fazer mudar de ideia.

— Talvez não. Mas não conseguiria viver comigo mesma se ao menos não tentasse.

O pub estava lotado com pessoas que tinham acabado de sair do trabalho, e o ar já estava tomado pela fumaça. Encontraram uma mesa relativamente tranquila no canto, e Linda trouxe as bebidas. Tina já passara na quitinete para pegar suas coisas, e sentia que chamava a atenção por carregar sua pequena mala.

— Lager e cerveja preta — Linda falou, colocando as bebidas diante da amiga. O pacote de torresmos que carregava entre os dentes abafou suas palavras. Ela abriu a boca e o pacote caiu na mesa.

— Que maravilha — Tina comentou, empurrando o pacote na direção de Linda. — Exatamente o que eu queria: pedaços secos de pele de porco oleosa.

— Dê para mim, então. Eu quero. — Linda abriu o pacote e o cheiro

salgado e gorduroso encheu o ar.

Tina cobriu o nariz com as mãos.

— Acho que vou vomitar.

— Tina, você é tão dramática — Linda a repreendeu. — Tome sua bebida e pare de reclamar.

Tina sorriu para a franqueza da amiga e pegou o copo.

— Acho que li em algum lugar que beber álcool durante a gravidez pode causar danos ao bebê — ela murmurou enquanto tomava um gole. — Acha que é verdade?

— Acho que essa é a última das suas preocupações. Esse bebê será criado com um pai que é um bruto, um alcóolatra, um valentão violento que bateu em você inúmeras vezes, e você encontra desculpas para ele toda vez.

— Ele só me batia quando estava bêbado.

— Aí vai você de novo... Isso torna tudo aceitável, certo?

— É claro que não, mas eu já te disse, ele não bebe há meses. Eu não voltaria para ele se não acreditasse que realmente mudou. Tenho um bebê no qual pensar agora. — Ela esfregou a barriga e sorriu.

— E essa é outra questão. E se ele machucar o bebê?

— Deus, Linda! Você não me conhece, não é? Acha que eu sequer consideraria a hipótese de voltar para ele se achasse por um segundo que ele faria isso?

— Só estou dizendo. Quando nasce? — Linda perguntou.

— No Natal.

Linda contou nos dedos.

— Então você está de cinco meses? Achei que você estava ficando meio gorducha ultimamente.

Tina sorriu.

— Fique feliz por mim, Linda. Eu o amo.

Linda suspirou.

— Sinto muito, mas não posso ficar feliz por você. Sei que o amor deixa você cega, mas não sabia que também a deixava burra.

Já passava das sete quando Tina chegou em casa. Perdera o ônibus e teve que esperar vinte minutos pelo seguinte. Rick já estava em casa, e ela sentiu um formigamento de animação quando colocou a chave na porta.

— Sinto estar atrasada — ela disse, puxando a pequena mala para dentro do saguão. — Perdi o ônibus e...

Parou ao ver Rick parado na porta da cozinha, um cigarro pendurado nos lábios.

— Achei que tivesse mudado de ideia. — O tom de voz dele era acusatório e mais do que um pouco ameaçador.

— É claro que não. — Ela correu até ele e jogou os braços ao redor de seu pescoço, esquivando-se com destreza do cigarro. Ele não respondeu. Só ficou parado ali, rígido. Ela afastou a cabeça para olhar para ele. — Eu realmente sinto muito. Tomei um drinque rápido com Linda depois do trabalho, e então...

Rick a empurrou de lado.

— Você estava no pub?

Tina sentiu as primeiras pontadas de pânico no estômago.

— Bem, ela só queria conversar comigo. O sr. Jennings não gosta quando ficamos de conversinha nas nossas mesas, então ela sugeriu um drinque rápido, e eu acabei perdendo o ônibus. — Ela estava bastante ciente de que parecia assustada e que falava rápido demais.

— Eu não achava que seria demais pedir para minha esposa estar em casa na hora do jantar em sua primeira noite em casa, mas é óbvio que Linda vem primeiro.

— Jantar? — Tina se encolheu para passar ao lado dele e entrou na cozinha.

A mesa estava posta para duas pessoas, com velas e guardanapos, e um pote de geleia com um ramo de frésias, suas flores favoritas, no meio.

— Bem, e se comermos agora? Estou faminta.

— A comida está no lixo.

Rick deu meia volta e foi para a sala de estar, deixando Tina sozinha e sem palavras. Estava só uma hora atrasada; certamente ele poderia ter esperado um pouco mais. Ela se sentou na mesa e contemplou o esforço que ele fizera. Talvez estivesse sendo egoísta. Era a primeira noite dela em casa, e ele tinha se dado ao trabalho de fazer tudo aquilo. Talvez ele estivesse certo; ela devia ter chegado mais cedo, feito mais do que um esforço. Talvez ela deveria ter feito o jantar, não ele. Com o coração acelerado, juntou-se a ele na sala de estar e se sentou ao lado dele no sofá. Ele a ignorou e continuou a ler o jornal.

— Rick, eu sinto muito. Você pode me perdoar? — ela disse, gentilmente.

Ele deixou o jornal sobre os joelhos e olhou para ela.

— Estou desapontado com você, Tina, é só isso. Achei que era o que você queria, mas se você nem se incomoda em aparecer, eu me pergunto se é realmente o que quer.

— É claro que é, Rick. Quero que nós três sejamos uma família. — O queixo dela começou a tremer e sua voz falhou.

— Bem, você precisa mostrar algum comprometimento. Então comece a pensar mais em mim.

— Farei isso, Rick. Sinto muito.

Em um segundo, o humor dele mudou e Rick sorriu enquanto colocava o braço ao redor dos ombros dela.

— Boa garota. Que tal dar um pulo para comprar peixe e fritas? É o mínimo que você pode fazer.

Tina suspirou aliviada e o beijou no rosto.

— É claro. Não vou demorar. Fique aí descansando.

Mais tarde, enquanto descansava satisfeita nos braços dele, ela se parabenizou por tomar a decisão correta. Antigamente, se chegasse tarde, Rick teria um ataque de fúria violenta, e ela acabaria pagando com um lábio partido ou um olho roxo. Desta vez, eles conversaram, ficaram calmos e Rick a fez ver o erro de seu comportamento. Linda estava errada: as pessoas podem mudar.

— Tina?

— Sim?

— Amanhã quero que peça demissão do trabalho.

Ela foi pega de surpresa.

— Por quê?

— Bem, você vai ter um bebê em quatro meses. Tenho um bom trabalho agora, e presumo que você ainda tenha um pouco do dinheiro que roubou de mim. Você sabe, o dinheiro do *Grand National*.

O fato dele usar a palavra “roubou” a deixou irritada, mas ela tinha que admitir que a maior parte do dinheiro ainda estava no banco. Ela não fora imprudente e só usara para coisas essenciais, como comida e aluguel.

— Está acertado, então. Você ainda pode trabalhar na loja beneficente aos sábados, se quiser. Será bom para você sair um pouco.

Tina se aconchegou nos braços do marido e refletiu sobre a generosidade dele. Pelo menos, ele estava preparado para ser o principal provedor e sustentar a ela e ao bebê. Ela ficaria em casa e cuidaria de todas as necessidades deles. Tudo seria perfeito.

No dia seguinte, Tina parou na frente da imensa escrivaninha de mogno do sr. Jennings. Era fim do dia, e estava ansiosa para ir para casa. Segurava o envelope com uma mão e batia com ele na outra ritmicamente.

— O que foi, Tina?

— É minha carta de demissão, sr. J. — Ela entregou o envelope.

— Não vou aceitar isso — ele respondeu, as mãos ainda cruzadas sobre a mesa.

— Temo que será necessário. — Ela colocou a carta na escrivaninha.

— Você é minha melhor garota, Tina, sabe disso. Deixa as outras com vergonha. O que causou isso?

— Bem, meu marido agora tem um bom emprego, temos um pouco de dinheiro guardado e, de qualquer modo, estou grávida.

— Entendo. — O sr. Jennings pegou o envelope e abriu-o cuidadosamente. — E é isso o que você quer?

Tina não soube como responder. Fora ideia de Rick, mas ela via sentido naquilo. Como poderia cuidar do bebê e trabalhar? Rick estava certo. O lugar dela era em casa, cuidando dele e do bebê.

— Sim, senhor, é sim. — Por fim conseguiu dizer.

Linda ficou horrorizada com a notícia.

— Você não pode sair! Eu sabia que isso aconteceria. Voltou há cinco minutos, e ele já está controlando você. Você podia, pelo menos, ficar até o bebê nascer.

— Isso não tem nada a ver com Rick. A ideia é minha. — Tina ficou irritada pelo fato de Linda chegar tão rápido a essa conclusão, e mais irritada ainda pelo fato de a amiga estar certa.

Tina pegou o casaco, apressada.

— Olhe, tenho que ir. Não quero chegar tarde em casa.

— Deus a proteja — Linda comentou. — Vá em frente, nos vemos

amanhã.

Tina estava determinada a chegar em casa antes de Rick e deixar a refeição pronta para ele. Acontece que ela teve tempo para preparar a torta de cordeiro favorita dele, tomar um banho e arrumar a casa. Às oito horas, começou a se preocupar. Depois do escândalo que ele fizera no dia anterior, ela esperava que ele chegasse na hora. Às nove, decidiu ligar na empresa para saber se ele tinha se atrasado no trabalho. Marie, da recepção, disse que ele saíra por volta das cinco. Quando o relógio bateu dez horas, Tina estava histérica. A torta de cordeiro já estava seca, e seus nervos estavam em frangalhos. Não podia suportar a ideia de que algo horrível tivesse acontecido com ele, não agora que estavam juntos novamente, com tanto pelo que ansiar. Ela espiou pela cortina de veludo marrom pela centésima vez, e seu coração se apertou novamente quando viu a rua vazia. Pegou o telefone de novo para ouvir o tom de discar e se assegurar que ainda funcionava. Não podia ficar sentada, então caminhava pela sala, roendo as unhas, um hábito que conseguira superar há anos. Ficou imóvel ao ouvir um ruído fraco na porta da frente, e correu para abri-la. Rick estava parado com sua chave, tentando achar a fechadura.

— Rick! — ela exclamou. — Onde esteve? — Ela jogou os braços ao redor dele, permitindo que o alívio tomasse conta dela.

— Calma lá. Eu disse para você que ia tomar um drinque com os caras. Não se preocupe, só tomei suco de laranja. Mitch vai se casar semana que vem.

— Mitch?

— Bem, Mike. Nós o chamamos de Mitch porque ele parece o bonequinho dos pneus Michelin.

— Isso não importa. Eu estava louca de preocupação. Você não disse que ia sair.

— Não falei? Tenho certeza que sim. De todo modo, cadê meu jantar? Estou faminto.

Ele se inclinou para beijá-la nos lábios, e Tina estava grata pelo fato de seu homem ter voltado. Se o hálito dele não estivesse fedendo a cerveja, tudo teria sido perfeito.

13

Tina estava empoleirada em um banco atrás do balcão da loja beneficente quando Graham entrou. Uma rajada de vento trouxe algumas folhas secas e quase arrancou a porta das dobradiças. O clima do final de setembro já estava marcadamente frio, e Tina estremeceu.

— Bom dia, Graham. Como você está?

Ele estava lá para o bate-papo costumeiro de sábado, antes que sua banca de apostas abrisse. Esfregou as mãos uma na outra e soprou-as.

— Bom dia, querida. Por Deus, está um gelo lá fora. — Beijou-a no rosto e olhou sua barriga avantajada. — Olhe para você!

Tina desceu do banco e suspirou.

— Só faltam três meses agora. Mal posso esperar.

— Como vão as coisas em casa? — perguntou, cauteloso.

— Graham, por favor, pare de se preocupar. Está tudo bem, eu já disse.

— Você parece cansada.

— É porque estou grávida de seis meses. Imagine o quão cansada eu não estaria se Rick não tivesse me falado para sair do trabalho. Ele está cuidando bem de mim, sabe?

— E continua sem beber?

Tina se ocupou fazendo o chá.

— Tina?

— Bem, acho que ele toma uma de vez em quando... você sabe, no pub, com os caras, depois do trabalho. Mas não dá para culpá-lo por isso. Ele só sai uma vez por semana, na sexta à noite, e acho que é bastante justo. Ele trabalha duro para isso. Não é como antes.

— Você stá tentando me convencer ou está tentando convencer a si mesma?

— Você é tão mau quanto Linda. Eu acredito nele, e é o que importa.

Graham cedeu.

— Ok, sinto muito. — Apontou para o envelope sobre o balcão. — De quem é? Parece antiga.

Instintivamente, Tina agarrou a carta e a apertou de encontro ao peito. Não contara a ninguém, exceto para Maud Cluter, sobre a carta de Billy para Chrissie, e queria manter dessa forma. Não sabia explicar o motivo, mas era algo que queria guardar para si.

Havia refletido muito sobre o que fazer em seguida.

Talvez Chrissie e Billy estivessem casados com outras pessoas agora, cada um com sua família, e aquela carta só causaria mal-estar. Talvez um deles tivesse morrido, e ela só abriria velhas feridas.

— Não é nada. Nada do seu interesse, de toda forma.

Graham pareceu magoado.

— Desculpe.

Ela imediatamente lamentou o tom de voz áspero. Graham só estava puxando conversa.

— Não, *eu* peço desculpas, Graham. Não devia ter sido grossa com você. Você é um bom amigo, de verdade. Mas estou bem, de verdade. Agora, vamos tomar um chá e conversar sobre outra coisa que não seja eu, está bem?

Era uma tarde de sexta-feira, de vento agitado, no final de outubro, quando Tina parou do lado de fora do sobrado em Gillbent Road. Estava com a carta de Billy bem guardada no bolso. Apesar de suas reservas, fora compelida a descobrir o que ocorrera com os jovens amantes. Ao bater na porta, notou que a pintura azul estava descascada e a campainha estava travada pela falta de uso. Aquela casa claramente não recebia muitas visitas. Tina bateu novamente, e estava prestes a desistir quando ouviu um ruído lá dentro.

— Quem é? — perguntou uma voz de ancião.

— Ah, meu nome é Tina Craig. Estou procurando alguém que vivia aqui. — Ela se agachou para ficar na altura da portinhola do correio e a abriu com o dedo para se fazer ouvir. — O nome dele era Billy. O senhor o conhece?

Houve um longo silêncio, e Tina ficou insegura do que fazer na sequência. Então ouviu a trava deslizar na porta, que se abriu levemente para revelar um homem com bem mais de oitenta anos. Seu rosto era bastante enrugado e, embora tivesse todo o cabelo, sua cabeça era branca como a neve. O nariz bulboso estava tingido de púrpura e os dentes e dedos estavam bem manchados de nicotina.

Tina se endireitou.

— Ah, oi. Como eu disse, estou procurando um rapaz chamado Billy. Acho que ele morou aqui há muitos anos, e eu gostaria de saber se o

senhor o conhecia.

O velho endireitou os óculos grossos sobre o nariz.

— Nunca ouvi falar. — Sua voz era áspera, mas determinada, e ele fechou a porta na cara de Tina, deixando-a parada ali, perguntando-se como agir. Apertou o casaco em volta da barriga crescente para afastar o frio e esfregou as costas doloridas. De repente, sentiu-se uma tola por estar parada ali, na rua, diante da casa de um desconhecido.

Tina olhou ao redor e percebeu uma velha senhora seguindo pela rua, puxando um carrinho de compras. Ela encarava Tina e tentava apressar o passo, mas seus ossos antigos não eram feitos para velocidade, então a senhora levantou a mão, fazendo sinal para Tina esperar. Quando por fim se aproximou, estava sem fôlego.

— Posso... posso ajudá-la? — perguntou.

Tina indicou a porta azul.

— É sua casa?

— De fato, sim. Vivo aqui desde 1923: cinquenta anos.

Tina ficou surpresa.

— Ah, é seu marido lá dentro?

A velha senhora colocou a chave na fechadura e abriu a porta.

— Henry, estou em casa. — Virou-se para Tina. — Sim, é meu marido. Agora, como posso ajudá-la?

— Está tudo bem. Seu marido já respondeu minha pergunta. Eu estava procurando alguém que pensei ter vivido aqui, mas a senhora está aqui há cinquenta anos, então eu devo ter errado o endereço.

Os olhos da velha senhora lacrimejavam pelo frio, e ela pegou um lenço para secá-los.

— Quem você estava procurando?

— Bem, como eu disse, seu marido já confirmou que ele não conhece...

— O nome? — A senhora insistiu.

Tina olhou bem nos olhos da determinada inquisidora.

— Bem, eu só sei o primeiro nome dele... Billy.

As mãos finas da velha senhora agarraram o carrinho de compras com força. As veias azuis saltaram, e os nós dos dedos ficaram brancos. Lentamente, ela soltou uma mão e a estendeu para Tina.

— Alice Stirling. Prazer em conhecê-la.

Tina estava sentada na mesa da cozinha, de frente para Alice, com uma caneca de chá bem forte entre as mãos. Henry estava em uma poltrona perto da lareira, olhando ausente para a janela.

— Ele nunca aceitou Billy — Alice começou a contar, acenando na direção do marido.

— Ele não era meu filho. — A voz de Henry soou surpreendentemente forte, considerando sua aparência frágil.

— Cale a boca, Henry! — Alice replicou. Voltou-se para Tina. — Nós adotamos Billy quando ele tinha dez meses de idade. Seus pais tinham morrido, e ele vivia em um orfanato. Era bem cuidado lá, mas precisava de um lar de verdade, sabe, mãe e pai. Nós tínhamos acabado de perder nosso bebê, Edward, e o luto era... — Ela engoliu em seco, tentando firmar a voz. — O luto era quase demais para suportar, mas então o pequeno Billy entrou nas nossas vidas e...

— Tomou o lugar dele — Henry a interrompeu. — Ela nunca mais pensou em Edward depois que ele chegou.

— Lave a boca, seu velho tolo. — Alice olhou para Tina. — Ignore-o.

Tina começava a se sentir desconfortável. Colocou a mão no bolso e pegou a carta de Billy. Passou-a para Alice, que a tirou do envelope e começou a ler. Tina olhava a senhora, notando a mudança em sua respiração, que se tornou mais agitada.

Quando Alice terminou de ler, dobrou a carta ao meio e a devolveu para Tina, controlando a emoção.

— Onde conseguiu isso?

Tina explicou, e Alice balançou a cabeça.

— Não entendo — disse, lentamente. — Billy estava sentado bem onde você está, nesta mesma mesa, e escreveu essa carta. Foi minha ideia. Ele nunca foi muito bom nesse tipo de coisa, mas quando terminou, estava satisfeito. Estava feliz por ser capaz de se expressar, dizer a Chrissie como realmente se sentia. Então saiu para colocá-la no correio.

Tina virou o envelope.

— Ele não postou, no entanto. Veja.

Alice espiou o selo sem carimbo.

— Foi há muito tempo, devo ter me confundido. Achei que ele tivesse me dito que tinha postado, mas não deve ter feito isso. Sei que ele passou lá e falou com a mãe de Chrissie, mas ela não sabia nada da carta. Disse para ele que Chrissie tinha sido mandada para a Irlanda, para ficar com a irmã dela e ter o bebê por lá. Billy implorou para a sra. Skinner lhe dar o endereço de Chrissie, e ela disse que entraria em contato com a menina para descobrir se era isso o que ela queria.

— Então eles estiveram em contato? Billy e Chrissie se reencontraram?

Alice inclinou a cabeça e inspirou profundamente.

— Infelizmente, não. Ele nunca mais soube de Chrissie. A sra. Skinner foi atropelada por um carro naquela noite. Morreu sem recuperar a consciência.

— Billy conseguiu descobrir o que aconteceu com Chrissie e o bebê?

Alice negou lentamente com a cabeça.

— Meu Billy foi morto em combate em 1940. Tinha vinte e dois anos.

Tina ficou boquiaberta. Olhou para Henry. Ele cabeceava de sono na

poltrona. Alice secou os olhos com o lenço. Tina por fim conseguiu falar.

— Sinto muito ter aberto antigas feridas.

— Você não abriu. A morte do meu Billy é uma ferida que nunca se fechou. Sinto a falta dele todos os dias. Sei que sou tendenciosa, mas ele era realmente o filho perfeito. Posso não ter dado à luz a ele, mas no que me diz respeito, ele era carne da minha carne, tanto quanto Edward. O dr. Skinner achava que ele não era bom o bastante para sua preciosa filha, mas a verdade era que ele era bom demais para ela. — Alice fez um sinal com a cabeça na direção da barriga de Tina. — A vida é preciosa, sra. Craig. Desfrute cada momento que tiver com seu bebê. Você nunca conhecerá outro amor como esse.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Tina.

— Farei isso, Alice. Obrigada.

Alice levantou-se da cadeira com esforço e remexeu em uma gaveta de uma cômoda antiga.

— Aqui. Esse é Billy. — Passou uma foto muito antiga pela mesa. Tina encarou o belo jovem em uniforme do exército. — Se encontrar o filho dele, dê esta foto e diga que o pai dele foi o mais gentil, corajoso e belo homem que já existiu.

Tina guardou a fotografia dentro do envelope, junto com a carta de Billy.

— Prometo a você, Alice, farei o possível para que Chrissie receba esta carta. Ela merece saber que Billy queria fazer a coisa certa. Por que ele mudou de ideia e não postou a carta, provavelmente nunca saberemos, mas ele fez o máximo para voltar para ela, e vou assegurar que ela saiba disso.

Quando Tina saiu de Gillbent Road, eram 18h30, e já estava escuro. Enquanto esperava o ônibus, começou a cair uma chuva torrencial, e ela lutou para abrir o guarda-chuva. Felizmente, o ônibus já se aproximava na

distância, e seu ânimo melhorou um pouco. Como era noite de sexta, Rick devia ter saído para beber com os amigos, e chegaria tarde em casa. Ela pensou no que Graham dissera, mas ele estava errado. Não via problema em Rick tomar uma ou duas cervejas uma vez por semana depois do trabalho. Ele merecia isso, pelas horas que trabalhava por ela e pelo bebê.

Quando se sentou no ônibus, a fumaça do diesel e o sacolejar do veículo se combinaram para deixá-la nauseada. Pensou nas palavras de Alice e, de repente, preocupou-se em não ser capaz de amar seu bebê o suficiente. Disse a si mesma que estava sendo estúpida. Alice amara Billy, e ele nem era seu filho natural. Imagine o quanto amaria seu bebê depois de esperá-lo e nutri-lo por nove meses.

Já passava das sete da noite quando Tina chegou, e a casa estava às escuras. Ela abriu a porta e bateu a parede em busca do interruptor. O saguão de estrada estava especialmente sombrio, com o papel de parede marrom escuro, e Tina fez uma anotação mental para pedir a Rick para deixá-la pintar o cômodo com uma cor mais clara. Sentiu a parede e encontrou o interruptor com a palma da mão. Antes que pudesse acender a luz, uma mão morna cobriu a sua e ela saltou de susto.

— Rick! Jesus, você me assustou. Não sabia que estava em casa.

Então três coisas aconteceram simultaneamente. Primeiro, ela sentiu o cheiro inconfundível de uísque; depois sentiu a cabeça girar quando o punho de Rick acertou seu queixo. Por fim, sua boca se encheu lentamente de sangue, que ela engolia sem parar enquanto tentava entender tudo aquilo antes que a escuridão tomasse tudo ao seu redor.

14

1939

Billy pestanejou e tentou abrir os olhos o máximo que podia enquanto caminhava na rua escura. Estava surpreso em ver como as pessoas levaram a sério aquela história de blecaute. Nem uma fenda de luz era vista das janelas, a iluminação pública estava desligada e um carro percorria seu trajeto cuidadosamente sem usar os faróis. O negrume tão absoluto ameaçava sufocá-lo. Tinha certeza que aquela prática era mais perigosa do que a ameaça de bombas de verdade caindo do céu, mas não fazia as regras. Ficou um pouco desorientado quando dobrou a esquina seguinte e lutou para lembrar onde estava a caixa de correio mais próxima. Parecia que o mundo todo mudara durante a noite. Enquanto tentava se localizar, percebeu que alguém se aproximava. Parou e aguçou o ouvido quando

ouviu um fósforo acender perto de si. Deu meia volta quando o fósforo ganhou vida e acendeu as feições inconfundíveis do dr. Skinner. Billy ficou imediatamente na defensiva.

— Está me seguindo?

— Vim ver você, sim.

Skinner tragou seu cigarro e jogou as cinzas no chão.

— Para onde está indo? Espero que não vá ver minha filha. Eu disse que ela não quer mais nada com você.

— Ela disse isso, foi?

— De fato. Parece que finalmente ela criou juízo.

— Posso perguntar algo, *Samuel*? — Billy sabia que o uso do primeiro nome irritaria o médico até não poder mais. O dr. Skinner, no entanto, apenas assentiu. — Por que me odeia tanto? O que fez para você?

— Tenho certeza que você será um marido adequado algum dia — Skinner fez um gesto com mão para abarcar a rua sombria. — Este lugar está cheio de lavadeiras para quem você seria um bom partido. Mas minha filha é especial. Ela merece alguém melhor do que um aprendiz de padeiro analfabeto e órfão.

Billy conteve uma risadinha. Sabia que tinha um ás na manga e estava apenas ganhando tempo antes de usá-lo.

— Pelo menos eu me importo de verdade com a felicidade dela, e com o que ela quer.

— Ela não sabe o que quer. Eu sei. Sou o pai dela.

Billy percebeu que a única fonte de luz, o cigarro, estava ficando mais fraca. Remexeu em seu bolso em busca de fósforos. Queria ver cada tendão, cada nervo e cada músculo no rosto do dr. Skinner quando falasse as próximas palavras. Acendeu o fósforo, e as feições do médico ficaram visíveis outra vez.

Billy não conseguiu conter o sorriso enquanto encarava Skinner nos olhos.

— Você prefere ser chamado de vovô ou de avô?

Por um milésimo de segundo, antes que o fósforo queimasse até a ponta e tivesse que largá-lo, Billy viu o rosto do dr. Skinner. Seus olhos se estreitaram, os lábios se transformaram em uma linha fina, e as veias em sua têmpora palpitavam.

— Você é um mentiroso — o médico sibilou.

— Sou? — Billy perguntou. — Tem certeza disso?

A escuridão caiu entre eles mais uma vez, mas Billy não precisava da visão para saber qual era a profundidade da fúria do dr. Skinner. Podia senti-la; podia ouvir a respiração curta e rápida do médico. Billy sabia que o sogro não reagiria bem à notícia, mas a ira do homem era tangível.

Billy suavizou o tom de voz.

— Amo Chrissie, dr. Skinner. Sei que não sou o marido que o senhor teria escolhido para sua filha, mas ela está carregando meu bebê, e vou honrar isso. Não vou fugir das minhas responsabilidades. Chrissie e o bebê sempre poderão depender de mim. Vou trabalhar duro e...

Billy parou abruptamente de falar quando o dr. Skinner deu um grito.

— Me ajude — arfou o médico. Levou a mão no peito enquanto caía de joelhos. Billy ficou parado ao lado dele, com as mãos nos quadris. O dr. Skinner apontou para o bolso de seu paletó. — Minhas pílulas.

Billy remexeu no bolso do dr. Skinner. Embora tivesse certeza de que aquilo era uma armação, pegou uma garrafinha marrom. Teve dificuldade para abrir a tampa, mas conseguiu depois de um tempo e jogou o conteúdo na palma de sua mão.

— Não consigo ver direito. Quantas são?

— Aqui. — O dr. Skinner colocou a mão no outro bolso e pegou uma

pequena lanterna. O feixe de luz amarela iluminou a pequena pilha de comprimidos.

— Lanternas não são permitidas, dr. Skinner.

Ele fulminou Billy com o olhar.

— É uma emergência. — Pegou duas pílulas entre o polegar e o indicador trêmulos e colocou-as sob a língua. Então sentou-se no chão e recostou-se em um poste. — Obrigado — disse com os olhos fechados.

Billy não sabia o que fazer em seguida. A respiração do médico parecia cansada e difícil. A rua estava deserta, e não havia como carregar sozinho um homem grande como o dr. Skinner.

— Sinto muito, dr. Skinner. As pílulas estão funcionando?

Skinner abriu os olhos.

— É verdade? Você engravidou minha Chrissie?

Billy desviou o olhar.

— Sim, senhor, é verdade. Mas como eu disse, quero fazer a coisa certa. — Colocou a mão no bolso e pegou a carta. — Escrevi esta carta para ela. Tenho medo de ter reagido um tanto mal ontem, quando ela me deu a notícia, e posso ter dito algumas coisas que não pretendia. Passei lá para acertar tudo, mas o senhor não me deixou vê-la, então escrevi tudo aqui. Eu estava prestes a postá-la.

A respiração do dr. Skinner tinha se normalizado.

— Ajude-me a levantar, rapaz, por favor.

Billy o segurou embaixo dos braços por trás, e o dr. Skinner lutou para ficar em pé. Limpou a sujeira da roupa e se endireitou.

— Não há motivo para colocar isso no correio, há?

Billy franziu o cenho.

— Por que não?

— Pense bem. A guerra foi declarada ontem. Tudo mudou agora. O

sistema de correios certamente vai colapsar, e essa carta nunca mais verá a luz do dia.

Billy duvidava que aquilo fosse verdade, mas ninguém tinha certeza de mais nada. Parecia que tudo *tinha* mudado durante a noite.

O dr. Skinner prosseguiu.

— Dê para mim. Eu entrego para ela. — Estendeu a mão.

— Não sei... quero dizer, como vou saber se você vai entregar para ela? Sinto muito, não quis parecer desrespeitoso, mas não confio no senhor.

— Não culpo você, mas essa é sua melhor aposta.

Relutante, Billy entregou a carta.

— Vou aparecer lá amanhã para ter certeza que ela recebeu.

— Não duvido.

O dr. Skinner pegou a carta e a guardou no bolso interno do paletó.

Chrissie e sua mãe estavam sentadas na mesa da cozinha, conversando baixinho, quando o dr. Skinner voltou para casa. Estavam discutindo qual a melhor maneira de dar a notícia do bebê para ele. Ouviram a porta da frente bater, e Mabel estendeu o braço pela mesa e apertou a mão da filha. Chrissie respondeu com um sorriso ansioso. O som dos passos do médico seguindo escada acima sem nem um boa noite preocupou as duas mulheres. Mabel correu até o saguão de entrada e agarrou o corrimão enquanto chamava pelo marido. Chrissie ficou parada na porta da cozinha, mordiscando a cutícula do polegar.

— Samuel? É você? O que aconteceu?

Ela podia ouvir o marido batendo as portas enquanto subia as escadas. Ele estava no quarto de Chrissie, e ela entrou ali bastante inquieta.

— Samuel?

Ele estava de costas para ela enquanto remexia nas roupas da filha, pegando-as do guarda-roupa e jogando-as na cama. Então estendeu o braço

e pegou uma velha mala marrom de cima do guarda-roupa. A alça se rompeu e a mala caiu no chão.

— Maldição! Mabel, pegue outra mala, e depois escreva um telegrama para sua irmã.

— Kathleen? Por quê?

O dr. Skinner parou e se virou para a esposa. Seu rosto estava carmesim, as sobrancelhas cheias de suor e os cantos da boca branco de saliva.

— Porque aquela sua filha é uma pequena puta e não vai ficar nesta casa para dar à luz a uma criança bastarda. Ela vai para a Irlanda, ficar com Kathleen.

Mabel sentou-se na cama.

— Samuel, por favor, acalme-se. Sei que é um choque para todos nós, mas...

— Então você sabia? Nem tente defendê-la. Não há desculpas para isso. Você não tinha o direito de esconder isso de mim. E quando o bastardo nascesse? Ia escondê-lo em uma caixa no fundo do quintal, como um bichinho de estimação secreto?

Mabel nunca vira o marido tão furioso. As últimas palavras dele estavam carregadas de ódio.

— Ela parte na primeira hora da manhã.

No dia seguinte, Chrissie ficou sozinha em seu quarto, contemplando-o pela última vez. O papel de parede com as chamativas rosas vermelhas, a pintura verde lúgubre, a penteadeira com o espelho de mão e a escova de cabelo arrumadas, tudo tão familiar e acolhedor. Como, de repente, sua vida dera tão errado? Ela tinha refeito a mala, que o pai enchera com suas roupas de qualquer jeito na noite anterior, e estava surpresa em ver como parecia insignificante quando a pegou. Não tinha muito o que mostrar nos dezenove anos que estava neste planeta. Encarou seu reflexo patético no

espelho. Estava vestida com seu melhor casaco de inverno, apesar do clima ameno, o cabelo cuidadosamente cacheado e arrumado sob o chapéu. Sua feição estava pálida e seus olhos azuis-claros estavam apagados e cheios de total desespero.

Ela se sentou na penteadeira e, depois de hesitar um pouco, pegou seu rouge recém-adquirido. Com dedos trêmulos, passou um pouco sobre as bochechas, beliscando-as um pouco. O brilho resultante a deixou se sentindo um pouco melhor, então resolveu pegar o batom. *Para o inferno*, ela pensou. *Se ele acha que sou uma puta, é melhor que eu me pareça com uma*. Aplicou duas camadas da cor clara e depois passou lápis escuro nas sobrancelhas e sob os olhos. Guardou a maquiagem na bolsa quando a voz da mãe veio pelas escadas.

— Chrissie, é hora de ir embora.

Chrissie respirou fundo, pegou a pequena mala, deu uma última olhada no quarto e desceu. A mãe e o pai aguardavam no andar de baixo.

Mabel repetiu as instruções.

— Me escreva assim que chegar na casa da tia Kathleen, certo? Ficarei pensando em você, Chrissie. Vou visitá-la sempre que puder e estarei lá quando o bebê nascer.

O dr. Skinner bufou e Mabel o fuzilou com os olhos.

— Sinto que tenha que ser assim, mas você entende, não é? Seu pai tem uma posição nesta comunidade e a vergonha de ter uma filha que...

— Mamãe, por favor, podemos não passar por isso de novo? Sou uma pessoa terrível que fez algo muito perverso e, por isso, tenho que pagar o preço. — Olhou para o chão. — Eu achava de verdade que Billy me amava — sussurrou. — Mas isso só mostra como alguém pode se enganar.

Neste instante, Leo veio correndo do quintal e começou a circundar as pernas de Chrissie. Ela se abaixou e coçou suas orelhas. Ele se sacudiu

vigorosamente.

— Adeus, rapaz. Sentirei sua falta. Você é um bom menino. — Ela enterrou o rosto no pelo do cão e inalou seu cheiro delicioso pela última vez. Então se levantou e se dirigiu a sua mãe. — Prometa que vai cuidar dele.

Mabel secou uma lágrima dos olhos.

— É claro, Chrissie. Eu prometo.

Ela abraçou a filha e a apertou com força. Chrissie conteve um soluço. Não queria dar ao pai a satisfação de vê-la chorar. De repente, estava desesperada para ir embora. O saguão estreito e escuro parecia claustrofóbico, e era como se não houvesse ar suficiente ali para todos eles respirarem. Ela abraçou a mãe uma última vez e deu um passo para trás para se dirigir ao pai. Ao olhar seus olhos frios e mortos, percebeu que as palavras eram inúteis, e, com o mais leve aceno de cabeça, partiu da única casa que conhecera, e foi embora começar um novo capítulo de sua vida.

15

Mais tarde, naquela tarde, enquanto a chuva lavava as janelas, Mabel estava no consultório atualizando o registro dos pacientes. Era uma tarefa que Chrissie normalmente faria com muito mais eficiência do que ela jamais esperaria conseguir fazer, e percebeu que sentiria falta da filha de maneiras que nem tinha imaginado. A campainha da porta soou, fazendo-a dar um pulo, e Leo saiu correndo pelo saguão de entrada, latindo loucamente. Mabel deixou a papelada de lado e foi atender. Não estava com humor para receber visitas, e sua expressão sombria, a pele pálida e os olhos vermelhos não deixavam dúvida disso. Segurou Leo pela coleira e puxou-o para trás enquanto abria a porta. Devido ao tempo inclemente, o visitante tinha puxado o chapéu por sobre os olhos e levantado o colarinho do casaco até as orelhas, então Mabel não o reconheceu de início.

— Sra. Skinner. Boa tarde. Sinto incomodá-la, mas eu gostaria de saber

se posso ter uma palavra com Chrissie.

Leo reconheceu a voz de Billy e ganiu muito animado enquanto Mabel soltava sua coleira. Billy se ajoelhou e acariciou o cão.

— Ah... Sra. Skinner? Ela está?

Sem uma palavra, Mabel abriu a porta e gesticulou para que Billy entrasse.

— Obrigado — ele disse, tirando o chapéu e passando os dedos pelo cabelo.

— Siga-me — Mabel falou com voz inexpressiva, enquanto seguia para a cozinha.

Assim que entraram no cômodo iluminado, Billy notou a aparência perturbada de Mabel.

— Sra. Skinner, a senhora está bem? — Ele olhou pela cozinha. — Onde está todo mundo?

— Meu marido saiu para atender uma emergência e Chrissie está a caminho da Irlanda.

— Irlanda?! Por quê?

Mabel cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Sra. Skinner, por favor, me diga o que aconteceu. Ela leu minha carta?

Ela secou os olhos e encarou Billy com o cenho franzido.

— Que carta?

Billy falou de um jeito mais ansioso agora, as palavras tropeçando umas nas outras.

— Noite passada dei uma carta para o dr. Skinner entregar para Chrissie. Eu estava a caminho do correio, mas nos encontramos e ele me persuadiu a entregar a carta. Disse que o sistema postal não funcionaria agora que a guerra fora declarada. Diga-me: ele entregou para ela?

— Não sei nada sobre essa carta. Tudo o que sei é que você partiu o coração da minha filha, e agora minha família está destruída. — Mabel bateu com os punhos na mesa. — Você não podia manter as mãos longe dela, não é? E depois a descartou como se fosse jornal velho. Ainda bem que meu marido não está em casa, porque eu não apostaria nas suas chances de sair daqui inteiro.

Billy tentou acalmá-la.

— Por favor, sra. Skinner, me escute...

Mabel soluçava abertamente enquanto se sentava e apoiava a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa. Billy inspirou profundamente e começou a caminhar pelo aposento.

— Olhe, admito que não recebi a notícia do bebê muito bem. Foi um susto e tanto, sabe. Quero dizer, Chrissie e eu só, hmmm, tivemos intimidades uma vez, e isso foi...

Mabel levantou a cabeça, o rosto marcado pelas lágrimas.

— Por favor, poupe-me dos detalhes.

Billy prosseguiu, ansioso.

— O que quero dizer é que nosso relacionamento sempre foi mais baseado no que sentíamos. Foi uma surpresa tão grande quando ela me contou do bebê, que eu precisei ficar sozinho para digerir aquilo. Para minha eterna vergonha, simplesmente a deixei e saí correndo quando ela me contou. Tudo o que eu podia pensar era como íamos trazer aquele bebê a um mundo em que a guerra acabara de ser declarada, e eu teria que partir e lutar e deixá-la ter o bebê por conta própria. Entrei em pânico, mas não foi porque eu não a amo, e sim porque eu a amo.

— Por que você não disse tudo isso para ela, Billy?

O rosto de Billy estava vermelho de ansiedade.

— Eu tentei. Vim aqui naquela noite, mas o dr. Skinner me disse que ela

não queria me ver.

Mabel balançou a cabeça.

— Samuel nos disse que você tinha cansado de esperar e que não achava que ela valesse tanto esforço. Devo admitir que achei isso particularmente duro.

Billy rangeu os dentes.

— Tudo mentira. Não posso acreditar que ele me odeie tanto assim.

— Ele odiava você antes que você metesse a filha dele em encrenca, então imagine como ele se sente agora.

— Ele não entregou a carta, não é? — Billy bufou furioso. — Sabia que não devia confiar nele. Como pude ser tão estúpido?

— Você foi estúpido, Billy, não dá para argumentar contra isso. Mas o que tinha na carta? — Mabel perguntou.

— Um pedido de desculpas, uma declaração de amor e um pedido de casamento.

O tom de voz de Mabel era sério.

— Você queria se casar com ela?

— Nunca quis tanto uma coisa na minha vida. Eu amo Chrissie, sra. Skinner, amo de verdade. Preciso vê-la para acertar tudo.

— É tarde demais, Billy. Ela foi para a Irlanda, vai ficar com a minha irmã. Ela terá o bebê lá, longe dos olhares curiosos e fofoqueiros.

— Mas ela devia estar aqui, com sua família. Por favor, sra. Skinner, esse bebê também é meu. Não tenho o direito de decidir onde meu filho vai nascer? — Billy estava praticamente implorando agora. — Por favor, me dê o endereço dela para que eu possa contar como me sinto. Antes que seja tarde demais.

— Eu já disse, Billy. Já é tarde demais.

— Não, não é. Quero dizer, não precisa ser.

Mabel encarou os olhos escuros de Billy, e mesmo com a dor refletida neles, podia ver por que Chrissie se apaixonara por ele. O rapaz era realmente um dos homens mais bonitos que já vira, e, em outras circunstâncias, teria orgulho de tê-lo como genro. Acabou cedendo um pouco.

— Olhe, já está ficando tarde, e meu marido pode voltar a qualquer momento. Se encontrar você aqui... bem, acho que você não precisa que eu diga o que vai acontecer. Vou escrever para Chrissie amanhã e, se ela quiser, pode entrar em contato com você.

Billy abaixou a cabeça.

— Eu agradeço, sra. Skinner.

— Mas você terá que ser paciente. Minha irmã vive no campo, sem telefone, então as comunicações são lentas.

Billy soltou um suspiro de alívio.

— Eu entendo. Muito obrigado, sra. Skinner. Prometo que não decepcionarei Chrissie novamente.

— É melhor que não mesmo. Boa noite, Billy.

Ele pegou o chapéu e se despediu dela.

— Boa noite, sra. Skinner.

Quando voltou para casa, naquela noite, o dr. Skinner entrou na cozinha sacudindo a água da chuva de seu sobretudo.

Mabel ergueu os olhos de sua costura.

— Ela deve estar na casa de hóspedes em Dublin agora, espero. Pobre garota, ter que fazer essa viagem sozinha nessa condição. Amanhã será outro longo dia para ela. Só Deus sabe que horas vai chegar na casa de Kathleen.

O dr. Skinner ignorou os comentários da esposa e pegou o jornal.

Mabel deixou a costura de lado.

— Por que não me disse que encontrou Billy noite passada?

— Devo ter esquecido — ele respondeu sem se virar para ela, então Mabel não pode decifrar a expressão dele. — Como você soube?

— Ele esteve aqui, perguntando por Chrissie. Disse que lhe entregou uma carta para ela. Onde está, Samuel?

Desta vez o dr. Skinner se virou e deixou que a esposa visse a totalidade de sua fúria.

— Ele não sabe quando desistir, não é? Eu disse para ele que não havia como ele fazer parte da vida de Chrissie. Ela é uma garota linda e inteligente; poderia ter qualquer homem que quisesse.

— Ela quer o Billy.

— Ela pode achar isso agora, mas é só por causa deste maldito bebê. Assim que ele for adotado, ela vai recuperar a razão.

— Adotado? Que diabos você está falando? Ela vai ficar com o bebê.

— Enquanto houver um sopro de vida no meu corpo, eu vou garantir que esses dois jamais tenham nada um com o outro e que essa criança bastarda vá direto para uma casa que realmente a mereça.

— Chrissie nunca vai concordar com isso. Você não pode obrigá-la a entregar o bebê.

— Veremos.

Mabel se levantou de supetão, jogando a cadeira para trás.

— Só sobre meu cadáver.

O telefone no saguão de entrada tocou de repente, o som agudo fazendo ambos saltarem.

Mabel atendeu.

— Boa noite. Consultório médico. Ah, olá, sr. Henderson.

Depois de uma conversa curta, Mabel voltou para a cozinha.

— Era o sr. Henderson. A esposa dele está em trabalho de parto. A bolsa

já estourou, então vou para lá agora. Quando eu voltar, vamos arrumar essa bagunça. Quero ver a carta que Billy entregou para você. — Ela colocou o chapéu de chuva e começou a procurar sua maleta.

— Você devia levar uma lanterna, Mabel. Está muito escuro lá fora. Quer que eu vá com você? Não gosto da ideia de você sair sozinha.

— Já fiz isso centena de vezes antes, Samuel. Você nunca se preocupou antes. Em todo caso, lanternas estão proibidas no blecaute.

Samuel revirou a gaveta da cozinha e encontrou um envelope de papel pardo, que prendeu sobre a lanterna.

— Tome, leve isso. Pelo menos é alguma coisa.

Mabel pegou a lanterna.

— Você é teimoso como uma mula, Samuel Skinner, e tem horas que odeio você.

Estava uma noite horrível. Mabel puxou o capuz da capa de chuva sobre a cabeça e segurou-o com força na altura do queixo. Lutava contra o vento e a chuva ao mesmo tempo em que tentava evitar as poças de água. A lanterna era praticamente inútil, e era difícil caminhar pela rua. Ela tropeçou em um ladrilho quebrado, escorregou na sarjeta e caiu de costas na rua, ao mesmo tempo em que o conteúdo de sua maleta se espalhava no chão. Não viu nem ouviu quando o carro a atingiu. Só sentiu o cheiro de borracha queimada quando o veículo tentou parar, e sentiu o golpe que quebrou sua coluna como se fosse um fósforo.

Kathleen McBride apertou o telegrama de encontro ao peito e balançou a cabeça, sem acreditar.

— Santa Maria, Mãe de Deus — ela sussurrou, enquanto se persignava.

Pelo que entendera, sua sobrinha grávida estava a caminho e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Em um ataque de ira, jogou o telegrama no fogo e começou a ponderar sobre as novidades. Era tão típico de seu cunhado se esquivar de suas responsabilidades dessa forma. Era o homem mais desprezível que Kathleen conhecia, e nunca o perdoara por levar sua irmã para a Inglaterra. Mabel fora totalmente dominada por ele e seu jeito protestante de ser, e agora parecia que tinham criado a filha para ser uma juvenzinha promíscua.

Desde a morte dos pais delas, Kathleen ficara responsável pela manutenção da fazenda da família. Dois de seus irmãos morreram na

infância e outros dois, movidos pelo egoísmo, tinham se mudado para a América, em busca de uma vida melhor. Ela era a mais velha de seis filhos, a única que se importava com a fazenda e com os sacrifícios que a mãe e o pai deles fizeram. Seus pais lutaram a vida toda para manter a fazenda em atividade e para proporcionar um lar amoroso para todos eles, e Kathleen estava determinada a garantir que a propriedade continuasse na família e a manter os valores dos pais.

Tinha uma vida frugal. A fazenda não tinha eletricidade ou água corrente, e a vida era dura naquela paisagem campestre e implacável aos pés das montanhas Galtee, no sul da Irlanda. A casa era decrepita, erguida sobre um terreno pantanoso, com uma umidade que subia pelas paredes grossas e já meio desmoronando, até tomar os ossos. O fogo na cozinha era usado tanto para aquecer quanto para cozinhar, e nunca se apagava. À noite, Kathleen cobria as brasas com as cinzas, e na manhã seguinte, quando as cinzas eram retiradas, o fogo ainda ardia por baixo e ganhava vida mais uma vez. A água era retirada de um poço todas as manhãs antes do desjejum e colocada em uma panela no fogo para aquecer, um processo tedioso e cansativo. A turfa para o fogo era tirada do pântano e seca antes de ser colocada para queimar.

Kathleen pegou um pedaço de turfa e a colocou no fogo. Imediatamente o aposento encheu-se de fumaça, e ela tossiu com violência. Levantou-se e esticou o corpo devagar, esfregando as costas ao fazer isso. Tinha só quarenta e cinco anos, mas a idade pesava muito mais naquele clima inclemente, e agora passava a fatura.

Não tinha ideia de que horas a sobrinha chegaria ou como faria isso, mas não era problema seu. Não havia como manter a garota na fazenda naquelas condições. Só de pensar, o rosto de Kathleen corava, embora estivesse sozinha. Aquela era uma comunidade minúscula, e a notícia de

uma gravidez fora do casamento se espalharia como fogo em rastilho de pólvora. Podia imaginar as pessoas da congregação cutucando umas às outras quando ela entrasse na igreja, a cabeça baixa de vergonha. Em nome de Deus, no que sua irmã pensava quando mandou sua filha rebelde para lá?

Kathleen abriu a porta e gritou no quintal.

— Jackie, pode vir aqui um momento?

Jackie Creevy, de dezenove anos, ainda não carregava as sequelas dos anos intermináveis de trabalho. O rapaz levantou os olhos da carroça que consertava e ficou em pé em um salto.

— Sim, senhorita McBride. Como posso ajudá-la?

Kathleen sorriu com algo que se aproximava de carinho, mas a preocupação marcava claramente seu rosto.

— Ah, minha sobrinha vai chegar em algum momento do dia de hoje. Não tenho certeza exatamente de quando, mas você se importaria de ficar de olho? Assim que ela chegar, quero que me chame. Não fale com ela, nem faça perguntas. Acho que ela virá no carro de mulas da cidade.

— Claro, senhorita McBride. Certamente será uma alegria para a senhorita.

Jackie tirou o gorro e voltou para onde Sammy ainda o aguardava pacientemente. Ficou pensando na notícia que patroa lhe dera enquanto cuidava da pata do cavalo, tirando a lama com cuidado, com uma escova macia. Nos quatro anos que trabalhava na fazenda, a senhorita McBride nunca falara da família, e agora, de repente, uma sobrinha estava chegando para ficar. Ela não tinha muitos visitantes, então seria um acontecimento emocionante, mas a expressão no rosto dela lhe dizia que essa visita em particular não era bem-vinda.

Ele terminou de cuidar das patas do cavalo passando um óleo de castor

para afastar a umidade, e deixou o animal no celeiro, para que comesse seu feno. Depois assobiou para chamar os cães que dormiam no fundo do celeiro, aninhados entre a palha. Os cães imediatamente entraram em ação, saltando animados em volta de suas pernas. Por fim, chamou os outros dois funcionários da fazenda, Michael e Declan, que também estavam tirando uma soneca, e todos atravessaram os campos para recolher o gado para a ordenha da tarde. Era um rebanho pequeno, mas a ordenha exigiria de dois deles umas quatro horas de trabalho. Enquanto caminhava tranquilo, Jackie se perguntava se essa sobrinha ficaria por muito tempo, e se daria uma ajuda na fazenda. Toda ajuda era necessária.

Kathleen estava tirando uma ovelha morta de uma vala quando o gado entrou no pátio. Ela secou as mãos no avental e foi até a área de ordenha. Michael levava as vacas uma a uma, e Kathleen amarrava um pedaço de cordame ao redor das patas traseiras dos animais mais difíceis. Mais de uma vez, algum trabalhador da fazenda se machucara e ficara afastado por dias depois de um coice rápido e maldoso de uma vaca contrariada.

O estábulo estava em silêncio, exceto pelos jorros de leite que atingiam os baldes de metal, e Jackie se virou para Kathleen, que estava puxando o úbere da vaca com mais força que o normal.

— Qual o nome da sua sobrinha, senhorita McBride? — ele arriscou perguntar.

Kathleen apertou com mais força, fazendo a vaca bater os cascos traseiros no chão, em protesto.

— Olhe, Jackie, você não precisa se preocupar com detalhes como esse. Ela não vai ficar muito tempo.

— Que pena. Ela seria uma companhia para a senhorita e poderia ajudar com suas tarefas.

— É uma garota da cidade, Jackie. Duvido que ela saiba de onde vem o

leite. Para ela, ele simplesmente aparece na porta de casa, como mágica, eu imagino.

— Ah, bem. A senhorita poderia ensiná-la, senhorita McBride, poderia sim.

Kathleen se levantou e levou o banquinho até a próxima vaca.

— A senhorita está rápida esta tarde, senhorita McBride

— Jackie comentou, admirado. Ninguém poderia acusá-la de não dar o melhor de si.

— Tem uma ovelha morta lá fora, Jackie. Pode separá-la para Pat?

— Claro que sim, senhorita McBride.

Pat era o comerciante local que visitava todas as fazendas do vale e levava todos os ovos, creme, manteiga ou legumes que tivessem para vender. Ele levava a produção para a cidade e a vendia nas lojas locais. Os lojistas pagavam diretamente aos fazendeiros, e Pat ficava com uma pequena comissão. Kathleen também deixava que ele levasse qualquer ovelha que morresse de causas naturais. Não dava para comer uma ovelha sem saber do que ela tinha morrido, mas Pat sempre conseguia algum dinheiro pela lã. Depois ele fervia a carcaça, recolhia a gordura resultante e vendia novamente para as fazendas como lubrificante para as rodas das carroças. Também vendia um pouco para o boticário de Tipperary Town, que transformava aquela substância gordurosa e malcheirosa em sabonetes e cremes faciais.

Estava anoitecendo quando Jackie se acomodou no celeiro. Ele dormia em um colchão de palha, aninhado com os cães, e uma lamparina de querosene era sua única fonte de luz. A senhorita McBride lhe dera alguns cobertores grossos e sempre lhe trazia uma caneca de chocolate quente antes de se deitar. Era feliz desde que a senhorita McBride o trouxera para viver na fazenda, depois que ficou órfão, aos catorze anos. Não ganhava

muito, mas tinha comida e abrigo, e de vez em quando Michael e Declan o levavam até o pub local para um jogo de dominós ou de cartas. Era uma vida simples, feita de rotinas, no qual cada dia não era muito diferente do anterior. Então, quando ouviu o som dos cascos de mulas trotando no quintal, o coração de Jackie acelerou.

Ficou parado na porta do celeiro, esperando a pequena carroça. O condutor desceu e ofereceu a mão para a sobrinha da senhorita McBride. Ela aceitou-a, relutante, e saltou, assimilando os arredores enquanto fazia isso. Jackie ficou cativado diante daquela cena e ficou imóvel até se lembrar dos bons modos. Aproximou-se correndo para saudar a recém-chegada e tirou seu gorro.

— Boa noite. Você deve ser a sobrinha da senhorita McBride. Bem-vinda à fazenda Briar.

— Sou eu mesma. Meu nome é Chrissie. Como vai você?

Ela parecia completamente exausta. Sua pele era pálida e insípida, seus lábios estavam secos e rachados, e o cabelo loiro era liso e despenteado. Apesar de tudo aquilo, Jackie achou que ela era a criatura mais bonita que já vira. Estava envolta em um halo de doçura, mas parecia vulnerável, e instantaneamente ele quis protegê-la. Pegou a pequena maleta dela e a levou em direção à casa.

— Meu nome é Jackie Creevy, mas todo mundo me chama de Jackie.

Chrissie sorriu.

— É um prazer conhecê-lo, Jackie.

— Siga-me. Levarei você até sua tia.

17

A casa da fazenda era minúscula, com teto baixo de palha e duas pequenas janelas em cada lado da porta da frente. Era muito antiga e parecia prestes a desmoronar a qualquer momento, mas o brilho do fogo lá dentro a transformava em uma visão acolhedora, e Chrissie estava aliviada de ter finalmente chegado. Jackie a levou até casa e bateu na porta, vacilante. Sorriu para Chrissie e os dois esperaram.

Depois de um tempo, a porta se abriu e Chrissie viu sua tia pela primeira vez. O cabelo de Kathleen era todo grisalho, seu rosto era enrugado e marcado pelo clima, e ela aparentava ter o dobro de sua idade real. Observou Chrissie, cautelosamente. Depois se virou para Jackie.

— Água, por favor, Jackie.

— É claro, senhorita McBride.

Foi então que Chrissie reparou no receptáculo na parede, perto da porta.

Era uma pequena bacia de pedra, cheia de água. Jackie molhou os dedos e salpicou um pouco de água em Chrissie. Ela sacudiu a cabeça quando algumas gotas escorreram em seus olhos.

— Água benta — Jackie sussurrou.

Kathleen estendeu a mão e a sobrinha a apertou, temendo que o suor na palma denunciasse seu nervosismo. A mão da tia era incrivelmente áspera e calosa; era como se usasse luvas de couro, Chrissie pensou.

— Você deve ser Chrissie. Entre, vamos. Isso é tudo, Jackie, obrigada.

— Claro. Boa noite, senhorita McBride. Boa noite, Chrissie.

Kathleen o fulminou com os olhos, mas Chrissie se virou para ele e lhe deu um aceno enquanto ele partia.

— Agora, Chrissie, que tal se me der seu casaco primeiro?

Chrissie tirou o casaco pesado e o entregou para a tia, que o pendurou no braço. Ela deu um passo para trás e olhou para a sobrinha de cima a baixo.

— Ainda não dá para notar.

Chrissie alisou o vestido e deu um tapinha na barriga.

— Estou de dois meses. O bebê não vai nascer antes de abril.

Kathleen pareceu aliviada.

— E você está bem de saúde?

— Sim, obrigada.

— E o pai do bebê?

Chrissie não estava no clima para essa avalanche de perguntas de uma completa estranha, ainda que fossem parentes. Simplesmente balançou a cabeça.

— No que estava pensando, menina? Seus pais não lhe inculcaram com moral alguma? Tem ideia da vergonha que causou a esta família?

Chrissie suspirou profundamente.

— Estou começando a ter, sim. — Seu queixo começou a tremer, e Kathleen suavizou o tom.

— Vamos falar sobre isso depois. Você parece acabada. Venha, sente-se perto do fogo que lhe farei uma xícara de chá.

Chrissie sentou-se, sentindo-se grata, e tirou os sapatos.

— Eu não me importaria em tomar um banho, se não for muito incômodo. Estou viajando há quase dois dias.

— Um banho? Jesus, Maria e José! Onde acha que está?

Chrissie observou o aposento austero, com poucos móveis, e percebeu seu erro.

— A água tem que ser tirada do poço lá fora e aquecida aqui. — Kathleen apontou a grande panela enegrecida que pendia sobre o fogo. — É bastante útil, você vai se acostumar a usá-la. O banheiro é lá fora, atrás do celeiro.

Chrissie lutou contra as lágrimas.

— E onde vou dormir?

— Ali. Só temos um quarto.

Ela se virou e viu um pequeno catre armado no canto.

— Agora — Kathleen disse, adotando um tom de voz oficial. — Parece que vamos estar atravancadas uma com a outra por um bom tempo. Não sei qual de nós ficou com a pior parte, mas enquanto estiver aqui, vamos tentar nos dar bem. Suponho que não tenha objeções contra trabalho pesado?

Chrissie negou com a cabeça.

— É claro que não. Eu ajudo... quer dizer, eu *ajudava* no consultório do meu pai.

Kathleen bufou.

— Estou falando de trabalho de verdade, garota. Já ordenhou uma vaca?

Carregou um fardo de palha? Limpou um estábulo ou trabalhou na colheita, independentemente do clima lá fora?

Chrissie negou com a cabeça.

— Foi o que achei. Bem, você não está aqui de férias. Espero que ganhe seu sustento.

Kathleen passou para a sobrinha um pote de geleia cheio de chá.

— Estamos usando a melhor porcelana em sua homenagem. — Deu uma piscadinha enquanto bebia chá, e Chrissie conseguiu dar um sorrisinho.

Quando chegou a hora de dormir, Chrissie teve permissão para acompanhar Kathleen até o quarto no andar de cima. No canto havia uma mesa com uma toalha branca imaculada. Havia uma vela em cada canto e, no meio, três estátuas: de Nossa Senhora, de São José e do Menino Jesus de Praga. Flores secas estavam arrumadas cuidadosamente diante das imagens.

— Este é meu altar — Kathleen mostrou, orgulhosa. — Você pode rezar aqui antes de ir para a cama.

— Obrigada.

— A família que reza junta permanece junta.

Kathleen se ajoelhou e Chrissie a imitou. O chão de madeira dura era implacável com os joelhos, e a menina tentou se ajeitar para ficar confortável. Kathleen juntou as mãos e fechou os olhos:

— Pai querido, te agradecemos por trazer Chrissie em segurança até nossa casa. Rezamos por orientação em relação à posição infeliz na qual ela se encontra. Também rezamos para que a alma dela seja limpa de seus pecados antes que ela parta deste mundo para o próximo. Agradecemos pela colheita que conseguimos até agora dos campos, e rezamos para que nossa plantação continue crescendo abundantemente. Agradecemos por

cuidar dos nossos animais enquanto eles pastam nos nossos campos verdejantes. Rezamos para que continue cuidando de Jackie e dos demais, que os mantenha livres de doenças e percalços durante os meses de inverno. Pai, rezamos para que perdoe nossos pecados. Amém.

— Amém — Chrissie repetiu. Tentou ficar em pé, mas Kathleen segurou seu braço e a fez continuar de joelhos.

— Maria, Mãe de Deus... — Kathleen disse.

Chrissie deu uma olhadela furtiva na direção da tia, sem saber o que supostamente devia fazer.

— Rogai por nós — Kathleen sussurrou.

— Ah. Entendo. Rogai por nós — Chrissie repetiu.

— São José... — Kathleen deu uma cotovelada nas costelas da sobrinha com força.

— Rogai por nós — Chrissie respondeu.

— Amém — Kathleen falou, finalmente se levantando.

— Amém — Chrissie repetiu enquanto ficava em pé.

— Hmmm. Tenho a impressão que você não é muito devota. — O tom de voz de Kathleen era desaprovador.

— Na verdade, não. Meu pai é um homem da medicina, entende? Ele acredita no poder da medicina no lugar das orações, então eu nunca fui muito à igreja. Íamos à missa do galo, na véspera de Natal, e, é claro, em casamentos, funerais e batizados, mas, fora isso, não posso dizer que frequentava regularmente a igreja.

— Talvez, se frequentasse, não estaríamos aqui, agora, tendo esta conversa. — Kathleen apertou os lábios com força e balançou a cabeça. — Você pode se retirar para sua cama, agora. Vamos nos levantar às cinco e meia da manhã para as orações. Você pode se reunir a mim aqui no altar. Depois teremos o tempo exato para buscar água antes que os sinos da

igreja toquem o Angelus, às seis da manhã. Depois disso, é a ordenha da manhã e o desjejum. Você vai ajudar com as tarefas, mas de maneira alguma vai comentar sua situação com Jackie ou os demais. Estamos entendidas?

Chrissie assentiu, sentindo-se miserável.

— Sim, tia Kathleen.

— Você pode usar um pouco da água quente da panela para se lavar, e há um penico nos pés da sua cama. É só para uso noturno, no entanto; você deve usar o banheiro de fora durante o dia. Tem alguma pergunta?

— Não.

— Ótimo. Então nos vemos pela manhã. Boa noite.

Chrissie se arrastou para o andar de baixo e puxou uma cadeira para perto do fogo. Era impossível se manter aquecida naquele lugar, e sua respiração se condensava no ar quando ela exalava. Sua tia tinha já arrumado o fogo para a noite, então o calor que ele proporcionava era mínimo. Mas a água na panela ainda estava morna o suficiente para que pudesse se lavar. Então ela pegou um pouco em uma tigela, pegou uma toalha que a tia deixara na cama, e começou lentamente a limpar a sujeira deixada por dois dias de viagem. Tremia de um jeito incontrollável enquanto tirava as roupas e limpava o corpo. Teria dado qualquer coisa para um longo banho de espumas naquele momento.

Remexeu em sua mala e encontrou sua camisola. Enquanto a vestia pela cabeça, sentiu o cheiro esmagadoramente familiar de casa. Wood Gardens tinha um odor muito característico, com o aroma asséptico dos medicamentos, a fragrância da cera de abelha usada para polir os armários na clínica, e o cheiro acolhedor da comida de sua mãe.

De repente, Chrissie ficou com uma vontade imensa de chorar. Sentia falta da sua cama, do conforto dos braços da mãe e da devoção

inquestionável de Leo. Entrou no meio dos lençóis e puxou as cobertas até o queixo. Mesmo com o peso de três cobertores, não conseguia se aquecer, e tremia tanto que suas costas começaram a doer.

Ela se perguntou o que Billy poderia estar fazendo naquele momento. Será que sentia algum remorso do jeito cruel como a abandonara?

Ela o amava de verdade, e tinha certeza que poderia tê-lo feito feliz se tivesse tido uma chance. Sua mãe também devia ter sido mais forte, e não permitido que seu pai a mandasse embora daquele jeito. Ainda era parte da família, e estava determinada a voltar um dia. Ela e o bebê.

Samuel Skinner segurava a mão da esposa em desespero, cada fibra de seu ser desejando que ela vivesse. As últimas 24 horas tinham mudado a vida do médico para sempre. Já dissera adeus para sua única filha que partira para a Irlanda desonrada. Conseguira tirá-la a tempo de Manchester, antes que Billy viesse se arrastando para pedir seu perdão. Parecia que o rapaz conseguira convencer Mabel que queria se casar com Chrissie. O dr. Skinner riu consigo mesmo com o absurdo de tudo aquilo. Não, o bebê seria adotado e ficaria fora da vida deles para sempre.

Soltou a mão da esposa, levantou-se e passou os dedos pelo cabelo. Tinha acabado de se lembrar da reação de Mabel quando ele contara seus planos para o bebê. *Só sobre meu cadáver*, ela dissera, desafiadora.

Ele se ajoelhou perto do rosto dela e passou os dedos com suavidade pelo rosto de Mabel.

— Mabel. Mabel, por favor, acorde. Eu sinto muito. — Sacudiu os ombros dela de leve, mesmo sabendo que não faria diferença. Apoiou a cabeça no peito dela, para se reconfortar com o ritmo da respiração dela, mas sua caixa torácica estava totalmente imóvel. Ele agarrou a mão dela de novo; já podia sentir seu sangue se transformando em gelo. — Mabel, não! Por favor, não me deixe!

— soltou um grito primitivo que atraiu a enfermeira.

— Dr. Skinner, o que foi?

O médico caiu de joelhos ao lado da cama.

— Ela se foi. — Sua voz estava rouca. — Ela se foi.

Eram mais de duas da manhã quando o dr. Skinner voltou para casa. Devia estar exausto, mas sentia-se como se nunca mais fosse dormir. Serviu-se de uma dose generosa de uísque e largou-se na cadeira da cozinha. Leo arranhou a porta de trás e ganiu para sair. O dr. Skinner o chamou.

— Venha aqui, garoto. Você é tudo o que me resta agora.

Leo se aproximou lentamente, e deixou que o médico cocasse sua cabeça.

— Agora somos só você e eu, Leo. O que vamos fazer?

O cão se sentou aos pés do dono e abanou o rabo.

Toda aquela situação era culpa do maldito Billy. Se ele não tivesse engravidado Chrissie, ela não estaria na Irlanda agora. Mabel não teria saído na noite passada com um estado de espírito tão agitado, e talvez tivesse visto o carro que a atropelou. Se Chrissie não tivesse jamais posto os olhos naquele... naquele... o dr. Skinner jogou o copo de uísque do outro lado do aposento e, quando o vidro se espatifou, deixando o líquido dourado escorrendo pela parede, Leo foi se esconder embaixo da mesa. O dr. Skinner recostou a cabeça no encosto da cadeira e fechou os olhos. Era claro que não podia contar para Chrissie sobre a morte da mãe. Isso a faria vir correndo da Irlanda imediatamente, e direto para os braços de Billy. Não, era melhor deixar como estava. No que lhe dizia respeito, Chrissie estava tão morta para ele quanto sua esposa.

18

Chrissie já estava na fazenda há dois meses quando sua tia ficou doente. Soube imediatamente que alguma coisa estava errada, pois vira vários pacientes de seu pai com os mesmos sintomas.

— Tia Kathleen, eu realmente acho que a senhora deveria ir para a cama, e não ficar aqui fora, no quintal. Está congelando, e isso só vai deixá-la pior.

— Como posso ir para a cama quando há tanto trabalho para ser feito? Pare de se preocupar, garota, e me deixe com meus afazeres. Nunca tive um dia de enfermidade na vida. Vou tomar uma colher extra de malte e de óleo de fígado de bacalhau esta noite, ficarei nova em folha.

Ela tossiu violentamente, resfolegando o muco resultante, que se acumulou em sua garganta, e cuspiu uma imensa massa verde no chão. Chrissie virou o rosto, enojada, mas não sem antes perceber os restos de

sangue. Kathleen estava tremendo quando Chrissie colocou o braço ao redor de seus ombros e a levou até a parede, para que a tia pudesse se apoiar e recuperar o fôlego. O terreno estava duro como pedra, resultado de outra geada implacável. O gado estava desesperado no campo, e até as galinhas, que em geral corriam soltas pelo quintal, estavam amontoadas em um canto, estufando as penas em uma tentativa inútil de ficarem aquecidas.

— Tia Kathleen — Chrissie tentou de novo. — Acho que a senhora está muito doente. Acho que pode ter tuberculose. Já vi esses sintomas antes, muitas vezes.

Kathleen secou os olhos com um lenço encardido.

— Besteira. Tuberculose, quem já ouviu uma coisa dessas? Onde vou contrair uma doença da qual jamais ouvi falar?

— A senhora já ouviu falar, tia Kathleen, embora provavelmente a chame de tísica.

Kathleen pareceu em dúvida por um instante, enquanto pensava no que a sobrinha dissera.

— Bem, como eu disse, jamais fiquei doente na vida.

— Mais uma razão para que a senhora vá para a cama agora. Posso fazer as tarefas aqui; a senhora sabe que fiquei bem rápida na ordenha. Além disso, se estou certa, a tuberculose é muito, muito contagiosa. A senhora não quer infectar Jackie e os outros, não é? E tenho certeza que não quero pegar. Não seria bom para o bebê.

Kathleen colocou o dedo nos lábios e olhou ao redor furtivamente à menção do bebê.

— Talvez você esteja certa. Me sinto acabada, então farei isso, sim.

— Está resolvido, então. Pode se apoiar em mim que vou levá-la para dentro.

Naquela tarde, enquanto mexia uma canja de galinha no fogo, Chrissie ouviu a tia tossir violentamente. Colocou um pouco da sopa em uma tigela, arrancou um pedaço do pão irlandês que havia feito mais cedo e subiu as escadas. Ao ver a tia, sobressaltou-se e sentiu uma onda de pânico. O rosto dela estava branco como giz, e seus olhos estavam vermelhos e inchados. Chrissie sentiu sua testa, que estava pegando fogo, apesar do ar frio e úmido. Colocou a sopa e o pão na mesinha de cabeceira, correu para baixo, abriu a porta e gritou no quintal:

— Jackie! Jackie!

Ouviu o som metálico do ferro caindo no chão de pedra quando Jackie largou as ferramentas e apareceu na porta do celeiro, com dois cães ao seu lado.

— O que foi, Chrissie?

— Preciso que vá até a cidade buscar o dr. Byrne... agora.

O rosto de Jackie se nublou de preocupação.

— É a senhorita McBride?

— Sim, Jackie. Por favor, rápido!

Jackie girou nos calcanhares, pegou Sammy, o velho cavalo que estava amarrado no quintal, desfrutando seu feno, e, sem se incomodar em selá-lo, montou nas costas do animal. Apertou seus flancos, e o cavalo respondeu no mesmo instante. Saíram em meio a galopes da fazenda, com Jackie agitando os braços enquanto tentava controlar o cavalo apenas com as rédeas.

Passaram-se duas horas até que ele voltasse com o médico. Chrissie explicou os sintomas para ele, enquanto subiam juntos as escadas.

— Acho que ela está com tuberculose — Chrissie concluiu.

O dr. Byrne franziu o cenho.

— Sou eu quem faz diagnósticos por aqui, obrigado.

— Claro, desculpe. Quer uma xícara de chá, doutor? Tenho água quente.
O dr. Byrne assentiu.

— Duas colheres de açúcar. — Olhou para a Kathleen, que estava adormecida. — Então, Kathleen, o que temos aqui?

Kathleen se mexeu e obrigou-se a abrir os olhos.

— Dr. Byrne? O que está fazendo aqui? Não tenho dinheiro para pagá-lo, nenhum centavo. Isso é coisa da minha sobrinha intrometida, ela não devia tê-lo chamado.

— Isso quem decide sou eu... — o médico respondeu, enquanto abria sua maleta e pegava um termômetro. — De qualquer forma, a senhora poderá me pagar com uma galinha e uma bandeja de ovos.

— Eu não estou bem, doutor — Kathleen disse com voz fraca. — Sei disso há um tempo, para ser honesta.

— Eu sei, é por isso que estou aqui. — O médico procurou o estetoscópio.

— Não, você não entende. — Kathleen agarrou o pulso do homem. — Agora que está aqui, preciso que faça uma coisa por mim.

— É o que estou tentando fazer, se você permitir. — Ele puxou a mão.

— Ali. — Kathleen apontou para uma pequena cômoda. — Na gaveta de cima tem um bilhete enrolado com algum dinheiro. Preciso que entregue isso ao padre Drummond.

— Quem acha que sou além de médico? Algum tipo de carteiro?

Kathleen teve outra crise violenta de tosse.

— Por favor, dr. Byrne. É importante.

Mais tarde, naquela noite, depois que o dr. Byrne partiu, tendo confirmado de modo relutante o diagnóstico de Chrissie, a garota misturou cacau em pó em duas canecas de leite quente. Sua tia estava dormindo profundamente naquele momento, graças aos remédios que o médico lhe

dera. Chrissie vestiu o casaco e saiu em silêncio da casa, seguindo até o celeiro.

— Jackie?

Ela mal conseguia ver a lamparina de querosene dele na escuridão do celeiro, e ouviu o farfalhar do feno quando ele se mexeu.

— Chrissie? Espere aí. Vou em um minuto.

Ele parecia ter acabado de acordar, com pedaços de feno no cabelo.

— Fiz chocolate quente. Está na cozinha.

— Ah, obrigado. Quer que eu vá buscar?

— Não. Quero que entre comigo na casa, para que possamos bebê-lo juntos.

Jackie hesitou.

— Bem, não sei se a senhorita McBride aprovaria isso. Ela sempre traz o chocolate quente aqui no celeiro.

— Por favor, Jackie. Eu gostaria de um pouco de companhia. Além disso, ela está dormindo pesado. O dr. Byrne lhe deu alguma coisa.

— Acho que tudo bem, então. Só vou pegar meu casaco.

Chrissie tinha avivado o fogo na cozinha e colocado um pouco de turfa extra, então o aposento estava bem aconchegante. Assim que se acomodaram com o chocolate quente nas mãos, ambos começaram a relaxar. Chrissie ficava à vontade na companhia de Jackie; se não fosse por ele, não sabia como suportaria aquele lugar. Sua tia abrandara um pouco desde sua chegada, mas ela ainda insistia que ninguém soubesse sobre o bebê, então Chrissie continuava um tanto quanto isolada. Tinha escrito para a mãe várias vezes nos últimos meses, e estava desapontada por não ter recebido resposta, mas tia Kathleen insistia que aquilo não era incomum. O correio funcionava mal, e qualquer comunicação demorava meses. Ainda mais agora, com a Inglaterra em guerra, o prazo seria ainda

maior. O coração de Chrissie ficava apertado quando pensava em sua mãe, em sua casa, em Leo e, é claro, em Billy. Apesar do comportamento dele, ela não conseguira tirá-lo de sua mente, e se alegrava em segredo por levar um filho dele dentro de si. Ela sabia que um dia voltariam a se encontrar, e essa crença a fazia ir adiante. Deu uma palmadinha suave na barriga e sorriu consigo mesma.

— Um *penny* para saber os seus pensamentos — Jackie a interrompeu.

— Ah, eu só estava pensando em casa. Sabe, em como sinto falta de todos.

— Você nunca fala sobre sua casa, Chrissie. Conte-me como é.

Chrissie deu de ombros.

— Não tenho muito o que contar, na verdade. Nasci e cresci em Manchester. Sou filha única, meu pai é médico e minha mãe é parteira. Isso é tudo.

— Mas você parece tão triste. Por que não volta para casa, se sente tanta falta de lá?

Chrissie suspirou.

— Eu gostaria que fosse tão simples. — Lágrimas começaram a escorrer lentamente por seu rosto. Jackie passou um braço pelos ombros dela, hesitando e olhando de relance para a escada.

— Vamos, Chrissie. Por que não me conta o que preocupa você? Não vou fingir que terei uma resposta, mas tenho certeza que você vai se sentir melhor se desabafar com alguém.

— Não posso — Chrissie sussurrou.

— Pode confiar em mim. Sei que só nos conhecemos há pouco tempo, mas somos amigos, não somos?

Era verdade. Jackie fazia Chrissie se lembrar de Clark de certo modo. Embora fosse muito mais alto, tinha o mesmo cabelo ruivo e o rosto

gentil. Chrissie se perguntava onde Clark estaria agora. Estaria lutando em algum lugar, sem dúvida, e ela estremeceu ao pensar nisso. Provavelmente Billy também estaria em algum lugar distante, defendendo o país, com a ameaça de morte não muito distante. Talvez devesse se considerar uma pessoa de sorte. Pelo menos estava em segurança. A Irlanda se declarara neutra, e não tinha intenção de se envolver nas hostilidades.

— Chrissie? — O rosto preocupado de Jackie a trouxe de volta ao presente.

Chrissie se recompôs.

— Estou bem, Jackie. De verdade. É com tia Kathleen que temos que nos preocupar agora.

— Você está certa. O que o médico disse?

— Bem, em casos de tuberculose, a cirurgia é uma possibilidade, mas tia Kathleen jamais concordaria com isso. Além do mais, pode não ser necessária nesse estágio. Meu pai costumava fazer um procedimento conhecido como técnica de plumbagem, que consistem em colapsar o pulmão infectado para que ele tenha tempo de repousar e curar as lesões. Mas eu mencionei isso para o dr. Byrne, e ele pareceu não saber sobre o que eu estava falando. Lá em Manchester, meu pai enviaria o paciente para um sanatório, onde o clima saudável e uma boa alimentação ajudariam a combater a infecção, mas, para ser honesta, mesmo se existisse um lugar desses por aqui, ela nunca deixaria a fazenda, não é? Nós dois vamos ter que cuidar dela. Posso garantir que ela se alimente bem, descanse bastante e recupere as forças. Você pode assumir o controle da fazenda, para que ela não se preocupe demais.

— Posso fazer o guisado irlandês da minha mãe. Tenho certeza que isso vai colocá-la em pé em pouco tempo.

Chrissie olhou para ele com carinho.

— Isso é muito gentil. Obrigada, Jackie. Eu agradeceria muito, e sei que minha tia também.

— Eu faria qualquer coisa pela senhorita McBride. Qualquer coisa mesmo.

— Sente muita falta dos seus pais?

— Ora, claro que sim. Eu era filho único, sabe, e isso é uma coisa rara aqui na Irlanda. Minha mãe nunca mais conseguiu engravidar depois de mim.

— O que aconteceu com eles? Quero dizer, o que aconteceu com seus pais?

— Eles pegaram tísica. Morreram com poucos dias de diferença um do outro. Eu segurei a mão da minha mãe quando ela deu seu último suspiro, até que dormiu para sempre.

Colocou a mão por dentro da blusa, pela gola, e puxou uma corrente de ouro. Nela estavam três anéis que tilintaram e reluziram sob a luz do fogo.

— Essas são as alianças de casamento dos meus pais, e o anel de noivado da minha mãe. Sempre levo comigo. — Beijou os anéis e guardou-os em segurança dentro da blusa de novo. Então fechou os olhos e deu umas palmadinhas no peito.

Sua dor era óbvia, e Chrissie pensou em sua mãe. Se algo acontecesse com ela, Chrissie sabia que não suportaria.

— Sinto muito, Jackie.

A expressão dele era sombria.

— Essa tube... tuberclo...

— Tuberculose — Chrissie o corrigiu.

— Sim, isso. Não é uma doença tão ruim quanto tísica, é? Quero dizer, eu não suportaria perder a senhorita McBride também.

Chrissie não teve coragem de dizer para ele que eram a mesma coisa.

— Não, Jackie, não se preocupe. Vamos nos assegurar de que a senhorita McBride vai melhorar. Amanhã você vem até aqui e prepara para ela uma panela do guisado irlandês da sua mãe. Parece algo capaz de reviver os mortos. — Ela segurou a mão dele e acrescentou, de modo desafiador. — Prometo para você: a senhorita McBride não vai morrer.

No dia seguinte, Chrissie sentou-se perto do fogo para remendar alguns sacos. Estava acostumada a cerzir meias, mas isso era muito mais trabalhoso. A agulha era curva, achatada e muito afiada, e era uma luta empurrá-la pelo tecido pesado. Jackie estava lá em cima com sua tia, alimentando-a com o guisado irlandês da sua mãe. Não havia muita carne, mas ele picara montes de hortaliças frescas para compensar a falta de proteínas, e o resultado era um ensopado delicioso e nutritivo que seria mais benéfico do que qualquer remédio chique. Ele já estava lá em cima há algum tempo, e Chrissie se perguntou porque demorava tanto. Sua tia devia tomar a sopa em goles pequenos, dado seu estado enfraquecido, mas certamente Jackie já devia ter descido.

Ela terminou outro saco e percebeu que a água sobre o fogo começara a ferver. Aproveitou para fazer uma jarra de chá para Jackie. Acrescentou duas colheres de açúcar, como ele gostava, ainda que fosse uma extravagância, e subiu as escadas.

Abriu a porta com cuidado e espiou lá dentro. Jackie estava deitado ao lado de Kathleen, a cabeça no travesseiro dela, o braço sobre seu corpo sem vida.

— Jackie? Posso saber o que está fazendo?

Jackie se mexeu um pouco, mas não respondeu.

Com uma sensação desagradável de fatalidade no estômago, Chrissie aproximou-se da cama, recuando horrorizada quando viu o rosto cadavérico da tia. A pouca cor que Kathleen ainda tinha se fora, e ela

estava tão pálida como uma estátua.

— Ah, Jackie. — Chrissie colocou a mão no braço dele. — Por que não foi me buscar?

Ele afastou o braço e enterrou o rosto no travesseiro.

— Jackie, sinto muito. Sei o que ela significava para você.

Chrissie colocou a jarra de chá na mesinha de cabeceira e depois puxou o lençol gentilmente sobre o rosto da tia.

— Jackie, vamos lá para baixo, sim? Precisamos buscar o médico.

Jackie se sentou e a encarou.

— É um pouco tarde para isso, não acha? Você me prometeu que ela não iria morrer. — A voz dele era apenas um fiapo.

Chrissie segurou a mão dele.

— Eu sei. Sinto muito. Ela obviamente estava mais doente do que pensávamos.

— Por que isso fica acontecendo comigo? Todo mundo com quem me importo me deixa. Estou aqui há quatro anos. Achei que tinha achado um lar para a vida toda, e agora isso.

Chrissie olhou pela janela e notou a tristeza do dia cinzento de novembro.

— Temos que ir à cidade buscar o médico. Logo ficará escuro, e tenho que tentar ligar para minha mãe também. Vamos, Jackie, vamos juntos.

Ela se levantou e estendeu a mão para ele. Ele segurou-a, hesitando, e se levantou também. Na porta, ele olhou novamente para o corpo sem vida sob as cobertas.

— Adeus, senhorita McBride — engoliu em seco. — Nunca esquecerei o que fez por mim.

Era manhã de Natal, Chrissie e Jackie estavam sentados perto do fogo da cozinha. Kathleen estava morta há quase dois meses, mas a vida na fazenda seguia de modo implacável. Tinham acabado de voltar da ordenha da manhã, uma tarefa que levava duas vezes mais tempo porque eram só os dois. Michael e Declan ganharam um dia de folga para ficarem com suas famílias, uma oferta que aceitaram sem pestanejar. Jackie era o dono da fazenda agora. Kathleen deixara a propriedade para ele em seu testamento, garantindo, desta maneira, que ele tivesse um lar para toda a vida, como ela sempre prometera. Eles podiam não ser parentes de sangue, mas ela pensava nele como parte da família. Ele tinha a mesma ética de trabalho dos pais dela, e Kathleen sabia que a fazenda estaria em boas mãos.

O funeral fora uma cerimônia bem íntima, estando presentes apenas Chrissie, Jackie, Michael, Declan e o padre Drummond. Depois de várias

tentativas, Chrissie finalmente conseguira ligar para casa. Teve uma conversa incômoda com o pai, só para que ele lhe dissesse que sua mãe tinha saído para atender uma emergência e que, de todo modo, não poderia comparecer ao funeral. Seu pai nem mesmo perguntara como estava e, daquele momento em diante, Chrissie jurou nunca mais falar com ele. Ela podia ouvir Leo latindo ao fundo e achou que seu coração explodiria de tristeza.

Jackie matou uma galinha para o almoço de Natal deles, e agora ela cozinhava na panela. Havia uma jarra de cerveja morna sobre a lareira, era um presente de Michael e Declan. Chrissie serviu dois copos do líquido escuro e espumoso, e entregou um para Jackie.

— Saúde — ela falou. — Feliz Natal.

Jackie ergueu o copo e brindou com ela. Chrissie sorriu e tomou o gole do líquido maltado morno. Fez uma careta e Jackie gargalhou.

— Acho que é necessário se acostumar com o gosto.

Ela limpou a espuma dos lábios com as costas da mão.

— Você fica lindo quando ri.

Ele olhou o chão, embaraçado, e então mexeu a galinha na panela.

— Mais uma hora e deve ficar pronta.

— Jackie, sente-se, por favor. Preciso conversar com você.

Os olhos dele se arregalaram de pânico.

— Você não vai embora, vai?

— Por que você chegou a uma conclusão dessas? Preciso contar para você por que estou aqui e por que não posso voltar para casa ainda. Minha tia insistiu para que isso permanecesse em segredo, mas não vejo como posso ignorar o assunto por mais tempo.

Ela desabotoou o casaco de lã e alisou a blusa, para que o volume de sua barriga ficasse visível.

Jackie franziu o cenho e se remexeu no assento, parecendo desconfortável.

— Você está...?

— Sim, estou. Quase seis meses. Fui mandada para cá pelo meu pai, que não podia conviver com a vergonha de ter uma filha puta — ela falou com amargura.

— Não diga isso! — Jackie se ajoelhou ao lado dela. — E quanto ao pai do bebê?

Chrissie suspirou.

— Ele é... era... o amor da minha vida. Eu o amava com todo meu coração, mas quando ele descobriu sobre o bebê, não quis saber.

Jackie fechou os punhos das mãos.

— Que maldito...

— Não diga isso, não foi culpa dele. Acho que ele entrou em pânico. A guerra tinha acabado de ser declarada, nós dois éramos muito jovens, meu pai o odiava com todas as forças, e nós só estávamos saindo há pouco tempo. — Chrissie secou uma lágrima do canto do olho. — Eu o amava de verdade e tenho certeza que ele me amava... — Ela limpou a garganta e endireitou o corpo. — De todo modo, são águas passadas agora. Ele não tem ideia de onde estou e não tenho ideia do que aconteceu com ele. Provavelmente está fora do país, lutando.

Jackie encarou os olhos azuis claros dela.

— O que você vai fazer?

— É sobre isso que preciso falar com você. Eu estava me perguntando se tudo bem eu ficar por aqui, pelo menos até o bebê nascer. Depois, vou voltar para Manchester com a cabeça erguida, e meu pai simplesmente terá que aceitar. Assim que minha mãe ver o neto, tudo ficará bem.

Jackie deu um sorriso fraco.

— Gosto do plano. Exceto pela parte que você vai voltar para Manchester. — Ele se levantou e lhe deu um beijo de leve na testa. — Vou cuidar de você e desse bebê. Você terá um lar aqui pelo tempo que precisar.

Chrissie suspirou aliviada.

— Obrigada, Jackie. Não sei o que faria sem você. E, aproveitando, já é hora de você parar de dormir naquele celeiro. Essa é sua casa, agora. Acho que devia se mudar para o antigo quarto da minha tia.

— Ah, eu não poderia. Não parece certo.

— Bem, pelo menos fique com minha cama no canto. Eu me mudarei lá para cima por enquanto.

Ele pareceu em dúvida, mas teve que admitir que fazia sentido.

— Tudo bem, se você tem certeza disso.

Chrissie sorriu e pegou a cerveja novamente.

— Saúde!

O segundo gole foi mais palatável, e ela estremeceu quando a cerveja atingiu suas papilas gustativas.

A vida na fazenda continuou durante os meses do inverno, Chrissie e Jackie estavam felizes, apesar do clima difícil e do trabalho duro que definia seu cotidiano. No início de março, Jackie e Declan mataram um porco para celebrar seu aniversário e o de Chrissie. Ambos completavam vinte anos, e tinham nascido apenas com uma semana de diferença um do outro. O corpo do animal estava pendurado de cabeça para baixo no estábulo, pronto para ser submerso na água fervente que fora aquecida sobre uma fogueira de turfa.

Chrissie entrou no estábulo e se aproximou de Jackie por trás.

— Você está trabalhando duro, Jackie. Quando vai ficar pronto?

O vapor da água deixara o rosto dele corado, e o cabelo estava colado na

testa. Ele secou o rosto com a manga da camisa.

— Temo que ainda demore um pouco.

Ele colocou o braço ao redor dos ombros dela.

— Você está bem?

Chrissie esfregou as costas doloridas.

— Eu só quero que este bebê nasça logo.

— Só faltam mais algumas semanas.

Ele pegou as quatro patas que tinha cortado do porco.

— Gostaria de provar isso na hora do chá?

Chrissie enrugou o nariz de nojo.

— Certamente não. Não sei no que aquele porco andou pisando!

Jackie riu e tentou não pensar no quanto sentiria falta de Chrissie quando ela voltasse para Manchester depois que o bebê nascesse.

Algumas semanas mais tarde, Jackie foi alertado por alguns ruídos não familiares no quintal. Os cães latiam como loucos, e as galinhas saltavam no ar, levantando nuvens de poeira. Uma carroça puxada por uma mula entrou no pátio, e o padre Drummond saiu do veículo. Amarrou a mula em um poste e cumprimentou Jackie.

— Padre Drummond, é uma alegria inesperada. Gostaria de tomar um chá conosco?

— Eu acharia ótimo, Jackie. Obrigado.

Os dois homens abriram a pesada porta da casa. Chrissie estava tricotando ao lado do fogo. Ergueu os olhos, surpresa.

— Padre Drummond! Que bom vê-lo! Vou colocar água para esquentar. Jackie, pegue as melhores canecas, sim? — Ela não poderia permitir que um homem da igreja bebesse em potes de geleia.

Quando todos estavam sentados com suas bebidas, o padre Drummond limpou a garganta e começou a falar.

— A coisa é que as pessoas, bem, vocês sabem... estão falando.

— Sobre o quê? — Chrissie perguntou, na defensiva.

O padre Drummond parecia se sentir bem incomodado.

— Ah... sua tia sempre colocava uma gota de uísque no meu chá. — Ele estendeu a caneca. — Vocês se importam?

Jackie pegou a garrafa da prateleira de cima da cozinha, limpou o pó e colocou um pouco na caneca do visitante. O padre tomou um gole.

— Ah, muito melhor. Agora, onde eu estava?

— As pessoas estão falando. — Chrissie cruzou os braços, desafiadora.

— Ah, sim, bem. Por causa da situação em que vocês dois estão. Quero dizer, vivendo como marido e mulher, quando não são nem casados e...

Chrissie o interrompeu.

— Não estamos vivendo como marido e mulher. Eu durmo lá em cima, no antigo quarto da minha tia, e Jackie dorme aqui embaixo. — Ela apontou o catre no canto.

— Entendo, mas o bebê...

Jackie falou baixinho.

— O bebê não tem nada a ver comigo, padre. Quero dizer, eu não sou o pai. Chrissie está aqui como minha convidada e eu cuidarei dela e do bebê até que ela decida que é hora de partir. Desejo de coração que esse dia nunca chegue, mas Chrissie é livre para voltar para sua antiga vida quando quiser. Não é da conta de ninguém, exceto da nossa, padre, e não permitirei que as fofocas transformem isso em algo sórdido. Chrissie significa o mundo para mim. Eu não teria sobrevivido nos últimos meses sem ela, e não tenho ideia do que farei se ela decidir partir.

Ele parou atrás dela e colocou as mãos com firmeza em seus ombros. Ela estendeu o braço para segurar uma das mãos dele. Os dois ficaram olhando com firmeza o padre Drummond, que pelo menos teve a gentileza

de parecer desconfortável.

— Bem, posso ver que você herdou a teimosia de sua tia, Chrissie. Contudo, há algum tempo certos planos foram feitos para o nascimento do seu bebê.

— Planos? Que tipo de planos?

O padre Drummond falou baixinho, mas com determinação.

— Sua tia me contou sobre sua condição.

— Gravidez — Chrissie o interrompeu.

— Sim, isso. Ela me pediu para encontrar um lugar para você dar à luz, um lugar distante dos olhares curiosos e fofocas, um lugar onde poderia ter o bebê em paz e segurança.

— Quer dizer um hospital?

— Ah, não. Mas é a melhor opção depois dessa. Consegui que fosse para um convento.

— Um convento? Mas não sou católica. Isso é permitido?

— Como eu disse, sua tia me implorou ajuda, e eu prometi que ajudaria. Confie em mim, é a melhor coisa para você.

Jackie falou.

— Talvez ele esteja certo, Chrissie. Imagine dar à luz aqui, nesta casa úmida, sem aquecimento ou água corrente. E se alguma coisa der errado?

Chrissie tinha que admitir que ele tinha razão. Com toda sua experiência em ver as pacientes da mãe em trabalho de parto, estava bem ciente dos riscos envolvidos.

— Qual seria o custo disso?

— Ora, nada — o padre Drummond explicou. — Essa é a parte boa. Você entra no convento, e elas cuidam de você e do bebê. Em troca, você trabalhará para as freiras por um tempo.

Chrissie ficou receosa.

— Que tipo de trabalho?

— Bem, deixe-me ver. Elas cuidam da lavanderia dos hotéis locais, dos restaurantes, casas de sacerdotes, esse tipo de coisa. Também têm uma pequena horta onde plantam legumes para vender. Você está acostumada a isso.

— O que acha, Chrissie? — Jackie perguntou. — Parece a solução perfeita. Nós não podemos pagar um hospital, e a senhorita McBride obviamente pensou que essa seria a melhor saída.

— Escute Jackie — o padre Drummond insistiu. — Ele é muito sensato, é sim.

— Quanto tempo eu teria que ficar lá?

O padre Drummond hesitou antes de responder.

— Isso é com você, Chrissie. Pode ficar o tempo que quiser.

— O senhor faz parecer que são férias.

Ele deu uma risada nervosa.

— Bem, pelo menos você estará bem cuidada.

— Acho que você deveria ir — Jackie a incentivou.

Chrissie deu um sorriso fraco.

— Tudo bem, padre. Por favor, finalize os preparativos, sim?

O padre Drummond se levantou. Os dois homens deram as mãos, e Jackie o acompanhou até a porta.

— Muito obrigado, padre. Ficamos gratos por sua ajuda.

O padre ficou olhando o chão.

— Foi tudo ideia da senhorita McBride. Lembre-se disso, filho.

Jackie franziu o cenho.

— É claro, padre. Vá com cuidado.

Ao subir na carroça, o padre Drummond deu um tapinha no bilhete de Kathleen McBride que estava no bolso dianteiro do casaco. Como poderia

ignorar os desejos de uma moribunda, por mais que eles fossem partir o coração de sua jovem sobrinha?

20

1973

Tina estava deitada no sofá da sala de estar, mas não se lembrava como tinha chegado ali. Sua cabeça latejava no ritmo das batidas de seu coração, enquanto o sangue era impulsionado por suas veias. Seus lábios machucados pareciam imensos, e não conseguia abrir um olho, como se alguém tivesse colado as pálpebras. Com o olho bom, conseguiu ver a silhueta borrada de Rick, quando ele se inclinou sobre ela. Ela tentou falar, mas não conseguia mexer a língua que permanecia teimosamente parada no céu da boca. Percebeu o gosto de sangue coagulado, que a fez se lembrar de uma visita ao dentista na infância, quando teve que tirar dois dentes. De repente, a recordação se tornou tão vívida que ela podia sentir o cheiro do gás que fora usado para anestesiá-la. Dormir. Era o que ela

precisava agora, mais do que qualquer outra coisa. Se pudesse dormir, despertaria e descobriria que tudo aquilo era um terrível pesadelo. Sentiu que ia perdendo a consciência pouco a pouco e entregou-se à escuridão reconfortante.

Algun tempo depois, começou a perceber uma sensação em seus lábios. Obrigou-se a abrir um olho e viu o rosto de Rick a apenas alguns centímetros do seu. Ele pressionava com suavidade uma toalhinha molhada em seu lábio inchado.

— Bom dia, meu amor. Como está se sentindo?

Ela levou alguns instantes para registrar a pergunta e mais tempo ainda para formular uma resposta.

— O que aconteceu? — Foi tudo o que conseguiu dizer.

Rick virou-se enquanto mergulhava a toalha em uma tigela de água morna e reaplicava-a no rosto de Tina.

— Você sofreu um acidente. Noite passada, você chegou tarde, estava escuro. Fui encontrá-la no saguão, para saber onde estava, se estava tudo bem, e você deve ter tropeçado. Tentei segurá-la, mas você caiu e bateu a cabeça no corrimão da escada. Quase morri de preocupação. Passei a noite inteira acordado aqui, cuidando de você.

Tina estava muito confusa. Ela tinha uma vaga lembrança de ter encontrado Rick no saguão, mas, depois, tudo o que podia se recordar era uma tremenda dor. Mas ela tinha certeza que havia algo mais...

— O bebê! — Ela tentou se sentar, mas o esforço fez sua cabeça rodopiar.

— Shhhh.... O bebê está bem. — Rick tentou acalmá-la.

— Como pode ter certeza? Preciso ver um médico.

— Não — Rick quase gritou. — Nada de médicos.

Tina se recostou no sofá.

— Minha cabeça dói, Rick. — Ela começou a chorar baixinho.

Rick passou a mão com suavidade pela testa dela.

— Vou pegar dois comprimidos de paracetamol para você.

Ele voltou alguns minutos mais tarde, com os comprimidos, uma xícara de chá e uma fatia de torrada.

— Tome, preparei o desjejum para você. Não pode tomar esses comprimidos com o estômago vazio.

Ele colocou o braço ao redor das costas de Tina e a ajudou a se sentar, ajeitando as almofadas para deixá-la mais confortável. Ela fez uma careta quando o chá quente tocou seus lábios.

— Sinto causar todo esse transtorno, Rick.

— Tina, você é minha esposa. Na doença e na saúde e tudo aquilo.

— Mas, e quanto ao seu trabalho?

Ele olhou de relance para o relógio sobre a lareira. Esquecera novamente de dar corda.

— Começarei meu turno em uma hora. Você ficará bem?

— Sim, é claro. Pode ir, eu ficarei bem. Que dia é hoje?

— Sábado. Não se preocupe com a loja, já avisei lá.

Ela estava cansada demais para protestar.

— Ok, tudo o que eu preciso é dormir.

— Boa garota. — Deu um beijo nos lábios dela, fazendo-a estremecer de dor mais uma vez.

Rick já estava fora há algumas horas quando Tina começou a sentir fome. Com cuidado, deslizou as pernas para fora do sofá e se sentou. A tontura tomou conta dela por alguns segundos, mas por fim passou e ela se levantou com cuidado.

Ela ainda estava usando as roupas do dia anterior e sentia-se suja e grudenta por causa do sangue e do suor. Entrou meio cambaleante na

cozinha e contemplou o caos que estava o aposento. Era óbvio que Rick cozinhou algo na noite passada, e os restos estavam em evidência por toda parte. Havia feijão seco grudado no fundo de uma panela. Cascas de ovos espalhadas na bancada, e dois pedaços de torrada queimada abandonados em um prato engordurado.

Ela suspirou e começou a lavar a louça. Pegou um copo e percebeu que o fundo estava coberto com uma fina mancha marrom. Odiando-se por fazer algo que parecia intromissão, ela levantou o copo até a altura do nariz e cheirou-o. Quando percebeu o aroma envelhecido do uísque, os acontecimentos da noite anterior tomaram forma de repente. Ela não tinha tropeçado em nada; o golpe em seu rosto não fora causado pelo corrimão, mas por algo muito mais perigoso... o punho de seu marido. Foi tropeçando até o saguão e ficou parada ao pé da escada. Seu marido era um bêbado violento que nunca mudaria. Aquela revelação doeu muito mais do que qualquer hematoma que ele pudesse lhe causar.

Enquanto afundava na banheira, pensou no que fazer. Estava grávida de sete meses e presa a um casamento violento. Graham e Linda tinham razão o tempo todo. Estava envergonhada e incomodada por ter se colocado nessa situação. Teria que ir embora de uma vez por todas, para seu próprio bem e para o bem do bebê. Mas a ideia de voltar para aquela quitinete mofada a deixava horrorizada. Além disso, não podia ser vista em público naquele estado. Parecia recém-chegada de um combate de dez rounds com Henry Cooper.

Quando Rick voltou do trabalho, Tina já se sentia um pouco melhor, pelo menos fisicamente. Conseguiu preparar uma refeição, e eles se sentaram na mesa da cozinha, tentando manter uma conversa normal.

— Como foi o trabalho? — ela perguntou, despreocupada.

— Tudo bem. Uns dois moleques fizeram uma viagem sem pagar. O

cobrador teve que sair correndo atrás deles, mas nem no inferno daria para pegar os dois malandros. Além disso, um menino remelento urinou nas calças, então o assento ficou cheirando mijó o dia todo.

Ele colocou outra garfada de comida na boca.

— Obrigado pelo jantar, amor. Eu teria feito, você sabe. Você precisa descansar.

— Estou bem. — Tina empurrou o prato quase intacto.

— Você não vai comer isso? — Rick perguntou, estendendo o braço e enfiando o garfo no purê de batatas dela.

— Não estou com fome.

— Você precisa manter as forças, se não por você, pelo menos pelo bebê.

Tina suspirou profundamente e cobriu o rosto com as mãos.

— Sei que foi você, Rick.

O silêncio desceu sobre eles enquanto Rick abaixava o garfo e a faca. Ele afastou os dedos que cobriam o rosto dela e encarou-a bem nos olhos.

— Você sabe *o quê*?

— Noite passada. Eu não tropecei. Você me deu um soco no rosto. Lembro do cheiro do uísque e...

Ele ficou em pé imediatamente.

— O quê? Como pode pensar uma coisa dessas? Um soco no seu rosto? Eu nunca faria isso. — Ele percebeu a expressão de descrença no rosto de Tina. — Quero dizer, eu sei que bati em você no passado, e lamento isso mais do que qualquer coisa, mas eu mudei, você deve ter percebido isso. Vamos ser uma família agora. Eu não estragaria isso.

Ele se ajoelhou ao lado de Tina e colocou a cabeça no colo dela.

— Não acredito que você pensa isso de mim. Eu jamais sonharia em bater em uma mulher grávida.

Tina se sentiu confusa. Ele parecia tão arrependido e genuinamente horrorizado com a ideia que sua mulher pensasse que era capaz de tal violência. Talvez ela não estivesse se recordando bem dos acontecimentos da noite anterior. Tina colocou a mão na cabeça dele e passou os dedos pelos cabelos grossos do marido.

— Sinto muito, Rick. Minha memória deve estar pregando peças em mim.

Ele a olhou com expressão suplicante.

— Por favor, Tina. Você tem que começar a confiar em mim novamente para isso dar certo. — Ele segurou os pulsos dela com firmeza.

— Eu sei. É só que...

Ele estendeu a mão e colocou o dedo sobre o lábio dela, para silenciá-la.

— Não vamos mais falar sobre isso. Vamos deixar tudo para lá.

Ele segurou as mãos dela entre as dele, e ela sorriu enquanto tentava ignorar o hematoma roxo que era visível nos nós dos dedos dele.

21

O tempo ficava cada vez mais frio e úmido, o país todo afundou na recessão na medida em que a crise do petróleo aumentava e os cortes de energia tinham início. Rick e Tina ouviam o pronunciamento do primeiro ministro Heath, no qual ele avisava que a nação enfrentaria o Natal mais difícil desde a guerra. No dia seguinte, todas as 650 lâmpadas seriam apagadas na árvore de Natal da Trafalgar Square.

Foi nessa atmosfera sombria envolvendo Manchester que eles saíram para comprar um carrinho de bebê. Tina estava há semanas insistindo que Rick a acompanhasse. Sentia que era algo que deviam fazer juntos, e ele por fim concordara. Rick segurava a mão dela com firmeza enquanto tentavam caminhar entre as ruas lotadas. Um jovem que passou por eles, acidentalmente bateu em Tina, fazendo-a perder o equilíbrio. Rick segurou-a pelo cotovelo, para que não caísse, enquanto se virava para o

rapaz.

— Ei, cara. Olhe por onde anda.

O desconhecido notou a gravidez avançada de Tina e imediatamente de desculpou, consternado.

— Sinto muito. — Ele tocou o antebraço de Tina com suavidade. — Você está bem?

No mesmo instante, Rick soltou Tina e agarrou o homem pelo colarinho.

— Não toque na minha esposa. Não vê que ela está grávida? Ela não está interessada em você. Sou o único que pode tocá-la. Entendeu?

O desconhecido ergueu as mãos, em sinal de rendição.

— Calma aí, cara. Eu não quis dizer nada disso. Só me desculpei por ter trombado com sua esposa, ok?

Rick grunhiu e o empurrou contra a parede.

Tina ficou parada, acovardada, tentando passar despercebida na pequena multidão. Rick a viu e a segurou pela mão.

— Vamos, amor. — Virou-se para os curiosos parados por ali. — O show acabou, pessoal, agora saiam da frente. — Saiu caminhando em passos largos, arrastando Tina atrás de si.

— Jesus, Rick. Qual o motivo daquilo tudo?

— Não me diga que não reparou. O palhaço estava dando em cima de você. O jeito como olhou para você, uma mulher com quase nove meses de gestação. Foi nojento.

Tina suspirou. Sabia que Rick estava convencido que cada homem que entrava em contato com ela estava tentando levá-la para a cama. Parte dela gostava que ele fosse tão protetor. Mostrava o quanto ele a amava. A respiração dele estava pesada, uma combinação de sua raiva e do passo rápido com o qual caminhavam. Tina tinha quase que correr para

acompanhá-lo.

— Isso não é bom... — Ele parou, respirando profundamente. — Não posso sair às compras agora. Estou muito nervoso.

— Rick, por favor. Não estrague as coisas. Estou esperando isso há décadas.

Ele apontou para o pub do outro lado da rua.

— Por que não fazemos uma parada ali para uma bebida rápida e para comer algo?

Ela hesitou. Sabia que era uma péssima ideia, mas queria desesperadamente comprar aquele carrinho hoje. Depois do almoço e de passarem algum tempo tranquilo juntos, talvez ele se acalmasse.

— Tudo bem, mas não vamos demorar.

Ele voltou a caminhar e segurou a mão dela outra vez.

— Ótimo. Vamos lá, então.

Ele atravessou a rua, desviando com agilidade dos carros enquanto puxava Tina em seu encalço.

Naquela noite, Rick largou-se no sofá, mal-humorado. A eletricidade fora cortada novamente, e os dois estavam sentados em silêncio, cercado de velas. Não era necessário dizer que o almoço no pub acabara não sendo uma ideia muito boa. Depois de várias cervejas, Tina conseguiu arrastá-lo de volta para a rua, mas ele estava agressivo e a fim de discutir, e sem nenhum interesse em comprar carrinhos de bebê. Ela sugeriu que voltassem para casa de ônibus, e Rick concordou no mesmo instante, mas não sem antes fazer uma compra extravagante para si mesmo. A compra agora estava ainda metade na caixa, no meio da sala de estar, completamente inútil.

— Maldito governo! Quem acha que são, cortando a eletricidade desse jeito?

— Tenho certeza que, se soubessem que você ia comprar uma TV a cores hoje, teriam feito uma exceção.

Tina estava furiosa em silêncio. Uma TV colorida, pelo amor de Deus! Qual era o problema com o velho aparelho alugado que tinham, preto e branco? Agora o dinheiro para o carrinho do bebê se fora. Ela sabia que ainda sobrava um pouco do prêmio do *Grand National*, mas Rick tinha escondido para que ela não pudesse pôr as mãos nele. Ela suspirou e lutou para ficar em pé.

— Quer um chá?

Rick olhou para ela sem acreditar.

— Está tentando ser engraçada?

Tina percebeu o erro e sentou-se novamente.

— Esqueci.

— Estamos sentados na semiescuridão e você *esqueceu* que estamos sem luz?

— Deixe para lá, Rick, por favor. Não estou a fim de discutir.

Rick escorregou para perto dela no sofá e sussurrou em seu ouvido.

— Sabe do que *eu* estou a fim?

O coração de Tina deu um sobressalto.

— Rick, por favor. Olhe meu estado. Estou imensa.

Ele escorregou a mão para dentro da blusa dela e acariciou seus seios sem a mínima delicadeza.

— Eles também.

Ele fungou no pescoço dela e deu uma mordida dolorosa em sua orelha. Ela se virou para pedir que ele parasse, mas ele colocou a boca por sobre a dela e abriu seus lábios com a língua. Tina se obrigou a relaxar, a fim de não provocar a ira dele, e conseguiu disfarçar a repugnância quando ele colocou o peso do corpo em cima dela.

No dia seguinte, a eletricidade tinha voltado e Rick estava tirando a televisão da caixa. Quando ligou o aparelho, as imagens surgiram em um caleidoscópio de cor. Todos pareciam ter um brilho alaranjado, e Tina achou que a velha tela preto e branco era muito mais natural. Mas Rick estava feliz, e brincava com os botões, ajustando o contraste e o brilho até ficar satisfeito em conseguir a imagem perfeita.

Ele se levantou e admirou o novo brinquedo.

— Olhe para isso — proclamou. — É tão incrível. Ei, é tão boa que vou sentir a poeira em meus olhos quando assistir a um faroeste!

Ele gargalhou com a própria piada e continuou a mudar entre os três canais disponíveis.

— Me passe o guia de programação, sim, amor?

Tina pegou a edição dupla, com promessas de programas fabulosos para o fim de ano: *Morecambe & Wise, Look: Mike Yarwood* e *Espetáculo de variedades em preto e branco*. A ironia de assistir a este último programa na nova TV colorida deles não passou despercebida por Tina. Ela jogou a revista no chão, e Rick a pegou. Ele estava ignorando o mau humor dela.

— Quando acha que poderemos sair para comprar o carrinho? — Ela arriscou.

— Ainda está insistindo nisso, não é? Sente-se e desfrute nossa nova TV. Podemos ir semana que vem.

Tina esfregou a barriga.

— O bebê pode já estar aqui semana que vem.

Rick parou de folhear o guia e digeriu a informação.

— Maldição! Você está certa. É melhor aproveitarmos o tempo que resta só para nós dois. Vá preparar uma bebida para nós, ok?

Alguns dias depois, Tina estava na loja beneficente quando Graham entrou.

— Quando pensa em tirar uma folga desse trabalho? Você deve estar prestes a dar à luz.

— Bom dia, Graham. No final do mês — Tina respondeu. — Não vejo a hora.

Ela olhou o carrinho de bebê maltratado no canto da loja. Fora doado há algumas semanas, e Tina sentira pena da pobre mãe que não teria outra escolha além de comprá-lo, pois não poderia se dar ao luxo de ter um novo. Agora, no entanto, já estava resignada com o fato de que esta geringonça velha e batida seria o carrinho no qual ela levaria com cuidado seu bebê tão desejado. Começou a pegar os livros que tinham sido deixados ali. Graham correu até ela.

— Ei, deixe-me ajudar você com isso.

Pegou a pilha de livros da mão dela e colocou-os sobre o balcão.

— Por que está esvaziando isso? Alguém vai comprá-lo? — Ele passou os dedos pela capota empoeirada e fez uma careta ao ver o interior rasgado e de má qualidade. Tina afastou o olhar, envergonhada, e levou mais alguns livros para o balcão.

— Não — Graham falou. — Por favor, me diga que não está pensando em ficar com isso.

— Ah, não está tão ruim, na verdade. É só limpar com um pouco de alvejante do lado de dentro e ficará como novo.

— Achei que iam sair para comprar um novo.

Tina bufou.

— Saímos. É uma longa história, mas, em vez do carrinho, voltamos com uma TV colorida.

Graham balançou a cabeça e agarrou o balcão. Rangeu os dentes e inspirou profundamente.

Tina colocou a mão gentilmente sobre o ombro dele.

— Graham, isso não é problema seu. Estou bem, de verdade. De qualquer modo, o bebê não vai precisar de um carrinho por muito tempo, e aquela TV vai durar por anos.

— Você é uma santa, Tina. Não sei como aguenta esse homem.

Ela deu de ombros.

— Eu o amo, Graham. Sei que tenho todos os motivos do mundo para odiá-lo, mas não consigo. Ele não faz nada de muito ruim desde... — Ela instintivamente levou a mão ao rosto.

— Desde o quê? Ele bateu em você de novo, Tina?

Ela pulou em defesa de Rick.

— Não, é claro que não. Está tudo bem. Nós dois estamos bem animados com o bebê.

Graham pareceu em dúvida.

— Olhe, sei que você tem boas intenções, mas preciso fazer com isso funcione. Não quero que pense que sou fraca. Sei o que estou fazendo. Não posso cuidar de um bebê sozinha, sabe, e tenho certeza que Rick será um ótimo pai. Se eu achasse por um segundo que ele seria capaz de machucar o bebê, acredite em mim, eu iria embora. Não sei para onde, mas eu não arriscaria a vida do meu próprio filho. Tem que confiar em mim, Graham.

Tina fechou a loja mais cedo e se preparou para a longa caminhada até em casa com o carrinho. Guardou as chaves da loja no bolso e amaldiçoou-se mais uma vez por ter saído sem sua bolsa.

O carrinho não estava tão ruim, na verdade. A suspensão ainda funcionava razoavelmente bem, e as rodas grandes absorviam o impacto dos buracos e das rachaduras do pavimento. Ela ficou pensando nos bebês que usaram aquele carrinho antes. De repente, sentiu-se cheia de vida enquanto empurrava o carrinho orgulhosamente pelas ruas. Em algumas semanas, estaria empurrando seu bebê, e desconhecidos iriam sorrir

calorosamente e perguntar se podiam dar uma espiada. Ela puxaria as cobertas para revelar o bebê mais bonito que alguém jamais vira. Rick empurraria o carrinho orgulhoso até a empresa, e os outros motoristas e cobradores se reuniriam ao redor para admirar o filho adorável deles. Todos concordariam que nunca tinham visto criança mais maravilhosa.

Com esses pensamentos e cenários passando por sua cabeça, Tina ficou surpresa ao ver que já estava na sua rua. Não parecia tão longe quando se estava empurrando um carrinho de bebê. Ela deixou sua aquisição na porta enquanto entrava no saguão e chamava por Rick.

— Venha ver o que consegui!

Ela tirou o casaco e o pendurou no gancho da entrada.

— Rick? Onde está você?

Entrou na cozinha. Rick estava parado, olhando pela janela.

— Aí está você. Não me ouviu entrar? Consegui um carrinho de bebê. É de segunda mão, mas é bom para empurrar e assim que estiver limpo será... — Ela parou abruptamente quando Rick se virou em sua direção. Sua expressão era furiosa e a ira se irradiava por cada nervo.

— Eu estava com dor de cabeça — ele começou a falar lentamente, lutando para controlar a raiva. — Não consegui encontrar nenhum comprimido no armário, então notei que você tinha deixado sua bolsa na mesa da cozinha. Não havia nenhum comprimido, mas encontrei isso. — Ele mostrou para ela a carta de Billy, e uma sensação de pânico tomou conta do fundo do estômago de Tina.

— Bem, *Christina* — ele enfatizou o nome completo dela. — Quando ia me contar sobre esse tal de Billy?

Tina ficou muito nervosa.

— Por Deus, Rick, você entendeu tudo errado. Essa carta não é para mim. Olhe a data, pelo amor de Deus.

Rick não estava escutando.

Ele avançou sobre ela e a agarrou pelo cabelo. Tina gritou, assustada, mas ele lhe deu um bofetão com toda a força, e depois fechou o punho e a golpeou na barriga inchada.

Tina perdeu o fôlego e dobrou o corpo de dor, enquanto caía no chão.

A última coisa que se lembrava de ver era a foto desbotada de Billy Stirling, que também caíra no chão.

— Você entendeu tudo errado — ela dizia sem parar. Ouviu quando a porta da frente bateu com força, enquanto tentava ficar em pé. Então sentiu que algo quente escorria por suas pernas.

— O bebê — sussurrou. E então desmaiou.

22

Rick percorreu a rua em fúria cega, com a carta de Billy na mão direita. Viu um ônibus se aproximando e estendeu a mão embora não estivesse perto de nenhum ponto. O veículo diminuiu um pouco, mas não parou totalmente. Não fazia diferença para Rick. Ele simplesmente pegou o corrimão prateado e subiu a bordo em um salto. O cobrador foi pego de surpresa.

— Ei, você não pode simplesmente saltar e... — ele parou de falar ao reconhecer Rick. — Ah, é você. Para onde vai com tanta pressa?

— Gillbent Road, Frank. — Ele passou pelo cobrador e se largou no assento mais próximo. — Agora, deixe-me em paz.

Quando o ônibus o deixou em Gillbent Road e Rick encontrou o número 180, estava totalmente consumido pela ira. Precisava desesperadamente de uma bebida. Bateu na porta com o punho e esperou, impaciente. Dois

segundos mais tarde, bateu novamente, e desta vez também gritou.

— Sei tudo sobre você, Billy. Venha aqui fora e me encare como um homem.

Ele bateu na porta mais uma vez e, por fim, ouviu movimento lá dentro. Lentamente a porta se abriu um pouco.

— Que escândalo. Pelo menos me dê tempo para chegar até a porta.

Rick ficou mais do que surpreso em ver uma senhora de idade, mas passou por ela com rudeza e entrou na pequena sala de estar.

— Onde está ele?

— Quem? — a senhora perguntou. — Meu marido?

Rick olhou para ela de cima a baixo e bufou.

— Acho que não. Billy. Ele é seu filho?

Ela endireitou o corpo.

— Quem quer saber?

Rick a segurou pelo cotovelo.

— Não brinque comigo. Sei que ele vive aqui e que está se aproveitando da minha esposa.

A velha senhora se enfureceu ao escutar isso.

— Isso seria difícil. Billy está morto há mais de trinta anos.

Isso fez com que Rick parasse de repente.

— O que disse?

A mulher o encarou nos olhos.

— Olhe, não sei quem é você, mas não tenho medo de você. Não pode simplesmente entrar aqui desse jeito, acusando meu Billy de todo tipo de coisa. Como eu disse, ele está morto. Ele morreu na guerra, em 1940.

Sem pedir permissão, Rick se largou em uma poltrona perto da lareira.

— Fique à vontade — a senhora falou, sarcástica.

Ele lentamente desdobrou a carta que estava segurando desde que saíra

de casa e começou a lê-la de verdade pela primeira vez. Quando terminou, segurou a cabeça entre as mãos.

— Ah, meu Deus. O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?

23

Graham sabia que se Sheila algum dia descobrisse aquilo, ela o mataria. Mesmo assim, pegou um punhado de notas do maço que levava no bolso e entregou para a vendedora.

— Obrigada, senhor. Tenho certeza que sua esposa ficará muito feliz com isso.

Ele hesitou.

— Não é para minha esposa.

A vendedora lhe deu um olhar malicioso.

— Ah, entendo. Engano meu. — Ela apertou alguns botões na caixa registradora. Com uma sineta alta, a gaveta se abriu e ela contou as notas enquanto as guardava.

Graham corou por um instante.

— Não, não é nada disso. É para uma amiga.

A vendedora deu um assobio baixo.

— Deve ser uma amiga muito boa.

— Sim, ela é. Uma excelente amiga. — Ele não tinha certeza de por que estava tendo aquele tipo de conversa com uma completa desconhecida. Às vezes era honesto demais.

Deu boa tarde para a vendedora e empurrou o carrinho de bebê de último modelo, novinho em folha, da marca Silver Cross, para a rua. Ouviu a porta se fechar atrás dele e a vendedora virou a placa para que o público lesse: “Fechada”.

Levou o carrinho até seu furgão, xingando as ruas molhadas enquanto as rodas novas ganhavam os primeiros traços de sujeira e lama. Sabia que era um gesto extravagante, mas ver Tina empurrar aquele carrinho de segunda mão, tão maltratado, realmente mexera com ele. Ele sabia que agia com outras intenções quando o assunto era Tina, mas não podia evitar. Só esperava que Rick não estivesse em casa quando fosse entregar o presente.

Quando parou o carro do lado de fora da casa dos Craig, ficou confuso ao ver que estava tudo escuro. Olhou para as luzes da rua; estavam acesas, então não devia ser outro corte de energia. Deixou o carrinho no furgão e tocou a campainha. Percebeu que o carrinho velho da loja beneficente estava parado do lado de fora da porta.

Depois do terceiro toque, desistiu e voltou para o furgão. Deu partida e o motor ganhou vida. Então lhe ocorreu que podia deixar o carrinho na edícula que havia no fundo. Poderia deixar um bilhete por baixo da porta da frente, explicando o que fizera. Seria uma bela surpresa quando Tina voltasse para casa.

Manobrou o grande Silver Cross pelo caminho estreito que havia ao lado da casa. Quando chegou na edícula, teve que se espremer para passar pelo carrinho e abrir a porta. Havia muita bagunça ali, além um cortador

de grama e algumas ferramentas de jardim pouco usadas. Mas, com um pouco de paciência, Graham conseguiu colocar o carrinho de bebê lá dentro. Hesitou por um instante e então, em um impulso, usou as mãos como viseira e aproximou o rosto para espiar pela janela da cozinha.

Na escuridão, seus olhos demoraram um pouco para se ajustarem, e depois seu cérebro precisou de mais alguns segundos para registrar o que estava vendo. Com um golpe do cotovelo, quebrou o vidro da porta dos fundos, alcançou a chave e entrou correndo na cozinha.

— Tina, Tina... — Um soluço saiu de sua garganta. — Jesus, o que aconteceu com você?

Ele correu até o telefone no saguão de entrada e ligou para a emergência. Seus dedos estavam trêmulos e suados, e precisou de três tentativas antes de conseguir telefonar.

Voltou para onde Tina estava e ajoelhou-se ao lado dela. Suas mãos tremiam, e ele não ousava tocar nela. O rosto dela parecia etéreo, enquanto seus lábios estavam azuis e seu vestido estava levantado até deixar a mostra um pedaço de músculo branco da coxa. Ele cuidadosamente puxou o tecido, para preservar a modéstia dela, e foi quando percebeu. Uma mancha vermelha escura saía do meio de suas pernas e coagulava no linóleo, e Graham soube instintivamente que ela não precisaria de nenhum daqueles carrinhos de bebê.

A primeira coisa que ela percebeu foi o cheiro. Desinfetante, primeiro, mas depois outro odor menos familiar, que fez seu pulso acelerar. O cheiro pungente e metálico de sangue. Ela abriu os olhos e tentou levantar a cabeça do travesseiro, mas parecia que pesava tanto quanto uma bola de peso medicinal. Seus braços estavam presos e furados na altura do cotovelo. Esticou o pescoço e viu que estava no soro. Sua boca parecia seca e áspera, e seus lábios estavam rachados. E sentiu mais algo, algo muito mais sinistro. Sentia-se vazia.

A porta do quarto se abriu, e Graham entrou com um copo plástico de café. Quando percebeu que ela estava consciente, correu até a cama.

— Você despertou! — Ele passou a mão sobre a testa dela e acariciou seu cabelo, ainda grudado de suor.

— Graham! O que está fazendo aqui? Onde estou?

Graham segurou a mão dela e lhe deu um beijo.

— Você está no hospital, querida... — Os olhos dele se encheram de lágrimas e ele virou o rosto enquanto tentava se recompor.

— Graham?

Ele inspirou, profundamente.

— Eu realmente sinto muito.

Tina levantou a mão para poupá-lo daquilo.

— Eu sei. Perdi o bebê.

— Ah, Tina. — Ele se inclinou e lhe deu um beijo na testa.

— Onde está Rick?

Graham apertou as mãos, e lutou para se controlar.

— Muito longe daqui, se é que ele sabe o que é bom para ele. Você vai prestar queixa, presumo.

Tina estava esgotada.

— Não consigo pensar nisso agora. Eu só preciso vê-lo.

Graham balançou a cabeça, incrédulo.

— Depois do que ele fez, Tina? Você não está raciocinando direito.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela. Ela tentou secá-las com a mão, mas isso fez que com a bolsa de soro balançasse no suporte.

— Meu bebê — ela sussurrou. — Meu bebê se foi.

Foi tomada por soluços imensos, enquanto Graham a envolvia nos braços. Ele a embalava para frente e para trás.

— Está tudo bem, coloque tudo para fora.

Ela não conseguia nem encontrar as palavras.

— Era menino ou menina?

— Uma bela menina, Tina. Um pacotinho perfeito de encanto.

Tina se afastou para olhá-lo com mais atenção.

— Você a viu?

— Sim, eu estava aqui com você o tempo todo. Bem, não na hora do parto exatamente, pois esperei no corredor, mas depois me deixaram vê-la.

Tina se apoiou nos cotovelos.

— Quero vê-la. — Sua voz estava surpreendentemente calma.

Graham hesitou por um instante.

— É claro. Vou chamar a enfermeira.

Enquanto Tina observava a filha que acabara de trazer ao mundo, ficou maravilhada em ver quão perfeita ela era. Seus olhos estavam fechados, e os cílios compridos quase chegavam à bochecha. Era como se estivesse dormindo, como se fosse abrir os olhos a qualquer instante e contemplar com ternura sua mãe.

— Você tem certeza que ela está...

Graham levantou a cabeça, que até então estava entre as mãos.

— Ela não teve chance, Tina. Aquele maldito bateu em você com muita força, e você sofreu algo chamado descolamento de placenta. Perdeu muito sangue. É incrível que não tenha morrido

Tina fechou os olhos com força.

— Eu gostaria que sim. — Ela abraçou a filha com mais força. — Isso é tudo culpa minha. Eu não devia ter voltado para ele. Você e Linda me disseram que eu era louca, mas não ouvi. Agora meu bebê pagou com a vida. Eu nunca me perdoarei por isso.

Graham apertou os lençóis com o punho.

— Há só uma pessoa para se culpar aqui, Tina, e não é você.

— Katy — Tina sussurrou.

— Desculpe?

— Vou chamá-la de Katy. — Ela conseguiu dar um sorriso

— É um nome adorável. — Graham pegou o lenço e assou o nariz com força.

Tina embalou seu bebê e cantou para ela baixinho, balançando-a ao ritmo da música:

*Durma tranquila, minha filha,
A noite toda
Que os Anjos da Guarda a protejam
A noite toda.*

Tina sorriu e passou a mão ao redor do rosto da criança, então se virou para Graham, que a observava em uma cadeira ali perto.

— Pode chamar a enfermeira para levá-la agora?

Ele se levantou de um salto.

— Se é o que você quer.

Ele tocou a sineta e, alguns instantes mais tarde, uma enfermeira apareceu. Tina arrumou o cobertor rosa de Katy para que se ajustasse ao redor de seu rostinho.

— Não quero que ela sinta frio — disse com firmeza. Olhou mais uma vez para seu bebê perfeito e a beijou na testa. — Adeus, meu anjinho, nunca me esquecerei de você. Durma bem. — Então entregou seu bebê pela última vez.

Já passava da meia-noite quando Tina despertou de um sono irregular. Graham estava amontado na cadeira ao lado dela, roncando baixinho. Tina olhou para o amigo com carinho e sorriu. Ainda existiam homens decentes por aí. Seus pensamentos se voltaram para Rick e ela sentiu que seu sangue fervia. Seu coração se acelerou, e ela desejou ter mais energia para poder canalizar a ira que sentia, mas o trauma provocado pela perda da filha lhe consumira todas as forças. Graham tentara telefonar para Rick pela insistência dela, mas não tivera resposta. Tina pensou em ligar para a

sogra, mas não podia encarar aquela mulher e as desculpas que ela sem dúvidas tentaria dar para o comportamento abominável do filho. Era provável que ele estivesse inconsciente em algum canto, com o cérebro amortecido demais pelo álcool para encarar a realidade. Tudo o que ela conseguia lembrar, além da dor excruciante, era dele saindo de casa com a carta de Billy na mão, sua mente maligna cheia de pensamentos tolos, incapaz de ver a verdade.

Rick não voltou para casa até as primeiras horas da manhã. Depois de deixar Gillbent Road, fora até o pub mais próximo para tentar colocar os pensamentos em ordem. Comportara-se como um completo imbecil, e quando leu novamente a carta de Billy, desta vez com calma e raciocinando, percebeu o irracional idiota que fora. O problema era que amava tanto Tina e ficava em pânico só de pensar em perdê-la para outro homem. Seu ciúme agora se transformara em uma paranoia de proporções épicas. Não só Tina era incrivelmente bonita, mas também era gentil e carinhosa, e sua inteligência tranquila o surpreendia às vezes. Ele sabia que não era o melhor marido do mundo. Seu comportamento podia ser errático e sua falta de bom senso de vez em quando beirava à loucura, mas ele a amava de todo coração.

Terminou outra cerveja e levantou cambaleando. Tinha tomado uma decisão. Deixaria Tina orgulhosa em chamá-lo de marido. Sabia que a decepcionara vezes demais, mas estava determinado a consertar tudo aquilo. Seriam pais maravilhosos e dedicados ao filho deles, a quem não faltaria nada, e a pequena família deles seria inquebrantável.

Quando colocou a chave na fechadura da porta da frente, notou o velho carrinho de bebê parado ali perto e parou. Não se lembrava de tê-lo visto ali no dia anterior, quando saíra furioso. Entrou na ponta dos pés no saguão silencioso, para não acordar Tina. Precisava urgentemente tomar

água. A longa caminhada até em casa o deixara sóbrio, mas agora estava morrendo de sede. Acendeu a luz da cozinha e abriu a torneira por alguns segundos, para que a água gelada começasse a sair. Tomou dois copos de água aos goles e parou quando sentiu algo crepitar sob seus pés. Ajoelhou-se e examinou os cacos de vidro. Franzindo o cenho, ficou em pé e percebeu a janela quebrada na porta dos fundos.

— Mas o quê...?

Seu coração batia forte e, apesar da água, sua boca estava seca novamente. Afastou-se da porta, o medo aumentando como mercúrio pelo seu corpo. Virou-se lentamente e inspecionou a cozinha. Algo não estava certo. Um rio gelado de suor corria por sua espinha, e seu coração batia loucamente de encontro ao peito.

E então ele viu. Recuou em pânico e se apoiou na pia. Cobriu o rosto com as mãos e esfregou os olhos com força, antes de se obrigar a olhar de novo. Ainda estava ali, e ele sabia o que devia ser. A mancha vermelha escura no chão não podia ser outra coisa além do sangue da sua esposa. Ele se virou e vomitou na pia.

Depois de confirmar que a cama deles estava vazia, Rick voltou para a cozinha e puxou uma cadeira. Apoiou a cabeça na mesa e fechou os olhos. Sua respiração foi se acalmando aos poucos, até que seu corpo se sacudiu e ele ficou alerta novamente. Levantou-se e saiu pela casa procurando uma caneta. Encontrou uma perto do telefone, no saguão. Então, colocou a mão no bolso e pegou a carta amassada de Billy. Com as mãos trêmulas, ele a alisou, virou-a e escreveu uma única palavra: *Desculpe*.

Era uma figura abatida, quando saiu pela última vez de seu lar conjugal. Sabia com absoluta certeza que Tina jamais o perdoaria. Ele tampouco esperava ou queria o perdão dela. Enquanto caminhava pela rua, arrastando os pés, finalmente estava dando para a esposa o que ela

merecia. Estava lhe dando liberdade.

25

Tina sentou-se na beirada da cama do hospital e balançou as pernas, ausente. Estava internada há quase uma semana e ainda não tinha tido notícias de Rick. Graham fora até a casa deles algumas vezes, em especial para limpar a cozinha e se livrar dos dois carrinhos de bebê, mas Rick não estava. No fim, Tina telefonou para Molly, mas a sogra tampouco sabia dele. Ficou devastada ao saber da perda da neta e louca de preocupação com o fato de que aparentemente Rick desaparecera.

— Meu Rick teria sido um pai maravilhoso — Molly soluçou.

Houve uma batida hesitante na porta e a cabeça de Graham apareceu.

— Está pronta, querida?

Tina desceu da cama e pegou sua maleta. Cambaleou um pouco, e Graham a apoiou pelo cotovelo.

— Devagar. Olhe, trouxe seu casaco. Está congelando lá fora.

Tina olhou o pesado casaco de inverno e o vestiu. Percebeu que havia algo diferente, mas não conseguia descobrir o quê. Então a ficha caiu: podia fechar todos os botões. Da última vez que o usara, estava com quase nove meses de gravidez. Seu lábio inferior tremeu e ela o mordeu com força.

— Você está bem? — Graham perguntou.

— O que você acha? — ela respondeu, sem forças.

— Desculpe a pergunta boba.

— Não, *eu* que peço desculpas, Graham, mas, por favor, não fique perguntando como estou.

— Claro — Graham concordou. — Olhe, por que você não fica comigo e Sheila? Não gosto de pensar em você sozinha naquela casa. E se *ele* voltar?

— Que volte. Preciso vê-lo. Há algumas coisas que precisamos acertar.

— Posso fazer isso para você. Não precisa nunca mais colocar os olhos nele. Não depois do que ele fez.

Tina ergueu a mão para interromper o amigo.

— Há uma coisa que tenho que dizer para ele, Graham. Algo que eu devia ter dito há muito tempo.

O tom de voz dela indicou para Graham que não adiantava mais discutir o assunto.

Quando chegaram em casa, Tina ficou surpresa em ver como o lugar estava aconchegante. Graham limpou a casa de cima a baixo, e montou uma pequena árvore de Natal na sala de estar. Ela se deixou cair no sofá e lutou para tirar as botas.

— Deixe-me ajudar — Graham falou. Ele as puxou e as colocou ao lado dos pés de Tina. — Uma xícara de chá?

— Eu adoraria, obrigada.

Alguns minutos mais tarde, Graham voltou com a bandeja de chá e mais alguma coisa.

— Encontrei isso. — Entregou para ela a carta de Billy.

Tina pegou-a e observou como estava amassada. Tentou alisá-la e então percebeu. Uma palavra. Uma palavra na letra infantil dele era tudo o que ele achava que ela merecia.

Ela ficou olhando aquilo por muito tempo antes de falar.

— Ele passou por aqui — falou.

Graham e Tina ficaram sentados no sofá, o silêncio entre eles era mais confortável do que constrangedor. Ele mordiscava a ponta da caneta enquanto pensava na palavra cruzada que estava fazendo, e ela folheava quase sem ver a revista *Woman's Weekly*. Havia receitas de biscoitos natalinos em forma de estrelas, instruções para fazer seus próprios fogos de artifício a partir do rolo interno do papel higiênico e sugestões para lembrancinhas de Natal de última hora. Ela deixou a revista escorregar até o chão. No que lhe dizia respeito, o Natal estava cancelado, e uma revista cheia de ideias festivas não mudaria isso. A intenção de Graham fora a melhor possível ao colocar aquela árvore ali, ela sabia que ele queria alegrá-la, mas só queria destruir tudo e esmagar as bolas de vidro baratas sob seus pés. De repente, ficou com vontade de ficar sozinha.

Voltou-se para Graham.

— Não acha que devia voltar para Sheila? — As luzes da árvore de Natal piscavam e o aquecedor elétrico brilhava com o calor. — Estou bem agora, de verdade. Você tem sido um amigo maravilhoso, Graham, de verdade, mas tem sua própria vida. Terá que voltar para ela em algum momento.

— Você passou por muita coisa, Tina. Eu só quero ter certeza que ficará bem. Sei que sou um velho apreensivo, mas tenho medo que Rick volte a

aparecer.

— Não vai. Ele ficará um tempo sem dar as caras, tenho certeza. Está com vergonha demais para voltar para casa.

Os dois ficaram imóveis quando a campainha tocou alto. Trocaram olhares, nenhum dos dois ousou se mexer. Tina foi a primeira a reagir.

— Eu atendo. — Começou a se levantar.

— Ah, não, não vai, não — Graham respondeu, puxando-a de volta para o sofá com delicadeza.

Ao chegar na porta, ele espiou pela janela, mas o vidro fosco tornava impossível ver quem estava ali. Colocou a corrente na trava e abriu um pouco a porta.

Uma garota ruiva, um tanto atraente, estava parada ali, segurando uma travessa enrolada em um pano de prato xadrez.

— Ah, oi. Vim visitar Tina.

Ela parecia bem amigável, então Graham tirou a corrente e a deixou entrar.

— E quem é você?

— Linda. Linda, do trabalho. Ela está?

Ela apareceu na porta da sala de estar bem no instante em que Tina se levantava.

— Linda! Ah, meu Deus, entre. Obrigada por ter vindo.

As duas mulheres se abraçaram com carinho, e então Linda segurou as duas mãos de Tina e a observou atentamente.

— Como está se sentindo? Eu sei que é uma pergunta idiota, mas não sei mais o que dizer. Sou inútil em situações assim.

Tina sorriu.

— Você não precisa me dizer nada. Só de estar aqui já é o suficiente.

Graham limpou a garganta.

— O que quer que eu faça com isso? — Ele estava parado, desajeitado, segurando a travessa.

— Ah, coloque na cozinha por enquanto, por favor — Linda o instruiu. Virou-se para Tina. — Fiz uma torta de peixe luxuosa para nosso jantar. — Revirou sua bolsa e pegou uma garrafa de vinho Blue Nun. — E guarde isso na geladeira, sim?

Tina estava impressionada.

— Você fez uma torta de peixe?

— Uma torta de peixe *luxuosa* — Linda a corrigiu.

— O que tem de luxuosa nela?

— Coloquei camarões lá dentro.

Tina deu uma gargalhada pela primeira vez no que parecia ser uma eternidade.

Graham voltou para a sala.

— Olhe, vocês duas devem ter muito o que colocar em dia. Estou indo embora. — Ele se virou para partir.

— Espere. — Tina o chamou. Envolveu os braços ao redor dele e apoiou a cabeça em seu peito. — Sei que não teria sobrevivido a tudo isso se não fosse você.

Graham se inclinou e beijou o alto da cabeça dela.

— Eu sempre estarei ao seu lado, Tina. Ligue-me se precisar de qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.

Ela olhou para ele, agradecida.

— Obrigada. Farei isso.

Depois da torta de peixe luxuosa e de meia garrafa de vinho, Tina se sentiu relaxada de uma forma que não se sentia há muito tempo. Sentada no sofá, dobrou as pernas por sob o corpo e abraçou uma almofada peluda contra o peito. A companhia de Linda sempre fora um bálsamo e sempre a deixava

mais animada. Tiveram o tempo exato de esquentar a torta antes que a eletricidade fosse cortada de novo, então agora estavam sentadas na sala de estar, à luz de velas.

— Onde acha que ele está? — Linda perguntou.

Tina rodou o vinho em sua taça.

— Honestamente, não tenho ideia. Ele não tem amigos íntimos de verdade, e a mãe não tinha notícias dele. Provavelmente está pulando de pub em pub, em uma nuvem de embriaguez — ela hesitou por instante antes de acrescentar. — Obrigada.

— Pelo quê? — Linda quis saber.

— Por não dizer “eu não disse?”.

— Bem, não vou negar que não *pensei* nisso, mas é a última coisa que você precisa escutar agora.

Pela segunda vez naquela noite, Tina saltou quando a campainha interrompeu o silêncio.

— Quem é agora? — Linda perguntou. Percebeu que Tina estava se levantando. — Não, eu vou.

Alguns segundos depois, ela reapareceu acompanhada por dois policiais uniformizados. Tina sentiu sua nuca se arrepiar e ficou em pé para recebê-los.

— Sra. Craig? — Um deles perguntou, nervoso.

— Sim, sou eu. O que posso fazer por vocês? — Ela lutou para manter a voz calma.

O outro policial assumiu.

— São más notícias, sinto dizer. Seu marido, Richard Craig, foi encontrado... bem, ele foi encontrado morto.

Mesmo chocada, Tina sentiu pena pelo jovem policial que tinha que dar esse tipo de notícia.

— Morto?

— Sim. Eu realmente sinto muito, sra. Craig.

— Morto? — Tina repetiu. — Quero dizer, como? Onde?

Linda colocou um braço ao redor dela. O policial limpou a garganta e olhou para seu caderno de anotações.

— Ele foi encontrado por um homem que estava passeando com o cachorro pelo caminho que acompanha o canal Ship.

Tina segurou-se em Linda, em busca de apoio, enquanto sentia os joelhos dobrarem.

— Não entendo. Como ele pode estar morto?

Os dois policiais se entreolharam, e então o primeiro policial falou novamente.

— Teremos que fazer uma necropsia, é claro, mas os primeiros indícios são que ele sufocou com o próprio vômito.

Tina quase gargalhou.

— Bêbado, você quer dizer? Ele foi encontrado morto ao lado do canal porque estava bêbado?

O policial trocou um olhar constrangido com seu colega.

— Bem, ninguém pode afirmar isso neste estágio.

Assim que os policiais partiram, Linda assumiu o controle da situação.

— Vou pegar uma dose de uísque para você. Você levou um susto horrível.

Tina não deixou de perceber a ironia. Atordoada, pegou o copo e o levou aos lábios. O cheiro da bebida lhe trouxe muitas lembranças dolorosas.

— Sinto que fui trapaceada, Linda. Eu queria desesperadamente vê-lo mais uma vez. Eu *precisava* vê-lo, e agora a última palavra foi dele e eu nunca terei a chance de dizer o quanto...

Ela jogou o copo de uísque na pia, fazendo-o em pedaços. Linda deu um

pulo de susto. Tina começou a soluçar, todo o seu corpo pesando enquanto ela escorregava pela parede até o chão. Rangeu os dentes e praticamente cuspiu as palavras:

— E eu nunca terei a chance de dizer para ele o quanto eu o *odeio*!

*Segunda
parte*

26

1974

William Lane endireitou-se e colocou as mãos na altura dos rins. Depois de respirar profundamente algumas vezes, secou o suor da testa com o antebraço e deu um longo gole de sua garrafa de água. Apesar do trabalho duro, essa era sua época favorita do ano. A extração da seiva do bordo-açucareiro começava no fim de fevereiro e terminava aproximadamente seis semanas depois, quando os últimos baldes presos às árvores eram recolhidos. O líquido âmbar viscoso agora seria fervido até que sobrasse apenas o xarope grosso e saboroso que seus compatriotas norte-americanos amavam colocar sobre as panquecas no desjejum.

Podia ouvir seu pai partindo a lenha na garagem, e sentiu uma onda súbita de afeto pelo velho, acompanhada por um intenso sentimento de

culpa pelo que estava prestes a fazer com seus pais. Os dois trabalhavam tanto para proporcionar uma vida confortável para a família, e embora o estilo de vida deles fosse descontraído e caseiro, pelas horas que tinham investido, mereciam uma recompensa maior. Claro que eles não concordariam com isso. Sua mãe amava administrar a pousada; adorava conhecer pessoas e tratava seus hóspedes mais como membros da família.

William levou o último balde para a cabana onde processavam a seiva. A caldeira aquecida à lenha estava bem quente agora, e a seiva do bordo fervia, reduzindo de volume conforme o esperado. Assim que tudo fosse engarrafado e rotulado com a marca deles, *Xarope de Bordo Lane*, ele saberia que o momento adequado chegara. Pelo menos era o que sua cabeça dizia. Seu coração era outra história.

Um mês depois, quando os raios de sol do final de abril aqueciam o solo, e o xarope de bordo estava engarrafado e distribuído, William se sentou sobre a mala e começou a fazer força enquanto tentava travar os fechos. Assim que a tampa se rendeu e foi devidamente fechada, ele se levantou da cama e colocou a mala perto da porta. Apalpou o bolso do casaco e sentiu o volume reconfortante do passaporte e da passagem de avião. A voz calorosa de sua mãe veio pelas escadas.

— Will, querido. Você precisa tomar desjejum antes de sair. Eu fiz panquecas de mirtilo... Venha comer enquanto elas ainda estão quentes.

Enquanto William arrastava sua mala pelas escadas, seu coração estava pesado de angústia. Esperara a vida toda por esse momento, e agora sentia como se estivesse traindo o amor de sua mãe. Os pais o criaram pelos últimos trinta e um anos, e agora ele lhes causava um transtorno imenso. Eles mereciam algo melhor.

O cheiro das panquecas fofinhas chegou até suas narinas assim que ele entrou na cozinha. A mãe sorriu e secou as mãos no avental.

— Aí está você. Venha e se sente. Eu já estava prestes a servir.

William puxou uma cadeira e se deixou cair sobre ela. Descansou a cabeça entre as mãos e curvou as costas como se fosse um velho. Sua mãe passou o braço pelas suas costas e bagunçou seu cabelo como se ele fosse um garoto de nove anos.

— Vamos lá, Will. Você esperou a vida inteira por este momento. — Ela conseguiu manter a voz tranquila.

William levantou o rosto e encontrou o olhar da mãe. Ele tinha os olhos cheios de lágrimas que ameaçavam cair ao mais leve sinal de gentileza dela. Limpou a garganta.

— Sinto como se estivesse traindo você. Você e o papai.

A mãe se sentou ao seu lado.

— Já conversamos sobre isso. Seu pai e eu o apoiamos completamente. Sempre seremos seus pais, e sempre amaremos você. Você é nosso filho precioso, e me dói ver você lutando em busca de paz interior. — Ela deu um tapinha nas costas da mão dele. — Só rezo para que a encontre.

Uma rajada de vento súbita quase arrancou a porta dos fundos das dobradiças quando Donald Lane entrou na cozinha, um rifle pendurado no ombro e dois coelhos mortos na mão.

— Bom dia, filho. Como está? — Mesmo com seu sotaque novaiorquino, o pai tentou parecer despreocupado.

— Ok, acho.

— Que horas é seu voo em Idlewild?

William balançou a cabeça e conseguiu dar um sorriso.

— É JFK, papai. É JFK há onze anos.

Donald grunhiu e colocou o rifle na mesa.

— É a mesma coisa.

— O voo só sai à tarde, mas vou embora logo. Dirk vai me dar uma

carona. Temos algumas horas de estrada e quero chegar com bastante antecedência.

Donald se voltou para a esposa.

— O café está pronto, Martha?

William soube ainda muito jovem que era adotado. Durante sua infância idílica na Nova Inglaterra, no entanto, esse fato nunca foi relevante. Sua mãe e seu pai adotivos eram as pessoas mais gentis, honestas e tementes a Deus que qualquer um podia desejar conhecer, e o fato de nunca terem sido abençoados com um filho próprio fazia William questionar a existência do Deus que eles veneravam com tanta devoção. Se alguém tinha nascido para ser mãe, esse alguém era Martha Lane.

Os primeiros três anos de sua vida foram passados com sua mãe biológica em um convento no sul da Irlanda, onde ele nascera. William sempre soube deste fato — seus pais adotivos nunca fizeram segredo disso —, mas não se lembrava muito de sua mãe “verdadeira” ou do lugar em que vivera quando pequeno. Em uma ocasião, quando tinha cerca de dez anos e tinham se mudado para a fazenda em Vermont, sua mãe estava de joelhos esfregando o chão de madeira com sabão Sunlight, quando William entrou. De costas, a figura encurvada com um avental encardido e um lenço amarrado na cabeça podia ser qualquer uma, e por um instante William ficou confuso. Então o cheiro do sabão invadiu suas fossas nasais e ele ficou paralisado. Ficou cravado no lugar em que estava. O cheiro de limão o transportou de volta à sua mais tenra infância. De repente, ele visualizou um corredor comprido, cheio de jovens garotas esfregando o chão até deixá-lo brilhante como um espelho. Voltou para seu quarto sem fazer barulho nem dizer uma palavra.

Em outra ocasião, alguns anos mais tarde, sua então namorada Jenna, uma garota que não era conhecida pelas habilidades culinárias, preparou

um jantar romântico. William enfiou o garfo em uma montanha de purê de batata descolorido, cheio de pedaços duros onde ela não usara o amassador, e então abaixou os talheres e ficou olhando pela janela.

— Está tudo bem, Will? — Jenna perguntou.

— *Pandy* — ele falou. — Isso é *pandy*.

Jenna pareceu ofendida.

— Isso não parece ser um elogio.

— Não é um insulto, desculpe. Quero dizer, é como nós chamávamos isso. Lembro da minha mãe me alimentando. — Ele fechou os olhos com força e esfregou as têmporas, enquanto tentava evocar uma imagem mais detalhada. Não deu certo. Quanto mais ele tentava, mais o rosto de sua mãe ficava desfocado, mas a lembrança que ele tinha dela era de ternura e devoção.

Agora ele estava parado na varanda de casa, com os pais, e se preparava para dizer adeus.

Martha Lane pegou um lenço e secou os olhos. Donald deu um abraço de urso no filho, que William devolveu com afeto profundo. Então se afastou e olhou seu pai nos olhos.

— Obrigado por me deixar fazer isso, pai. Sei o quão difícil deve ser para você e para mamãe. Só quero que saibam que amo muito vocês dois. Vocês sempre serão meus pais, e sou grato por tudo o que me deram. Não estou procurando uma nova mãe; só preciso saber de onde vim e o que me fez nascer naquelas circunstâncias.

Ele segurou a mão da mãe e a beijou no rosto.

— Volte logo, filho. Vamos sentir sua falta. — Martha deu meia volta rapidamente e entrou em casa.

— Pai?

— Não se preocupe, filho. Ela ficará bem. Só se assegure de voltar são e

salvo, só isso. E se achar sua outra mãe, diga que lhe agradecemos.

William levantou as sobrancelhas.

— Pelo quê?

Donald deu uma fungada alta.

— Por nos dar o presente mais precioso de todos. Um garoto do qual podemos nos orgulhar. Um garoto que tornou nossas vidas completas.

— Farei isso, pai, obrigado. E cuide da mamãe.

Algumas horas mais tarde, enquanto se acomodava para a longa viagem do voo transatlântico, William pegou o pedaço de papel que sua mãe lhe dera. Já conhecia todos os detalhes de cor, mas releu-o novamente, passando os dedos sobre cada palavra. O nome de sua mãe era Bronagh Skinner, e ele nascera no Convento Sagrado Coração de Santa Brígida, perto de Tipperary Town, em 10 de abril de 1940. Ela tinha vinte anos quando deu à luz, e devia estar com cinquenta e quatro agora. Ele dobrou o papel ao meio guardou no bolso do casaco. Quando viu pela janela a paisagem de Nova York desaparecer, sentiu uma mistura de entusiasmo e apreensão. Para bem ou para mal, estava prestes a descobrir suas raízes.

William precisou de alguns instantes para compreender onde estava. Seu relógio biológico estava totalmente desregulado, e ele dormira mais tempo do que pretendia. Deixou de lado o grosso edredom e seguiu até o banheiro. Sua aparência o surpreendeu momentaneamente: pálpebras inchadas, olheiras escuras, e o cabelo parecia que nunca tinha tido visto um pente. Lavou o rosto com água fria e foi até a janela. Aos seus pés estendia-se Tipperary Town, com suas fachadas de cores vivas e onde, segundo seu guia turístico, uma recepção acolhedora era garantida. Certamente tivera uma recepção mais do que acolhedora da dona da pensão. Sua mãe teria ficado impressionada.

Ele olhou ao redor do quarto e assentiu em sinal de aprovação. Estava recém-decorado, e o cheiro da pintura ainda marcava o ar mais do que o imenso vaso de flores que a sra. Flanagan colocara na penteadeira. Foi

surpreendido com uma batida na porta. Pegou uma toalha para cobrir as partes íntimas e abriu a porta alguns centímetros.

— Ah, sinto muito incomodá-lo, sr. Lane, mas eu estava me perguntando se você vai querer o seu desjejum. Em geral, paro de servir às dez da manhã, mas entendo que deve estar cansado depois de toda essa viagem. — Seu suave sotaque irlandês era marcado pela gentileza.

— Ah, sra. Flanagan. Sim, por favor. Sinto muito. Que horas são?

— Bem, vamos ver. — Ela puxou a manga da blusa e olhou o relógio de pulso. — Bem, faltam quinze agora.

— Para as dez?

— Ah, não, quinze para as onze da manhã.

— Ah, meu Deus, é mais tarde do que pensei. Eu não queria causar nenhum transtorno, mas estou morrendo de fome.

Um sorriso radiante se abriu no rosto da sra. Flanagan.

— Então, está resolvido. O desjejum estará servido em quinze minutos.

A sala de jantar era pequena, mas acolhedora. O carpete tinha um padrão intrincado, e todos os móveis eram de mogno escuro e ocupavam quase todo o ambiente. William pensou que era uma pena que as janelas tivessem cortinas, pois elas bloqueavam a vista da linda cidade. Tomou um gole do café que a sra. Flanagan deixara diante dele, pegou o mapa e colocou-o sobre a mesa. A sra. Flanagan apareceu com o resto do desjejum.

— Isso vai mantê-lo pelo restante do dia.

A boca de William imediatamente se encheu d'água. Havia salsichas grossas e suculentas, tomates grelhados, morcela, dois ovos fritos e algumas panquecas de batata caseiras.

— Isso é um banquete, sra. Flanagan. Obrigado!

— Não há de quê. Você é muito bem-vindo.

Sorrindo, ela voltou para a cozinha, deixando William sozinho para devorar tudo aquilo. Dez minutos depois, ela estava de volta, perguntando se ele desejava mais alguma coisa. William se recostou e esfregou a barriga.

— Sra. Flanagan, isso estava realmente maravilhoso. Não poderia comer mais nada.

— Bem, você é quem sabe. Não quero que meus hóspedes fiquem com fome, em especial quando vieram de tão longe para nos visitar.

— Não acho que precise comer mais nada pelo resto do dia.

A sra. Flanagan deu uma gargalhada enquanto tirava os pratos.

— Me conte. Essa é sua primeira vez na Irlanda?

William hesitou antes de responder. Não se sentia pronto para falar de seu passado, em especial com uma completa desconhecida. Mas a sra. Flanagan estava parada ali, esperando uma resposta para uma pergunta que não imaginava ser particularmente difícil.

— Ah, bem, não, já que perguntou. Vivi na América com meus pais adotivos a maior parte da minha vida, mas nasci aqui.

— Ora, ora, quem diria. Nascido em Tipperary Town?

— Não muito distante daqui, creio. Em um convento.

O rosto da sra. Flanagan ficou mais sério, enquanto ela recolhia apressadamente os pratos, sem olhar para ele.

— Bem, não dá para dizer pelo seu sotaque.

William decidiu pressioná-la.

— No Sagrado Coração de Santa Brígida. A senhora conhece?

A sra. Flanagan o olhou e estreitou os olhos.

— Ora, é claro que sim. Minha amiga que gerencia o Hotel Cross Keys, no centro, manda toda roupa para lavar lá: roupa de cama, toalhas de mesa, todo tipo de coisa.

William franziu o cenho.

— Sua amiga manda a roupa suja para um convento?

A sra. Flanagan deixou os pratos de lado e sentou-se na cadeira diante de William.

— Quanto você sabe a respeito da sua mãe verdadeira?

Ele deu de ombros.

— Quase nada. Só o nome dela.

— E planeja visitar o convento?

— Sim, é claro. Esse é o objetivo da minha viagem.

A sra. Flanagan se remexeu no assento, parecendo um tanto desconfortável.

— Não espere muito, está bem? Quero dizer, deve ter existido um bom motivo pelo qual sua mãe foi mandada para o convento.

— O que a faz pensar que ela foi *mandada* para lá?

A sra. Flanagan bufou.

— Acredite em mim, sr. Lane, nenhuma garota em seu juízo perfeito entraria naquele estabelecimento por vontade própria.

William franziu o cenho enquanto ela prosseguia:

— Olhe, como posso dizer isso? Aquele lugar é cheio de garotas que trouxeram vergonha para suas famílias, garotas de moral degenerada, se preferir. Ficar grávida fora do casamento é realmente um pecado, mas as freiras se asseguram de que a alma da garota seja limpa e que a mancha do pecado seja removida por meio do trabalho pesado. Elas dão um lar para essas moças, quando suas próprias famílias não querem mais saber delas e, em troca, as garotas ganham o sustento lavando roupa, plantando hortaliças e fazendo contas de rosário.

— Mas elas são livres para partir quando querem, não são?

A sra. Flanagan deu de ombros.

— Bem, suponho que sim. Olhe, isso é tudo o que sei. Só estou dizendo que é uma bênção que as irmãs acolham essas garotas quando suas próprias famílias as repudiaram.

William esfregou o queixo.

— Deixe-me ver se entendi. Está dizendo que minha mãe deve ter sido rejeitada pela própria família?

A sra. Flanagan se levantou.

— Não estou dizendo nada. Só estava dando uma ideia geral da coisa. O caso de cada garota é diferente. Tente não ter muitas esperanças. As irmãs não estarão muito dispostas a dar informação. Aquele lugar é muito fechado.

William se levantou e pegou o mapa.

— Bem, a senhora poderia fazer a gentileza de me dizer como chegar lá? Assim posso pelo menos ver com meus próprios olhos.

— É claro, não é incômodo algum. — Ela pegou uma caneta do bolso do avental. — Posso escrever atrás do mapa?

O trajeto de ônibus durou mais de trinta minutos e, quando William chegou, era o único passageiro que restava. O motorista lhe indicou o caminho.

— Aqui é o mais longe que vou. Você precisa subir por essa estrada por uns dois quilômetros e meio, e então encontrará o convento à esquerda. Não dá para não ver.

William assentiu, agradeceu e desceu do veículo. As portas se fecharam com um assobio baixo e, de repente, ele estava sozinho naquela pacífica paisagem campestre. A temperatura tinha aumentado, e o sol atravessava as árvores. Os pastos estavam repletos de ovelhas, e era tão silencioso que William podia ouvi-las pastar na relva, o som só interrompido pelos balidos dos animais que saltavam uns ao redor dos outros.

Pendurou a mochila no ombro. A sra. Flanagan insistira em lhe dar uma térmica de café e uma porção imensa de seu bolo *porter*, recheado de frutas e embebido com cerveja Guinness. Depois de um tempo, ele parou para tirar o casaco e dobrar as mangas da grossa camisa xadrez. Tirou o boné e passou os dedos pelos cabelos empapados de suor. Tinha certeza que o guia turístico prometia temperaturas amenas, acompanhadas por uma quantidade variada de chuva. Estremeceu involuntariamente quando a mochila pressionou a camisa grudenta e úmida, mas acelerou o passo ao pensar em seu destino, agora a poucas centenas de metros de distância.

Quando dobrou a curva seguinte, viu de relance o convento que fora seu lar pelos primeiros três anos de sua vida. Parou de supetão e respirou profundamente, apoiando as mãos em uma árvore ali perto. Esperava recordar-se da construção, mas não tinha lembrança alguma. Seguiu avançando até ficar parado bem diante dos portões. Havia um caminho comprido que levava até a porta principal, mas os portões estavam trancados, e ele não via maneira de entrar. Caminhou ao redor do perímetro até que chegou na parte de trás da propriedade. O jardim dos fundos era completamente cercado por muros grossos, com pelo menos seis metros de altura e coroados com pedaços de vidro quebrado. *Elas levam a segurança muito a sério aqui*, William pensou. *Não seria nada fácil entrar aqui.*

Tampouco seria fácil sair, ponderou com gravidade.

Voltou ao portão principal e espiou por entre as grades. Pelo que podia ver, o convento era realmente impressionante. Um imenso edifício cinza, com duas janelas enormes de ambos os lados da porta principal, pintada de preto, e de onde emergia escada de degraus de pedra. A fachada era recoberta por uma hera verde escura sinuosa, que subia por toda construção, e havia uma estátua de mármore mantida incrivelmente

imaculada do lado esquerdo da porta.

William sentou-se no chão, frustrado. Viajara cinco mil quilômetros e, agora que estava ali, parecia não haver meio de entrar. Pegou o bolo de frutas da sra. Flanagan e tirou-o da embalagem de papel manteiga. Sua boca se encheu d'água com a primeira mordida. As frutas secas estavam esponjosas e suculentas, e o gosto revelava todo o sabor da Guinness. Serviu-se de um pouco de café e pegou o mapa. Havia um vilarejo minúsculo, praticamente uma aldeia, logo depois da próxima curva, e William pensava na possibilidade de caminhar até lá quando ouviu o barulho fraco do motor de um carro, e um furgão se aproximou pela estrada. Ele acenou com os braços, a fim de chamar a atenção do motorista, que reduziu a velocidade e tirou a cabeça para fora da janela.

— Em que posso ajudar?

William dobrou o mapa apressadamente e se aproximou do homem.

— Está indo para o convento?

— Estou, sim.

— Ah, que ótimo. Estou tentando entrar, mas não sei como abrir os portões.

O motorista do furgão deu uma gargalhada.

— Este lugar não aceita visitantes esporádicos, filho. Tem algum assunto para tratar aí?

— Sim, eu poderia dizer que sim.

— Então as freiras o aguardam?

— Não exatamente. — William raspou o chão com a ponta da bota. — Olhe, vim de muito longe e só preciso entrar ali para ter uma conversa com a pessoa responsável.

— A madre superiora? Pois você tem sorte. — O motorista acenou com a cabeça na direção do caminho. — Aí vem uma delas agora. Ela vai me

deixar entrar. Como você vê, só dá para vir aqui quando se é convidado.

William ficou olhando a anciã que se aproximava do portão. O hábito negro raspava nos cascalhos, e ela deslizava pelo terreno como se estivesse de patins.

O motorista do furgão grunhiu.

— Essa é a irmã Mary. Não vai conseguir nada com ela. Olhe, entre na traseira do furgão, que levo você até a porta da frente. Mas me deixe fora disso, ok?

William sorriu com gratidão. Abriu a porta dupla traseira do furgão e subiu entre as pilhas de roupa suja. Enquanto esperava que o furgão se movesse, recostou-se nos lençóis e sorriu consigo mesmo. Sentia-se como se fosse um fugitivo, mas pelo menos estava um passo mais próximo de encontrar sua mãe.

William esperou até que o furgão parasse completamente. Sentiu o balanço do veículo quando o motorista desceu, ouviu vozes abafadas conversando e, de repente, as portas traseiras se abriram e a luz do sol invadiu o furgão. Ele saiu com os olhos apertados.

— A barra está limpa agora. Rápido, saia e vá até a entrada principal. Quando perguntarem como conseguiu entrar, diga que deu sorte de chegar na mesma hora do furgão de roupas sujas. E que, então, você simplesmente entrou, com a cara e a coragem. Elas nunca vão acreditar em você, é claro, mas pelo menos já está aqui dentro.

William pegou a mochila e saltou do furgão. Estendeu a mão para o motorista.

— Muito obrigado, cara. Eu lhe devo uma.

O motorista apertou sua mão e deu uma piscadinha.

— Espero que encontre o que procura.

William subiu os degraus de pedra até a pesada porta e, notando a ausência de uma campainha, bateu com os nós dos dedos. A madeira era dura e implacável, e ele estremeceu enquanto massageava a mão. Endireitou o corpo o mais que pode quando a porta se abriu.

— Boa tarde — começou a dizer —, eu gostaria de saber se posso entrar e ter uma palavra com a pessoa encarregada por este lugar.

A freira que atendeu a porta ergueu a sobrancelha.

— Tem hora marcada?

— Bem, não, mas eu vim...

Foi incapaz de terminar a frase pois a porta foi abruptamente fechada na sua cara. Ficou parado ali, boquiaberto por um segundo, antes que o sangue voltasse a correr em suas veias e sentisse uma onda súbita de raiva. Fechou as mãos com força e respirou profundamente pelo nariz. Ignorando a mão machucada, bateu na porta novamente, e continuou a bater até que mais uma vez ela foi aberta pela mesma freira. A testa dela estava enrugada quando ela o encarou.

— Que mal-educada! Como estava dizendo, eu gostaria de falar com a pessoa encarregada. Vim de muito longe e não vou embora até que alguém possa me ajudar com minha pesquisa. Então, se não se importa, poderia, por favor, chamar alguém com autoridade suficiente, antes que eu tenha que acampar na sua porta. E não ache que não farei isso. Tenho uma térmica, bolo e todo o tempo do mundo.

Sem uma palavra, a freira começou a fechar a porta novamente, mas William foi mais rápido e colocou a bota pesada no umbral.

— Tire o pé do caminho! — a freira disse, com raiva.

— Nem pensar — William respondeu, enquanto passava pela mulher e ficava parado no saguão de entrada. Foi imediatamente atingido pelo

cheiro familiar de limão. Olhou ao redor, tentando reconhecer o entorno, e percebeu um grupo de garotas no final do corredor. Todas usavam o mesmo vestido sem mangas disforme e, nos pés, algo que parecia um trapo velho. William franziu o cenho e então percebeu que elas estavam sendo usadas para polir o chão. Uma garota com a cabeça raspada virou-se para olhar para ele. Ele percebeu o volume imenso da barriga dela e afastou os olhos, envergonhado, mas não antes de vê-la sorrir timidamente.

— Bernadette, olhe para o outro lado, sua sedutorazinha desagradável — repreendeu a freira que estava fiscalizando o grupo. — Não aprendeu nada? Olhe seu estado. Temo por sua alma, garota, realmente temo.

William limpou a garganta, desconfortável, e se virou para a freira que ainda estava parada ao seu lado. Ela já tinha fechado a porta, e ele notou a atmosfera asfixiante do convento.

— Nós não recebemos intrusos com gentilezas. Espere aqui enquanto vou procurar a irmã Benedicta.

William abaixou a cabeça respeitosamente.

— Obrigado, senhora, mas eu prefiro pensar que sou um visitante em vez de um intruso, se não se importa.

Enquanto ele esperava pacientemente, o grupo de garotas se afastou e o corredor ficou muito silencioso. William deu um pulo ao som de uma voz.

— Sou a irmã Benedicta. Como posso ajudá-lo?

Era uma mulher alta, com feições rosadas e olhos azuis penetrantes. Sua boca tinha uma expressão severa de determinação.

— Boa tarde. Meu nome é William Lane, e a senhora poderia dizer que estou voltando para casa. Eu nasci aqui.

Se a freira ficou surpresa com a declaração, não demonstrou.

— Repito. Como posso ajudá-lo?

William ficou desconcertado.

— A senhora está no comando aqui?

Ela assentiu devagar.

— De fato, sim.

William pressionou.

— Olhe, irmã Benedicta, não quero causar problemas. Só quero saber se pode me ajudar a localizar minha mãe. Sei que ela foi interna aqui...

— Residente — a irmã Benedicta o interrompeu. — Não interna.

William curvou a cabeça.

— É claro, sinto muito. Sei que ela foi residente aqui. Nasci em abril de 1940. Presumo que tenha registros, então, qualquer informação que puder me dar será muito apreciada.

A irmã Benedicta afrouxou os lábios para dar um sorriso malicioso.

— Sua ingenuidade é assombrosa, sr. Lane. Venha comigo, sim?

William a seguiu até o escritório. No meio da sala havia uma grande mesa de mogno coberta de pilhas de papel de alturas variadas. Uma placa na parede dizia: *Havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado. Tiago 1, 15.*

A irmã Benedicta gesticulou em direção à cadeira do outro lado da mesa e ambos se sentaram. Ela apoiou os cotovelos no tampo e inclinou-se na direção de William.

— Diga-me, sr. Lane. O senhor ama seus pais?

William ficou indignado.

— Ora, é claro! Mais do que qualquer coisa!

— E eles lhe deram um bom lar, não foi? Alimentaram o senhor?

William se remexeu em sua cadeira.

— Isso não está em questão, não é o ponto. Tenho total apoio deles na busca pela minha mãe verdadeira.

— Sua mãe verdadeira é a mulher que o criou, aquela que cuidava do senhor quando caía, aquela que o confortava à noite quando tinha pesadelos, aquela que...

William ergueu a mão para interrompê-la.

— Já entendi onde quer chegar, irmã. O que quero dizer é que eles apoiam minha busca pela minha mãe *biológica*. Fica melhor assim?

— Eu não me importo com esse seu tom de voz, sr. Lane. Não creio que aprecie o trabalho que fazemos aqui. Todas as garotas que passam por esse convento são mulheres perdidas, de moral degenerada, que foram expulsas da sociedade e rejeitadas pelas próprias famílias, para as quais não trouxeram nada além de vergonha. Damos a elas um lar, cuidamos delas durante a gravidez e garantimos que seus bebês sejam entregues a famílias amorosas. Temos certeza que as almas delas serão limpas por meio do trabalho árduo. Essas garotas sabem que estarão condenadas ao inferno se contarem para alguém que tiveram um bebê, então posso assegurar, sr. Lane, que nada de bom vai sair dessa sua busca. Sugiro que vá embora agora mesmo, ajoelhe-se e agradeça ao bom Deus que este convento tenha tido a melhor das intenções quando o colocou em um lar tão gentil e amoroso.

William se sentiu um garoto travesso sentado no escritório da diretora, um sentimento que se intensificou quando viu a vara fina pendurada na parede, atrás da irmã Benedicta. Ele se perguntou se aquilo fora usado em sua mãe, e lutou para manter a raiva sob controle.

— Irmã Benedicta, seu trabalho aqui não está em questão, e é claro que sou grato pela criação que tive, mas passei os primeiros três anos da minha vida aqui. Até tenho lembranças fugazes do tempo em que estive aqui e da minha mãe, mas nunca consegui ver o rosto dela. Sinto como se um pedaço da minha vida estivesse faltando, e é por isso que não encontro

paz. Que diferença isso faz para a senhora? Por favor, me dê qualquer informação que tenha sobre minha mãe, e eu irei embora. Não a incomodarei novamente.

A irmã Benedicta suspirou e balançou a cabeça.

— É como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu disse. — Ela se levantou e caminhou até um arquivo grande. Usando uma chave que tinha pendurada em uma corrente no pescoço, destrancou-o e pegou um grande fichário de couro. Largou o arquivo na mesa, fazendo com que várias folhas escorregassem até o chão.

— Qual era o nome da sua mãe?

O coração de William deu um pequeno pulo de esperança e, de repente, sua boca ficou seca.

— Bronagh Skinner.

— E você diz que nasceu em 1940?

Ele assentiu e esfregou as mãos suadas na calça.

A irmã Benedicta folheou o livro de registro pelo que pareceu ser uma eternidade. Havia literalmente centenas de nomes listados, e William sentiu um certo conforto em pensar que não era o único naquela posição. Por fim, ela pegou uma caneta e escreveu um número em um pedaço de papel. Levantou-se e levou o fichário de volta para o arquivo. Então, com um movimento exagerado, trancou-o e encarou William nos olhos enquanto colocava a chave de volta no pescoço.

— Espere aqui — ela ordenou enquanto saía da sala. Quinze minutos se passaram, e ainda nada da irmã Benedicta. William se levantou e começou a andar pela sala. Foi até a janela e olhou o jardim abaixo. Várias jovens, todas em estado avançado de gravidez, aravam uma horta enquanto uma freira as fiscalizava com cuidado. Uma das meninas tropeçou e caiu de joelhos. Parecia estar com dificuldades para levantar novamente, e outra

garota estendeu a mão para ajudá-la. A freira interferiu no mesmo instante, e puxou as duas de lado. William não conseguia ouvir a conversa pelo vidro, mas viu a garota que caiu se encolher diante da freira quando a religiosa ergueu a mão. William não teve dúvidas que aquela garota estava acostumada a ser espancada.

A porta do escritório se abriu novamente. Uma mulher de meia-idade, com uniforme de enfermeira olhou para ele e ergueu as sobrancelhas.

— Ah, eu estava procurando a irmã Benedita.

— Ela saiu por um instante. Foi procurar uma informação para mim.

— Ah, entendo.

— O que foi, enfermeira? — A irmã Benedicta voltou com um pequeno arquivo marrom embaixo do braço.

— Preciso dar uma palavra com a senhora, irmã. — Acenou com a cabeça na direção de William. — Em particular.

A irmã Benedicta não escondeu sua impaciência.

— Não pode esperar?

— Na verdade, não. Não vai demorar mais do que um minuto.

A irmã Benedicta levou a enfermeira até o corredor e fechou a porta. Intrigado, William cruzou a sala e pressionou o ouvido na madeira. As duas mulheres falavam baixinho e depressa, mas ele conseguiu entender a conversa.

— É Colette, irmã. Acabo de fazer o parto dela, mas ela ficou bem machucada. Precisa desesperadamente de pontos.

— Conhece as regras, enfermeira. Nada de pontos. Se ela está machucada, é vontade de Deus. Vai expiar seus pecados. Devia ter pensado nisso antes de ter se colocado nessa situação.

— Irmã! A senhora sabe que ela foi estuprada!

— Só temos a palavra dela a esse respeito. Ela é uma sedutora,

enfermeira. Causou isso a si mesma. Agora, pare de desperdiçar meu tempo. Tenho assuntos a tratar.

William deu dois grandes passos para trás e ficou no meio da sala ao ouvir a porta se abrir novamente e adotou um ar despreocupado. A irmã Benedicta franziu o cenho para ele e apontou para a cadeira.

— Sente-se.

Ela se acomodou do outro lado da mesa e abriu o arquivo. Colocou os óculos de leitura na ponta do nariz e começou a folhear os papéis. William se esforçou para espiar, mas a mesa era tão grande que era impossível identificar qualquer outra coisa além de um número: 40/65. Depois de algum tempo, a irmã Benedicta achou o que estava procurando e puxou para fora um pedaço de papel amarelado.

— Vê a assinatura no final da página?

William se inclinou e conseguiu ver um nome escrito em uma caligrafia um tanto infantil: Bronagh Skinner. Ele estendeu a mão para pegar o papel, mas a irmã Benedicta afastou a pasta antes que ele pudesse tocá-la.

— Sua mãe abriu mão de todos os direitos que tinha sobre você no dia em que deixou esse convento. Você não deve entrar em contato com ela, e ela jurou nesta carta que nunca entraria em contato com você, interferiria em sua vida ou faria qualquer reivindicação sobre você no futuro. Nunca vamos divulgar o paradeiro dela, sr. Lane, então, temo que sua jornada tenha sido desperdiçada. Agora, se não se importa, tenho trabalho a fazer.

O tom de voz desdenhoso dela fez com que William tivesse certeza que aquele encontro estava encerrado. Ele se levantou e colocou a mochila no ombro. Já detestava aquela mulher e teve dificuldade de falar.

— Eu voltarei, irmã. Pode contar com isso.

— Como eu disse, está desperdiçando seu tempo.

Mas William não pensava em deixar as coisas pela metade agora, e nada

— em especial não esta mulher desagradável — iria impedi-lo de encontrar sua mãe.

William se encontrava novamente na estrada estreita. O sol da tarde perdia intensidade, e a brisa fresca o recordou que ainda era apenas início de abril. Colocou o casaco novamente e seguiu em passos rápidos e determinados até o ponto de ônibus. Percorreu os dois quilômetros e meio em bem menos de trinta minutos, tal era seu desespero para se afastar daquele lugar repugnante. Estava suando novamente agora, então tirou o casaco mais uma vez enquanto analisava o horário dos ônibus preso em um poste. O próximo ônibus não chegaria antes de cinquenta minutos. Ele grunhiu e se deixou cair sobre a relva. De repente, sentiu-se incrivelmente cansado, uma combinação de seu embate com a irmã Benedicta e o restante do *jet lag*.

Usando a mochila como travesseiro, recostou-se na relva, desfrutando o frescor contra sua pele suada. Teve a impressão que dormira por horas

quando, de repente, foi despertado por um som de repique.

O sol desapareceu e, por detrás das pálpebras, William sentiu que o mundo escureceu. Apoiou-se nos cotovelos e esfregou os olhos. Não era uma nuvem que bloqueara o sol, mas um ser humano montado em uma bicicleta. Ele não conseguia distinguir as feições da pessoa na contraluz, mas sabia que era uma mulher por causa do cabelo cacheado que cercava seu rosto.

— Espero não ter assustado você. Toquei meu sino porque você parecia fora de combate.

William lutou para ficar em pé. Foi só quando se colocou na mesma altura que ela, que percebeu tratar-se da enfermeira do convento.

— Nada disso. Só pensei em tirar uma soneca enquanto esperava o ônibus. Espero não tê-lo perdido. — Ele arregaçou a manga e olhou o relógio de pulso. Só dormira dez minutos.

— O ônibus passa sempre dez minutos depois de cada hora cheia, então você pode esperar aqui pelo ônibus das cinco e dez ou pode ir comigo até minha casa e depois pegar o ônibus das seis e dez. É o último.

William franziu o cenho.

— Ir até sua casa? Por que eu faria isso?

— Porque precisa me contar tudo o que sabe se quiser que eu o ajude a encontrar sua mãe.

Grace Quinn era parteira no convento há muito tempo — trinta e seis anos, para ser mais exata — e trouxera ao mundo incontáveis bebês. Quando William se sentou ao seu lado em um sofá grumoso, ficou hipnotizado pela voz suave da mulher e pelos profundos olhos acinzentados que com frequência olhavam o teto enquanto ela lhe contava sua história.

— Suponho que deve se perguntar como posso trabalhar naquele lugar horrendo?

William deu uma bufada de concordância, inchando as bochechas.

— Devo admitir que não me pareceu um lugar muito alegre. E aquela freira... é realmente uma figura.

Grace entrelaçou as mãos e as apoiou no colo.

— Sei que alguns dos métodos delas podem ser um pouco heterodoxos. Para alguém de fora, podem parecer uma completa crueldade, mas aquelas garotas não teriam para onde ir. A vergonha que trouxeram para suas famílias é mortificante. Que tipo de vida você teria se sua mãe tivesse tido permissão para ficar com você?

William deu de ombros.

— Não tenho ideia, mas a senhora atingiu bem o centro da questão: se ela tivesse tido permissão. Ela não teve escolha, não é? Eu fiquei com ela durante os três primeiros anos da minha vida, e então fui arrancado dela e levado para os Estados Unidos. Não me entenda mal, amo minha mãe e meu pai, mas isso parece ser muito perverso.

Grace abaixou a cabeça.

— Eu sei. É por isso que vou ajudar você. — Ela se levantou e foi até uma cômoda, voltando com um bloco de notas e uma caneta. — Agora, me conte tudo o que sabe.

William limpou a garganta.

— O nome da minha mãe era Bronagh Skinner, e eu nasci em 10 de abril de 1940.

Grace ergueu os olhos do caderno, a caneta pronta para continuar a escrever.

— Só isso?

— Ah, e ela tinha 20 anos de idade.

Grace franziu o cenho.

— Não é muita coisa.

De repente, William se lembrou do arquivo marrom que a irmã Benedicta levava até ao escritório.

— O número do arquivo dela é 40/65.

Grace pareceu surpresa com aquela informação.

— Você é um belo detetive, não é mesmo? Isso significa que você foi o 65º bebê nascido em 1940. — Ela fez uma anotação e sublinhou com força, como se aquela fosse o dado mais importante. — Tudo bem, você se lembra de alguma coisa do tempo que passou no convento? Qualquer coisa que possa refrescar minha memória?

William se levantou e começou a caminhar pela sala.

— Consigo me lembrar do cheiro do sabão, e o purê grumoso que nos serviam, acho que chamavam de *pandy*.

— Lembra algo da sua mãe? Eu só estava no convento há dois anos quando você nasceu, e já que as freiras não podiam receber treinamento como parteiras antes de 1950, tenho quase certeza de que trouxe você ao mundo.

William fechou os olhos e apertou o dorso do nariz.

— Tem mais uma coisa.

Grace se inclinou para frente, na expectativa.

— Vá em frente.

— Bem, ela costumava cantar para mim. — Ele começou a cantarolar uma melodia. — Não consigo lembrar da letra, é tão frustrante. Quase consigo ouvi-la, mas havia algo diferente nela...

— Diferente?

— O jeito como ela falava... Não era parecido com o de ninguém.

Ele se deixou cair no sofá e apoiou a cabeça entre as mãos. Depois de um instante, começou a balançar o corpo devagar, para frente e para trás. *Durma tranquilo, meu filho...*, ele cantou.

Grace ergueu os olhos de suas anotações. *A noite toda.*

William levantou a cabeça e sorriu. *Os Anjos da Guarda o protegerão...*

Os dois terminaram em uníssono: *A noite toda.*

Grace cobriu a mão de William com a sua.

— Sou gentil com as garotas, sabe. Quero dizer, tento deixá-las o mais confortável que posso. Dediquei toda minha vida àquele lugar. Nunca tive marido ou filhos.

— Só não consigo entender por que a irmã Benedicta coloca tantos obstáculos. Que diferença faz para ela se encontro ou não encontro minha mãe?

— Penitência, William. Sua mãe teve um bebê fora do casamento e, aos olhos do Senhor, isso é um pecado. Mas por meio do trabalho duro ao qual ela se dedicou na lavanderia, a mancha em sua alma foi limpa e sua passagem para o paraíso, assegurada. Sei que parece duro, mas sua mãe abriu mão de todos os direitos que tinha sobre você. A irmã Benedicta não está em posição de divulgar o paradeiro dela agora.

— Você realmente acredita que minha mãe será perdoada?

Grace assentiu.

— Sim, acredito. Acredito que Deus tem a capacidade de perdoar qualquer pecado. Ela tem seu lugar garantido no céu agora. — Ela esfregou as costas da mão dele. — Você diz que sua mãe falava diferente das outras. O que quer dizer com isso?

— Algumas palavras... não sei... ela as dizia de um jeito diferente. As vogais tinham outra entonação e...

Grace cobriu a boca com a mão.

— Santo Cristo! Eu me lembro agora! Ela era inglesa!

William arregalou os olhos.

— A senhora se lembra dela? Quer dizer que sou meio inglês?

— Se sua mãe é a garota em quem estou pensando, você é todo inglês, William. E o nome dela não era Bronagh. Era Christina.

30

— Você é um rapaz de muita sorte, é sim — Grace começou a falar, os olhos brilhando de animação. — Tenho que ser honesta: as chances de eu me lembrar da sua mãe eram bem poucas, mas Bronagh era difícil de esquecer.

— A senhora disse que o nome dela era Christina — William disse.

— Quando entram no convento, as garotas recebem um novo nome dado pelas freiras, um nome mais sagrado. Santa Bronagh foi uma abadessa do século XVI, e eu poderia apostar que o dia que sua mãe chegou no convento foi o dia dessa santa. Com frequência era assim que os nomes eram decididos no Santa Brígida.

Grace deixou o bloco de lado e foi até a estante de livros. Depois de folhear as páginas de um volume pesado e antigo, por fim achou o que estava encontrando.

— A-há! — exclamou. — Santa Bronagh: dia dois de abril. Se encaixa perfeitamente. Sua mãe entrou no convento no dia dois e você nasceu oito dias mais tarde.

— Outra peça do quebra-cabeças, então. — William se sentia animado enquanto pressionava para que Grace lhe desse mais informações. — A senhora disse que ela era difícil de esquecer.

Grace sentou-se ao lado de William no sofá e segurou a mão dele.

— Aquela pobre garota. Todas as garotas que entram no convento têm histórias para contar, mas a dela realmente tocou meu coração. Ela era de Manchester, creio. Fora mandada para a Irlanda para ficar com a irmã da mãe na fazenda da família. Não tínhamos recebido nenhuma garota inglesa antes, e nem recebemos depois. Ela tampouco era católica. — Grace tentou dar um sorriso, mas foi mais como uma careta. — Mantive esse dado em segredo, no entanto. De qualquer forma, a mãe dela também era parteira, então ela sabia mais do que a maioria sobre partos. Até me ajudou nos anos seguintes ao seu nascimento. Ela era sempre tão gentil com as outras garotas, e todas se afeiçoavam a Bronagh.

William balançou a cabeça.

— Como ela terminou no convento se era da Inglaterra?

— Ah! — Grace exclamou. — Essa é a parte triste. Uma combinação de um pai muito severo e uma mãe submissa. Sua mãe teve uma criação muito protegida, pelo que pude entender. Não tinha permissão para ver garotos inadequados, e qualquer garoto era inadequado, até que uma noite ela conheceu Billy. Ah, ela nunca parava de falar nele. Era Billy isso, Billy aquilo. Ela o chamou durante todo o processo do parto, gritando o nome dele e olhando para a porta como se esperasse que ele entrasse a qualquer instante implorando seu perdão.

William ouvia extasiado. Por fim, sua mãe emergia como uma pessoa

para ele, e não mais como um simples nome.

— E o que ela tinha para perdoá-lo?

— Isso era o mais estranho. Depois de tudo o que ele fizera com ela, eu não acreditava que ela ainda o defendesse, mas ela dizia que o amor verdadeiro podia suportar qualquer coisa. Aparentemente, quando ele descobriu que ela estava grávida, bem, ele entrou em pânico e desapareceu. Eles não estavam saindo há muito tempo, e é claro que o pai dela não era nada favorável ao relacionamento deles. Ele era médico, sabe, um homem respeitado, e a reputação era tudo para ele. Mas, por incrível que pareça, ela nunca deixou de amar Billy. Foi por causa dele que ela escolheu o seu nome.

— Então, ela amava Billy, mas parece que ele não se sentia da mesma forma. Alguma vez eles retomaram contato?

Grace deu de ombros.

— Eu não saberia dizer. Bronagh deixou o Santa Brígida depois de três anos. É a regra, sabe. A garota cuida do bebê por três anos e depois está livre para partir. Mas sozinha, é claro. Nenhuma garota jamais teve permissão para ficar com o bebê. Quem quisesse partir antes disso, tinha que ser reivindicada por um parente e pagar uma soma elevada pela liberdade. Esse tipo de dinheiro estava fora do alcance da maioria das garotas, e é claro que elas já tinham sido repudiadas por suas famílias. O maior desejo de Bronagh era criar você sozinha, mas ela foi vítima das circunstâncias. Tinha perdido todos os direitos e estava impotente. Não é um sistema perfeito, mas são as regras.

William estremeceu ao pensar neste regime tão cruel e se perguntou que tipo de religião permitia que esse tipo de coisa acontecesse. Seus pais eram pessoas tementes a Deus, e ele crescera aprendendo a respeitar a Bíblia, mas certamente esse tratamento era inaceitável. Tinha certeza que

sua mãe não tinha ideia da extensão dessa crueldade.

— Para onde ela foi depois que deixou o convento?

— Essa parte eu não sei, sinto dizer. Sei que a fazenda da tia dela não era muito longe do convento — Grace suspirou. — Toda essa informação deve estar naquele arquivo, mas colocar as mãos nele será difícil, se não impossível.

— Por favor — William implorou. — Vim de tão longe e sinto que estou muito perto dela agora. Não posso desistir. — Ele lutou para não demonstrar a impaciência que sentia. Afinal, Grace não tinha motivo para ajudá-lo.

Grace mordeu o lábio inferior, e um silêncio caiu sobre eles enquanto ela tentava se recordar do passado.

— Já se passaram trinta e quatro anos, William — ela falou com impotência. Fechou os olhos, concentrando-se e levantou o rosto para o teto. De repente, o velho relógio de parede marcou seis horas e ambos se assustaram.

— O ônibus! — William exclamou, levantando-se de um pulo. — Vou perder meu ônibus!

— Ah, meu Deus — Grace lamentou. — Como o tempo passou tão rápido? Olhe, pegue minha bicicleta para ir até o ponto. Deixe-a ali perto que amanhã eu a pego.

William pegou sua mochila e jogou-a sobre o ombro.

— Não tenho como agradecer, Grace.

— Ah, deixe disso — ela gargalhou. — Agradeça-me quando encontrar sua mãe. Amanhã é meu dia de folga, por que não vem tomar um chá? Assim eu contarei o que consegui descobrir. Mas não fique com muitas esperanças, William. Já viu como a irmã Benedicta pode ser teimosa.

Quando William voltou para a pousada da sra. Flanagan, foi recebido pelo

cheiro salgado de presunto cozido, e seu estômago de repente reclamou de uma fome há muito esquecida.

— Ah, você está de volta. Tem alguma novidade? — A sra. Flanagan o recebeu.

— A senhora estava certa sobre as freiras — ele suspirou. — Não ajudaram em nada. — Ele se largou no sofá na cozinha e fechou os olhos.

— Você parece esgotado. Por que não tira um cochilo antes do jantar? Posso esquentar para você depois.

— A senhora é muito gentil, sra. Flanagan, mas sinto que se for dormir agora só conseguirei comer esta refeição no desjejum.

— Muito bem, então suba, lave-se e eu já sirvo. Estará pronto em cinco minutos.

Depois da refeição de presunto cozido, acompanhado de purê de batata e repolho, William se sentia saciado, mas as emoções do dia o deixaram completamente esgotado. Agradeceu a sra. Flanagan e subiu para seu quarto. Sabia que era um erro deitar antes de tirar a roupa ou escovar os dentes. Só pretendia fechar os olhos por cinco minutos, mas o *jet lag* o pegou firme e, quando abriu os olhos novamente, o sol atravessava as cortinas de veludo vermelho e as poeiras de partícula dançavam em seus raios. Ele esfregou os olhos e tentou abrir a boca seca e pastosa enquanto cambaleava até o banheiro, procurando desesperadamente sua escova de dentes.

Ao chegar na casa de Grace no dia seguinte, William mal continha e esperança e a expectativa. Mas Grace estava certa em adverti-lo a não ficar muito esperançoso. Fora impossível para ela pegar o arquivo sem a chave, aquela que ficava guardada na corrente no pescoço da irmã Benedicta. Os dois se sentaram na pequena mesa de madeira na cozinha de Grace. A roupa lavada dela estava pendurada em um varal ao lado do

fogão, e o aroma da torta de maçã que assava no forno o fez se lembrar de sua casa e da culinária maravilhosa de sua mãe. Sentiu a culpa crescer dentro de si e lutou contra ela.

— Qual o problema, William? — Grace perguntou.

— Eu só estava pensando na minha mãe; sabe, na minha mãe nos Estados Unidos.

Grace deu um tapinha na mão dele.

— Você sabe que tem o apoio dela, não sabe? Só porque quer saber de onde veio não quer dizer que a ame menos. Ela me parece ser uma mulher carinhosa e generosa, e nesse sentido a irmã Benedicta estava certa. Você tem os pais mais maravilhosos do mundo, não tem?

William assentiu, concordando, sem confiar em sua voz.

— Muito bem — Grace prosseguiu. — Quer outra xícara de chá enquanto esperamos aquela torta?

William sorriu.

— Seria ótimo, Grace, obrigado.

Ela se ocupou em encher a chaleira de água e em colocar dois saquinhos de chá na velha panela manchada.

— É frustrante. Quero dizer, saber onde está o cofre que contém o arquivo, mas não ser capaz de abri-lo. Sinto-me impotente.

— Por favor, não se preocupe, Grace. Você já fez o bastante em tentar. Sou grato por isso, de verdade.

Ela encheu o bule e voltou para a mesa. Cobriu o bule com uma espécie de protetor feito de tricô, com faixas azuis e rosa, e meio arredondado na parte de cima. William sorriu consigo mesmo ao imaginar o bule usando um chapéu. Seus pais não acreditariam naquilo!

— De toda forma, pense bem. Você não desperdiçou sua viagem, não é?

— O que você quer dizer?

— Bem, quando chegou aqui, tudo o que sabia era que o nome de sua mãe era Bronagh Skinner, e que ela tinha vinte anos, certo?

William estreitou os olhos.

— Continue.

— Agora que você já sabe que o nome verdadeiro dela era Christina Skinner, e que ela nasceu em Manchester entre 1919 ou 1920. — Grace fez uma pausa, para ver se William entendia onde ela queria chegar, mas ao ver a expressão intrigada dele prosseguiu. — Não vê? Você pode ir até Manchester e tentar localizar a certidão de nascimento dela. Ela já tinha vinte anos quando entrou no convento, o que sabemos que foi no início de abril. Então, o nascimento dela deve estar em algum momento no ano antes de abril de 1920.

Grace começou a servir duas xícaras de chá, enquanto William digeriria aquela informação.

— Como acha que isso pode ajudar? — O cérebro dele ainda estava aturdido pela extensão da viagem.

— A certidão de nascimento vai dizer para você não só a data e o local exatos do nascimento, mas os nomes dos pais dela. Tenho quase certeza que o nome de solteira da mãe dela estará na certidão também. Eu só queria lembrar o nome da tia de Christina. É tão frustrante. Sei que ela era solteirona e que morreu um pouco antes de Christina entrar no convento. Também sei que ela herdou a fazenda dos pais, então se conseguirmos o nome de solteira da mãe de Christine, há uma chance de alguém conhecer a fazenda.

William entrelaçou as mãos atrás da cabeça e recostou-se no assento da cadeira.

— Você é maravilhosa, Grace.

Ela corou um pouco.

— Pare com isso. Você teria chegado na mesma conclusão em algum momento.

— Você acha que existe uma chance dela ter voltado para Manchester?
Grace deu de ombros.

— Não sei, William. É possível, suponho. Quero dizer, ela foi mandada para cá em desgraça, para ter o bebê. Mas depois estava livre para voltar. Não posso imaginar que houvesse muita coisa mantendo-a aqui na Irlanda, então, sim, eu diria que é possível que ela tenha voltado para sua terra natal. — Fez uma pausa. — Mas Manchester é uma cidade grande; as chances de encontrá-la lá são ainda menores.

— Eu sei. Você está certa. Preciso descobrir o paradeiro da fazenda primeiro. Se eu descobrir isso, talvez alguém saiba para onde ela foi.

Grace abriu o forno, e o aroma da torta de maçã com canela encheu o aposento. Ela colocou a torta dourada na mesa.

— Permita-me — William se ofereceu, pegando a faca e cortando uma fatia.

O vapor se levantou entre eles, e Grace afastou-o com a mão.

— Sabe, Grace, acho que farei uma viagem até Manchester. Vim até aqui, atravessei todo o Atlântico. Outra viagem curta pelo mar da Irlanda não causará dano algum. De repente, consigo encontrar a chave para resolver esse mistério.

Um passageiro do *ferry* contou para William que sempre chovia em Manchester. Não dava para dizer se era o caso ou não, mas, conforme o mês de abril terminou, maio estreou com o céu limpo e azul como uma piscina. William encontrou uma pousada barata na periferia da cidade, separado do centro por um breve trajeto de ônibus. A dona da pousada lhe providenciara um mapa e desenhara um círculo vermelho vivo ao redor de seu destino. Ele se sentou no andar de cima do ônibus vermelho de dois andares, uma novidade que o fez sorrir de orelha a orelha enquanto o veículo imenso e sibilante percorria a *Oxford Road*. Desceu na frente do *Palace Theatre* e abriu o mapa. Olhou na direção da *St. Peter's Square*, e ali estava, bem como a dona da pousada prometera, a imensa cúpula da Biblioteca Central de Manchester.

Ele apressou o passo enquanto seguia na direção do impressionante

edifício circular neoclássico. O pórtico coríntio na entrada tinha dois andares de altura, com seis imponentes colunas de pedra. Enquanto subia os degraus, sentiu como se entrasse em um palácio romano, em vez de em uma biblioteca municipal. Lá dentro, o esplendor e a majestade da construção ainda estavam em evidência, com mobiliários e molduras de carvalho e nogueira inglesa. Ele subiu a imensa escadaria e entrou no Grande Salão. Era originalmente conhecido como Sala de Leitura, e William não conseguia imaginar lugar mais tranquilo para alguém se permitir o estudo da literatura ou para dar uma olhada preguiçosa nos jornais da manhã. Com um certo nervosismo, ele se aproximou da jovem bibliotecária atrás do balcão.

— Bom dia, senhorita. Eu gostaria de saber se poderia me ajudar.

— Estou aqui para isso. — Ela sorriu. — O que eu posso fazer por você?

— Preciso conseguir uma cópia de uma certidão de nascimento...

A bibliotecária, cujo crachá dizia para William chamar-se senhorita Sutton, pegou um formulário embaixo do balcão.

— Preciso anotar alguns dados. Primeiro, quer que a certidão seja enviada pelo correio ou prefere pegá-la aqui?

William ficou surpreso em ver quão fácil o processo parecia ser.

— Virei buscar, por favor. Não tenho endereço permanente no Reino Unido.

A senhorita Sutton sorriu com doçura.

— Eu imaginava que você não é dessa área. Canadense?

— Tentarei não me ofender — William brincou. — Sou dos Estados Unidos, Vermont. Nasci na Irlanda, embora meus pais sejam ingleses.

A senhorita Sutton franziu o cenho.

— É uma longa história — William explicou.

Ela lhe deu um sorriso de lado.

— Você vai ter que me contar algum dia desses.

Deus, William pensou, *todas as garotas inglesas são tão saidinhas assim?*

— Talvez...

— Eu só estava brincando! Agora, qual é o seu nome?

William se recompôs.

— William Lane.

— E o nome na certidão de nascimento?

— Christina Skinner.

A caneta da senhorita Sutton mexia-se com rapidez pelo papel, e sem erguer os olhos ela perguntou:

— Data de nascimento?

William ficou confuso.

— *Minha* data de nascimento?

Ela lhe deu um sorriso amarelo.

— A data de nascimento de Christina Skinner.

— Bem, eu não sei exatamente. Só sei que foi entre abril de 1919 e março de 1920.

— Tem algum outro detalhe? Endereço? Local de nascimento, nome do pai?

De repente, William se sentiu um tolo.

— Não. Isso é um problema?

— Para mim, não, mas você terá que fazer uma pesquisa no índice de Registro Geral para localizar a Christina Skinner certa. Não posso solicitar uma cópia de uma certidão de nascimento com tão pouca informação.

William suspirou.

— E como faço isso?

A senhorita Sutton apontou para uma mesa no canto da sala.

— Acomode-se ali que vou trazer o primeiro volume.

Depois de duas horas, William sentia como se seus olhos jamais fossem capazes de focar o horizonte novamente. Examinar aqueles livros tão de perto tinha deixado sua visão de longe borrada, e ele sentia um princípio de dor de cabeça. Precisava urgentemente de ar fresco. Aproximou-se do balcão e falou com a senhorita Sutton, a quem agora se dirigia pelo primeiro nome.

— Karen, desculpe incomodá-la — ele sussurrou. — Preciso sair e tomar um pouco de ar fresco. Pode deixar aquela mesa reservada para mim?

— É claro. Como está sua procura?

— Encontrei duas Christinas Skinner possíveis, mas tenho outro volume para verificar. Voltarei em meia hora.

Enquanto vagava pelas ruas de Manchester, William se perguntava se sua mãe percorrera aquelas mesmas calçadas. Seria possível que estivesse em Manchester naquele exato instante? E quanto ao seu pai, Billy? Por que abandonara tão cruelmente sua mãe quando ela mais precisava dele? Não parecia ser um pai de quem poderia se orgulhar, isso era certo. Então, pensou em Donald, em casa, em Vermont, trabalhador incansável na fazenda para sustentar a família, as mãos calosas e as costas encurvadas testemunhas de seu esforço.

A sensação usual de culpa pelo que estava tentando fazer tomou conta dele novamente e, de repente, sentiu saudade de casa. Ansiava pela tranquilidade, paz e amor de seu lar, os cheiros acolhedores da culinária de sua mãe, o aroma doce e penetrante e a solidão da cabana onde armazenavam o bordo. Manchester estava a um mundo de distância daquilo tudo, e ele começava a questionar a sensatez de sua aventura.

Apesar disso, bem lá no fundo estava o desejo insaciável de descobrir as circunstâncias que cercavam seu nascimento. Já descobrira que o maior desejo da mãe era ter sido capaz de criá-lo. Saber que ela fora obrigada a dá-lo contra a vontade o deixava ao mesmo tempo muito triste e muito raivoso.

Precisava conhecer a história inteira do namoro da mãe com o pai e por que ela fora tão cruelmente abandonada. Com determinação renovada, subiu mais uma vez os degraus da biblioteca para prosseguir em sua busca.

Era quase hora da biblioteca fechar quando William se aproximou de Karen Sutton mais uma vez, com uma lista de três possíveis Christinas Skinner. Passou o papel pelo balcão, com uma expressão sombria. Karen analisou a lista rapidamente.

— Quer pedir as três certidões de uma vez?

William pensou no assunto por um momento.

— Quanto tempo demora?

— Alguns dias. Talvez mais.

— Se eu tentar uma por vez, posso ter sorte e pedir a correta primeiro, suponho, mas também poderia ser a última, e então mais de uma semana já teria passado. Não tenho dinheiro para ficar no Reino Unido tanto tempo e, de toda maneira, meus pais precisam de mim em casa.

— Poderíamos colocar os certificados no correio, e você os receberia nos Estados Unidos — Karen sugeriu.

William esfregou a testa enquanto Karen o encarava, esperando uma decisão.

— Não quero apressar você — ela disse. — Mas a biblioteca fecha em dez minutos.

— Sinto muito — William falou. — Acho que vou pedir os três de uma vez.

Enquanto Karen escrevia os detalhes do pedido, outra bibliotecária se aproximou dela atrás do balcão.

Era uma mulher grisalha, com jeito de intrometida, usando uma saia de tweed marrom, um casaco e uma fileira de pérolas opacas na garganta.

Ela espiou por sobre o ombro de Karen e então ajeitou os óculos na ponta do nariz para ver melhor.

— Christina Skinner? Já temos essa certidão de nascimento aqui. Foi solicitada semana passada e está esperando que a retirem.

William e Karen ficaram boquiabertos com a notícia.

Karen virou-se para a colega.

— Sinto muito, sra. Grainger, quer dizer que temos uma certidão de nascimento de Christina Skinner aqui?

A sra. Grainger não escondeu a impaciência.

— É o que acabo de dizer, não é? Agora, vamos logo e comece a arrumar o balcão. Preciso fechar.

Karen recolheu uma pilha de papéis e colocou as canetas largadas por ali em um porta-canetas.

— Seria possível dar uma olhada para ver se é o mesmo documento que William precisa?

— É claro que não. Essa certidão foi paga e é propriedade da pessoa que a encomendou. Só ela pode abrir o envelope.

Karen ergueu os olhos para o teto. Parecia estar esperando aquela resposta. A sra. Grainger claramente era uma adepta das regras e da burocracia.

— Quando a pessoa virá buscar a certidão de nascimento? — William perguntou.

A sra. Grainger deu de ombros.

— Não sei. Chegou ontem, então talvez amanhã ou no dia seguinte.

Depende da urgência de quem pediu.

Aquela certidão de nascimento seria de sua mãe? William não conseguia imaginar por que outra pessoa precisaria de uma cópia daquele documento. Será que tinha irmãos que estavam tentando localizar a mãe? Ou talvez fosse a própria Christina. Teria ela solicitado a cópia para substituir a certidão original? Seria para uma pessoa completamente diferente? Precisava desesperadamente de respostas.

A sra. Grainger se afastara do balcão e estava ocupada guardando alguns livros nas respectivas estantes. William inclinou-se na direção de Karen.

— Preciso saber quem pediu essa cópia — sussurrou.

Karen se virou e verificou se a sra. Grainger ainda estava ocupada. Subiu em uma escadinha de mão e estendeu o braço até a estante mais alta, para pegar um livro especialmente volumoso.

— Me dê um minuto — ela respondeu.

Colocou a mão em uma gaveta embaixo do balcão e remexeu até encontrar uma chave. Sem tirar os olhos da sra. Grainger, foi até um arquivo e abriu a gaveta de cima sem fazer barulho. Seus dedos eram rápidos e ágeis enquanto folheava o conteúdo do arquivo. Encontrou o que estava procurando e só teve tempo de olhar o nome no envelope antes que a sra. Grainger a chamasse.

— Já terminou, Karen?

— Só estou terminando de recolher as últimas coisas, sra. Grainger — ela replicou. Deu uma piscada para William. — Encontre-me lá fora em cinco minutos.

Era hora do rush no centro de Manchester, e William observava as pessoas a caminho de casa. Os ruídos e a fumaça do tráfego tomavam conta da praça, enquanto as pessoas corriam para pegar os ônibus e os carros tocavam suas buzinas impacientes. Ele ouviu o barulho de saltos altos

soando na escada de pedra atrás de si e virou-se para cumprimentar Karen. Ela o pegou pelo braço e o guiou pelas ruas, olhando furtivamente por sobre o ombro.

— Ela está bem atrás de mim — Karen sussurrou. Empurrou William para dentro de uma loja bem quando a sra. Grainger passou, os olhos fixos na calçada adiante. William e Karen suspiraram de alívio, e Karen começou a rir. — Sinto como se fosse uma traficante de armas internacional.

William sorriu.

— Você conseguiu? O nome da pessoa que encomendou a cópia da certidão?

— Consegui. Foi encomendada por uma tal sra. Tina Craig. Isso significa alguma coisa para você?

William balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar dela. Mas não conheço ninguém em Manchester. Talvez seja outra Christina Skinner.

— Talvez sim, talvez não. Só há uma maneira de descobrir.

— Como? — William perguntou.

— Volte amanhã e espere para ver se ela aparece.

— E se não aparecer? Ela pode demorar dias, até semanas, para resolver pegar o documento.

Karen deu de ombros.

— Tudo depende de quão desesperado você está para ver aquela certidão.

Tina sacudiu o guarda-chuva antes de subir os degraus da biblioteca. A rua brilhava enquanto a chuva saltava pela calçada, encharcando as solas finas de suas sandálias. Amaldiçoou-se em silêncio por ser tão estúpida. Botas teriam sido uma opção mais sensata naquele dia, mas era maio, e ela se recusava a olhar o guarda-roupa de inverno nessa época do ano. Pegou o pó compacto da bolsa e abriu-o para olhar no espelho. O cabelo comprido estava colado ao rosto e o rímel que deveria ser à prova d'água escorria pelas bochechas. Ela passou as costas da mão embaixo dos olhos para limpá-los, enquanto subia as escadas até o Grande Salão. Aproximou-se do balcão e apoiou o guarda-chuva nele. Imediatamente, uma pequena poça de água se formou no chão encerado. Ela passou os dedos pelo cabelo e dirigiu-se à jovem atrás do balcão.

— Olá. Estou aqui para pegar uma cópia de uma certidão de nascimento

que encomendei.

— Seu nome?

— Tina Craig. C-R-A-I-G.

— É claro. Por favor, sente-se por um instante. — A garota gesticulou na direção de uma fileira de cadeiras de encosto alto ali perto e seguiu até um fichário, onde começou a remexer em diversas pastas. Sorriu para Tina, como se pedisse desculpas.

— Sinto muito. Preciso consultar minha colega.

Tina acenou com a mão.

— Não se preocupe. Não tenho pressa.

William estava instalado em uma mesa do canto, escondido atrás de um jornal. Karen bateu com a mão na mesa e ele ergueu os olhos, assustado.

— Ei! O que acha que...

Karen o interrompeu.

— Ela está aqui.

Nenhuma outra explicação era necessária.

Ele se levantou, guardando o jornal com cuidado embaixo do braço e seguiu Karen até o balcão, onde ela pegou um envelope de uma gaveta.

— Sra. Craig — Karen chamou. — Aqui está sua certidão.

A mulher que estava aguardando em uma cadeira ali perto pegou o envelope e o guardou na bolsa.

— Muito obrigada. Adeus.

William ficou parado boquiaberto e sem dizer uma palavra enquanto a observava partir sem olhar para trás. Deu um olhar aflito para Karen e tomou uma decisão.

— Tenho que ir atrás dela.

Alcançou a mulher quando ela parou no pórtico, lutando com seu guarda-chuva.

— Desculpe-me, senhora. Eu gostaria de saber se poderia falar um momento com você.

Ela olhou ao redor, surpresa.

— Quer falar *comigo*?

— Se não se importa. Não vou tomar muito seu tempo.

William estava hipnotizado pelos olhos azuis intensos dela, agora acentuados por uma mancha de rímel escuro embaixo. Ele estava consciente da chuva descendo por seu colarinho e estremeceu involuntariamente. A mulher se aproximou dele, oferecendo refúgio sob seu guarda-chuva. Os dois se encararam em total silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade, mas que foi só uma fração de segundos. Dois completos desconhecidos partilhando um espaço no planeta que não era maior do que uma lajota da calçada. William falou primeiro.

— Meu nome é William Lane, e estou esperando por você há algum tempo.

— Por toda sua vida, suponho.

William ficou paralisado por um momento, e então corou ao perceber que sua frase fora mal construída.

— Ah, não, eu não quis dizer isso. Só quis dizer que estive esperando que você aparecesse para pegar aquela certidão de nascimento. Eu não estava flertando com você ou algo assim.

A mulher pareceu confusa.

— Então, eu sinto muito. Achei que estivesse tentando me dar uma cantada.

— Cantada? — William franziu o cenho. Considerando que falavam o mesmo idioma, a comunicação estava difícil.

— Você sabe... querendo me convidar para sair. — Ela deu de ombros e sorriu timidamente.

William observou o rosto dela. Embora fosse indubitavelmente bonita, havia uma certa tristeza em seus olhos.

— Olhe — ele falou por fim. — Vamos começar de novo? Há algum lugar em que possamos conversar?

— Ah, não tenho certeza. Nem conheço você.

— Por favor — William pediu. — É importante. Não vou prendê-la por muito tempo.

— Bem, há um café na esquina. Podemos ir até lá, suponho.

— Perfeito. Vamos? — William convidou.

Assim que se acomodaram com seus cafés e as apresentações iniciais foram feitas, William começou a contar sua história:

— Eu vim dos Estados Unidos na esperança de encontrar minha mãe biológica. Nasci em um convento na Irlanda, em 1940, e me disseram que o nome da minha mãe era Bronagh Skinner.

Tina se mexeu na cadeira com a menção ao nome Skinner, mas não interrompeu. William prosseguiu.

— Fui até o convento para ver se podiam me ajudar, mas foi inútil. As irmãs ali não me deram informação alguma. De toda forma, uma parteira que trabalha lá ficou com pena de mim e me ofereceu ajuda. Acontece que ela se lembrava da minha mãe, porque minha mãe era inglesa, daqui de Manchester. E o nome verdadeiro dela não era Bronagh, mas Christina. Vim até a biblioteca pedir uma cópia da certidão de nascimento dela, e descobri que você tinha vindo na minha frente. Não sei se é a mesma Christina Skinner que estou procurando, mas eu gostaria de saber se não se importa que eu dê uma olhada no documento.

Tina já sabia que aquela certidão de nascimento era certamente da mãe de William. Tanto Alice Stirling quanto Maud Cutler lhe disseram que Chrissie fora mandada para a Irlanda em desgraça. Ela se curvou para

pegar a bolsa. William ficou na expectativa enquanto ela pegava um envelope — não o que lhe fora dado por Karen Sutton, mas um mais velho, amarelado. Empurrou-o solenemente pela mesa.

— Acho que devia ler isso.

As mãos de William estavam trêmulas quando ele pegou a carta.

— É endereçada para a senhorita C. Skinner.

— Sua mãe — Tina confirmou.

— Eu não entendo.

— Apenas leia. Depois eu explicarei tudo.

Ele tirou a carta do envelope com muito cuidado e desdobrou-a. Olhou para Tina antes de começar a ler. Ela segurou o fôlego enquanto ele passou os olhos pelo que estava escrito e depois releu mais cuidadosamente. Quando terminou de ler pela segunda vez, William deixou a folha na mesa entre eles e alisou o papel.

— Onde conseguiu isso?

— Trabalho em uma loja beneficente, e alguém deixou uma sacola de roupas velhas na porta. Dentro havia um paletó, e no bolso estava esta carta. — Tina bateu no envelope com o indicador. — Como pode ver, nunca foi postada. Quando eu a abri, fiquei tão comovida pelas palavras e desconcertada pelo fato de Billy nunca tê-la enviado que jurei tentar encontrar Chrissie e entregar a carta pessoalmente para ela. — Ela corou de leve. — Você pode achar que não é da minha conta, mas essa história mexeu comigo.

William encarou a carta mais uma vez.

— Esse bebê que ele menciona sou eu. — Os olhos dele ficaram marejados de lágrimas. — Achei que ele tinha abandonado minha mãe. Ela achou que ele não queria mais nada com ela. Grace me disse que ela nunca parou de pensar nele, ainda que ele a tivesse tratado tão mal, e agora

encontro isso. — Ele levou a carta até o rosto e inspirou seu aroma. — Por que ele não a colocou no correio, Tina? O que aconteceu com ele?

Tina sabia que não havia um jeito fácil de dar a notícia.

— Depois que encontrei a carta, eu fui até o número 180 da Gillbent Road e, acredite ou não, os pais de Billy ainda vivem lá.

Os olhos de William se arregalaram de surpresa.

— Meus avós estão aqui, em Manchester?

— Sim, William, estão. — Tina deu um sorriso com o entusiasmo dele, mas então prosseguiu, solene. — Sua avó, Alice Stirling, me contou tudo sobre o filho dela. Ela e o marido o adotaram quando ele tinha dez meses de idade. Mostrei a carta para Alice, e ela se lembrava dele tê-la escrito. Na verdade, foi ideia dela. Ele foi até a casa de Chrissie no dia seguinte e falou com a mãe dela, mas ela não sabia nada sobre a carta. Ele ficou com o coração partido ao saber que Chrissie fora mandada para a Irlanda, e implorou para a sra. Skinner dar o endereço dela para ele. Ela prometeu entrar em contato com Chrissie por ele.

— O que aconteceu depois? — William perguntou ansioso.

— Eles entraram em contato um com o outro?

Tina negou com a cabeça.

— Mabel Skinner foi morta durante o blecaute daquela noite e, até onde eu sei, nunca entrou em contato com a filha. — Ela remexeu na bolsa mais uma vez e pegou a foto de Billy que Alice lhe dera. — Este é seu pai.

William pegou a foto e a analisou com cuidado.

— Era um homem bonito — declarou. — Sabe o que aconteceu com ele?

Tina tomou coragem para contar.

— Sinto dizer que Billy foi morto em combate, em 1940. Sinto muito.

William não conseguiu mais conter as lágrimas, e secou-as com as

costas da mão. Tina lhe deu um guardanapo de papel de um pequeno recipiente da mesa.

— Ele era um bom homem, William. Não abandonou sua mãe. Ele a amava e queria formar uma família com ela. Alice disse que ele teria sido um pai maravilhoso.

— Mas minha mãe nunca soube disso. Se ela tivesse recebido essa carta, as coisas teriam sido diferentes.

— Eu sei. É por isso que senti que tinha que tentar encontrá-la e entregar a carta.

— Então, foi por isso que pediu a certidão de nascimento dela?

Tina assentiu. Contou para William sobre sua visita a Wood Gardens e seu encontro com Maud Cutler.

— Maud conhecia bem os Skinner. Contou-me sobre o temperamento horrível do dr. Skinner e que Chrissie fora mandada para a Irlanda.

— Isso é inacreditável, Tina. Muito obrigado por se importar. Você podia simplesmente ter jogado a carta no lixo, mas o fato de perder seu tempo para tentar localizar minha mãe é algo tão...

— Ele procurou a palavra adequada. — Bem, é extraordinário.

— Já faz mais de um ano que encontrei a carta, e ela me intrigou desde o início. — Tina tomou outro gole de café e olhou as gotas de chuva correndo pela janela. Do lado de dentro, o vidro estava embaçado, e Tina traçou uma linha com o dedo, em um gesto distraído. — De todo modo, aconteceu muita coisa na minha vida nesse meio tempo, e então acabei deixando a história um pouco de lado. Quando voltei a pensar no assunto, me ocorreu que talvez Chrissie não quisesse ser encontrada. Quero dizer, e se agora ela estiver feliz e casada e não quiser se lembrar do passado?

— Isso também passou pela minha mente — William admitiu.

— No fim, decidi começar com a certidão de nascimento. Achei que

sempre podia mudar de ideia mais tarde.

Neste instante, a garçonete apareceu na mesa, o avental branco manchado com chá e café.

— Desculpem-me — ela começou a falar. — Não quero incomodá-los, mas vocês vão pedir mais alguma coisa? Temos fila para as mesas, sabem? — Ela gesticulou na direção da porta, onde uma fila de pessoas de aparência irritada olhava na direção deles.

William se levantou.

— Sentimos muito. Perdemos um pouco a noção do tempo.

Ele ajudou Tina com seu guarda-chuva e a conduziu até a saída. Assim que eles chegaram até à calçada, ficaram olhando um para o outro, sem saber o que dizer na sequência. A chuva parava e as nuvens pesadas abriam caminho para um sol hesitante.

— Podemos caminhar um pouco? — William sugeriu. — Não estou prendendo você, estou? Alguém está esperando você? Um marido? Namorado?

Tina negou com a cabeça.

— Ninguém. Venha, vamos até *Piccadilly Gardens*, onde poderemos nos sentar.

Encontraram um banco relativamente tranquilo e observaram por um ou dois instantes os funcionários dos escritórios passando correndo de um lado para o outro com sacos de papel marrom contendo sanduíches e frutas para serem consumidos no almoço.

— Conte-me, como conseguiu localizar a certidão de nascimento da minha mãe quando tudo o que você tinha era o nome dela?

Tina sorriu.

— Bem, como eu disse, o primeiro lugar em que estive foi Wood Gardens, onde conheci Maud Cutler. Foi ela quem me contou os nomes dos

pais de Chrissie. Também me contou onde Mabel tinha sido enterrada. Ela ainda coloca flores no túmulo da sra. Skinner todos os anos. A mãe de Chrissie salvou a vida do bebê de Maud, sabe? Ele era tão pequeno quando nasceu. — Ela fechou os olhos por um segundo enquanto se lembrava de sua própria garotinha.

— Você está bem? — William perguntou.

— Estou bem. Eu só... nada. De todo modo, como eu sabia os nomes dos pais dela, localizar a certidão de nascimento não foi muito difícil. Vamos dar uma olhada nela?

William tinha se esquecido completamente do documento.

— Sim, por favor.

Tina abriu o certificado sobre o joelho, e William se inclinou para olhar mais de perto.

— É deste nome que preciso — ele falou, animado. — Posso? — Ele segurou a certidão e a analisou mais de perto. — McBride. É o sobrenome de solteira da mãe de Chrissie, então deve ser o sobrenome da tia dela. Isso vai me ajudar imensamente quando eu voltar para a Irlanda. Família McBride. — Os olhos de William brilharam de animação. — Alguém deve se lembrar de algo.

— Suas mãos tremiam quando entregou a certidão para Tina.

— Vou encontrar minha mãe!

Tina devolveu a certidão para ele.

— Fique com ela. — Remexeu em sua bolsa. — E você deve ficar com isso também. — Entregou a carta e a foto de Billy. — Boa sorte, William. — Ela se levantou e estendeu a mão para ele. — Foi um prazer conhecê-lo.

William ficou em pé em um segundo.

— Venha comigo — sugeriu de supetão.

Tina deu passo para trás, surpresa.

— Quero dizer, por favor, venha comigo. Para a Irlanda. Eu não teria chegado tão longe sem você, e realmente gostaria que estivesse ao meu lado para ver como tudo isso acaba.

Tina sabia que era um disparate até mesmo cogitar a ideia de viajar tudo aquilo com um homem que sequer conhecia. Já fizera sua parte. Mais do que a maioria das pessoas teria feito, na verdade. Ela não devia nada para ele, mesmo assim ficou encarando aqueles olhos castanho-escuros e, de repente, percebeu o quanto ele parecia com o pai. As similaridades eram assombrosas. Billy estava morto, mas ali estava o filho dele parado bem diante dela, pedindo-lhe que o acompanhasse em uma jornada que devia ter planejado a maior parte de sua vida. E ela tornara aquilo possível. Ela lhe dera toda a informação que ele precisava para localizar a mãe. Tina sentiu uma onda de animação que não experimentava há muitos meses. Era uma ideia louca, impulsiva e absurda.

Ela jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— William, será uma honra acompanhar você.

Tina abriu a pesada porta verde da cabine telefônica e, no mesmo instante, ficou grata pelo santuário tranquilo que o lugar proporcionava. Havia algo no interior de uma cabine telefônica que a acalmava imediatamente. Uma sensação de estar à parte do mundo exterior, um lugar para reunir os pensamentos e refletir sobre o caos que ocorria do lado de fora. Claro que a maioria dos telefones públicos de Manchester cheirava a urina velha, mas esta cabine em Tipperary Town era simplesmente maravilhosa, sem os odores desagradáveis que nublavam os sentidos. Ela pegou o grande auricular negro e começou a discar. Depois de alguns toques, xingou baixinho quando ouviu a voz de Sheila do outro lado da linha. Ela não teve escolha além de colocar a primeira moeda.

— Sheila? É Tina. Pode chamar Graham para mim?

Felizmente, Sheila estava tão pouco comunicativa como de costume, e

simplesmente grunhiu antes de deixar o telefone e gritar para que marido atendesse. Tina balançou o corpo sobre os calcanhares enquanto esperava que Graham chegasse. Depois do que pareceu ser uma eternidade, ela ouviu a voz dele.

— Tina?

Antes que pudesse responder, os bipes começaram. Ela colocou outra moeda na ranhura.

— Oi, Graham. Olhe, não tenho muito dinheiro, então serei rápida. Recebeu meu bilhete?

— Esta manhã. O que diabos está fazendo na Irlanda?

— É uma longa história. Lembra-se da carta que encontrei ano passado?

— Não, que carta?

Tina grunhiu para si mesma.

— Encontrei uma carta antiga no bolso de um paletó que foi doado para a loja. Tenho certeza que contei para você.

— Não lembro, mas o que isso tem a ver com essa escapada para a Irlanda?

Bip... bip... bip...

Tina começava a perder a paciência. Colocou mais algumas moedas no aparelho.

— Eu tenho que ser rápida agora, Graham. Quando os bipes voltarem, a ligação vai cair. E eu não tenho mais dinheiro. Apenas me escute e não diga nada. Para resumir, vim para a Irlanda tentar localizar a mulher para quem a carta foi escrita. Estou com o filho dela, que também a está procurando. Eu só queria que você soubesse que estou bem e que não precisa se preocupar comigo.

Graham parecia completamente confuso.

— Você está com quem? Quando vai voltar?

Os bipes voltaram pela última vez. Tina ignorou as perguntas dele e se apressou em se despedir. Quando colocou o auricular no gancho, conseguiu ouvi-lo gritar pelo telefone:

— Eu nunca vou parar de me preocupar com você!

Quando Tina regressou para a pousada da sra. Flanagan, William a aguardava na sala de estar.

— Está tudo bem? Quer um pouco de chá? — ele falou com a boca cheia e as palavras saíram confusas.

A sra. Flanagan tinha trazido uma bandeja com um grande bule de chá e panquecas de batata quentes com salmão defumado, e William comia ansiosamente. Ele engoliu, limpou a boca com as costas da mão e tentou mais uma vez:

— Desculpe. Essas panquecas de batata são deliciosas. Conseguiu falar com seu amigo?

Tina sentou-se ao lado dele no sofá e serviu-se uma xícara de chá.

— Sim, consegui, obrigada. Deixei um bilhete para dizer onde eu estava indo, mas ele se preocupa comigo.

William deu outra mordida na panqueca.

— Esse tal de Graham... ele é um antigo namorado? — Migalhas voaram de sua boca enquanto ele falava, e Tina franziu o cenho.

— Vocês americanos sempre falam com a boca cheia?

William tomou um gole de chá e sorriu.

— Sinto muito. É um costume terrível, eu sei. Infelizmente não sou muito refinado. Sou apenas um garoto do campo.

Ela olhou para o relógio de pulso.

— São só quatro da tarde. Que refeição é essa que você está fazendo? Um almoço tardio ou um jantar antecipado?

— É coisa da sra. Flanagan. Ela acha que eu preciso engordar! — Ele

deu de ombros e Tina sorriu.

— Respondendo a sua pergunta anterior, Graham é apenas um bom amigo. Foi meu maior apoio nos últimos doze meses, e então eu devo muito a ele. Não seria justo eu simplesmente desaparecer e não falar para ele que estou bem.

— Ele é mais como uma figura paterna, então? — William perguntou.

Tina pensou no assunto.

— Mais como um irmão, suponho.

A sra. Flanagan colocou a cabeça na porta.

— Precisam de mais alguma coisa?

— A senhora é muito gentil, sra. Flanagan, mas acho que temos o bastante aqui.

— Muito bem. É só me chamarem se precisarem de algo mais. — Ela voltou para a cozinha, deixando William e Tina sozinhos novamente.

— Então, qual é o plano? — Tina perguntou.

— Bem, amanhã de manhã vou levar você para conhecer Grace Quinn. Afinal, se não fosse por ela, eu jamais teria ido para Manchester, e nunca teríamos nos encontrado. Vamos ver se ela consegue se lembrar da família McBride e onde eles podem ter vivido.

Tina sorriu.

— Parece um bom plano.

Tina achou a casinha de Grace Quinn tão encantadora que até parecia saída de um conto de fadas. As paredes de pedra branca resplandeciam sob a luz cintilante do sol, e ela teve que proteger os olhos com as mãos enquanto seguiam pelo caminho de lajotas desiguais que levava até a porta vermelho vivo, perfeitamente margeado por glicínias azuis-acinzentadas. Dentro da casa, foram recebidos calorosamente por Grace, que ficou deliciada ao ver que William trouxera Tina para conhecê-la. Os três se

sentaram ao redor da mesa da cozinha, e William pegou seu bloco de notas.

— A mãe de Christina se chamava Mabel McBride antes de se casar. Esse nome significa alguma coisa para você, Grace?

Grace entrelaçou as mãos diante de si sobre a mesa e pensou. Não queria de jeito algum desapontar aquele jovem e a doce garota que trouxera consigo, mas teve que admitir que não conhecia ninguém chamado McBride.

— Sinto muito, William. Sinto de verdade, mas esse nome não significa nada para mim.

William tentou esconder o desapontamento.

— Não se preocupe. Eu cheguei muito longe e não vou desistir agora. Descobri tanta coisa em Manchester, você não iria acreditar.

Ele folheou o bloco de notas e pegou a carta de Billy.

— Olhe. Leia isso.

Grace colocou os óculos na ponta do nariz e leu a carta.

— É incrível. Onde conseguiu isso?

Tina explicou como acabou encontrando a carta, e que fora ela quem localizara a certidão de nascimento de Chrissie.

— Você estava certa, Grace! — William exclamou. — O pai de Chrissie era médico e a mãe era parteira.

— Aquela pobre garota. Não tinha ideia que Billy queria se casar com ela. Quando penso na angústia que ela passou durante o parto, e a tristeza nos olhos que nunca a abandonou. Quando ela segurou você pela primeira vez, William, eu sabia que ela estava radiante de felicidade, e seu sorriso iluminou todo o ambiente, mas seus olhos... quem olhava nos olhos dela, sabia. Havia uma dor ali que nunca a abandonava. — Grace soou o nariz baixinho. — O que não entendo é por que Billy não postou a carta. Quero

dizer, foi escrita com tanto amor e sentimento que não consigo acreditar que ele não a tenha enviado.

Tina explicou que Alice Stirling recordava de Billy saindo de casa para o correio, mas que, assim como os demais, não entendia o que o fizera mudar de ideia.

— Nunca ouvi uma história tão comovente em toda minha vida. — Grace fungou. — Vocês sabem o que aconteceu com Billy?

Tina e William trocaram olhares. William falou primeiro.

— Foi morto em combate, em 1940. — Abriu o bloco de notas mais uma vez. — Esta é a foto dele.

Grace olhou para o jovem vestido com uniforme do exército.

— Você se parece com ele, William — foi tudo o que ela conseguiu dizer. Dobrou a carta ao meio e estava devolvendo para William, mas se deteve. — Ah, olhem, há algo escrito do outro lado. — Ela espiou cuidadosamente a parte de trás da carta. — Diz simplesmente “Desculpe”.

William pegou a carta e observou-a novamente.

— Eu não tinha notado isso antes. Você viu, Tina?

Tina ficou tensa com a lembrança. A sensação familiar de repugnância cresceu dentro dela. Começou como um buraco no estômago e subiu até queimar o fundo da garganta e fazê-la querer vomitar. Ela levou a mão à boca.

— Tina? Você está bem?

Ela podia sentir o suor se acumular em seu lábio superior e estremeceu dos pés à cabeça, cheia de ódio.

— Estou b-bem... — titubeou. Levantou-se. — Grace, se importaria se eu usasse seu banheiro?

Grace olhou para William com uma expressão ansiosa.

— É claro, querida. É por aqui.

Tina se refugiou no banheiro e jogou água fria no rosto. Seu peito e pescoço estavam corados, seu rosto irritado e avermelhado. Segurou na beirada da pia enquanto respirava profundamente, tentando diminuir o ritmo cardíaco. Rick estava morto há cinco meses, mas ainda tinha o poder de causar essas emoções violentas nela.

Na maior parte do tempo, Tina tentava manter enterrado o ódio que sentia por ele. Não queria que isso a consumisse e definisse quem ela era. Ele sabotara os últimos cinco anos de sua vida, e ela estava determinada a não deixar que fizesse o mesmo com os próximos cinco.

Quando se recompôs, voltou para a pequena sala de estar e encontrou William e Grace inclinados sobre a mesa, com um prato de biscoitos quentes e rechonchudos. Aparentemente, a hospitalidade irlandesa era centrada na comida. William se virou ao ouvi-la se aproximar.

— Estamos olhando um mapa, Tina. Marcamos o convento aqui, olhe. — Ele apontou para uma cruz vermelha desenhada no mapa. — Nós sabemos que a tia de Chrissie vivia nas proximidades, mas em termos rurais isso pode significar vários quilômetros de distância. — Ele conferiu a escala do mapa e desenhou um círculo ao redor do ponto que indicava o convento. — Isso é tudo dentro de um raio de três quilômetros. — Desenhou outro círculo, maior. — E isso é tudo em um raio de oito quilômetros. — Sentou-se novamente e contemplou o resultado. — É uma aproximação, mas sem um compasso é o melhor que posso fazer.

— Meu irmão vem hoje à noite — Grace contou. — Vou pedir para ele marcar todos os pubs nesses dois círculos, e esse pode ser o ponto de partida de vocês. A vida nas comunidades rurais gira em torno dos pubs, e esses lugares são verdadeiros caldeirões de informações.

William sorriu para Tina.

— Está pronta para isso?

Ela devolveu o sorriso.

— É claro.

O entusiasmo dele era contagiante, e era tarde demais para recuar. Ela não tinha ideia se seriam capazes de localizar a mãe de William, mas queria estar ao lado dele qualquer que fosse o resultado.

William e Tina sentaram-se no *Malt Shovels*, o terceiro pub que visitavam. Como combinado, o irmão de Grace marcara os pubs no mapa: quatro no círculo menor e três no círculo maior. Isso significava que existiam sete pubs em um raio de oito quilômetros do convento. William pegou sua Guinness e tomou um gole.

— O dono deste pub deve ser um ás nos negócios, pois o lugar serve comida de verdade. Vamos pedir alguma coisa? Estou morrendo de fome.

Tina deu uma gargalhada.

— Você consegue pensar em alguma outra coisa? Nunca conheci alguém que comesse tanto. Acho que deve ter vermes!

— Toda essa peregrinação de um pub para outro abriu meu apetite. — Ele apontou para o quadro-negro. — Olhe, eles servem guisado irlandês!

Tina deu uma cotovelada brincalhona nas costelas dele.

— Você está começando a parecer irlandês.

Ele tomou outro gole da cerveja.

— Sou irlandês, não sou? Nascido aqui, ainda que criado em outro lugar.

— Ergueu o copo para o barman, que assentiu e começou a encher outro.

— Tem certeza que vai querer isso? Ainda temos mais um pub para investigar essa noite, e você não vai querer ser pego dirigindo uma bicicleta bêbado.

— Suponho que esteja certa. Olhe, vamos pedir algo para comer e depois começamos a perguntar por aí. Parece um pouco mais promissor do que os dois lugares anteriores.

Tina concordou.

— Tudo bem. Só vou querer uma salada com queijo. Quero deixar espaço para *isso*.

Ela apontou o menu na mesa e William se inclinou para ver mais de perto.

— Pudim de pão e manteiga. Que diabos é isso? — Ele enrugou o nariz, com cara de nojo.

— Espere e verá. Vou pedir duas colheres. Garanto que vai querer um pouco! — O olhar de Tina ficou vago, melancólico.

— Era a especialidade da minha mãe. Ficava uma perfeição, com fatias grossas de pão cobertas com manteiga batida. As frutas ficavam tenras e suculentas, e o creme vinha na medida exata. O topo era sempre levemente crocante e caramelizado e, se sobrasse alguma coisa, no dia seguinte ficava ainda mais gostoso.

William sorriu.

— Você nunca fala sobre sua família. Conte-me algo deles.

Tina pegou uma linha solta na manga de seu casaco, evitando contato visual.

— Meu pai e minha mãe estão mortos.

William ficou chocado.

— Ah, meu Deus, sinto muito, Tina. Não queria chatear você.

— Você não tinha como saber. Meu pai morreu quando eu tinha dezesseis anos, e minha mãe morreu sete anos depois. Ela nunca superou a morte dele, sabe. Parece um clichê, mas eles realmente eram almas gêmeas. De todo modo, sou filha única e fiquei órfã aos vinte e três anos.

— Ela conseguiu dar um sorriso amarelo. — Mas eu tinha um bom emprego, em um escritório, e trabalhava na loja beneficente aos finais de semana, então nunca fiquei sem companhia. Agora trabalho em tempo integral na loja beneficente.

— O que aconteceu com o trabalho no escritório?

Tina hesitou.

— É uma longa história. Saí quando fiquei grávida.

William arregalou os olhos.

— Você tem um bebê?

— Não. Foi natimorta.

Sem pensar, William segurou a mão dela e pressionou-a contra seu rosto.

— Eu não sabia disso. Pobrezinha. E quanto ao pai? Vocês eram casados?

Tina estava perdendo o apetite cada vez mais rápido.

— Sim, eu era, mas ele também morreu.

William estava assombrado.

— Quanta dor uma única pessoa consegue suportar?

Tina olhou fixo para frente, o rosto sem expressão.

— Não penso em derramar lágrimas por *ele*. — Pegou o menu. — Então, vamos pedir?

O sol já começava a se por quando William e Tina deixaram o pub. O cheiro pungente do espinheiro branco tomava conta do ar e as noites de maio já eram um pouco mais frias do que antes.

— Bem, foi outra perda de tempo — William declarou enquanto enfiava as barras da calça dentro das meias. Observou Tina que mexia na cesta na frente da bicicleta de Grace. Ela ficara em silêncio durante todo o jantar, e William se amaldiçoava por ter aberto antigas feridas.

— Topa tentar mais um?

Tina ergueu os olhos.

— Mais um?

— O último pub do círculo menor. Assim só ficaremos com os três mais distantes se não tivermos sorte com esse.

— Por mim tudo bem, se garantir que sua bicicleta aguenta tanto! — Tina deu uma risadinha enquanto analisava a velha bicicleta enferrujada que William pegara emprestada do vizinho de Grace.

William fez uma careta.

— Eu sei. Sabia que Noé se recusou a usá-la porque já estava muito velha?

Tina deu uma gargalhada.

— Você é engraçado, William.

— Você fica adorável quando ri. Olhe, sinto muito pelo que aconteceu lá dentro. — E acenou com a cabeça na direção do pub. — Espero que não ache que eu estava me intrometendo.

— Era perfeitamente razoável que perguntasse sobre minha família. Não tinha como saber que o drama tinha proporções shakespearianas. Vamos, vamos em frente. Onde é o próximo?

O último pub da noite não era mais do que um casebre com telhado de palha. As janelas eram pequenas, então o interior era escuro e sombrio,

com o chão de madeira tão arranhado que nem a serragem conseguia disfarçar. Havia meia dúzia de mesas, ao redor das quais estavam sentados grupos de homens já de idade, alguns jogando cartas ou dominós, alguns apenas contemplando suas cervejas. Todos olharam quando William e Tina entraram. William fez um sinal de cabeça como saudação enquanto segurava Tina pelo braço e se aproximava com ela do bar.

— Boa noite — a atendente do balcão saudou, de um jeito que a deixava muito parecida com uma oficial do exército. — O que desejam?

William se virou para Tina.

— Ah, para mim só um suco de laranja.

— São dois, por favor.

Não havia lugar para sentar, então eles se apoiaram no bar e observaram o pequeno salão. A curiosidade inicial tinha esfriado, e agora os clientes estavam imersos em suas atividades prévias. William se voltou para a atendente.

— A senhora se importa se eu fizer uma pergunta? — A abordagem já tinha se transformado em rotina, embora tivesse sido infrutífera nos últimos três pubs. — Conhece uma família das redondezas chamada McBride, uma família de fazendeiros?

A atendente parou de secar o copo que segurava e franziu o cenho.

— Acho que você precisa ser um pouco mais específico. McBride não é um nome tão incomum por essas bandas.

William suspirou. Fora a mesma resposta nos outros pubs. Parecia que simplesmente não tinham informação suficiente.

— Temo que essa seja toda a informação que temos. O nome da família é McBride e eles costumavam morar em uma pequena fazenda em uma região remota, embora isso tenha sido há mais de trinta anos.

A atendente continuou a secar o copo enquanto pensava na informação

recebida.

— Por que quer saber?

William limpou a garganta.

— Eu nasci aqui, há trinta e quatro anos, no convento de Santa Brígida, e fui dado em adoção. Fui viver nos Estados Unidos, mas voltei para tentar encontrar minha mãe biológica.

A atendente apertou os lábios.

— Entendo. Imagino que tenha tentado o convento, e elas se negaram a ajudar.

William trocou olhares com Tina.

— Pode-se dizer que foi isso mesmo.

— Bem, vamos ver se podemos ser mais úteis. Tudo isso foi há trinta e tantos anos, você diz?

William e Tina assentiram ao mesmo tempo.

A atendente colocou o copo no balcão e chamou um dos homens que jogava cartas. Ele deixou as cartas na mesa e se aproximou do bar.

— O que foi, Morag?

Ela acenou com a cabeça na direção de Tina e William.

— Esses dois estão procurando uma família chamada McBride, padre. Acha que pode ajudá-los?

— Você disse McBride? Pode ser mais específica?

Morag sorriu.

— É o que eu disse. — Virou-se para William e Tina. — Esse é o padre McIntyre, sacerdote desta paróquia. Se alguém pode ajudá-los, é ele.

Meia hora mais tarde, William e Tina estavam do lado de fora do pub, segurando um pedaço de papel. O padre McIntyre não se lembrava de uma família McBride que combinasse com a descrição vaga que William lhe deu, mas conhecia um homem que poderia ajudá-los. William leu o nome

que o sacerdote escrevera para eles.

— Bem, amanhã a sorte está lançada. — Guardou o papel no bolso da camisa e subiu na bicicleta decrepita. — Vamos esperar que esse padre Drummond possa nos ajudar a encontrar outra parte do quebra-cabeças.

35

Quando William e Tina voltaram à pousada da sra. Flanagan, a proprietária já estava na cama. William procurou embaixo do capacho e encontrou a chave gorducha. Ela gemeu e tilintou quando William a forçou na fechadura, e ele fez uma careta enquanto entravam na ponta dos pés, com cuidado para não perturbar a sra. Flanagan.

— Gostaria de uma saideira? — ele sussurrou.

Tina hesitou por um segundo, mas então concordou com a cabeça. Assim que se sentaram na sala de estar, cada um segurando um copo de uísque, ambos relaxaram um pouco, e seus sussurros foram substituídos por uma conversa em um tom de voz normal. Tina recostou a cabeça no sofá e fechou os olhos. O uísque queimava da garganta até o estômago, e o cheiro trazia lembranças de Rick. O nó em sua garganta tornava difícil engolir, e ela sentiu as lágrimas começando a cair. Rezou em silêncio para

que William não percebesse, mas ele era astuto demais.

— Tina? Você está bem? — Ele correu para perto dela no sofá. — Ah, meu Deus, você está chorando!

Ela limpou uma lágrima com o dedo mindinho e forçou um sorriso.

— Estou bem, William. De verdade. Não se preocupe.

Ele pegou o copo dela e o colocou na mesa de centro. Depois segurou as duas mãos dela entre as dele.

— No segundo em que nos conhecemos, senti uma tristeza em você. Está em seus olhos, Tina. Você é tão linda e tem um belo sorriso, mas nunca sorri com os olhos. — Segurou as mãos dela com mais firmeza. — Você tem sido tão gentil comigo, vindo até aqui, que eu quero ajudar você. Conte-me o que há de errado.

Pobre William. Parecia que o coração dele estava partido e não havia dúvidas que a preocupação dele era genuína.

Tina apontou para o copo de uísque na mesa.

— Você se importa?

William passou a bebida para ela.

— Vê este líquido aqui? — Tina girou o copo tão violentamente que derramou um pouco de uísque no colo. Ela não pareceu notar. — Este líquido — prosseguiu, com um tom de voz mais veemente — literalmente arruinou minha vida e custou a vida da minha filha.

William deixou o copo de lado, sua vontade de tomar algo mais forte subitamente desaparecida.

— Quer falar sobre isso? — ele perguntou, cauteloso. — Eu gostaria de ajudar se puder.

O tom de voz dela se suavizou quando voltou a olhar para ele.

— É tarde demais, William. É tarde demais. Fui uma total idiota, cega para o que era óbvio. Agora consigo ver.

William apertou as mãos dela novamente.

— Continue.

Ela inspirou profundamente, arrancando as mãos das de William e esfregando-as nas coxas.

— Eu era uma esposa que sofria abusos, William — ela começou a contar. Ele estava prestes a dizer alguma coisa, mas ela o calou com um dedo nos lábios. — Todo mundo via isso, exceto eu. Graham, minha amiga Linda, meu chefe no trabalho, todos viam o que estava acontecendo, exceto eu. Ah, não, eu estava convencida que ele mudaria, e era por isso que voltava para ele, dando chance atrás de chance. Depois que ele me batia, sempre ficava tão arrependido, tão humilde e incrivelmente amoroso. De vez em quando, ele chorava por causa do jeito que tinha me tratado, e eu sentia pena dele. — Ela balançou a cabeça e fez uma pausa antes de continuar. — É claro que todas as vezes ele prometia nunca mais levantar o punho contra mim novamente, e eu, como uma tola, acreditava. Mas então alguma coisa o irritava, em geral algo pequeno e insignificante. Ele me convencia que a culpa era minha, e eu acreditava nele. A bebida estava na raiz de tudo, é claro, mas é simplista demais colocar a culpa de tudo aquilo no álcool. Ele era um valentão controlador que me manipulava de todas as formas possíveis. Passei anos pensando em deixá-lo, mas nunca tive coragem. Ele sempre dizia que iria atrás de mim, e eu tinha medo dele. Além do mais, eu sentia que estaria abandonando-o quando ele obviamente precisava de ajuda.

William ficou encarando-a, a respiração cada vez mais pesada, conforme ouvia a história dela.

— De todo modo, um dia eu consegui juntar coragem para partir. Mas a verdade era que eu estava solitária. Senti falta dele. — Ela se virou para William. — Consegue acreditar nisso? Senti falta dele, de verdade!

William balançou a cabeça, mas não disse nada.

— Foi quando ele parou de beber e pareceu dar uma reviravolta em sua vida. Seguiu em frente sem mim e, de algum jeito, aquilo doía. Encontrou um trabalho e nunca insistiu para que eu voltasse com ele. Ele simplesmente se transformou no homem que eu sempre quis que ele fosse. Era como se ele não precisasse mais de mim, mas é claro que aquilo tudo era uma estratégia. Então, eu descobri que estava grávida, e não tinha escolha além de voltar para ele. Pelo menos foi o que disse para mim mesma. Foi maravilhoso por um tempo, e eu estava tão feliz. Ele também estava, e ambos estávamos animados com o bebê. Eu sabia que tinha tomado a decisão certa, mesmo que Graham e Linda me dissessem que eu era louca. *O que eles sabem?*, eu pensava. — Ela forçou uma risada sarcástica. — Acontece que eles sabiam muito.

— O que aconteceu? — A voz de William estava embargada de emoção. Tina apontou para o copo.

— Aconteceu aquilo. Ele começou a beber novamente. Só um pouco, no início, mas foi uma espiral para o desastre. Eu devia ter percebido, mas tinha uma visão tão idealizada do meu casamento que arranjava desculpas para ele. Agora vejo que eu estava me iludindo, é claro, mas é a clareza de ver as coisas na retrospectiva. A visão só fica clara quando se está fora da situação.

William se armou de coragem para fazer a próxima pergunta.

— O que aconteceu com seu bebê? Uma garotinha, você disse? Como ela... você sabe...

Tina esfregou o rosto com as mãos, e então olhou para William. Respirando fundo, ela lhe contou a história do que aconteceu naquele dia fatídico.

William ficou horrorizado.

— Me sinto enjoado — ele sussurrou. — Se Rick não tivesse visto a carta de Billy, então você ainda teria sua filha. — Ele se levantou e abriu a janela, para que entrasse um pouco de ar fresco. Tina cruzou a sala e colocou as mãos sobre os ombros largos dele.

— Eu não penso assim. Aprendi a não pensar assim. Rick era um valentão malvado, egoísta, e qualquer coisa poderia fazê-lo perder a estribeira. Ele é quem tem culpa, ninguém mais. Levei um tempo para aceitar isso, mas agora sei que é verdade. É essa crença que me leva adiante pouco a pouco. Eu era a vítima, minha garotinha e eu, e nada daquilo foi minha culpa.

William se virou e a abraçou com força. Enterrou a cabeça nos longos cabelos escuros dela. Tinha cheiro de grama recém-cortada, misturado com o aroma intenso de uma fogueira ao anoitecer.

— Sinto muito — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

O padre Drummond não estava acostumado a acordar cedo. Com noventa e seis anos, sentia que tinha o direito de ficar na cama o tempo que desejasse, o dia inteiro, se fosse o caso. Nesta manhã, no entanto, sua empregada-traço-enfermeira-traço-ditadora o informara que ele teria visitas às dez. Isso significava que ela o tiraria à força da cama às oito, para que ele pudesse ser banhado, barbeado e vestido a tempo. Recostou-se para trás e deixou que Gina cobrisse seu rosto com espuma de barbear. Ela pegou a navalha e esticou bem a pele dele, enquanto passava o fio por cima. Os fios ralos e grisalhos saíram com facilidade, e ela limpou a lâmina com uma toalha. Na segunda passada, ela fez um pequeno corte na pele dele, e uma gota de sangue se misturou com a espuma.

O padre Drummond começou a reclamar.

— Pelo amor de Deus, Gina. Não consegue me barbear uma vez sem que eu precise de uma transfusão de sangue?

Gina fez um som de desprezo e seguiu com a tarefa que tinha em mãos.

— Pare de exagerar, padre. De todo modo, não sei o que tem contra esses barbeadores elétricos. Seria muito mais fácil para eu usar um desses.

— Usei navalha a vida inteira e não pretendo mudar meus hábitos agora.

Gina revirou os olhos para o teto e, com mais algumas passadas rápidas, o trabalho estava terminado.

— Aí está, padre Drummond. Tudo pronto.

— Hmmm... Minhas orelhas ainda estão no lugar?

Gina o ignorou e começou a tirar o casaco do pijama.

— O senhor precisa de um pijama limpo. Não entendo como consegue se sujar tanto. Agora, vamos ver... quer colocar um terno?

O padre Drummond pareceu desconcertado por um instante.

— Quem foi mesmo que você disse que vinha?

Gina ficou exasperada.

— Eu já falei. O nome dele é William Lane, e ele está tentando encontrar a mãe. O nome dela era Christina Skinner, e ela foi mandada para cá da Inglaterra para ter seu bebê. Ela viveu com a irmã, cujo sobrenome era McBride, e deu à luz no convento. O padre McIntyre achou que talvez o senhor fosse se lembrar da família McBride, embora eu duvide, considerando que já falei tudo isso não faz nem dez minutos e o senhor já esqueceu.

O padre fez cara feia para Gina, enquanto ela esfregava sem piedade embaixo dos braços dele com uma toalha de rosto áspera. A mulher não sabia do que falava. Não havia nada de errado com sua memória.

Gina recebeu William e Tina calorosamente, e mostrou o caminho até a sala principal. A velha casa do sacerdote era imensa, e o interior cheirava a mofo. Tina enrugou o nariz.

— Metade dos aposentos estão fechados — Gina contou, como se

estivesse se desculpando. — Só o padre Drummond e eu vivemos por aqui agora.

— Mesmo assim, é uma casa linda — Tina falou, contemplando os painéis de carvalho. — Quero dizer, é uma construção realmente majestosa.

O padre Drummond esperava perto da lareira. Apesar do calor do clima de maio, o fogo estava aceso, e o velho sacerdote tinha uma manta ao redor das pernas. William estendeu a mão.

— Sou William Lane, padre Drummond. Obrigado por concordar em nos receber. Esta é minha amiga, Tina Craig.

Tina estendeu a mão também, e o padre Drummond a apertou rapidamente.

— Desculpem se não me levanto.

— Não se preocupe — William respondeu. — Vamos tentar não tomar muito do seu tempo. Acredito que possa conhecer a família McBride que vive por esses arredores.

William explicou tudo sobre a jornada deles até aquele momento. Contou ao padre Drummond sobre a carta de Billy. Como Tina jurara entregá-la a Chrissie, e como eles tinham se conhecido em Manchester. O padre Drummond abaixou os olhos quando William lhe contou como as freiras do convento tinham sido pouco prestativas.

— Como vê, padre — ele disse —, o senhor é nossa última esperança. Sei que foi há muito tempo, mas talvez possa voltar trinta e tantos anos e nos contar se lembra de alguma coisa sobre uma família McBride. Se pudermos encontrar a fazenda para a qual minha mãe foi enviada, talvez haja alguém vivendo lá que se lembre do que aconteceu com ela e para onde ela foi. Alguma coisa da minha história lhe parece familiar?

O padre Drummond o encarou por muito tempo, antes de esfregar as

têmporas e fechar os olhos. William achou que ele tivesse adormecido. Depois de um tempo, o velho sacerdote abriu os olhos e olhou diretamente para ele:

— Sinto muito. Não. Não me lembro de uma família McBride que se encaixe nessa descrição.

William e Tina percorreram o caminho até o ponto de ônibus.

— Bem, foi outra perda de tempo. O que fazemos agora?

Tina apertou o braço dele.

— Vamos continuar procurando, é isso o que vamos fazer. Só temos que ampliar nossa busca. Ainda temos aqueles três pubs para verificar. Vamos dar sorte cedo ou tarde.

William sorriu para o otimismo dela.

— Obrigado, Tina. Você realmente sabe manter meu espírito animado.

O padre Drummond continuou sentado ao lado do fogo. Repassou o ocorrido em sua mente várias vezes e conseguiu se convencer de que fizera a coisa certa. Fizera uma promessa para Kathleen McBride, e cumpriu os desejos dela na carta. Não fazia sentido remexer no passado agora. Ela não iria querer aquilo. Ele assentiu com firmeza. Não, não havia dúvida: fizera a coisa certa.

Gina colocou a cabeça na porta.

— Já está pronto para o almoço, padre Drummond?

— Sim, Gina, acho que estou.

— Que pena que não pode ajudar aquele jovem casal. Eu disse que sua memória já não é mais como antes, mas o senhor não acredita em mim.

O padre Drummond sorriu consigo mesmo.

— Você estava certa, Gina. Essa minha memória já era.

No fim do mês, William chegou à relutante conclusão que sua busca estava acabada. Ninguém na vizinhança se lembrava da família McBride que ele procurava, e ele tinha esgotado todas as opções. Era hora de voltar para casa. Partiriam na primeira hora da manhã.

Tina estava em seu quarto, dobrando as roupas com cuidado e colocando-as na pequena mala, quando William bateu na porta. Ela alisou a camisa que estava dobrando e colocou-a sobre a pilha.

— Entre.

Ele colocou a cabeça pela porta.

— Já terminou?

— Sim, mais ou menos. Entre.

Ele deslizou para dentro do quarto e se deixou cair na cama.

— Você está bem, William? — Ela colocou a mão em seu ombro e deu

uma apertada. Ele estendeu o braço e segurou os dedos dela, entrelaçando-os aos seus.

— Não acredito que não conseguimos encontrá-la. Chegamos tão perto. Estar tão perto e mesmo assim não conseguir localizá-la é tão frustrante.

Tina sentou-se na cama, ao lado dele, e descansou a cabeça em seu ombro.

— Não desista, William. Você me ouviu?

Ele deu um tapinha no joelho dela e se recompôs.

— Não vou. Agora vamos, vamos desfrutar nosso último jantar juntos.

— Eu realmente vou sentir saudades desse lugar — William falou enquanto voltavam para casa, algumas horas mais tarde. — Quero dizer, tudo na Irlanda é tão hospitaleiro e acolhedor. E a comida... — Ele esfregou a barriga de modo apreciativo. — Se eu ficar aqui muito mais tempo, ficarei do tamanho da porta de um celeiro.

Tina riu e o segurou pelo braço.

— Amei cada segundo que estivemos aqui. Era o bálsamo que eu precisava, e sei que sempre seremos amigos. — Ela parou e o olhou no rosto. — Vamos manter contato, não vamos? Quero dizer, sei que há um oceano entre nós, mas podemos nos escrever, ou de vez em quando podemos até falar pelo telefone. Sei que é caro, mas...

William colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Vamos apenas desfrutar essa noite e não pensar na nossa volta para casa. Gostaria de caminhar um pouco antes de voltarmos para a pousada?

Uma chuva de verão antecipada deixara as calçadas reluzentes, mas havia uma humidade quase tropical no ar noturno. Eles caminharam pelo parque e sentaram-se em um chorão, sob o qual havia um banco relativamente seco.

— Não acredito que amanhã, neste mesmo horário, estarei em casa —

William comentou.

— Você deve estar com vontade de rever seus pais.

Ele pensou naquilo por um instante.

— É claro, mas sinto que eu os decepcionei.

Tina franziu o cenho.

— Como assim?

— Bem, eles me apoiaram tanto na minha aventura para encontrar minha mãe, mas sei que lhes causei muita angústia, e agora tudo isso foi por nada. Eu devia ter deixado para lá.

Tina ficou quieta por um segundo.

— Então nunca teríamos nos conhecido.

Ele pensou naquilo antes de responder.

— Conhecer você foi o ponto alto desta viagem. Não consigo imaginar como me sentiria se tivesse feito essa jornada sozinho. O desapontamento de não encontrar minha mãe teria sido muito mais difícil de suportar sem você ao meu lado.

Ela estendeu o braço e acariciou o rosto dele com ternura.

— Ah, William — ela sussurrou. — Só nos conhecemos há pouco tempo, mas já sinto como se você fosse parte da minha vida. Depois de Rick, achei que nunca mais fosse confiar em um homem novamente. — Ela se virou e corou de leve. — Sei que parece ridículo, e que assim que estiver novamente nos Estados Unidos com sua família, vai se esquecer completamente que me conheceu.

William deu uma gargalhada.

— Você está errada, Tina. Nunca me esquecerei de você. Em todo caso, ainda não desisti da busca pela minha mãe. Tenho certeza que algum dia voltarei para a Irlanda, e é claro que tenho meus avós em Manchester.

— Você pensa em visitá-los? — Tina perguntou, esperançosa.

— Um dia.

— Então, não se esqueça de me procurar. — Ela lhe deu uma cotovelada brincalhona.

Ele se levantou e lhe ofereceu a mão.

— Vamos, está ficando tarde. É melhor voltarmos para a pousada.

Tina se levantou do banco. Ao se endireitar, tentou soltar a mão da dele, mas William a segurou com mais força, e ela não viu motivo para resistir.

Estava quase escuro quando entraram na rua da pousada, e ambos estavam absortos em seus próprios pensamentos. Levou um tempo até que percebessem que sra. Flanagan os chamava da porta de entrada.

William apertou o passo, ainda segurando a mão de Tina.

— O que foi, sra. Flanagan? — ele perguntou, sem fôlego.

— Aí estão vocês! — ela exclamou. — Eu estava esperando por vocês.

Embora fosse quase trinta centímetros mais baixa do que William, a senhora colocou as mãos nos ombros dele e olhou bem em seus olhos.

— Há um cavalheiro na sala principal. Não, não quero que pense que costumo deixar desconhecidos entrarem em casa a esta hora, mas abri uma exceção para ele.

William franziu o cenho.

— Continue — pediu.

— Abri uma exceção porque ele queria esperar por vocês. Eu disse que vocês partiriam na primeira hora da manhã, veja bem. — Ela fez uma pausa, respirou profundamente e um sorriso largo se abriu em seu rosto.

— William, o cavalheiro sentado na sala diz que conhece sua mãe.

*Terceira
parte*

Pouca coisa mudara na fazenda Briar em trinta e cinco anos. Afinal, era uma existência simples, com a qual os dois moradores estavam acostumados. Claro que funcionários tinham vindo e ido, assim como os animais, mas a essência da fazenda era a mesma. Era um trabalho incessante, de longas horas, para uma recompensa ínfima. Quando Chrissie chegara ali, tantos anos atrás, vira aquilo como uma medida temporária, e se alguém lhe dissesse naquele momento que ainda estaria ali trinta e cinco anos depois, ela teria dado de ombros, como se aquilo fosse bobagem de gente louca.

Embora a vida não tivesse sido exatamente boa para ela, Chrissie encontrara certo contentamento na familiaridade do seu entorno e no homem de coração gentil com o qual vivia. Jackie Creevy era seu apoio, sem limites em sua lealdade e devoção. Era uma fonte constante de

tristeza para Chrissie nunca ter sido capaz de dar a Jackie mais de si mesma. Ela se oferecera para partir inúmeras vezes ao longo dos anos, para que ele pudesse encontrar uma esposa, ter filhos e transformar a fazenda Briar no lar de sua própria família, mas ele nunca quis nem ouvir falar naquilo. Não que ela não gostasse dele. Pelo contrário, ele era a única pessoa da qual ela podia depender. Tantas pessoas a traíram no passado. Seu pai, ao mandá-la para a Irlanda em primeiro lugar, sua mãe por abandoná-la completamente, apesar das promessas de manter contato, e sua tia Kathleen por arranjar tudo para mandá-la para aquele convento para padecer três anos em um inferno que não desejaria ao pior inimigo. E, claro, havia Billy. Mesmo depois de todo aquele tempo, ela não compreendia porque ele a rejeitara de modo tão cruel. Ela estivera tão completamente apaixonada por ele, e sabia que ele se sentia do mesmo jeito, então por que o bebê mudara tudo?

O bebê. Não havia um único dia em que Chrissie não pensasse nele. Agora tentava imaginá-lo como um homem adulto, talvez com uma família, em vez da criança pequena e assustada da qual se lembrava. O dia em que ele foi tirado dela e levado para o aeroporto de Shannon para começar uma vida em algum lugar distante foi o dia em que Chrissie realmente morreu por dentro. Durante três anos, ela o criara, e então fora obrigada a abrir mão dele para um casal sem filhos nos Estados Unidos. A humilhação e a degradação do regime no convento não eram nada se comparadas à angústia desolada que sentiu quando seu amado garotinho lhe foi tirado. Lutou como se estivesse louca enquanto a obrigavam a se despedir dele para sempre. Conseguiu se recompor o suficiente para lhe dar um último abraço antes que ele fosse colocado no carro. Ele estendeu os braços para ela pela porta aberta.

— Mamãe, não quero ir. Por favor!

Chrissie estendeu os braços para ele, mas era tarde demais. A porta do carro foi fechada, e ela sentiu que a puxavam para trás enquanto observava o veículo se afastar lentamente, esmagando o cascalho do chão. O pequeno William ficou em pé no banco de trás e olhou pela janela, o rosto contorcido de dor enquanto gritava por sua mãe. Chrissie não conseguia escutá-lo, mas seu rostinho avermelhado ficou gravado a fogo em sua memória. Sabia que ele seria bem cuidado. Mas também sabia que nenhuma mãe o amaria como ela o amava. Nos três anos em que estiveram juntos, ela dedicara toda a atenção para ele, e o tornara o centro do seu mundo. Billy podia não ter querido aquela criança, mas ela tinha amor mais do que suficiente para dar pelos dois.

Claro que, ao longo dos anos, Chrissie tentou localizar seu garotinho, mas as freiras foram inflexíveis. Ela fora obrigada a assinar uma carta dizendo que não tinha direitos sobre ele e que não tentaria entrar em contato em nenhum momento no futuro. Aquele pedaço de papel foi esfregado em seu rosto várias vezes ao longo dos anos.

Agora ela estava parada, em pé, na cozinha, esperando que a água na chaleira fervesse. Era uma das poucas mudanças que tinham feito, e era mais do que bem-vinda. A imensa panela usada para esquentar água no meio da sala desaparecera, e agora, cuidadosamente colocado onde antigamente ficava a lareira, estava um fogão a lenha de ferro. Era certo que ainda precisavam de turfa cortada do pântano para acendê-lo, mas pelo menos o fogo ficava dentro do fogão, e Chrissie podia fechar um pouco a porta para evitar que se acumulasse tanta fumaça. Ela despejou água no pequeno bule manchado e esperou que o chá ficasse pronto. Podia ver Jackie pela janela, levando o cavalo pelo pátio. O velho Sammy morrera há muitos anos, e Jackie comprara esse novo em uma feira equestre, com três anos de idade e ainda indomado. Com quase um metro e oitenta, era

um animal imenso, escuro, com uma listra branca no rosto. Jackie disse que o escolhera porque ele o fazia se lembrar do cavalo de George Orwell, Boxer, de *A revolução dos bichos*. Ele lembrava que esse cavalo fictício era estoico diante da adversidade, incrivelmente leal e trabalhava até literalmente cair de exaustão. Disse para Chrissie que deu esse nome para o novo cavalo para que um pouco dessa ética do trabalho o contagiasse.

Não adiantou. Em todos os seus anos como fazendeiro, Jackie reclamava, nunca encontrara um animal mais teimoso, preguiçoso e mal-humorado do que aquele. Boxer não podia ser mais diferente de seu xará.

Chrissie cruzou o pátio, levando duas canecas de chá e entregou uma para Jackie. Boxer bufou com a chegada dela e a olhou de relance, mostrando o branco dos olhos.

Chrissie deu uma gargalhada.

— Tem horas que ele parece demoníaco.

Jackie deu uma palmadinha no flanco do cavalo e pegou sua bebida.

— Está tudo bem com ele, não é mesmo, camarada? — Jackie via o melhor em todo mundo, fosse humano ou animal.

Boxer bufou novamente e bateu no chão com o casco dianteiro.

Jackie ergueu a caneca.

— Obrigado por isso. — Tomou um gole e apoiou a caneca na cerca. — Estive pensando... que tal irmos jantar na cidade essa noite?

— Um pouco extravagante, não é?

— Achei que seria bom, fazer uma pausa. Seria uma oportunidade para você se arrumar, soltar o cabelo, se divertir um pouco. Há décadas não fazemos isso.

Pobre Jackie, nunca parava de pensar no bem-estar dela. Algumas vezes, Chrissie achava que a gentileza e a generosidade dele eram mais do que ela merecia. Havia uma parte dela que desejava poder amá-lo do jeito que

ele obviamente a amava, mas já tivera o coração partido uma vez e não iria trilhar aquele caminho novamente.

Ele tomou outro gole de chá e esperou que ela desse uma resposta.

— Tudo bem, então — ela falou, animada. — Vamos fazer isso. Para o inferno com os gastos.

O rosto de Jackie se iluminou com um grande sorriso, enquanto dava uma piscadinha para ela.

— Boa garota.

Chrissie sorriu com o entusiasmo dele e apertou seu braço. Os anos tinham sido gentis com ele, considerando o trabalho duro que fazia. Ele tinha envelhecido de um jeito robusto e endurecido que só vinha com a exposição aos elementos ao longo dos anos. Seu cabelo ruivo estava muito mais claro, mais avermelhado, na verdade, mas riscado com os inevitáveis cabelos brancos. Ainda mantinha uma boa saúde, e o único indício evidente da passagem do tempo era visível quando ele se endireitava depois de ficar um tempo agachado, movimento que não conseguia fazer sem dar um gemido e segurar as costas.

Assim que os animais foram alimentados, receberam água e foram guardados em segurança para a noite, Chrissie e Jackie subiram no velho furgão e seguiram para a cidade. Enquanto seguiam pela estrada esburacada da fazenda, o furgão sacudia com violência de um lado para o outro, o que sempre fazia Chrissie rir. Quando saíram da estrada, o caminho ficou mais suave, e ela conseguiu soltar o painel e relaxar um pouco.

A estrada era de mão única, mas felizmente era raro se encontrarem com alguém vindo no outro sentido. Por isso, quando fizeram a curva, foi uma surpresa imensa encontrarem dois ciclistas vindo na direção deles. Jackie pisou fundo nos freios e o furgão deslizou até a cerca viva. Chrissie

colocou as mãos sobre os ouvidos enquanto o espinheiro branco arranhava a janela como unhas em um quadro-negro.

— Cristo todo-poderoso! — Jackie exclamou, apesar de nunca falar o nome do Senhor em vão. — Eu não esperava por isso.

Os dois ciclistas, um casal na casa dos trinta anos, levantaram as mãos para pedir desculpas enquanto desciam das bicicletas e se aproximavam do furgão.

O homem estava especialmente consternado.

— Desculpe, senhor. Devíamos estar andando em fila.

Jackie assentiu enquanto engatava a primeira marcha e continuava seu caminho.

— Isso é pouco comum — Chrissie murmurou. — Eu me pergunto onde estão indo.

— Foi um pouco estranho — Jackie concordou. — Ele definitivamente não é das redondezas. Eu diria que tinha sotaque americano.

Depois de se aventurarem pela estrada um tanto quanto traiçoeira que levava ao destino deles, William e Tina por fim chegaram à fazenda Briar. O trajeto levava muito mais tempo do que esperavam. Tinham ido o mais distante possível de ônibus e depois de bicicleta pelo resto do caminho. Custaram um pouco para persuadir o motorista de ônibus a permitir o embarque das bicicletas, mas depois de um tempo o homem cedeu. Embora ainda fosse início da noite, tinham chegado muito mais tarde do que o previsto. Apoiaram as bicicletas contra a cerca e entraram no pátio. O sol estava bem baixo no céu e lançava uma luz dourada sobre as construções da fazenda, irradiando bastante calor. Sem contar algumas galinhas que ciscavam pelo terreno, o lugar estava inquietantemente deserto. William colocou as mãos nos quadris e observou a minúscula casa.

— Não parece que tenha alguém em casa. — Ele passou os dedos pelo cabelo enquanto levava Tina até a porta da frente. — É melhor termos certeza.

Os dois ficaram parados diante da porta, mal ousando respirar enquanto William batia hesitante na madeira. O coração dele tamborilava com força de encontro ao peito, e sua boca ficou seca de repente. Esperara a vida toda por este momento. A porta era tão grossa que a batida dos nós dos dedos dele mal fez barulho, mas, respeitoso como sempre, ele esperou alguns segundos antes de tentar novamente.

— Não acho que tenha alguém aí dentro — Tina declarou. — O que fazemos agora?

William seguiu até a janela e colocou as mãos em volta dos olhos para espiar lá dentro.

— Você está certa. Não tem ninguém aqui. Vamos esperar, acho. Vamos dar uma olhada por aí.

Eles seguiram até o grande celeiro na outra extremidade da fazenda e pararam de supetão quando ouviram um barulho vindo de dentro. William bateu na porta.

— Olá! Tem alguém aí?

Os dois pularam de susto ao som dos cães latindo loucamente, jogando-se de encontro à grande porta. Os animais pareciam tão ferozes que William segurou a mão de Tina enquanto corriam sem olhar para trás, na direção da casa.

— Bem, se tem alguém por aqui, agora com certeza sabem da nossa presença! — O coração de William estava prestes a estourar enquanto saltava sobre o muro de pedra que rodeava o pequeno jardim. Ajudou Tina a subir, e sentaram-se juntos para decidir o que fazer.

— Eles não vão ficar fora a noite toda — William concluiu.

— Não com todos esses animais para cuidar. — Podiam ouvir o que presumiam serem porcos farejando e grunhindo em outro celeiro baixo, e havia um cavalo um tanto mal-humorado em um estábulo ali perto.

Tina apertou os olhos na direção do sol que se punha lentamente.

— Pelo menos é um fim de dia agradável.

Ela desceu do muro com um salto e se aproximou das bicicletas para pegar uma térmica xadrez e um pacote embrulhado em papel manteiga da cesta dianteira. Estendeu um pano de prato no muro entre elas e abriu o pacote.

— Ah, a velha e boa sra. Flanagan. Olhe, bolo de gengibre!

William olhou a porção escura e suculenta.

— Não posso. Estou nervoso demais para comer.

Tina tinha cortado duas fatias e estava prestes a dar a primeira dentada quando mudou de ideia.

— Você está certo, talvez devêssemos esperar.

William deu uma risada.

— Não seja boba. Vá em frente. Comerei minha parte mais tarde.

Tina adotou um tom de voz sério.

— Você está bem, William? — Era bem pouco típico dele recusar comida. Ela colocou a mão sobre o joelho dele e ele a cobriu com sua própria mão.

— Está brincando? Depois de anos de agonia e buscas, sem mencionar uma jornada que me fez atravessar o Atlântico e depois o mar da Irlanda duas vezes, vou finalmente conhecer minha mãe. É claro que estou bem. Nervoso, sim, mas animado também. Sei que vai dar tudo certo.

Chrissie e Jackie estavam chegando em Tipperary Town, uma viagem que levava quase uma hora no velho furgão frágil. Os caminhos tranquilos do campo agora davam lugar a estradas mais largas, e Jackie conseguiu

acelerar um pouco.

— Estamos quase lá — falou, virando-se para Chrissie.

— Está com fome?

Ela sorriu para ele com carinho.

— Morrendo.

— Pensei em irmos no *Cross Keys*.

Chrissie arregalou os olhos.

— No *Cross Keys*? Não podemos nos dar a esse luxo.

— Deixe que eu me preocupo com isso. — Ele estendeu a mão e deu uma palmadinha no joelho dela.

Chrissie tocou a bochecha dele com gentileza, mas de repente levou a mão à boca.

— Ah, meu Deus!

Jackie pisou no freio instintivamente.

— O que foi?

— As galinhas! Esqueci de trancar as galinhas. Como pude fazer isso, depois do que aconteceu?

No mês anterior, uma raposa tinha invadido o pátio um pouco antes do anoitecer, e matado quase todas as galinhas deles. A carnificina abalou até mesmo Jackie, que foi até o celeiro e voltou com um olhar de determinação sombria no rosto e um rifle pendurado no ombro. A raposa fugiu bem a tempo, mas ambos resolveram serem mais vigilantes no futuro. No dia seguinte, Jackie foi até o mercado e substituiu todas as galinhas assassinadas.

— Teremos que voltar, Jackie. Sinto muito.

Não havia na terra homem mais paciente do que Jackie Creevy. Ele deu um olhar gentil para Chrissie.

— Não faz mal. Tentaremos outra vez em algum momento.

— Vamos, sim, Jackie. Eu prometo. — Ela olhou para ele e observou seu perfil. Era bem barbeado e cheirava a sabão de limão. Usava uma camisa branca bem passada, que quase nunca via a luz do dia e uma calça bege que seria impraticável no dia a dia deles.

— Eu realmente sinto muito.

— Pare de se desculpar. Sei que você nunca se perdoaria se alguma coisa acontecesse com aquelas galinhas.

Ela mordeu o lábio e olhou pela janela enquanto Jackie manobrava para dar meia volta e sorria com carinho.

— Tenho certeza que não encontraremos nenhuma surpresa nos esperando quando chegarmos em casa.

O sol já se escondera atrás das montanhas quando Chrissie e Jackie voltaram para a fazenda, e Chrissie estava com o coração na boca quando desceu do furgão e começou a procurar as galinhas apressadamente. Encontrou-as perto do celeiro principal, ciscando sem se preocupar com nada. Cercou-as e levou-as para dentro do galinheiro. Depois soltou os cachorros para uma última corrida, encheu as tigelas de água, e foi dar uma olhada no comedouro de Boxer. Só então que percebeu Jackie perto de casa, conversando com dois desconhecidos. Ela se perguntou quem diabos poderiam ser. Nunca recebiam visitantes casuais. Ainda estava carregando um balde de metal quando se aproximou do grupo, lentamente no início, apertando um pouco o passo logo depois. Jackie a ouviu se aproximando e se virou em sua direção, estendendo a mão.

— Chrissie...

Chrissie sentiu que sua cabeça começava a girar. Parou a alguns metros do grupo, e todos a encararam. Ela lutava para manter o foco por entre as lágrimas e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas sua voz foi engolida pelo barulho repentino do balde batendo no chão quando ela o soltou.

Deu mais um passo e cobriu a boca com as mãos. Então, hesitante, estendeu a mão para o jovem que a olhava fixamente, como se tivesse vindo direto do passado.

— Billy? Ah, meu Deus, Billy. Eu sempre soube que você voltaria.

Correu até ele e enterrou a cabeça em seu peito, enquanto as lágrimas começavam a cair. Lentamente, ele colocou as mãos ao redor dela e a abraçou com gentileza. Ela se afastou um pouco e olhou o rosto dele. Pensou no quão bonito ele ainda estava e em como os anos haviam sido gentis com ele, e então envolveu seu rosto com as mãos e procurou a cicatriz embaixo da sobrancelha. Não havia marca alguma, e o golpe que ela sentiu foi como um choque elétrico. Claro que aquele não era Billy. Como podia ter sido tão estúpida?

Jackie colocou as mãos nos ombros dela e a virou.

— Este não é Billy — ele falou, gentil.

Ela abaixou a cabeça.

— Eu sei — sussurrou. — Sinto muito.

Ele levantou o queixo dela, para olhar seu rosto.

— Este não é Billy. Mas é o filho dele, *seu* filho. Este é William.

Chrissie sentiu que os joelhos começavam a ceder, e Jackie a segurou pelos braços. Ele a virou novamente, e ela pode ver bem o desconhecido pela primeira vez. Sentia um nó na garganta e sua voz era praticamente um sussurro.

— Meu Deus. Meu bebê.

Suas pernas não podiam aguentá-la mais, e ela despencou no chão.

Enterrou o rosto entre as mãos e balançou o corpo devagar, para frente e para trás.

— Você me encontrou. Não acredito que me encontrou.

Jackie se voltou para William.

— Vamos levá-la para dentro.

A casa era ao mesmo tempo acolhedora e cálida, e, como convidados, William e Tina sentaram-se em poltronas confortáveis, enquanto Chrissie e Jackie se sentaram em cadeiras de rígidas e incômodas. Estava claro que aquela casa não estava acostumada a receber visitantes.

— Não acredito nisso, William. Isso é um milagre... — Chrissie tocou o rosto do filho mais uma vez. — Você está aqui de verdade?

— Sim. Tampouco consigo acreditar. Houveram momentos em que pensamos que jamais encontraríamos você. — Ele olhou para Tina. — Eu não teria conseguido sem essa jovem.

Chrissie acariciou a mão de William como se ele fosse um bichinho de estimação há muito perdido.

— Nunca me esqueci de você, William. De verdade, nunca mesmo. Tentei encontrá-lo, mas as freiras não me diziam nada. Como me achou?

William recostou-se na poltrona.

— Bem, é uma longa história.

Ele contou que seus pais o apoiaram na viagem à Irlanda, e que visitara o convento, mas as freiras não foram receptivas, para dizer o mínimo. Então falou sobre a enfermeira Grace Quinn, que se recordara dela.

Chrissie arregalou os olhos.

— Grace ainda está lá?

— Sim, e foi ela quem me disse seu nome verdadeiro; eu só conhecia você como Bronagh até então. Ela me encorajou a viajar até Manchester e tentar encontrar a sua certidão de nascimento.

— Sim, nós dois conversamos sobre a minha infância em Manchester. Ela foi muito gentil comigo, com todas as garotas, na verdade. Não sei se teria sobrevivido àquele lugar sem ela.

William prosseguiu.

— De todo modo, fui até Manchester e foi lá que conheci Tina.

Chrissie olhou na direção da moça, perguntando-se como ela se encaixava em tudo aquilo.

— Duvido que eu a teria encontrado você se não fosse por essa garota. Eu a conheci na biblioteca onde os registros são mantidos e descobri que ela já tinha encomendado uma cópia da sua certidão de nascimento.

Chrissie se dirigiu a Tina.

— Para quê?

Tina trocou olhares com William, insegura do que dizer a seguir. Ele levou a mão ao casaco e pegou a carta de Billy.

— Ela queria localizar você porque achou que deveria receber isso. — Com a mão trêmula, ele entregou a carta para a mãe.

Ela desdobrou-a lentamente e viu a antes familiar, mas há muito esquecida letra. Virou-se para Jackie.

— Pode pegar meus óculos, por favor?

Então, trinta e cinco anos depois do previsto, ela leu as palavras que teriam mudado sua vida.

Gillbent Road, 180

Manchester

4 de setembro de 1939

Minha querida Christina,

Não sou muito bom nesse tipo de coisa, como você sabe, mas neste momento meu coração está partido, e isso me incentiva a seguir em frente. O jeito como a tratei ontem foi imperdoável, mas, por favor, saiba que foi apenas a comoção e não reflexo dos meus

sentimentos por você. Esses últimos meses foram os mais felizes da minha vida. Sei que nunca disse isso para você antes, mas eu a amo, Chrissie. Se você permitir, quero passar cada dia que nos resta juntos provando isso. Seu pai me diz que você não quer mais me ver, e não a culpo, mas agora não somos apenas nós dois - há um bebê que deve ser levado em conta. Quero ser um bom pai e um bom marido. Sim. Chrissie, esse é meu jeito desastrado de pedi-la em casamento. Por favor, diga que será minha esposa, para que possamos criar nosso filho juntos. A guerra pode nos separar fisicamente, mas nosso laço emocional será inquebrável.

Preciso que me perdoe, Chrissie. Amo você.

Para sempre seu,

Billy

Um silêncio mortal caiu sobre a casa quando ela levantou os olhos. Dobrou a carta com cuidado e a guardou no envelope. Então, virou-se para Tina, a voz trêmula de emoção.

— Como conseguiu isso?

Tina contou sua história.

— Não conseguia entender por que ele escreveu uma carta assim e nunca a colocou no correio. Eu só queria descobrir mais.

Ela contou para Chrissie sobre sua visita aos pais de Billy e que Alice Stirling se lembrava de o filho escrever a carta e sair para postá-la.

— Alice me contou que ele saiu para encontrar você no dia seguinte, mas você já tinha sido mandada para a Irlanda. Sua mãe prometeu entrar em contato com você, para contar que ele a procurara e queria estar ao seu lado.

Chrissie ficou olhando adiante.

— Ela nunca fez isso.

William se remexeu, desconfortável.

— Bem, ela não teve chance, não é mesmo?

Chrissie virou-se e franziu o cenho.

— Ela nunca se esforçou para conseguir. Eu sempre soube que ela morria de medo do meu pai, mas não contar algo assim é imperdoável.

William ficou confuso.

— Mas ela morreu...

— Presumo que já deva estar morta agora. Tentei entrar em contato com ela várias vezes ao longo dos anos. Ela não veio nem no funeral da irmã, sabe, e prometeu que estaria comigo quando você nascesse, mas assim que deixei Manchester, ela simplesmente se esqueceu de mim.

William e Tina olharam um para o outro.

William pigarreou e falou com gentileza.

— Chrissie, sua mãe morreu dois dias depois que a guerra foi declarada. Ela foi atropelada por um carro durante o blecaute. Morreu antes que eu nascesse.

— O quê? Não pode ser. Quer dizer que ela morreu logo depois que eu cheguei aqui? Por que meu pai não me contou?

Tudo se encaixou naquele momento. Sua mãe não a abandonara, no final das contas, e seu pai lhe negara a chance de se despedir dela adequadamente.

Chrissie respirou fundo pelo nariz e lutou para controlar a raiva. Não queria envergonhar seus convidados, mas não conseguiu. Os anos de ódio e ressentimento pelo pai entraram em erupção e explodiram com fúria vulcânica.

— Deus! — ela gritou. — Odeio aquele homem! Como alguém pode fazer isso com a própria filha? Não foi o suficiente me separar de Billy e me mandar para cá?

As lágrimas fluíram sem controle, e ela limpou o nariz com as costas da mão. Jackie a estreitou entre seus braços, e ela começou a soluçar com

tanta força que mal podia respirar.

40

William e Chrissie saíram da casa, em busca de ar fresco. Havia pouca luz agora, mas começaram a caminhar pelo pátio de braços dados enquanto Chrissie olhava para o céu limpo, onde as primeiras estrelas começavam a brilhar.

— Quer me contar o resto da história? — ela perguntou.

— Quero que você saiba tudo. É o mínimo que você merece. Tem certeza que já se sente forte o bastante?

Chrissie fungou.

— Tentei não pensar em minha mãe durante todos esses anos. O fato de que ela tinha me abandonado foi o mais difícil de aceitar. Sabia que meu pai era capaz de qualquer coisa, mas não ela. Realmente achava que ela me amava. Agora descubro que ela morreu logo depois que vim para a Irlanda. É incrível. Como meu pai pôde esconder isso de sua filha?

William balançou a cabeça.

— Eu não sei, Chrissie... Tudo isso está além da minha compreensão.

Chrissie parou de caminhar por um instante.

— Sabe se ele ainda está vivo?

William negou com a cabeça.

— Sinto dizer que não sabemos nada dele. Quando foi até Wood Gardens, Tina descobriu que todas as casas antigas tinham sido demolidas. Foi onde ela conheceu Maud Cutler. Foi ela quem contou para Tina sobre o atropelamento da sua mãe.

Chrissie deu uma risada.

— Maud Cutler. Deus, não ouço esse nome há anos.

William prosseguiu.

— Maud também disse para Tina os nomes dos seus pais, então foi fácil para ela conseguir a cópia da sua certidão de nascimento. Assim que conseguimos isso e o nome de solteira da sua mãe, viemos para Tipperary Town e começamos a perguntar por aí. Ninguém conseguiu nos ajudar, e parecia que todos os nossos esforços tinham sido em vão. Estávamos arrumando as malas para partir. Eu ia voltar para os Estados Unidos, e Tina ia voltar para Manchester. — Ele parou por um momento. — Deus, vou sentir falta dessa garota.

— Então, como me achou?

— Bem, saímos para nossa última refeição, e quando voltamos para a pousada da sra. Flanagan, alguém que dizia conhecer minha mãe estava nos esperando na sala principal.

Chrissie arregalou os olhos.

— Quem era?

— Um cara chamado Pat. Ele tem uma propriedade ali perto, aparentemente, e leva seus produtos para vender na cidade. Ouviu algumas

peessoas falando em um dos pubs que visitamos e entrou em contato com a sra. Flanagan.

— Pat, sim. Ele trabalhou aqui por muitos anos, desde antes de eu chegar. Quem diria? O bom e velho Pat.

— E isso é tudo. Em resumo, foi como nós chegamos até aqui. — William colocou o braço de modo protetor ao redor dos ombros da mãe.

Chrissie abaixou tanto o tom de sua voz, que ele mal conseguiu escutá-la.

— Tem mais uma coisa que preciso perguntar.

O coração dele acelerou. Podia imaginar o que estava por vir.

— Sabe o que aconteceu com Billy?

Ele parou e se virou para encará-la, segurando suas mãos.

— Não há um jeito fácil de dizer isso. Ele foi morto em combate, em 1940. Sinto muito, Chrissie.

Ela soltou as mãos dele e se virou. Apalpou a manga da blusa para pegar seu lenço e secou os olhos com suavidade.

— Eu o amava de verdade, sabe. — Ela se virou para encarar o filho novamente. — Todos esses anos, eu pensei nele como um covarde por não assumir a responsabilidade por seus atos, por me deixar à minha própria sorte. Seu eu tivesse recebido a carta dele, eu nunca teria vindo para a Irlanda. Teríamos ficado juntos, e eu teria ficado em Manchester. Eu sabia que podia enfrentar qualquer coisa com o apoio dele, mas quando meu pai me disse que Billy tinha me abandonado, eu sabia que não seria capaz de passar por tudo aquilo sozinha. Nós podíamos ter sido uma família, William. Talvez ele não tivesse sido morto em combate se soubesse que tinha muito para o que voltar no final da guerra. Talvez ele não tenha tomado cuidado o bastante. — Os soluços dela ecoaram no pátio silencioso.

William a envolveu em seus braços.

— Shhh... não adianta falar sobre essas coisas.

— Por que ele não colocou aquela carta no correio? Teria mudado tudo.

William deu de ombros.

— Nunca saberemos a resposta para isso, mas ele a escreveu, não foi? Pelo menos você sabe como ele se sentia. É tudo o que resta, e terá que ser o suficiente.

— Isso tudo veio como um choque, William. Sinto como se fosse despertar a qualquer segundo. Muito obrigada por ter vindo me procurar. Você não tem ideia do quão feliz me fez. Eu só gostaria que seu pai pudesse vê-lo agora. Ele teria ficado tão orgulhoso. Você é tão parecido com ele. Tenho certeza de que ele teria sido um pai maravilhoso.

— Foi isso o que a mãe dele falou para Tina. — Ele levou a mão ao bolso do casaco. — Olhe, Alice Stirling deu isso para ela.

Chrissie pegou a velha fotografia em preto e branco de Billy e mordeu o lábio inferior enquanto a analisava.

— Ele era realmente o homem mais lindo do mundo. Olhe para ele nesse uniforme. O que foi que ele viu em mim?

— Ele amava você, Chrissie. Você sabe disso agora.

Ela devolveu a foto para William, mas ele ergueu a mão, recusando.

— Não, fique com ela.

— Mas é a única foto que você tem do seu pai.

Então William pensou em Donald, lá em Vermont. O honesto e trabalhador chefe de família, que lutara para dar a William o melhor lar que poderia desejar. Donald era seu pai, e ele tinha várias fotos dele. A busca por seu pai biológico estava acabada, e embora tivesse respondido algumas questões e lhe trazido um pouco de paz, William jamais menosprezaria as duas pessoas que o criaram e o tornaram a pessoa que

era hoje.

Ele empurrou a foto para Chrissie.

— Por favor, fique com ela.

Já era tarde da noite quando William e Tina anunciaram que era hora de partir.

— Mas está escuro. Vocês não podem voltar de bicicleta agora! — Chrissie exclamou. — Fiquem aqui, no celeiro.

— No celeiro? — Tina perguntou.

Jackie deu uma gargalhada.

— Eu dormi lá por anos. Vocês ficarão bem confortáveis. Levarei uma caneca de chocolate quente para cada um dos dois.

Ele trocou um olhar com Chrissie, que sorriu com a lembrança. Aquele acabara sendo um dia e tanto. Seu único filho estava em casa, e que belo jovem ele se tornara. As freiras certamente o colocaram em uma família gentil e amorosa, tinha que reconhecer isso.

Mais tarde, deitada em sua cama, Chrissie puxou as cobertas até a altura do queixo. Mesmo na metade do verão, seu quarto nunca ficava quente, e tinha que recorrer à camisola de flanela o ano todo. Ela pegou o chocolate quente que Jackie lhe preparara e tomou um gole. Podia ouvi-lo no andar de baixo, removendo as brasas do fogão à lenha, para deixá-lo pronta para a manhã seguinte. Ele ainda dormia na caminha do canto, embora Chrissie tivesse insistido inúmeras vezes para que ele ficasse com o quarto. Ele não a ouvia, claro. Era cavalheiro demais.

Ela pegou a foto de Billy na mesinha de cabeceira e a olhou novamente. Devia ter sido tirada poucas semanas depois da última vez que ela o vira, mas ele parecia muito mais velho. Talvez fosse o uniforme. Chrissie não podia suportar a ideia de que ele partira para a guerra sem saber o que acontecera com ela e com o bebê. Pegou a carta mais uma vez e leu-a até o

fim. Então levou-a até o nariz, tentando detectar qualquer cheiro remanescente dele. Depois de um tempo, dobrou a carta e guardou a foto dentro.

— Ah, Billy — suspirou. — Eu o amava tanto.

Quando acordou na manhã seguinte, os pensamentos de Chrissie estavam confusos. Ela tentou se concentrar nos acontecimentos do dia anterior e, por um instante, ficou em pânico quando concluiu que tudo não passara de um sonho. Sentou-se na cama e tateou a mesinha de cabeceira no escuro. Sentiu o papel entre seus dedos e pressionou a carta de Billy de encontro ao peito com um suspiro de alívio. Todos aqueles anos, achara que havia algo de errado com ela. Por que outro motivo um homem rechaçaria seu amor e o filho deles? Claro, as freiras não ajudaram, convencendo-a que era tudo sua culpa. Ela se sentiu insignificante, e a degradação que experimentara ressoava até hoje. Alisou a carta enquanto a lia mais uma vez. Já sabia cada palavra de cor, mas nunca se cansava de ver a letra pequena e infantil de Billy. Ela era digna de ser amada, no final das contas. Mais do que isso, sentia-se capaz de amar novamente. Desperdiçara quase a vida toda lamentando seu amor perdido, negando a si mesma a oportunidade de se relacionar com outro homem. E aquele homem estivera ao seu lado todos esses anos, com uma devoção que nunca fraquejava, uma paciência que nunca terminava. A indulgência dela com sua própria infelicidade podia lhe ter custado a chance de uma felicidade verdadeira. Era hora de consertar aquilo. Estava pronta.

Chrissie desceu as escadas enrolada em um cobertor, com meias grossas protegendo os pés do frio penetrante do chão de pedra. Embora fosse muito cedo, Jackie já estava fora da cama, e tinha uma frigideira com ovos e bacon no fogão à lenha. O fogo estava aceso e a chaleira soltava uma fumaça que indicava que sua xícara de chá matinal estava quase pronta.

Jackie estava de costas para ela, inconsciente da sua presença, e, de repente, Chrissie viu a casinha da fazenda com outros olhos. Claro que ainda era mal mobiliada, mas em vez dos panos de sacos nas janelas, agora haviam cortinas vermelhas xadrez. Jackie trocara alguns ovos pelos pedaços de tecido, e juntos eles tinham costurado as cortinas ao lado do fogo. No piso de pedra rústico diante do fogão, estava um velho tapete que ele comprara em um mercado de segunda mão. Com isso, ela podia cozinhar sem que o frio subisse por suas pernas. O cheiro do bacon fez sua boca se encher d'água enquanto Jackie passava tudo para o prato. Ele cortou uma fatia grossa do pão que ela fizera no dia anterior e passou-a na frigideira para recolher a gordura do bacon.

Chrissie olhou o pequeno aposento novamente, e pela primeira vez viu o que realmente era — seu lar. Cruzou a sala e, sem fazer nenhum ruído para assustar Jackie, apoiou o rosto nas costas dele e o abraçou.

As mãos de Tina estavam duras de frio quando ela forçou os dedos para tentar girar a chave na fechadura. As temperaturas eram brutais, mas o céu estava limpo e uma geada pesada cobria as ruas, transformando-as em pedaços de concreto glaciado, que sempre a faziam se lembrar dos biscoitos Nice. A porta finalmente cedeu, e Tina quase caiu dentro da loja. Ela recolheu a pilha de propagandas e os jornais gratuitos que estavam atrás da porta e a garrafa de leite no degrau, e fez uma careta quando percebeu que os pássaros tinham mais uma vez furado o lacre prateado com os bicos a fim de beber a espessa nata na superfície.

Assim que entrou, Tina se acomodou no banco ao lado do balcão, remexeu em sua bolsa e pegou um envelope comprido azul-claro. Lá dentro estavam várias folhas de papel fino. Ela sorriu consigo mesma diante da perspectiva de ler todas as novidades que William lhe contaria.

Já havia passado seis meses desde seus caminhos se separaram, mas desde então escreviam um para o outro quase todas as semanas.

Tina estava tão absorta na carta que deu um pulo quando a sineta da porta tocou.

— Desculpe, querida — Graham falou. — Não quis assustar você.

— Não se preocupe. Está tudo bem. Eu só estava lendo uma carta de William. Pelo visto, a temperatura lá em Vermont está 150 graus negativos, e a previsão é que esfrie ainda mais. Imagine isso!

— Parece terrível, devo dizer.

Ele se sentou em uma banqueta diante dela e observou Tina lendo. O rosto dela estava corado, e seu rosto tinha um sorriso permanente.

— Ah! — ela exclamou.

— O que ele diz?

— Diz que sente muito minha falta e que pensa em mim todos os dias
Graham olhou para o teto.

— E você se sente do mesmo jeito?

Tina suspirou.

— Não vou passar por isso de novo, Graham. É claro que sinto falta dele. Ficamos muito próximos enquanto estávamos na Irlanda, mas ele vive a cinco mil quilômetros de distância. Somos apenas amigos por correspondência.

— Por enquanto, mas tenho medo que algum dia dê os cinco minutos em você e vá morar com ele.

Tina abaixou a carta.

— E isso seria tão ruim?

— Para mim, sim. Não quero perder você.

Tina segurou as mãos dele.

— Graham, amo muito você, e você é muito importante para mim. Você

é um amigo querido e meu porto seguro, mas não sou sua para que você me perca.

Graham pareceu envergonhado.

— Sei disso. Eu só me sinto um pouco protetor em relação a você, depois de tudo o que você passou.

Tina ergueu a mão para silenciá-lo.

— Não, nós não revisitamos o passado, lembra?

— É claro, mas já faz quase um ano desde que... você sabe...

— Desde que perdi meu bebê? Estou ciente disso, Graham, obrigada. — Ela também estava ciente de que começava a parecer impaciente. — William me faz feliz, ok? Você quer isso, não quer?

Graham assentiu lentamente.

— Mais do que qualquer coisa, Tina. Você merece.

— Ótimo, agora posso terminar de ler a carta?

Graham desceu da banquetta.

— Vou abrir a loja então.

Tina virou a página que estava segurando.

— Ah, meu Deus! — Levou a mão ao peito.

— O que foi?

— Chrissie e Jackie se casaram! Há duas semanas, em uma capela das proximidades, apenas os dois. Não é romântico? William disse que recebeu uma foto pelo correio e que ambos pareciam radiantes de felicidade. Ah, estou feliz de verdade por eles. Parece que ela finalmente conseguiu superar a lembrança de Billy e seguir em frente. Ela ficará bem agora. Jackie é um homem maravilhoso. — Sentiu o nariz coçar e fungou alto. — Quem diria, não é?

Graham ficou em pé atrás dela e colocou as mãos em seus ombros. Ela instintivamente se recostou e ele deu um beijo firme no alto da cabeça

dela.

— Obrigada, Graham.

— Pelo quê?

— Por se preocupar comigo. Embora seja pior do que um pai, um irmão e um agente da condicional juntos, eu agradeço.

Ele deu uma gargalhada enquanto fechava a porta atrás de si e jogava um beijo para ela pela janela.

Tina voltou sua atenção para a carta de William. Ao ler o último parágrafo, quase caiu da banquetta. Sentiu o rosto e os pescoço corarem e a nuca arder de calor. Ficou feliz por Graham não estar ali para testemunhar sua reação.

Nas vésperas do Natal, a loja estava sempre lotada, e aquele dia não era uma exceção. Todo mundo precisava sair em busca de uma pechincha nessa época, e Tina estava vendendo como louca. Havia cinco ou seis clientes na loja, o que deixava o pequeno espaço especialmente apertado. As pessoas estavam empacotadas em seus grossos casacos de inverno, e pelo menos três delas levavam carrinhos de compras desajeitados. Tina se espremeu para colocar mais algumas roupas nas araras. Um senhor de idade que aparecia de tempos em tempos estava conversando com outro cliente, um homem na casa dos oitenta anos, mas com uma voz forte e alta, ainda que levemente áspera. Usava um chapéu de feltro na cabeça e óculos de aros grossos, e embora fosse um pouco encurvado, Tina achou que ele devia ter sido bem alto em algum momento. O homem pegou um lenço manchado e encardido do bolso e assoou o nariz. Depois tirou os óculos e esfregou os olhos lacrimejantes. Não se barbeava há alguns dias, e pelo cheiro, podia-se dizer que tampouco se banhara. Os dedos compridos, do tamanho de bananas, estavam azulados pelo frio, e ele tinha várias feridas nas costas das mãos. Apesar da estatura, tinha um porte

melancólico, e Tina sentiu pena dele. Ele caminhava arrastando os pés, apoiando-se na bengala enquanto olhava as roupas.

— Está procurando alguma coisa em particular? — Tina perguntou, gentilmente.

Ele se virou para encará-la, e ela percebeu que o branco de seus olhos azuis apagados estava amarelado e que suas pupilas estavam embranquecidas.

— Ah, só estou dando uma olhada. Me dá algo o que fazer.

— Bem, me avise se eu puder ajudá-lo.

Ele assentiu e voltou sua atenção para a arara de roupas. Tina pegou uma pilha de livros antigos e começou a arrumá-los em uma estante ao lado. Perto dela, o velho pegou um paletó da arara. Segurou-o diante de si e o analisou com cuidado.

— Meu Deus! — ele exclamou consigo mesmo. — Ainda não venderam essa coisa?

O homem colocou o paletó de volta no lugar, e Tina continuou a guardar os livros. Ela pensava na última carta de William, e em quão maravilhoso era que Chrissie e Jackie tivessem por fim se comprometido. Ambos sofreram tanto na vida, e Tina estava feliz que agora eles podiam viver o resto de seus dias felizes, juntos. Aquilo não teria acontecido se ela não tivesse encontrado a carta naquele paletó...

Tina parou por um instante enquanto revia mentalmente o que acabara de testemunhar. Depois largou os livros na estante e se virou para olhar o velho. Embora pequena, a loja estava bem cheia, e ela levou alguns segundos para perceber que ele partira. Ela abriu a porta, deixando entrar uma lufada de ar gélido, e o localizou seguindo cuidadosamente pela calçada congelada.

— Com licença! — ela gritou. Não houve resposta.

Ela abraçou o próprio corpo para se proteger do frio, a blusa de cetim fino colando-se em sua pele enquanto corria pela rua. Ao se aproximar dele, tentou chamá-lo novamente.

— Com licença! — Desta vez ele se virou com um olhar intrigado no rosto. — Desculpe-me incomodá-lo, mas o senhor se importaria em voltar para a loja por um minuto?

O velho pareceu confuso.

— Qual loja?

— Minha loja. A loja beneficente na qual o senhor estava até agora.

— Acha que roubei alguma coisa? De uma loja beneficente?

Tina ficou surpresa.

— Não, é claro que não, embora o senhor se surpreenderia com o quão baixo as pessoas podem chegar. Não, eu estava pensando se podíamos conversar um pouco.

O velho pareceu em dúvida.

— Por favor, é importante — ela pediu.

— Tudo bem — ele concordou, entredentes. Ela o segurou pelo cotovelo e o guiou até a loja.

Lá dentro, ela o convidou a se sentar e esperar até que os clientes partissem. Depois trancou a porta e virou a placa que mostrava “Fechado”.

— O que está acontecendo aqui? — o homem perguntou com suspeita.

— Não se preocupe, não vou fazê-lo prisioneiro. Só não quero que nos perturbem.

Ela se sentou diante dele e entrelaçou as mãos no balcão entre eles. De repente, sentiu-se como uma policial interrogando um suspeito, então recostou-se na cadeira e adotou uma abordagem mais despreocupada.

— Aquele paletó ali, aquele que o senhor pegou antes. Disse que o senhor o doou. Tem certeza?

O velho pareceu ofendido.

— É claro que tenho certeza. Posso estar velho e decrépito, mas posso assegurar que não perdi o juízo.

— É claro — Tina se desculpou. — Poderia me dizer como esse paletó chegou até o senhor?

— Bem, foi há muito tempo, mas foi feito sob medida para mim por um alfaiate em Deansgate. Era muito caro na época, mas é de muito boa qualidade. Foi por isso que fiquei surpreso por ninguém comprá-lo.

— Deixe-me ver se entendi: o paletó pertencia ao senhor?

— Foi o que eu disse.

Tina limpou a garganta.

— O nome Billy Stirling significa alguma coisa para o senhor?

O velho arregalou os olhos.

— O que é tudo isso?

— Por favor, tenha paciência, senhor... ah, sinto muito, não sei seu nome.

— Skinner. Dr. Skinner.

A boca de Tina se abriu, mas as palavras não saíram.

— Qual é o problema? — O dr. Skinner perguntou.

Ela esfregou as têmporas.

— Estou só tentando encaixar as coisas.

— Você acaba de perguntar se o nome Billy Stirling significa alguma coisa para mim. Não sei por que quer saber, mas, sim, tive o azar de conhecer a pessoa sobre a qual está falando.

— Como o senhor o conheceu?

— Já faz muitos anos, ele namorou a minha filha. Quer dizer... Até que ele a engravidou e eu precisei mandá-la embora. Mas foi para o bem dela, isso acabou destruindo minha família. Perdi minha esposa e filha por

causa dele, e agora não tenho mais ninguém.

Os fragmentos começaram a se encaixar.

— Dr. Skinner, o senhor sabe alguma coisa sobre uma carta endereçada para sua filha? Estava no bolso daquele paletó, e era de Billy Stirling.

O dr. Skinner bufou.

— Sim, eu me lembro. Foi quando a guerra estourou. Ele estava incomodando minha filha, e quando eu lhe disse para que a deixasse em paz, ele não me ouviu, continuou tentando entrar em contato com ela. Eu tinha que mantê-los separados. Ele não era bom o bastante para ela, mas ela não via isso. Consegui impedir que eles se vissem, mas então ele vai e escreve uma carta para ela. Eu fui atrás dele, para ter certeza que ele tinha entendido que não era para contatar Chrissie novamente, e ele estava a caminho do correio. Foi uma sorte que consegui interceptá-lo bem a tempo. Eu me ofereci para entregar a carta pessoalmente, e ele concordou. Mas ele não acreditou em mim, e disse que iria no dia seguinte verificar se eu tinha entregue a carta para ela. Aquele rapaz nunca desistia. Claro que, assim que cheguei em casa, tomei todas as providências para mandar Chrissie embora. Coloquei a carta no bolso e me esqueci dela. — Ele deu de ombros. — É isso o que o nome Billy Stirling significa para mim.

— O senhor nunca leu a carta, não é mesmo? Quero dizer, ainda estava lacrada quando eu a encontrei.

O dr. Skinner deu de ombros mais uma vez.

— Eu gostaria de saber que teria feito alguma diferença se o senhor a tivesse lido.

— Duvido.

Tina pensou em todas as vidas destruídas por causa de um ato egoísta. Billy partira para a guerra sem esperanças; Chrissie fora privada de seu lar e do amor de sua mãe e forçada a entregar seu filho. Ela se lembrava da

angústia e da culpa que William sentia enquanto procuravam sua mãe. E Jackie, que esperara pacientemente até a mulher que ele adorava perceber por fim que o que ela procurava estava ao lado dela o tempo todo.

— Não acha que Chrissie tinha o direito de ver aquela carta?

— Não acha que eu tinha o direito de proteger minha filha?

Tina ignorou a pergunta dele.

— O senhor diz que não tem ninguém. Não pensa nunca em Chrissie e em seu bebê? Não se pergunta o que aconteceu com eles?

O dr. Skinner abaixou o olhar.

— Não penso neles há muitos anos. Depois que minha esposa morreu, atirei-me no trabalho. Era humilhante para um homem na minha posição ter uma filha tão desencaminhada. Conforme os anos passaram, obriguei-me a me esquecer dela e da criança.

Tina encarou as feições enrugadas do velho de modo desafiador.

— Eu li a carta, dr. Skinner. Sei que não era destinada a mim, mas tive que lê-la. Sei onde Chrissie vive e sei onde seu neto vive também. Entreguei a carta para ela, para que ela pudesse lê-la depois de todos esses anos. Ela não conseguia entender porque Billy a abandonara, e nenhum de nós podia entender por que Billy nunca postou a carta. Bem, agora sabemos, não é? Eles podiam ter formado uma família, eles *teriam* formado uma família, mas sua interferência desalmada negou isso a eles.

Se o dr. Skinner ficou surpreso com as notícias, não demonstrou. Simplesmente deu de ombros.

— Como eu disse antes, foi para o bem dela.

— Para o bem dela? Tem ideia do sofrimento que causou? Sua filha o despreza, dr. Skinner. O senhor arruinou os melhores anos da vida dela. Felizmente, depois de ler a carta de Billy, ela encontrou paz. Conseguiu se reunir com seu filho e por fim está feliz, apesar dos seus esforços em

negar isso a ela.

O dr. Skinner pegou o lenço velho mais uma vez e secou os olhos.

— Você não estava lá, mocinha. Não tem ideia do que está falando. Está se metendo em coisas que não entende.

Tina pensou em como aquele homem expulsara a filha de casa, e no sofrimento que Chrissie passara no convento. Tina sentiu uma dor quase física quando ouviu história de como William fora tirado de sua mãe, pois conhecia muito bem a angústia de perder um filho. E pensou em Billy. Um jovem honrado, que reconhecera seus erros e desejava ficar ao lado da garota que amava e criar uma família estável para todos eles. Billy, que morreu em combate e nunca chegou a conhecer o rapaz maravilhoso que era William. Tudo poderia ter sido tão diferente se o homem sentado diante dela tivesse feito a coisa certa e entregue a carta para sua filha. Ela se levantou e inspirou profundamente.

— Dr. Skinner, em toda minha vida eu nunca cruzei com um homem tão rancoroso como o senhor, e, acredite em mim, tenho experiência com homens violentos e maldosos... Billy escreveu aquela carta com todo o seu coração, e ela merecia ser lida, mas seus atos egoístas alteraram as vidas de muitas pessoas, inclusive a sua.

O dr. Skinner tentou limpar a garganta, mas a idade deixara sua voz áspera. Ele abaixou os olhos e sussurrou.

— Como ela está?

— Chrissie? Ah, por acaso agora o senhor se importa?

— Sempre me importei, por isso fiz o que fiz.

Ele se levantou para ir embora e derrubou a bengala no chão. Tina se abaixou para pegá-la e colocou-a na mão deformada dele.

— Ela era minha filha e, apesar do que você possa pensar, eu a amava.

Tina segurou a porta aberta para ele.

— Adeus, dr. Skinner.

Depois que o dr. Skinner partiu, Tina pegou sua bolsa e tirou a carta de William mais uma vez. Havia lido várias vezes, e o fino papel azul já estava amarrotado, mas o último parágrafo ainda trazia um sorriso imenso aos seus lábios:

Nunca estive mais apaixonado por alguém em toda minha vida. Não consigo imaginar o resto dos meus dias sem você. Jamais amarei alguém como amo você. Por favor, Tina, venha para os Estados Unidos e case-se comigo.

Entre risos e lágrimas, Tina levou a carta ao coração.

Há muito tempo, um jovem na flor da idade escreveu uma carta parecida para sua amada. Se ele não tivesse feito aquilo, Tina não estaria parada ali, prestes a iniciar uma nova vida com o homem que amava.

Olhou para o teto e lágrimas encheram seus olhos.

— Obrigada, Billy — sussurrou.

Epílogo

Dias atuais

Elas estavam sentadas na varanda da frente, em um balanço que dava para a horta. O cheiro pungente da lavanda flutuava na brisa morna, e Tina tomou um gole de seu chá gelado. Cada vez que bebia aquilo, sorria consigo mesma. Jamais imaginaria que uma garota oriunda do norte da Inglaterra algum dia tomaria chá gelado, sem leite ou açúcar, mas com uma rodela de limão!

— É uma história triste, vovó.

Ava sugou com força o resto de sua limonada caseira pelo canudo, e apoiou o copo vazio entre os joelhos. Suas perninhas eram curtas demais para alcançar o chão, então ela pediu que a avó balançasse. Tina a atendeu imediatamente e começou a empurrar o assento para frente e para trás. Ava

estava certa, era uma história triste, mas há muito tempo Tina consolara a si mesma com o fato de que tinha um final feliz. Afinal, se Billy tivesse postado aquela carta, ela jamais conheceria William. Há anos aceitara o fato de que a perda de Chrissie fora a causa de sua felicidade.

Tina voltou a olhar o marido e sentiu a onda habitual de afeição que, mesmo após todos aqueles anos, fazia o coração dela bater mais forte e seu rosto corar. Ele interceptou o olhar dela e então pegou sua tesoura de poda e cortou uma rosa imensa. Inspirou o perfume inebriante da flor por um segundo antes de segurá-la na direção de Tina. Ela não conseguia ouvir suas palavras do outro lado do jardim, mas não tinha dúvida do que ele dissera.

Eu amo você.

Agradecimentos

Meu agradecimento sincero à minha família e amigos, que me apoiaram até o final, em particular para quem leu os primeiros rascunhos e compartilhou comigo sua sabedoria, conhecimento e experiência. Entre essas pessoas estão:

Meu marido, Robert Hughes, minha filha, Ellen, meu filho, Cameron, e meus pais, Audrey e Gordon Watkin.

Meus amigos, que me dedicaram seu tempo, quando certamente tinham coisas muito melhores para fazer: Yvonne Lyn Kate Lowe, Grace Higgins e Helen Williams. Um agradecimento especial à Wendy Bateman, pelo encorajamento e entusiasmo contagiante.

Estou em dívida com toda a equipe da Headline, mas em especial com Sherise Hobbs e Beth Eynon.

Também sou grata à minha agente, Anne Williams, por me orientar por

todo o processo de publicação e por responder pacientemente às minhas questões sem fim.

Por fim, embora o Convento de Santa Brígida seja totalmente fictício, instituições como essa realmente existiram, e eu gostaria de homenagear todas as garotas que sofreram nas mãos de um sistema tão cruel e desalmado. A história de Chrissie reflete o sofrimento de mais de trinta mil garotas, muitas das quais ainda carregam consigo as sequelas do que viveram naquela época.

K.H.

Primeira edição (abril/2018)
Tipografias Archer Light e DaisyWheel

Kathryn Hughes

Kathryn não só escreve histórias de amor, como também vive uma com seu marido, Rob. Nascida em 1964, ela é mãe de dois filhos, Cameron e Ellen. Atualmente, a autora se dedica exclusivamente a escrever sobre aquilo que ela conhece; é por essa razão que **Tudo aquilo que eu não disse**, seu primeiro romance, transporta o leitor para as ruas de Manchester em quase todas as suas páginas.

*Algumas decisões são capazes
de revolucionar muitas vidas.*

A vida da doce e amável Tina Craig parece estar destinada à mesmice dos anos 70 — ela vive presa em um casamento infeliz com um marido problemático. Isso desafia Tina a unir todas as suas forças para sair desse abismo e finalmente conquistar a paz de espírito que ela tanto quer.

Seu destino toma um rumo diferente quando ela encontra uma carta escrita em setembro de 1939. A carta, que nunca chegou ao destino certo, traz à sua vida uma nova esperança, um alento para o seu coração tão maltratado. Tudo muda quando a vida de Tina se choca com os destinos do casal Billy e Chrissie, trazendo William, um jovem em busca de sua mãe biológica, para sua jornada por conta de um mero acaso.





Ela pode dizer ao seu melhor amigo
qualquer coisa... **Exceto isso.**

A BARRACA DO BEIJO

BETH REEKLES



A barraca do beijo

Reekles, Beth

9788582467480

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

ELLE EVANS é o que toda garota quer ser: bonita e popular. Mas ela nunca foi beijada. NOAH FLYNN é lindo e um tanto quando bad boy - tá, o maior bad boy da escola - e o rei dos joguinhos de sedução. A verdade é que Elle sempre teve uma queda pelo jeito descolado de Noah, que, por coincidência, é o irmão mais velho de seu melhor amigo, Lee. Essa paixão cresce ainda mais quando Elle e Lee decidem organizar uma barraca do beijo no festival da Primavera da escola e Noah acaba aparecendo por lá. Mas o romance desses dois está bem longe de ser um conto de fadas. Será que Elle vai acabar com o coração partido ou conseguirá conquistar de vez o bad boy Noah?

[Compre agora e leia](#)

A história de Elle e Noah continua em...

A CASA DA PRAIA

BETH REEKLES

Mesma autora de
A BARRACA DO BEIJO



A casa da praia

Reekles, Beth

9788582468272

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem disse que a história de Elle e Noah acabou? Para a sorte de todos nós, que amamos A Barraca do Beijo, Beth Reekles decidiu contar mais um pouco da história deles. Namorar o maior bad boy da escola jamais esteve nos planos de ELLE EVANS, mas aconteceu. Porém, isso teve um preço. Sua amizade com LEE FLYNN foi colocada à prova e ela teve que rever suas prioridades e abrir o jogo de uma vez por todas sobre o seu relacionamento secreto com NOAH FLYNN. Pode parecer um sonho finalmente conquistar o crush eterno de uma vida, mas uma hora o ensino médio vai acabar e Noah começará a faculdade. Entre fogos de artifício e confusões na praia durante as férias de verão, Elle e Noah precisam decidir qual será o futuro de seu relacionamento. Afinal, as coisas nunca mais serão as mesmas, nem mesmo na casa da praia.

[Compre agora e leia](#)



生き甲斐

IKIGAI

OS CINCO PASSOS PARA ENCONTRAR
SEU PROPÓSITO DE VIDA E SER MAIS FELIZ

KEN MOGI



astral
colibri

Ikigai: Os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser mais feliz

Mogi, Ken

9788582467381

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver uma vida plena, longa e feliz? Sim, é possível. A fórmula, segundo os japoneses, é encontrar o seu próprio ikigai, que vai ajudar você a definir e apreciar os prazeres da vida. Aqui, você irá descobrir os cinco passos para alcançá-lo e, assim, encontrar satisfação e alegria em tudo aquilo que faz. Esse antigo segredo dos japoneses pode fazer você viver mais, ter mais saúde, ser menos estressado e, principalmente, mais realizado com a sua vida.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL

ANNA TODD

MESMA AUTORA
DA SÉRIE *AFTER*

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS



Stars

Todd, Anna

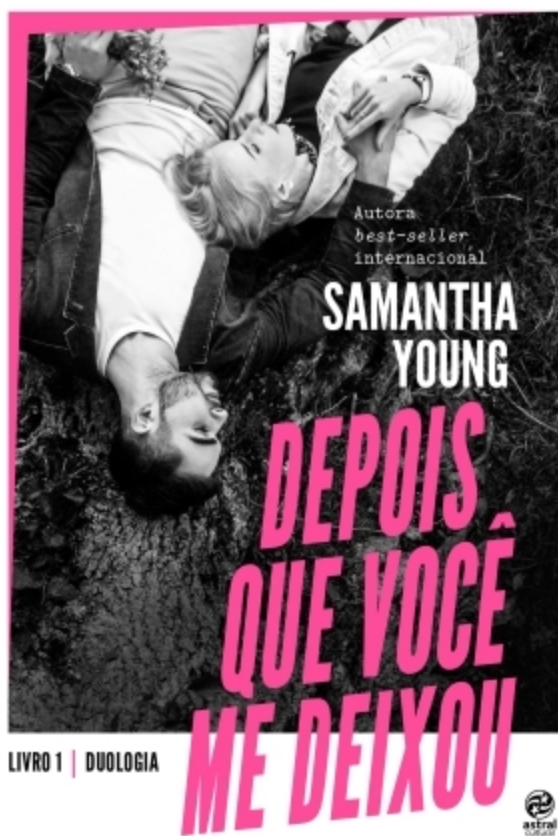
9788582467848

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

DEPOIS DE CONQUISTAR BILHÕES DE LEITORES AO REDOR DO MUNDO COM A SÉRIE AFTER, ANNA TODD ESTÁ DE VOLTA COM UM DRAMA EMOCIONANTE E ENCANTADOR. Karina sempre soube o quão difícil é a vida militar, desde a convivência com seu pai militar até mesmo a infância e a juventude dentro de uma base. Depois de tantos anos de rigidez, ela aprendeu que guerras nunca terminam, elas sempre deixam marcas inimagináveis e causam feridas naqueles que estão à espera de seus entes queridos. Com a intenção de se dedicar à sua carreira de massagista e finalmente ser livre, Karina compra uma casa fora da base militar. Porém, Kael, um cliente misterioso e de poucas palavras, surge em sua vida e desperta mais do que apenas a sua curiosidade, fazendo com que ela mude todos os seus planos. Aos poucos, Karina percebe que Kael carrega consigo muito mais do que dois períodos no Afeganistão. A carga de Kael e suas mentiras são muito maiores do que Karina é capaz de suportar, levando-a até mesmo a desconfiar de seus sentimentos e intuição.

[Compre agora e leia](#)



Depois que você me deixou

Young, Samantha

9788582469064

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Três anos se passaram desde o último encontro de Charley e Jake. A garota tem a sensação de que, finalmente, superou seu antigo amor e está pronta para sair dos Estados Unidos e seguir o sonho de estudar em Edimburgo, na Escócia. Porém, o destino reserva uma surpresa que não estava em seus planos: Jake. O jovem está disposto a se reaproximar e, quem sabe, reatar a amizade. Mas Charley precisa aprender a lidar com o fato de que, agora, Jake tem uma namorada. A garota parece estar em um beco sem saída com a ideia de ter Jake de volta em sua vida. Afinal, ela ainda não consegue resistir ao charme do ex, muito menos ignorar os sentimentos do passado que voltaram com toda a força. Mas uma coisa é certa: ela precisa ser forte e não permitir que Jake a magoe novamente.

[Compre agora e leia](#)